



Samuel Hahnemann

**Exposição da
Doutrina Homeopática**

ou

ORGANON
DA ARTE DE CURAR

TRADUZIDO DA 6ª EDIÇÃO ALEMÃ
5ª EDIÇÃO BRASILEIRA
2013

GEHSP
<<Benoit Mure>>



Copyright © 2013 by GEHSP “BENOIT MURE”

Exposição da Doutrina Homeopática ou ORGANON DA ARTE DE
CURAR Autor: Samuel Hahnemann

Tradução: GEHSP “Benoit Mure”

Revisão do original alemão para esta edição: Célia de Vasconcelos

Koermandy Revisão técnica: GEHSP “Benoit Mure”

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Produção Gráfica:

Servidéias

Tel./Fax: (11) 3975-7441 - 3976-9204

E-mail: producao@servideias.com.br

Hahnemann, Samuel, 1755 - 1843

Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon
da Arte de Curar / Samuel Hahnemann | Tradução:
David Castro, Rezende Filho, Kamil Curi | - São Paulo:
GEHSP “Benoit Mure”, 2013

Título original: Organon der Heilkunst

Traduzido da 6^a ed. alemã - 5^a ed. brasileira.

1. Homeopatia - Matéria Médica e Terapêutica
 2. Homeopatia - Obras de divulgação I. Título.
- II. Título: Organon da Arte de Curar

95 - 1400

CDD-615.532

NLM-WB 930

Índices para catálogo sistemático:

1. Homeopatia : Doutrina e prática : Ciências médicas 615.532

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”
Rua Olavo Egídio, 379 - Santana - CEP: 02037-000 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 2977-9005 - e-mail: bentomure@ig.com.br



Sapere aude

Sumário

Prefácio à terceira edição brasileira - 2002.....	V
Nota explicativa à segunda edição brasileira -1995.....	VII
Nota explicativa à segunda reimpressão.....	VIII
Nota explicativa à primeira reimpressão brasileira.....	IX
Resumo biográfico de Samuel Hahnemann.....	X
Preâmbulo à primeira edição brasileira.....	XI
Prefácio da primeira edição.....	XV
Prefácio da segunda edição.....	XVI
Prefácio da terceira edição.....	XX
Prefácio da quarta edição.....	XXI
Prefácio da quinta edição.....	XXIII
Prefácio da tradução portuguesa à 5ª edição.....	XXV
Prefácio do Dr. William Boericke à 6ª edição.....	XXVIII
Prefácio da sexta edição.....	XXXI
Introdução.....	XXXV
Exemplos de curas homeopáticas verificadas	
involuntariamente por médicos da escola antiga.....	LXI
Notas da introdução.....	LXV
Organon da Arte de Curar	
Parágrafos de 1 a 291.....	1 a 179
Tradução dos principais parágrafos da 5ª edição modificados na 6ª edição.....	180
Tradução dos trechos em latim.....	194
Glossário.....	195
Índice analítico do conteúdo dos aforismos.....	201







Prefácio à 3ª Edição Brasileira

“Em verdade, em verdade te digo
que se um homem não nascer de
novo ele não pode ver o reino de
Deus.”

Nada há de mais novo na Medicina que o conhecimento e a aplicação do conteúdo da obra fundamental de Hahnemann, talhada com extrema diligência e rigor filosófico-científico no mármore bruto do Conhecimento Humano. No seguir com diligência e rigor, isento de preconceitos, os enunciados do Organon, pode-se reconhecer a verdade empírica do saber ali inscrito como uma expressão da mais bela “tekhne atrike”.

Em carta expressiva ao seu discípulo Dr. Stapf, datada de 19/12/1815, Hahnemann cita o versículo de João em epigrafe, onde ressalta que para que algum médico compreenda e aplique integralmente a Homeopatia é necessário que nasça de novo, após ter morto dentro de si o preconceito, a intolerância e a vaidade, “o amontoado de conhecimentos superficiais” que caracteriza a postura clássica, principalmente em terapêutica, o que lhe permitiria “Compreender a dignidade da verdade simples, modesta”. Muitos consideram no entanto, que ao se tornar homeopata deve-se esquecer a Medicina. Ledo engano! Como Hahnemann que era o profundo conhecedor de toda a química e farmácia de sua época, competente no domínio da propedêutica e patologia geral, tanto quanto das técnicas cirúrgicas, sem se falar de sua proverbial sabedoria em higiene geral e profilaxia, assim deve ser o homeopata de todos os tempos: um médico atualizado com seu tempo, competente, que sabe medicar com simplicidade e eficiência, e orientar com sabedoria desde a utilização de exames subsidiários, métodos profiláticos e cirúrgicos quando o caso exigir, como saudáveis hábitos de vida e alimentação, em suma, um amante da vida e um preservador e mantenedor da saúde.

Para alcançar esse mister, que é dos maiores que um ser humano pode querer envergar, é necessário ao homeopata um conhecimento





metuculoso do Organon da Arte de Curar, pois que nada do que necessita a médico competente escapou ao seu autor. E somente reproduzindo-se fielmente suas orientações é que podemos dar fé de sua verossimilitude.

Por isso o GEHSP “Benoit Mure” realiza mais este esforço em revisar novamente, com extrema minúcia e critério a tradução para o portu-guês, comparando-a com o original alemão, endereçado a todo aquele que queira compreender como executar a mais bela Arte de Curar, e dedicada aos nossos mestres mais próximos, David Castro e George W. Galvão Nogueira, que em sua ausência física, só podem ser acusados de extremado amor à homeopatia e à Humanidade Sofredora.

Numa notícia sem data, em Paris, Hahnemann incansável escreve que “se eu pudesse falar num local onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveitos, eu me elevaria contra a negligência de meus colegas, que desconhecem as leis primordiais do Organon, exage-rando as doses e, sobretudo, não dando, à trituração tão importante dos medicamentos, os cuidados que indiquei... Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele envolve os germes da moléstia que era chamado a combater”.

Quando a Arte de Curar, no seu contexto humanista e social, que-remos fazer coro às palavras finais da carta citada à Stapf:

“Nossa Arte, para se realizar, não pede apoios políticos, títulos e adorno. Em meio a ervas daninhas crescendo por todos os lados à sua volta, ela cresce lentamente, desapercibida: a semente se faz árvore. O modesto topo da árvore crescente já se eleva acima dos espinhos; as raízes se aprofundam na terra e se fortificam por progressos insen-síveis, mas seguros. Com o tempo, ela torna-se-á a árvore sagrada, o carvalho em meio a tempestade; a humanidade, que até então sofreu tantos males e dores, descansará sob sua sombra benfeitora.”

São Paulo, outubro de 2001

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo
“Benoit Mure”





Nota explicativa à segunda edição brasileira - 1995 -

O Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure” vem desde 1991 trabalhando na nova edição do ORGANON DA ARTE DE CURAR de *Hahnemann* que agora traz a público. Esta nova edição foi preparada pelo trabalho sistemático e detalhista de revisão da tradução anterior, que foi fruto do pioneirismo de *David Castro* na então Editorial Homeopática Brasileira, com a colaboração de Rezende Filho e Kamil Curi, o primeiro o grande guerreiro da Homeopatia brasileira e os dois últimos avis raros do unicismo e da repertorização na Homeopatia de então, 1962.

Esta revisão da tradução inicial se fez pela releitura detalhada do original alemão em constante comparação com a tradução da 1ª edição chilena de *Hochstetter*. Procurou-se estar o mais possível próximo da redação de *Hahnemann* mesmo quando isso poderia levar a difi-culdades de entendimento do texto, certos de que seria preferível ao risco de interpretações pessoais dos tradutores. Nas dúvidas fez-se a comparação com a tradução tradicional e histórica para o inglês de R. E. Dudgeon. A edição alemã usada é a 3ª reimpressão, de 1962, da 6ª edição alemã de 1921, ano em que foi dada a público esta última e póstuma edição do *Organon* preparada por Hahnemann.

O trabalho de leitura do alemão foi colaboração da professora de alemão Célia de Vasconcelos Koermandy que já havia participado da tradução do alemão das Doenças Crônicas de *Hahnemann* num trabalho que recebe hoje a plena aceitação da comunidade homeopática brasileira e que completou 10 anos da sua 1ª edição. Pela primeira vez em uma edição, desde a 1ª de 1921, realizou-se a tradução das citações em grego e latim encontrados nesta obra, graças à colaboração dos Professores da Universidade de São Paulo Henrique Graciano Murachco e José Rodrigues Seabra Filho, respectivamente.

Em São Paulo, aos 240 anos de nascimento de Hahnemann
Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit
Mure”





Nota explicativa à segunda reimpressão

O Grupo de Estudos Homeopáticos “BENOIT MURE” de São Paulo, entendeu em republicar o Organon de Hahnemann pela necessidade que vem em manter o seu conteúdo do conhecimento dos homeopatas brasileiros, dada sua incontestável importância doutrinária à formação daqueles.

Procurando aproximar-se ao conteúdo original do Organon, incluiu-se novamente a Introdução de Hahnemann que havia sido excluída da tradução brasileira e como prefácios somente os próprios escritos de Hahnemann. Ao final do corpo do Organon (aforismos), incluiu-se um índice analítico, conforme o fez Hahnemann às suas primeiras edições.

São Paulo, Brasil, maio de 1984

Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo
“Benoit Mure”





Nota explicativa à primeira reimpressão brasileira

O Grupo de Estudos Homeopáticos “BENOIT MURE” de São Paulo, resolveu empreender a revisão da tradução para o português do “ORGANON” de Hahnemann e republicá-lo, tendo em vista a sua grande importância à formação dos homeopatas brasileiros.

A tradução revista e corrigida foi da segunda feita em português, por Eric Grünen, tradutor juramentado, indicado na época pelo Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

As correções a essa publicação se basearam em trabalho do Prof. Dr. David Castro. No entanto, nem todas as correções por ele apontadas foram feitas, para o barateamento da publicação, que de outra forma teria de ser totalmente refeita.

Na confrontação da tradução, fez-se uso da publicação recente do Dr. K. Hochstetter para o espanhol.

Grupo “BENOIT MURE”- 1980





Resumo biográfico de Samuel Hahnemann

Cristian Friedrich Samuel Hahnemann nasceu na cidade de Meissen, Alemanha, no dia 10 de abril de 1755, sendo o terceiro dos quatro filhos de Cristiano Godofredo e Joana Cristiana Hahnemann.

A 10 de agosto de 1779, Hahnemann defendeu sua tese de doutoramento na Universidade de Erlangen, recebendo o grau de Doutor em medicina. Exerceu a profissão até 1787, quando então a abandonou, apesar de ter conseguido vasta clientela e relativa prosperidade, por não se ter conformado com a imprecisão da medicina de seu tempo, e desde então não mais quis exercer uma arte onde tudo era empírico: preferiu desprezar todas as honras e todos os proventos materiais a exercer uma arte que não satisfazia a seu espírito.

Abandonando a clínica, passou a colher os meios de subsistência traduzindo obras científicas. Foi traduzindo a *Matéria Médica de Cullen*, em 1790, que iniciou a marcha para o sistema médico que viria a ser conhecido mais tarde como Homeopatia.

Em 1796, publicou seu primeiro trabalho sobre a nova doutrina: “Ensaio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais, seguido de alguns comentários sobre os princípios admitidos até nossos dias”, onde relata as experiências realizadas pela primeira vez na história da medicina, com medicamentos no homem são, com fins terapêuticos.

Em 1805, publica “Esculápio na balança”, em 1806 “Medicina da experiência” e “Fragmenta de viribus medicamentorum positivis sive in sano corpore humano observatis”.

Em 1810, publica, enfim, sua principal obra: “Organon da Medicina Racional”, mais tarde “Organon da Arte de Curar”, da qual preparou 6 edições. A seguir, iniciou a publicação da “Matéria Médica Pura” e, finalmente, o “Tratado das Doenças Crônicas”.

No ano de 1835, casa-se pela segunda vez, aos 80 anos de idade, e alguns meses depois deixa a Alemanha e passa a residir em Paris, onde obteve autorização para exercer a medicina.

Hahnemann, apesar de sua idade avançada, continuou trabalhando, infatigavelmente, esclarecendo sua doutrina a seus discípulos e a todos os que desejavam conhecê-la.

Faleceu aos 88 anos de idade, no dia 2 de julho de 1843, estando seus restos mortais, atualmente, no cemitério Père Lachaise, em Paris.





Preâmbulo à 1ª edição brasileira

Prof. David Castro

Organon da Arte de Curar é o título da obra fundamental da doutrina homeopática, escrita por Samuel Hahnemann, seu criador. Aparecida em primeira edição em 1810, está com 152 anos de existência, o que, por si só, é uma demonstração eloquente de sua importância e transcendência porque poucas obras científicas existem que com idade tal conservam tal posição de prestígio.

Depois da primeira edição, surgida em 1810 com o nome de *Organon da Medicina Racional*, Hahnemann preparou mais cinco, cada uma delas revista e melhorada de acordo com os ensinamentos que ia colhendo na prática do método que apresentara.

A primeira, com o nome de “*Organon der Rationellen Heilkunde*”, compunha-se de duas partes: uma introdução, levava o título de “Exemplos de curas homeopáticas involuntárias realizadas pelos médicos da Escola antiga, desde Hipócrates até Sydenham”; a outra era constituída pelo *Organon*, propriamente dito.

A segunda edição, editada em 1819, trazia o título definitivo de “*Organon der Heilkunst*” ou *Organon da Arte de Curar*. Nessas condições, apareceram a terceira edição em 1824, a quarta em 1829, e a quinta em 1833, que plasmou o pensamento homeopático por quase um século. A sexta e última edição é póstuma, de vez que, embora revista inteiramente por Hahnemann, este veio a falecer (1843) antes de terminar os entendimentos com os editores e, por motivos diversos, só foi publicada em 1921, pelo esforço do Dr. Richard Hael e o interesse do Dr. William Boericke.

Dentre as traduções do *Organon*, desejamos destacar as seguintes: a inglesa, da 1ª edição, volume 663 da *Everyman's Library*, por Wheeler; da 5ª edição: a francesa por J. L. Jourdan, as inglesas de Wesselhoeft e Dudgeon, editadas por Boericke & Tafel, esta última, uma das melhores, nada há que se lhe compare em fidelidade e clareza, além de interessantes notas informativas, apresenta os prefácios de cada uma das edições anteriores e uma comparação de todas as edições, parágrafo por parágrafo; as traduções espanholas (Espanha)





SAMUEL HAHNEMANN

do Dr. Valero e (México) dos Drs. Segura e Pesado (com perguntas antecedendo aos parágrafos) e de Higinio Perez e a tradução portuguesa do Dr. Vicente Martins, cujo prefácio se transcreve adiante.

Da sexta edição temos a tradução do Dr. William Boericke, em inglês, a francesa do Dr. Pierre Schmidt, na qual ressaltamos o volumoso índice analítico (1952), a do Dr. Riccamboni, italiana, e a do Dr. Rafael Romero, em espanhol (1942) publicada no México. Devem existir muitas outras traduções, por outros autores, na Índia, por exemplo.

Nesta tradução brasileira omitimos a introdução do Organon como, aliás, fizeram vários tradutores.

Eliminamos, também, todas as referências bibliográficas constantes de notas dos parágrafos, levando em consideração a quase impossibilidade de acesso às obras mencionadas.

Todas essas edições originais apareceram em alemão, mas o Organon já foi traduzido para quase todos os idiomas vivos, inclusive para o português, em tradução feita pelo Dr. João Vicente Martins, discípulo de Bento Mure, - o introdutor da Homeopatia em nosso país, - no ano de 1847, edição hoje de inestimável valor, por quase impossível de ser obtida.

Esta é apenas a história bibliográfica desse extraordinário livro, que em 152 anos não envelheceu um só dia. Mas ao lado dela há a história das ideias que lança, da doutrina que prega e dos ensinamentos que transmite.

Muitos anos antes do aparecimento do Organon, Hahnemann já era homeopata. Com efeito, foi em 1796, isto é, 14 anos antes da primeira edição do Organon, que Hahnemann tornou público os estudos que o levaram aos princípios básicos de sua doutrina biológica, patológica e terapêutica. Assim, o Organon, ao aparecer publicamente, não era uma hipótese lançada à discussão ou uma simples especulação terapêutica. Era, ao contrário, uma obra positiva, segura, corajosa, fruto de longos anos de amadurecimento no trabalho, na demonstração, na pesquisa, na experiência de cada dia.

As modificações introduzidas nas edições sucessivas se bem não afetassem a ideologia básica da obra, foram sempre feitas em virtude de novos ensinamentos e conhecimentos adquiridos na prática, resultando afinal em uma obra de elevado valor científico e de tão grande





PREÂMBULO

avanço sobre as ideias e conhecimentos de sua época, que ainda hoje as pesquisas bioquímicas, fisiológicas e patológicas chegam de vez em quando a conclusões que podem ser encontradas nas mesmas páginas. E o que lhe dá maior valor é o fato de, embora sendo uma exposição da doutrina homeopática, é também um compêndio de arte de curar, um guia genial da profissão médica, que pode ser - e tem sido – útil aos melhores médicos, homeopatas ou não.

Análise do Organon

O *Organon* consiste em uma série de 294 e 291 aforismos (parágrafos) – nas 5ª e 6ª edições, respectivamente – aos quais vêm apenas numerosas notas. É uma forma eminentemente sugestiva; se bem que alguns parágrafos sejam algo redundantes, cada um é completo em si mesmo, mas não independente, pois se acham ligados por uma estrutura definida que está belamente delineada nos §§ 3 e 4, que são ao mesmo tempo uma síntese dos pontos fundamentais da cultura médica. É o seguinte o esboço do *Organon*:

- Introdução
- Generalidades: objetivo da medicina e plano do livro (§ 1 a 4)
- Primeira parte: *Teórica* – Do parágrafo 5 ao 70
 - a) *Seção filosófica* (§ 5 a 24)
 - 1 – Conhecimento da moléstia § 5 a 18
 - 2 – Conhecimento do medicamento § 19 a 21
 - 3 – Princípios terapêuticos § 22 a 24
 - b) *Seção científica* (§ 25 a 69) 1
 - A lei dos semelhantes § 25
 - 2 – Sua explicação e defesa § 26 a 69
 - c) *Resumo da Parte Teórica* (§ 70)
- Segunda Parte: *Prática*
 - 1) Plano desta parte § 71
 - 2) Classificação das moléstias § 72 a 82
 - 3) Exame dos doentes § 83 a 104
 - 4) Técnica da experimentação medicamentosa § 105 a 145
 - 5) Seleção do medicamento: § 146 a 244
 - a) generalidades § 146 a 154





SAMUEL HAHNEMANN

- b) agravação homeopática § 155 a 161
- c) remédios fragmentários § 162 a 170
- d) remédios complementares § 171
- e) doenças oligossintomáticas § 172 a 179
- f) sintomas acessórios § 180 a 184
- g) afecções locais § 185 a 201
- h) supressão § 202 a 203
- i) moléstias crônicas § 204 a 209
- j) doenças psíquicas e mentais § 210 a 230
- l) doenças periódicas § 231 a 234
- m) febres intermitentes § 235 a 244
- n) dose, repetição, regime, farmacotécnica etc.
§ 245 até 291

A tradução foi revisada pelos professores Tullio de Saboia Chaves – Catedrático de Clínica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – e Kamil Curi, - Docente Livre de Matéria Médica Homeopática da mesma Escola.

A tradução dos prefácios das edições (Dudgeon) do *Organon* e da introdução do Dr. Boericke e Krauss, foi feita pelo Dr. Artur de Almeida Rezende Filho, homeopata em São Paulo.





Prefácio da primeira edição

De acordo com o testemunho de todos os tempos, não há mister mais unanimemente considerado uma arte conjectural do que a medi-cina. Consequentemente, nenhum domínio tem menos direito do que ela de recusar inquérito que investigue se está bem fundamentada, tanto mais que dela depende a saúde do homem – seu mais precioso tesouro na terra.

Considero resultar em honra para mim ser o único que a submeteu, nestes últimos tempos, a uma investigação honesta e criteriosa e comunicou suas convicções em escritos publicados, ora com ora sem o meu nome.

Nessa investigação encontrei o caminho da verdade, mas tive de palmilhá-lo sozinho, muito longe da estrada comum da rotina médica. Quanto mais avançava, de verdade em verdade, tanto mais se afastavam minhas conclusões do velho edifício, que, construído com opiniões, somente de opiniões se mantinha.

Os resultados de minhas convicções estão expostos neste livro.

Resta ver se os médicos, que pretendem agir honestamente para com a sua consciência e o seu semelhante, vão apegar-se à teia perniciososa de conjecturas e caprichos ou abrirão os olhos à verdade salutar.

Devo advertir o leitor de que indolência, apego ao conforto e obstinação excluem do altar da verdade serviço eficiente e somente isenção de preconceitos e zelo incansável qualificam para o mais sa-grado de todos os misteres humanos – a prática do verdadeiro sistema médico. O médico que nesse espírito inicia seu trabalho assimila-se diretamente ao divino Criador, cuja criatura humana ajuda a preservar e cuja aprovação o torna três vezes bendito.

Samuel Hahnemann

1810





Prefácio da segunda edição

Os médicos são meus irmãos – nada tenho pessoalmente contra eles – e a arte médica é o meu objetivo.

Cabe-me indagar se a medicina, como até aqui ensinada, procedeu das ideias, ilusões e fantasias de seus professores ou derivou da natureza.

Se meramente o produto de sutilezas especulativas, máximas arbi-trárias, práticas tradicionais e deduções caprichosas, ela é e permanece uma *nulidade*, conte embora milhares de anos e ostente condecorações de todos os reis e imperadores da terra.

A verdadeira arte de curar é, por natureza, pura ciência experimental. Pode e deve repousar em fatos claros e fenômenos perceptíveis, pertencentes à sua esfera de ação, pois todos os elementos de que trata são clara e satisfatoriamente cognoscíveis pelos sentidos, através da experiência. O conhecimento da doença a tratar, o conhecimento dos efeitos dos medicamentos, como empregar esses efeitos, verificados, das drogas, na remoção das doenças – tudo isso só a experiência adequadamente ensina. Seus elementos só podem derivar de experiências e observações puras. Ela não ousa dar um simples passo fora da esfera de experiências e experimentos puros e bem observados, evitando tornar-se uma nulidade, uma farsa.

Mas, que toda a arte médica como até aqui praticada nestes 2500 anos, embora o tenha sido, por falta de coisa melhor, por milhões de médicos, muitos dos quais de mentalidade séria e elevada, é ainda, sob todos os respeitos, coisa extremamente estúpida, inútil e completamente *nula*, prova-se pelas seguintes considerações, poucas e indiscutíveis.

A razão, sem ajuda, nada pode saber por si (*a priori*); não pode, *só por si*, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; *toda e qualquer de suas conclusões deve sempre* basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se, *um único passo*, da orientação do





PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária – mãe de ilusões perniciosas e de absoluta nulidade.

Nas *ciências puramente experimentais*, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá onde aja por si, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades.

Tal tem sido até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que concepções *a priori* e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças.

Desses sublimes sistemas, pairando bem acima de toda a experiência, a prática médica nada obteve de aproveitável, como tratamento efetivo. Assim, prosseguiu confiantemente o seu curso à cabeceira dos doentes, de acordo com as prescrições tradicionais dos livros que dizem como os médicos têm até aqui tratado e de conformidade com os métodos de suas autoridades práticas, indiferente aos ensinamentos da experiência guiada pela natureza, indiferente às verdadeiras razões do tratamento e perfeitamente satisfeita com a chave de uma prática fácil – o livro de receitas.

Um exame sadio, consciencioso e sem preconceitos desse assunto confuso mostra claramente que aquilo que até aqui existiu com o nome de “arte médica” era mera invenção pseudo-científica, remodelada de tempos em tempos para ajustar-se à moda que prevalece em sistemas médicos, como o chapéu de Gellert na fábula e, no que diz respeito ao tratamento da doença, o mesmo método, cego e pernicioso.

Uma arte de curar, conforme à natureza e à experiência, não existia. Tudo na medicina tradicional era resultado de arte e imaginação, sem fundamentação na experiência, apenas adornada com os atavios da probabilidade.





SAMUEL HAHNEMANN

O objeto do tratamento (a doença) era fabricado e posto em ordem pela patologia. Dispunha-se arbitrariamente sobre quais doenças de-veriam existir, sobre quantas e quais de suas formas e variedades. Ora vejam! A série inteira de doenças, produzidas em inumeráveis e *sempre imprevisíveis variedades* pela Natureza infinita, em seres humanos expostos a milhares de condições diferentes, o patologista impiedosamente reduz a mero punhado de moldes retalhados e ressequidos!

Os sabichões definem doenças *a priori* e atribuem-lhes substratos transcendentais não justificados pela experiência. Poderá jamais a experiência, pura e límpida, sancionar sonhos tão fantásticos? Não! Eles afetaram uma penetração no íntimo das coisas, nos processos vitais invisíveis, que nenhum mortal pode possuir.

Então, para determinar algo positivo quanto aos instrumentos de cura, *supunham-se* os poderes dos diferentes medicamentos da matéria médica pelas suas propriedades físicas, químicas ou outras qualidades desconexas, pelo cheiro, gosto, aspecto exterior – e, principalmente, por experiências impuras à cabeceira dos enfermos, onde se prescre-viam somente misturas medicamentosas, no tumulto mórbidos, para casos de doença imperfeitamente descritos.

Vejam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do ho-mem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca *manifesto pura e verdadeiramente* senão pelos seus efeitos no homem são, foi-lhes atribuído arbitrariamente, *sem interrogar os próprios medicamentos por esse único meio admissível de experimento puro* e sem esperar pelas respostas, quando assim questionados!

Aí então, a terapêutica ensinava como aplicar esses medicamentos, de propriedades conjecturadas, atribuídas ou imaginadas, à suposta causa fundamental da doença ou a simples sintomas, de conformidade com a regra *contraria contrariis* do forjador de hipóteses Galeno e em direta oposição à natureza. Considerava-se essa doutrina mais do





PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

que suficientemente estabelecida, se em seu abono se pudessem citar *eminentes* autoridades.

Todas essas doutrinas artificiais, depois de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se devota à divisão, subdivisão e tabelamento e ... pron-to! O artigo fabricado, a *arte médica*, está pronto para uso – a coisa mais oposta à natureza e à experiência que é possível conceber, uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões, de espécies várias, de milhares de mentalidades, diferentemente constituídas. Em todas as suas partes esse edifício é pura nulidade, lamentável ilusão, eminentemente próprio para pôr em perigo a vida humana pelos seus métodos de tratamento, contrário cegamente ao fim em vista, incessantemente ridicularizado pelos homens mais sábios de todos os tempos, oprimido pela injúria de não ser o que afirma ser e de não ser capaz de cumprir o que promete.

Por outro lado, uma reflexão sóbria e sem preconceitos convencer-nos-á facilmente de que manter visão correta sobre cada caso de doença a curar, obter conhecimento acurado do verdadeiro poder das drogas, de que, empregá-las por um plano adaptado a cada condição mórbida e administrá-las em doses apropriadas – de que, em suma, a verdadeira arte de curar – nunca poderá ser produto de raciocínios apazíveis e opiniões ilusórias, mas, os requisitos para o seu exercício, tanto os materiais como as regras, somente se descobrirão pela devida atenção à natureza por intermédio de nossos sentidos, por observações honestas e cuidadosas e por experimentos conduzidos com toda a pureza possível e de nenhuma outra maneira: que seja rejeitada toda a mescla falsificada de sentenças arbitrárias e se rebusque o único meio proporcionado ao valor, alto e precioso, da vida humana.

Resta ver se, pelo meu labor consciencioso nesse sentido, foi encontrada a verdadeira arte de curar.

Samuel Hahnemann
Leipzig, fins do ano de 1818





Prefácio da terceira edição

Nos cinco anos decorridos após a publicação da segunda edição, a verdade da arte homeopática de curar encontrou tanta aceitação por médicos, próximos e distantes, que já não poderá ser obscurecida e muito menos extinta pelas publicações injuriosas, que, entretanto, não faltam. Regozijo-me com os benefícios que ela já proporcionou e antecipo, com intenso prazer, embora eu já não esteja aqui embai-xo, os dias não distantes em que uma futura geração da humanidade faça justiça a essa dádiva de um Deus clemente e se beneficie com os meios abençoados que Ele proveu para o alívio dos seus sofrimentos físicos e mentais.

Conseguiu-se grande auxílio no desenvolvimento da boa causa no estrangeiro com a boa tradução francesa, da última edição, recentemente publicada com grande sacrifício por esse filantropo genuíno e meu erudito amigo – o Barão von Brunnow. Ele enriqueceu-a com um prefácio que traz uma exposição da arte homeopática de curar e seu histórico, ao mesmo tempo que serve de introdução ao estudo da própria obra.

Nesta terceira edição, não me abstive de fazer quaisquer alterações e emendas sugeridas por conhecimentos ampliados ou tornadas necessárias por subsequente experiência.

Samuel Hahnemann

Köthen, Páscoa, 1824





Prefácio da quarta edição

Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a sermos guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças (*vis medicatrix*). Mas o caso está longe disso! Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, é meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. Esses mesmos esforços são, eles próprios, doença, uma segunda e diferente doença, que se substitui à original.

A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita, uma doença de espécie diferente, destinada a expelir a doença atacante, esforçando-se para consegui-lo pela dor, por metástases e assim por diante, mas principalmente por





SAMUEL HAHNEMANN

evacuações e sacrifício de boa parte dos constituintes fluidos e sólidos do corpo, com resultados difíceis, nocivos, muitas vezes dúbios e frequentemente mesmo desastrosos.

Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, com o fim de terminar o processo mórbido de maneira mais expedita e segura, restaurando assim a desejada saúde tão rapidamente quanto possível

– em outras palavras, não teriam envidado esforços para descobrir uma arte de curar.

Mas como o que tem sido até aqui chamado “arte de curar” é mera (imperfeita) imitação dos esforços e operações, infelizes, inúteis e não raramente nocivos da instintiva e irrefletida força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença, ser-me-á concedido, penso, que antes de mim não tinha sido descoberta a verdadeira arte de curar.

Mas que a Homeopatia é essa arte de curar, até agora procurada em vão, seus princípios fundamentais o ensinam, provam-no suas realizações.

Samuel Hahnemann

Köthen, janeiro, 1829





Prefácio da quinta edição

Nota do tradutor – Sendo a sexta edição do Organon um exemplar da quinta edição, com entrefolhas do próprio punho de Hahnemann, nota-se que, quanto aos dois prefácios consecutivos, o Mestre pouco modificou. Cotejando cuidadosamente os prefácios da quinta e da sexta edições e não levando em conta alterações mínimas, só de es-tilo e redação, pareceu-nos de interesse a tradução só da parte final. Nessa parte final, verificam-se duas diferenças de certa monta: 1) em certo trecho que, em si, apresenta pequenas modificações na forma, sem mudança no sentido, há uma chamada, com o respectivo rodapé, que só aparece na quinta edição; 2) o trecho a seguir, mais longo, bem no fim, também não foi incluído na sexta edição.

Daremos aqui esses dois trechos, com a chamada intercalada entre eles, em tipos menores, orientação que será adotada, para maior facilidade de leitura, em toda a obra.

Assim, a Homeopatia é um sistema médico perfeitamente simples, sempre fixo nos princípios e na prática. Esta última, se corretamente apreendida, será exclusiva (e só assim útil), como a doutrina em que se baseia. Assim como a doutrina deve aceitar-se na sua pureza, assim também deve ser praticada puramente: todo o extravio (*), de volta à pernicioso rotina da velha escola (tão oposta a ela como o dia e a noite) é totalmente inadmissível, do contrário deixa de merecer o honroso nome de Homeopatia.

Que alguns médicos desorientados, que gostariam de considerar-se homeopatas, enxertem algumas imperícias alopáticas, mais fami-liares a eles, no seu tratamento homeopático nominal, é isso devido à ignorância da doutrina, preguiça, desrespeito à humanidade sofredora e ridícula presunção. Além de demonstrar imperdoável negligência na pesquisa do *melhor* específico homeopático, tem isso origem muitas vezes numa baixa paixão pelo ganho e outros motivos sórdidos. – E





SAMUEL HAHNEMANN

os resultados? – Não curam doenças sérias e importantes (e a Home-opatia pura e cuidadosa o faz) e enviam os doentes àquele lugar de onde ninguém volta, enquanto os amigos consolam-se com a reflexão de que tudo (inclusive todo o nocivo processo alopático!) foi feito para o falecido.

Samuel Hahnemann

Köthen, 28 de março de 1833

(*) Lamento portanto o conselho, de sabor alopata, que dei outrora, sobre a aplicação nas costas, em doenças psóricas, de um emplastro resinoso para provocar prurido e sobre o emprego de levíssimas faíscas elétricas, em afecções paralíticas. Pois, como ambas essas aplicações foram raramente proveitosas e serviram de pretexto aos homeopatas híbridos para as suas transgressões alopáticas, eu, arrependendo-me de tê-las proposto e *por estas palavras solenemente me desdigo*, tanto mais que, desde essa época o nosso sistema homeopático aproximou-se tanto da perfeição que elas atualmente já não são necessárias.





**Prefácio da tradução portuguesa do “Organon”, 5^a
edição, pelo cirurgião português João Vicente Mar-tins,
publicada em 1846, em Niterção, Tipografia Nite-
roense, dedicada ao Sr. Sylvestre Pinheiro Ferreira.**

* * *

*Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.*

* * *

Assim, depois de mil erros, depois de milhões de desastres, que em luto hão sepultado a humanidade, e em trevas submergido toda a ciência vaidosa do homem, uma aurora divina radia por sobre as urnas sepulcrais, como a da ressurreição.

Sem nenhuma regra ou lei se ingeriam nos estômagos enfermos as mais repugnantes drogas; e o estudo da matéria médica, consistindo quase no das propriedades físicas dessas drogas, parecia dirigir-se a saber quais por mais desagradáveis deveriam ser preferidas. A pele dos míseros doentes era arrancada, era desnudada ou consumida pelos exutórios, pelos cáusticos e pelo ferro. O ferro em brasa percorria os membros, queimados muitas vezes até os ossos, e neles deixava indeléveis marcas da bárbara rotina. A mais ligeira alteração da saúde tornava-se mortal sob a influência da medicina; e mais devastadora que a peste e a guerra a medicina atulhava os cemitérios, e inutilizava os berços.

Era um castigo do céu.

A cólera divina se aplacou, e a pomba trouxe para a arca santa o símbolo da paz.





SAMUEL HAHNEMANN

Hahnemann descobriu a Homeopatia; e viram todos os que tinham olhos, que se alguma vez alguém pôde curar enfermidades foi só quando, sem o saber, seguido teve a lei de similitude sintomática.

Hahnemann metodizou sua descoberta e num compêndio a expôs. Esse compêndio é o Organon.

A Itália, a França, a Inglaterra, a Espanha, e os Estados Unidos possuem já traduções dessa imortal obra, escrita em alemão: vergonha era o Brasil, e Portugal privados ainda estivessem desse rico tesouro, tão fecundo, que por toda a terra tem de espalhar em breve, e com prodigalidade, seus cabedais imensos.

Feliz eu, porque esta fonte de verdadeira riqueza aos meus franqueios; pouco apreço dar-me é dado a tão pequenos sacrifícios, que hei feito.

Quaisquer que as imperfeições sejam da tradução que ofereço, elas terão desculpa na multiplicidade de trabalhos em que me hei visto empenhado, para o fim sempre de por ao alcance e proveito de todos a Homeopatia; quaisquer que sejam, compensadas ficam pela utilidade de um livro, em nossa língua, que ensine cabalmente o que a Homeopatia seja, e como há de exercer-se.

Não me fadigo por tanto a pedir desculpas; mas, para indenização dos por demais exigentes, prometo nova edição, o mais breve que se possa e a mais correta; e desistindo de todo o direito que a lei me concede, e que tacitamente se respeita entre todas as nações, consinto em que esta, ou por aquela outra melhor tradução, seja publicada simplesmente com a condição de ser vendida por não mais de dois terços do preço por que a dou. Tenho em mira unicamente fazer de todos conhecida a Homeopatia, e de bom grado sacrifico a meu desejo todo o trabalho e despesa que hei tido.





PREFÁCIO DA TRADUÇÃO PORTUGUESA

Seja bem conhecida a Homeopatia, seja exercida tão pura quanto ela o é, por ser ela um dom do céu: convençam-se os médicos e os enfermos de que ela só e unicamente é capaz de resgatar a humanidade destas tão asquerosas moléstias, que os vícios, o desleixo, e a medicina multiplicado tem: e gritem, grasnem, grunham contra mim zoilos e pedantes, fica-me sempre tranquila a minha consciência, que me exalta aos olhos do verdadeiro amigo do homem.

Desde que abri meus olhos à luz desta verdade eterna, que abracei, que defendo, e que ensinando vou, tenho elevado contra mim ódios que me assoberbam, calúnias que me exaltam; e, aguardo perseguições que longe estão de abater-me, porque os mártires extasiavam, e que sobre os apóstolos desceu.

Circunstâncias fortuitas decidiram que fosse o Brasil o primeiro terreno a que confiasse estas sementes fecundas, que parecem ter sido colhidas da frondosa árvore do Gólgota.

Homem de todo o mundo, se for útil ao Brasil e a Portugal, nações irmãs, pouco me importa haver começado aqui ou na terra do meu nascimento esta obra que tenho por digna e humanitária:

E desta glória só fico contente

Que estas ameï, não minhas, terra e gente.

J. V. Martins





Prefácio do Dr. William Boericke à sexta edição do Organon

A sexta edição do “Organon” como Hahnemann a deixou, pronta para o prelo, foi encontrada como um exemplar entrefoliado da quinta edição, a última alemã, publicada em 1833. Com 86 anos, praticando ativamente em Paris, ele revisou-a completa e cuidadosamente, de pa-rágrafo em parágrafo, fazendo mudanças, rasuras, anotações e adições.

O próprio Hahnemann participou a vários amigos o preparo de ou-tra edição da sua grande obra, como se evidencia, entre outras cartas, pela que enviou a Boenninghausen, discípulo que muito o apreciava e amigo íntimo. Escrevendo-lhe de Paris, Hahnemann refere: “Estou trabalhando na sexta edição do *Organon*, à qual dedico várias horas dos domingos e quintas-feiras, reservando o resto do tempo para o trata-mento de doentes que vêm às consultas”. Ao seu editor, Sr. Schaub, em Dusseldorf, ele escreveu de Paris, em carta datada de 20 de fevereiro de 1842: “Após dezoito meses de trabalho, concluí a sexta edição do meu *Organon*, de todas a mais próxima da perfeição”. Expressava de- pois o desejo de vê-la impressa no melhor estilo possível, no que diz respeito ao papel, tipos perfeitamente novos, em suma desejava que a aparência fosse excepcionalmente boa, pois seria provavelmente a última. Esse desejo do venerável autor foi perfeitamente executado pelos atuais editores.

Traduzi cuidadosamente todas essas anotações, mudanças e adições do exemplar original, em meu poder. Hahnemann fê-las com sua pró- pria letra, admiravelmente pequena e clara, perfeitamente preservada durante todos esses anos e tão legível hoje como quando foi escrita.

Nas extensas partes em que não fez modificação alguma, incluindo





PREFÁCIO DO DR. WILLIAM BOERICKE À 6ª EDIÇÃO

a longa Introdução, adotei a bela tradução do Dr. Dudgeon da quinta edição, caracterizada por inglês perfeito e adesão, notável e fiel, ao estilo e composição de Hahnemann.

Algumas das mais importantes modificações dessa edição final vêm a seguir:

Na longa nota do parágrafo 11, Hahnemann considera a importante questão: Que é influência dinâmica? Dinamismo. Nos parágrafos 22 e 29 encontrar-se-á sua última concepção sobre o princípio vital, termo que se usa no livro todo, de preferência a força vital usado nas edições anteriores.

Os parágrafos 52 a 56 foram totalmente escritos de novo. Adicionam-se longas notas dos parágrafos 60 – 74. Também o parágrafo 148 é praticamente novo e diz respeito à origem da doença, negando a *Materia peccans*, como principal fator etiológico.

Da maior importância são os parágrafos 246 - 248, em relação à dose no tratamento das doenças crônicas. Ele afasta-se da dose única e recomenda repetição de doses, mas em dinamizações diferentes. Os parágrafos 269 - 272 são devotados a diretrizes técnicas para o preparo de medicamentos homeopáticos, especialmente de acordo com suas últimas opiniões.

A debatida questão de remédios duplos, diferentes de compostos químicos, está completa e definitivamente assente no parágrafo 273, estando removidas todas as dúvidas quanto à correção de tal procedimento. Completamente nova e da maior importância é a nota do parágrafo 282. Nela o tratamento das doenças crônicas – Psora, Syphilis e Sicosose afasta-se absolutamente do aconselhamento em edições anteriores. Ele aconselha agora começar logo o tratamento com grandes doses dos remédios específicos, se necessário várias vezes ao





SAMUEL HAHNEMANN

dia, e subir gradualmente a dinâmizações superiores. No tratamento do condiloma acuminado, consideram-se necessárias as aplicações locais, juntamente com o uso interno do remédio.

O livro, tal como se apresenta, é a última palavra de Hahnemann no que diz respeito aos princípios por ele expostos na primeira e subsequentes edições, iluminados e ampliados pela vasta experiência dos últimos anos da sua carreira médica no tratamento de doenças agudas e crônicas. Historicamente, a sexta edição é de grande interesse e importância, completando o arranjo maravilhoso da acuidade filosófica de Hahnemann na prática médica. O “Organon” de Hahnemann apresenta o mais alto nível da filosofia médica e sua interpretação prática produz verdadeira montanha de luz, que guiará o médico, pela Lei de Cura, a um novo mundo em terapêutica.

Beneficia-se esta edição com uma introdução do Dr. James Krauss, de Boston, culto e erudito estudioso de Hahnemann, a quem desejo aqui exprimir meu grato apreço por ambos, a introdução e outros valiosos auxílios.

William Boericke

São Francisco, dezembro, 1921





Prefácio da sexta edição

Para se ter uma noção geral do tratamento das doenças, administrado de acordo com a antiga medicina (alopatia), pode-se dizer que ela pressupõe, às vezes, a existência de um excesso de sangue (pletora nunca existente), às vezes, de matérias morbíficas e acrimônias; retira, portanto, o sangue necessário à vida, e se esforça por varrer a matéria morbífica imaginária, ou então, desviá-la para outra parte (por meio de vomitivos, purgativos, sialagogos, sudoríficos e diuréticos, vesicatórios, cautérios, exutórios etc.), na ilusão de que assim a doença será amainada e materialmente erradicada; aumenta, porém, destarte, os sofrimentos do doente e, por esse meio, e pelo emprego de agentes dolorosos, priva o organismo das forças e dos sucos nutritivos necessários à cura. Ataca o corpo com grandes doses, frequentemente contínuas e renovadas, de medicamentos fortes, cujos efeitos prolongados e, às vezes, assustadores lhe são desconhecidos, e os quais ela parece propositadamente tornar irreconhecível, misturando em uma só fórmula várias dessas substâncias desconhecidas. Assim, pelo uso prolongados desses medicamentos, ela acrescenta ao organismo doente, novas doenças medicinais, ainda em parte incuráveis. Empenha-se para manter-se querida junto aos doentes (*), em empregar, onde puder, meios que pela lei de oposição (*contraria contrariis*), suprimem e encobrem (paliativos), por algum tempo, os

(*) *Com o mesmo objetivo, o alopata esperto inventa, antes de tudo, um nome determinado, preferentemente grego, para designar o mal do doente, a fim de fazê-lo crer que já conhecia a doença há muito tempo, como a um velho conhecido, e que assim seria o único capaz de curá-la.*





SAMUEL HAHNEMANN

sintomas, mas que reforçam e pioram a razão dessas queixas (a própria doença). Ela considera, injustamente, os males que se localizam nas partes exteriores do corpo como sendo puramente locais isolados, independentes, e acredita tê-los curado, quando desaparecem por tópicos, de modo que o mal interno é forçado a irromper em uma parte mais nobre e mais crítica e em grau mais grave. A velha escola médica, quando não mais sabe o que fazer contra a doença que se recusa a ceder ou que vai se agravar, trata de alterá-la, às cegas, por meio de um agente chamado “*alterans*”, como por exemplo, o calomelano, sublimado corrosivo que solapa a vida, e com outros meios coadjuvantes em doses ponderáveis.

Parece ser o principal negócio funesto da velha medicina tornar pelo menos incuráveis, se não mortais, a maioria das doenças, transformando em pacientes crônicos os já debilitados pelo enfraquecimento e por tormentos contínuos, pela adição de novas afecções medicinais destrutivas(*), - e, quando essa prática perniciosa se tornar um hábito e ficarmos insensíveis às advertências da consciência, então este é de fato, *um negócio muito fácil!*

Contudo, para todas essas operações nocivas, o médico da velha escola, em geral, pode apontar as suas razões, que porém, se baseiam apenas em preconceitos de seus livros e mestres, e na autoridade deste ou daquele eminente médico da velha escola. Mesmo os métodos de tratamento mais opostos e mais insensatos encontram ali sua defesa, a sua autoridade – por mais alto que fale contra eles o efeito desastroso. Só ao velho médico que finalmente no íntimo se convenceu da perniciosidade de sua pretensa arte, depois de práticas maléficas de muitos anos e que ainda só trata com

(*) N.T.: atualmente denominadas doenças iatrogênicas ou farmacogênicas.





PREFÁCIO DA 6ª EDIÇÃO

xarope de morango misturado com água de tanchagem(**) (isto é, nada), que se arruínam e morrem um menor número de pacientes.

Essa arte de não curar que há muitos séculos está firmemente estabelecida no poder de decidir, arbitrariamente, sobre a vida e a morte dos doentes, e que nesse período encurtou as vidas de dez vezes mais pessoas do que as mais mortíferas guerras, e tornou muitos milhões de pacientes mais doentes e mais miseráveis do que foram anteriormente – essa alopatia eu elucidei mais detalhadamente na introdução das edições anteriores deste livro. Agora, considerarei apenas seu exato oposto, a verdadeira arte de curar descoberta por mim (agora mais perfeita(***)). Ela, (a Homeopatia) é bem diferente. Pode facilmente convencer a todos que refletem, de que as doenças humanas não são causadas por matéria alguma, nenhuma acrimônia, isto é, por matéria morbífica alguma, mas que elas são unicamente transtornos imateriais (dinâmicos) da força de caráter espiritual (o princípio vital, a força vital), que anima o corpo humano. A Homeopatia sabe que uma cura só se pode verificar pela reação da força vital contra o remédio apropriado, e que a cura se opera tanto mais segura e rapidamente quanto mais sua força vital ainda prevalece no doente. A Homeopatia evita, portanto, qualquer enfraquecimento, por menor que ele seja(****), e também, o quanto possível, toda excitação de dor, pois esta também diminui as forças; pelo que, ela emprega para a cura apenas aqueles medicamentos cujo poder de modificar e de desequilibrar (dinamicamente) a saúde, ela conhece com exatidão, e

(**) *N.T.: no original alemão Plantago-Wasser.*

(***) *Dão-se exemplos para provar que curas surpreendentes obtidas nos tempos passados sempre foram devidas a remédios basicamente homeopáticos e encontradas pelo médico por acaso e contrárias aos métodos terapêuticos então predominantes.*





SAMUEL HAHNEMANN

escolhe um cujas forças modificantes (a doença medicinal) são capazes de remover a doença natural em questão por semelhança (*similia simi-libus*), e esse é administrado ao paciente em forma simples, em doses fracas (tão pequenas que, sem causar dor ou enfraquecimento, são, não obstante, suficientes para remover o mal natural); daí se conclui que sem enfraquecer, prejudicar ou torturar o doente, a doença natural é extinta, e o doente, já durante a convalescença, fortalece-se e assim fica curado – algo aparentemente fácil, mas que requer meditação e que é penoso e difícil, mas que restabelece os doentes, em pouco tempo, sem inconvenientes, e de maneira completa – e assim se torna uma tarefa salutar e abençoada.

A Homeopatia é, então, uma arte de curar muito simples, ficando sempre fixa em seus princípios, bem como em sua prática. Como a doutrina na qual se baseia, ela se apresenta, se bem a compreendermos, como um todo completo, apenas por isso útil. Tal pureza na doutrina, bem como na prática, deveria ser evidente, e qualquer retorno ao pernicioso desleixo da velha escola (que difere como o dia da noite) deveria cessar completamente de vangloriar-se diante do nome honrado da **Homeopatia**.

Samuel Hahnemann

Paris, fins de fevereiro de 1842

*(****) A Homeopatia jamais derrama uma gota sequer de sangue, não administra eméticos, purgativos, laxativos ou diaforéticos, não cura mal externo por meios externos, não prescreve banhos minerais quentes ou desconhecidos ou clisteres medicamentosos, não aplica cantáridas ou cataplasmas de mostarda, nem sedenhos ou cautérios, não excita ptialismo, não queima com moxa ou ferro em brasa até os ossos etc., mas sim dá com a sua própria mão, só medicamento simples feito por ela mesma e bem conhecido, não dá misturas, e jamais acalma a dor com ópio etc.*





Introdução

Exposição dos métodos alopático e paliativo das escolas que têm dominado até agora na Velha Escola Médica.

Desde sua origem, o homem tem estado exposto, individual ou coletivamente, à influência de causas morbíficas físicas ou morais. Nos primórdios da humanidade, um pequeno número de remédios era suficiente para destruir ou modificar a ação daquelas causas e seus efeitos no homem, já que a simplicidade de seu modo de vida dava lugar ao desenvolvimento de pouquíssimas enfermidades. Os progressos da civilização foram logo aumentando as causas morbíficas e fazendo também sentir a necessidade de buscar auxílios contra elas. Desde então, isto é, desde a época de Hipócrates, há dois mil e quinhentos anos, muitos homens têm se dedicado a tratar as enfermidades, cada dia mais numerosas, buscando em sua imaginação meios para aliviá-las. Tantas cabeças diferentes produziram uma infinidade de doutrinas acerca da natureza das enfermidades e seus remédios, criando sistemas em clara contradição uns com os outros e consigo mesmos. Cada uma dessas sutis teorias surpreendia, a princípio, a todo mundo, por sua profundidade ininteligível e atraía a seu autor uma multidão de prosélitos entusiastas. Porém nenhuma utilidade poder-se-ia obter delas na prática, até que um novo sistema, na maioria das vezes totalmente oposto ao precedente, deslocava para si, captando por algum tempo, a atenção geral. No entanto, nenhum destes sistemas estava conforme a natureza e a experiência. Não passavam todos, de um tecido de sutilezas tiradas de conseqüências ilusórias. De nada podiam servir à cabeceira dos doentes e eram próprios apenas para alimentar disputas vãs.

Ao lado destas teorias, formou-se independentemente, um método de cura que consistia em empregar certas misturas de medicamentos desconhecidos contra diferentes classes de enfermidades arbitrariamente estabelecidas, sob o ponto de vista material, sempre em contradição com a natureza e por conseguinte, sem resultado vantajoso. A esta antiga terapêutica se lhe dá o nome de *Alopatia*.





SAMUEL HAHNEMANN

Sem desconhecer os serviços que um grande número de médicos tem prestado às ciências acessórias da arte de curar, a física, a química, a história natural em seus diferentes ramos e a do homem em particu-lar, a antropologia, a fisiologia, anatomia etc., ocupar-me-ei aqui da parte prática da medicina, apenas com o curar propriamente dito, para mostrar o quanto é imperfeita a maneira com que as enfermidades têm sido tratadas até então.

Minha finalidade é muito superior a esta rotina mecânica que joga impunemente com a vida dos homens, tomando por guia catálogos de receitas, cujo número, cada dia maior, prova plenamente sua ineficiên-cia. Isto, deixo à plebe médica, para ocupar-me somente da medicina reinante, que imagina que sua antiguidade lhe dá realmente o caráter de ciência.

Esta antiga medicina lisonjeia-se de que só ela merece o título de “*arte de curar racional*” porque, segundo ela, a única que trata de bus-car e eliminar a *causa da enfermidade e segue as pegadas da natureza em seu tratamento*.

Tolle causam!, exclama sem cessar, porém se limita a este vão clamor. *Imaginava-se* poder encontrar a causa ainda que, em realidade, não a encontrava pois é irreconhecível e por conseguinte não pode ser encontrada. De fato, como a maior parte das enfermidades é de origem espiritual e de natureza dinâmica espiritual, sua causa não é reconhecível pelos sentidos, impondo-se, portanto, imaginar uma, comparando-se de um lado, o estado normal dos órgãos internos do corpo humano depois da morte (anatomia), com as alterações apreciáveis, que es-tas mesmas partes apresentam nas pessoas mortas por enfermidades (anatomia patológica); e por outro lado, as funções do corpo vivo (fisiologia), com as alterações incontáveis observadas nos diferentes estados mórbidos (patologia, semiótica), e deduzindo conclusões rela-tivas à maneira invisível com que se efetuam as mudanças no *interior do homem* enfermo, chega-se a formar uma imagem vaga e fantástica que a medicina teórica via como a causa primeira da enfermidade (¹), que deveria ser a causa próxima e ao mesmo tempo a essência íntima





INTRODUÇÃO

desta enfermidade, *a própria enfermidade*. Porém, o bom senso indica que nunca a causa de alguma coisa, ou de um incidente, pode ser esta mesma coisa. Sendo assim, como poderia, sem enganar-se a si mesma, fazer desta essência desconhecida um objeto de cura, prescrevendo contra ela medicamentos cuja virtude curativa, ao menos na maioria, era desconhecida também, e acumular muitas destas substâncias incomuns, **no que se chama fórmulas?**

No entanto o sublime projeto de encontrar *a priori*, a causa interna e invisível da enfermidade reduziu-se, ao menos para os que se julgavam sábios médicos da antiga escola, a buscar, em verdade tomando por base também os sintomas, aquilo que se poderia presumir ser o *caráter* genérico da enfermidade presente ⁽²⁾? Queria-se saber se era o espasmo, a debilidade ou a paralisia, a febre ou a inflamação, o endurecimento ou a obstrução de tal ou qual parte, a plethora sangüínea, o excesso ou a falta de oxigênio, carbono, hidrogênio ou nitrogênio nos humores, a exaltação ou a diminuição da vitalidade do sistema arterial, venoso ou capilar, um defeito das proporções relativas dos fatores da sensi-bilidade, da irritação ou da reprodução? Estas conjecturas, designadas pela escola até então com o nome de indicação causal e vistas como a

única racionalidade possível em medicina, são suposições demasiado hipotéticas e falazes para terem a menor utilidade prática. Incapazes mesmo se tivessem base para não sê-lo, de encontrar o remédio mais apropriado para o caso de doença, agradando bastante ao amor próprio de ser um erudito imaginador, induzindo porém quase sempre ao erro e demonstrando assim que o objetivo era mais a ostentação do que a busca séria de uma indicação de cura.

Quantas vezes não ocorria de o espasmo ou a paralisia parecer se apoderar de uma parte do organismo, enquanto a inflamação apoderava--se ostensivamente de outra parte!

Quais eram os remédios que se deveriam empregar contra cada um destes opostos caracteres gerais? Somente os específicos, isto é, aqueles cujos efeitos fossem análogos à forma morbífica ⁽³⁾. Porém a escola antiga os rejeitou como muito perigosos ⁽⁴⁾, pois, efetivamente





SAMUEL HAHNEMANN

a experiência havia demonstrado que as doses altas, cujo uso o tempo havia aprovado, comprometiam a vida naquelas enfermidades, que por sua semelhança com os sintomas que o medicamento produzia, desenvolviam outra enfermidade de mesma natureza, mas das doses pequenas e das mais diminutas possíveis a velha escola não tinha noção nenhuma. Por isso diziam que não se podia nem devia curar por via direta e mais natural, ou seja, empregar remédios específicos, posto que a maior parte dos efeitos produzidos pelos medicamentos eram e permaneciam desconhecidos; pois que, ainda que assim não fosse, nunca se poderia, com semelhante costume de generalizar, chegar-se a conhecer com exatidão a substância que se deveria empregar.

Entretanto, como a antiga escola pretendia bem, que o melhor é seguir o caminho reto que extraviar-se por sendas mal conhecidas, pretendia-se, todavia, curar as enfermidades diretamente, eliminando sua (pretensa) causa material. Pois para a escola médica comum, era quase impossível libertar-se na busca para uma indicação de cura desses conceitos materiais e reconhecer a natureza física e material do organismo como um ser tão altamente potencializado, que as mudanças vitais e sensitivas de sua vida, que chamamos de doenças, podem ser principalmente ou quase exclusivamente condicionadas e conseguidas por influências dinâmicas (de natureza espiritual).

A escola antiga tinha as matérias alteradas pela enfermidade como a causadora de doenças, tanto as que causavam inchaço, como as substâncias anormais que se segregam, pelo menos por sua suposta reação como mantenedor de doença e o faz até hoje.

Fundada nesta crença, operava todos os esforços possíveis para expulsar do corpo enfermo, o que se supunha ser as causas materiais; imaginava-se assim que se produziria cura segura, agindo sobre as causas. Daí a prescrição de se fazer vomitar, com o objetivo de expelir a bÍlis nas febres biliosas; seu método de administrar vomitivos nas afecções do estômago (⁵); seu empenho em expelir a pituita e os vermes indicados pela palidez das faces, pela bulimia, pelas cólicas e inchaços do ventre nas crianças





INTRODUÇÃO

(⁶); seu costume de sangrar nas hemorragias (⁷); e principalmente a importância que dá às sangrias de toda espécie, como a principal indicação que poderia satisfazer nas inflamações (⁸); e que ela agora, seguindo o procedimento de um conhecido médico parisiense sangui-nário (como os carneiros que seguem o carneiro de guia e vão parar nas mãos do carniceiro) pretende encontrar em quase todas as partes afetadas do corpo e precisa remover com um número muitas vezes fatal de sanguessugas. Agindo dessa maneira, creem obedecer às verdadeiras indicações deduzidas da causa, e tratar as enfermidades de um modo racional. Também imaginam que ligando um pólip, extirpando uma glândula tumefeita, ou destruindo-a pela supuração produzida por meio de irritantes locais, dissecando um quisto esteatomatoso ou melicério, operando um aneurisma, uma fístula lacrimal ou anal, amputando um seio canceroso, ou um membro, cujos ossos estejam cariados etc., curaram a enfermidade radicalmente porque destruíram a causa. Têm a mesma crença quando aplicam repercussivos e secam as úlceras antigas das pernas com os adstringentes (óxidos de chumbo, cobre e zinco), associados aos purgantes, que não diminuem o mal primitivo, e que não fazem mais que debilitar o enfermo; quando cauterizam os cancros, destroem localmente as verrugas ou expulsam da pele a sarna com os un-guentos de enxofre, chumbo, zinco ou mercúrio; quando fazem, enfim, desaparecer uma oftalmia com as dissoluções de chumbo e de zinco e quando acalmam as dores repuxantes dos membros com o bálsamo de

Opodeldok, as pomadas amoniacaais ou fumigações de cinabre ou âm-bar. Em todos esses casos supõem haver eliminado o mal e conseguido uma cura causal. Porém, que fatais conseqüências não se derivam desse tratamento! Mais cedo ou mais tarde aparecem infalivelmente outras enfermidades, que consideram como novas, não sendo em realidade, senão aquelas primitivas, *que têm sempre um caráter mais grave que as primeiras*, refutando francamente as teorias da escola antiga. Isto deveria abrir-lhes os olhos e convencê-los de que a enfermidade é de natureza imaterial, que sua origem é dinâmica (espiritual) e que somente pode-se destruí-la por um outro poder dinâmico.





Em geral a escola comum pressupunha até os tempos atuais (eu não me atrevo a dizer, as mais modernas!) de preferência que substâncias morbíficas (e acrimônias) deveriam ser removidas pela transpiração e suor, pelo aparelho urinário, ou pelas glândulas salivares, dos vasos san-güíneos e linfáticos, da traquéia e das glândulas bronquiais como catarro, do estômago e do canal intestinal por vômitos e evacuações, para que o corpo fosse limpo e deste modo conseguida uma cura causal profunda.

Fazendo aberturas no corpo doente, que na presença durante anos de um corpo estranho, convertem-se depois em úlceras crônicas (cautérios, sedenhos), imaginam extrair do corpo doente (sempre dinamicamente) a materia peccans, como se tira a lia de um barril, fazendo-lhe um furo no fundo. Como os vesicatórios mantidos por muito tempo, está também persuadida de atirar os maus humores para fora e livrá-lo das substâncias morbíficas, sem considerar que com todos esses procedimentos absurdos e contrários à natureza, não logra mais que debilitar os enfermos e troná--los geralmente completamente incuráveis.

Supor um princípio morbífico material é algo mais cômodo, não só porque o entendimento humano o concebe bem, mas também porque os enfermos, exigindo sempre a razão da causa e da natureza de seu mal, se dão por satisfeitos com a explicação do médico, fundada nesta hipótese. De fato, uma vez suposta esta teoria, somente dever-se-ia tratar de eleger uma quantidade medicamentosa que serviria para purificar o sangue e ou-tros humores, excitar o suor, provocar a expectoração e limpar o estômago e intestinos. E por isso, compreende-se bem por que todas as *matérias médicas* que se têm escrito desde Dioscórides, guardam o mais abso-luto silêncio a cerca de ação própria e peculiar de cada medicamento, limitando-se, depois de haver enumerado suas pretensas virtudes contra tal ou qual enfermidade nominal da patologia, ou seja, se provoca a secreção da urina ou do suor, a expectoração ou o fluxo menstrual, e sobretudo se possui a virtude de evacuar por vômitos ou por diarréias o material contido no tubo digestivo; pois em todas as épocas, os mé-dicos têm dirigido seus esforços principalmente para expelir do corpo





INTRODUÇÃO

enfermo as acrimônias e os princípios morbíficos materiais (fingidos), considerados como a causa das enfermidades.

Porém, tudo isso não era mais que o resultado de sonhos vãos, de suposições gratuitas, de hipóteses desprovidas de fundamento, habil-mente inventadas para comodidade terapêutica, que espera cumprir plenamente sua missão, quando trata de combater os princípios mor-bíficos materiais (*si modo essent!*).

Mas a essência das enfermidades e sua cura, não se sujeitam aos nossos caprichos nem às invenções de nossa indolência. *Por conformar--se com nossas ilusórias hipóteses, as enfermidades não podem deixar de ser desarranjos dinâmicos (espirituais) que nossa vida espiritual experimenta em sua maneira de sentir e agir, isto é, mudanças imate-riais de nossa existência.*

As causas de nossas enfermidades não podem ser materiais; a prova é que qualquer substância material estranha (⁹) introduzida nos vasos sangüíneos, por mais inocente que pareça, instantaneamente é repelida pela força vital, e se não pode ser expelida, como se fosse veneno, ocasiona a morte. Introduza-se o menor corpo estranho em nossas partes sensíveis, e o princípio vital, sempre presente, não descansa enquanto não eliminá-lo por meio da dor, da febre, da supuração ou da gangrena. E este princípio vital, tão ativo e tão vigilante, sofreria com paciência durante vinte anos, um princípio exantemático material em nossos humores, um vírus herpético escrofuloso ou gotoso! Que nosólogo alguma vez observou estes princípios morbíficos, de que falam com tanta segurança, e sobre os quais pretendem fundar um plano de con-duta médica? Quem pode algum dia demonstrar uma matéria gotosa, um veneno escrofuloso?

Ainda que a aplicação de uma substância material sobre a pele ou sua introdução em uma úlcera, haja propagado enfermidades por infecção, quem poderia provar (como tão formalmente afirmam nos-sas patogenias) que a menor partícula material dessa substância seja absorvida e penetre em nossos humores? (¹⁰) Por mais que se lavem e limpem as partes genitais com a maior prontidão e esmero possíveis,





SAMUEL HAHNEMANN

estas precauções não preservam da infecção com a doença do cancro. É suficiente um leve sopro de uma pessoa afetada pela varíola, para produzir esta terrível doença em uma criança sã e robusta.

Que quantidade deste princípio material deve penetrar nos humores para determinar no primeiro caso, uma enfermidade (a Syphillis), que na ausência de tratamento durará talvez até os últimos dias de vida, e que nem a morte poderá apagar suas marcas; e no segundo, uma infecção (a varíola), que frequentemente mata com rapidez em meio a uma supuração quase geral ⁽¹¹⁾. É possível que nestes casos e noutras circunstâncias análogas, admitamos como fundamento, um princípio material morbífico que tenha agido sobre o sangue? Muito frequente-mente tem-se observado que as cartas escritas na casa de um enfermo, têm transmitido aos que as leiam a mesma enfermidade miasmática. Suporemos então que penetrou nos humores alguma coisa material? Mas para que todas essas provas pois concedamos que haja sucedido assim, e perguntemos ainda; quantas vezes uma palavra injuriosa ou uma afronta qualquer, não produz na pessoa a quem é dirigida uma febre biliosa, que põe em perigo a vida; quantas vezes uma profecia fatal não causa a morte na época anunciada; quantas vezes uma sur-presa agradável ou desagradável não suspende subitamente o curso da vida, onde está o princípio morbífico material, que se introduziu em substância no corpo, que produziu a enfermidade e que a mantém, e que sem a expulsão daquele material, através dos medicamentos, toda cura seria impossível?

Os defensores das matérias morbíficas tão rudimentarmente supos-tas, deveriam envergonhar-se de não terem compreendido a natureza espiritual de nossa vida e de tão levianamente não terem tomado conhe-cimento das causas morbíficas espírito-dinâmicas e deste modo terem se rebaixado ao nível de charlatães, que em sua tentativa de expulsar matérias morbíficas nunca existentes do corpo doente, ao invés de curar destroem a vida.

Os escarros, frequentemente tão repugnantes, que se observam em certas enfermidades, serão, por ventura, a matéria que os produz e os





INTRODUÇÃO

mantêm?¹²) *Não são sempre produtos em si da enfermidade, isto é, da alteração puramente dinâmica que a vida experimentou?*

Com estas falsas ideias materialistas, acerca da essência e da origem das enfermidades, não é estranho que em todas as épocas os médicos mais ilustres, como os mais medíocres e ainda os hábeis inventores dos mais sublimes sistemas, hajam dirigido todos os seus esforços a expulsar a imaginada matéria morbífica, e que a indicação mais constante haja sido sempre a de deitar fora do corpo esta matéria e a indicação mais frequente era a divisão e mobilização da matéria morbífica, procurando permitir sua saída através da saliva, glândulas da traquéia, suor e urina, a uma purificação do sangue, obedientemente conseguida pelo entendimento de beberagens de raízes e madeiras de (acrimônias e impurezas) *matérias morbíficas que nunca existiram*, punturas mecânicas da matéria morbífica através de sedenhos e cautérios, de partes da pele mantidas permanentemente abertas e gotejantes pelo emplasto de cantárides ou casca de trovisco, mas de preferência pela evacuação e purgação de *materia peccans* ou da matéria perniciosa, como eles a chamam, pelo canal intestinal por intermédio de medicamentos laxantes e purgativos, aos quais eles costumam chamar de (os infartos?) *dissolventes e suave-mente desobstruentes* para dar uma importância maior e uma aparência mais bajuladora – todas essas medidas para a remoção de matérias morbíficas, que nunca puderam existir e nunca existiram para dar origem e manter as doenças do organismo humano, que vive por um princípio espiritual – as doenças que nunca foram outra coisa senão perturbações espírito-dinâmicas da vida modificada em sua sensibilidade e atuação.

Pressupondo, como não podemos duvidar, que nenhuma das doenças – se estas não foram produzidas por substâncias totalmente indigeríveis ou de outro modo muito nocivas, que chegaram aos primeiros caminhos ou em outras aberturas e cavidades do corpo, por corpos estranhos que penetravam na pele etc. – que em suma, nenhuma doença tem por base uma substância material, mas que cada uma delas é apenas e sempre uma perturbação dinâmica especial e virtual do estado geral; como não deve parecer fora de propósito aos olhos de qualquer homem sensato





SAMUEL HAHNEMANN

um método de cura que visa expulsar ⁽¹³⁾ aquelas matérias imaginadas, uma vez que nas doenças principais do homem, nas crônicas, nada de bom pode ser produzido, mas sempre muitíssimo mal!

Os materiais degenerados e as impurezas apreciáveis nas enfermidades, não são outra coisa senão produto das mesmas enfermidades, das quais o organismo sabe livrar-se, algumas vezes de maneira demasiado violenta, sem o auxílio da medicina evacuante, mas que não deixam de reproduzir-se enquanto dura a enfermidade. Estes materiais se apresentam ao médico em muitas ocasiões como sintomas mórbidos e lhe ajudam a completar o quadro da enfermidade, que lhe serve prontamente para encontrar uma potência medicamentosa semelhante, próprio para sua cura.

Mas os atuais partidários da escola antiga, além da teoria da expulsão dos princípios morbíficos materiais, reconhecem outro método o qual chamam de *derivativo*, e consiste em empregar evacuações abundantes e variadas, pretendendo com isso, imitar a natureza em seus esforços espontâneos para restabelecer a saúde do organismo enfermo; tira a febre através do suor ou da urina; a pleurisia, epistaxis, suores e escarros mucosos; outras enfermidades, pelo vômito, pela diarreia e pelas hemorragias anais; as dores articulares, pelas ulcerações fétidas das coxas, as anginas, por meio da salivação, ou por metástases ou abscessos que a natureza faz surgir em outras partes distantes do foco do mal.

Fundados nisto, imaginam que agindo assim, *imitam* a natureza, não refletindo porém, que seguem por caminhos extraviados no tratamento da maioria das enfermidades. Tendo presentes as indicações da força vital enferma, abandonada a si mesma, procedem de maneira indireta ⁽¹⁴⁾, produzindo irritações mais fortes e de índole distinta, em outros locais que não os da enfermidade, promovendo e mantendo evacuações pelos órgãos que mais difiram dos tecidos afetados, com o objetivo de *atrair* o mal até este novo órgão ou aparelho (dissimilares).

Esta derivação foi, e ainda o é hoje, um dos mais usuais e creditados métodos curativos da escola antiga alopática.

Imitando assim a natureza medicatriz, segundo a expressão usada por





INTRODUÇÃO

alguns, propõe-se excitar violentamente, nas partes menos enfermas e que possam resistir melhor à enfermidade medicinal, novos sintomas, que sob a aparência de crises e em forma de evacuações, façam deri-var, segundo eles, a enfermidade primitiva (¹⁵), a fim de que as forças medicamentosas da natureza possam efetuar uma queda lenta e gradual da febre (¹⁶).

Os meios são o uso de substâncias que induzem o suor e a urina, as emissões sangüíneas, os sedenhos e cautérios, dando sempre a preferência aos irritantes do tubo digestivo, que têm a qualidade de provocar vômitos ou determinar evacuações, tendo recebido os nomes de estimulantes e dissolventes (¹⁷).

Este método derivativo traz a seu lado outro com o qual tem grande afinidade e que consiste na aplicação de *estimulantes antagonistas*, tais como os tecidos de lã sobre a pele, os escalda-pés, os nauseantes, os tormentos da fome impostos ao estômago e ao canal intestinal (cura pela fome), todos os meios que excitam a dor, inflamação e supuração das partes onde se aplicam, como os sinapismos, como os vesicatórios, a lauréola, os sedenhos, cautérios, moxas, ferro em brasa, acupuntura etc. Acreditam assim, seguir os rumos da natureza crua, que abandonada a si mesma, quer livrar-se da enfermidade dinâmica por meio de pro-vocação de dores em partes distantes daquela enferma, por metástases, abscessos, erupções cutâneas ou úlceras fétidas (mas cujos esforços são totalmente inúteis quando se trata de uma doença crônica).

Isto não é um raciocínio lógico, mas somente uma vulgar *imitação* que a escola antiga faz através destes métodos indiretos, tanto deriva-tivos quanto antagonistas – conduzindo a procedimentos ineficazes, debilitantes e altamente perniciosos; assim procedendo eles paliam ou desviam as enfermidades, substituindo-as comumente, por outras novas mais perigosas. E a semelhante resultado, pode-se dar o nome de cura?

Ela (a escola antiga), ao seguir a marcha dos instintos naturais, nos esforços que este faz, e que eram coroados de um pálido sucesso (¹⁸) nas enfermidades agudas pouco extensas, não fazia mais que imitar a força vital conservadora, abandonada a si mesma, e fundada unicamente





SAMUEL HAHNEMANN

nas leis que regem o organismo, não age senão em virtude destas leis, **sem raciocinar nem refletir sobre seus atos**. A rude natureza que não consegue, como um cirurgião inteligente, unir os lábios separados de uma ferida e curá-la pela união; que, numa fratura, é impotente qual-quer quantidade de matéria óssea que se acumule, para unir os dois extremos do osso fraturado; que, não podendo ligar uma artéria ferida, deixa morrer um homem robusto e cheio de vida, pelo sangramento; que ignora o modo de colocar em sua posição normal a cabeça de um osso deslocado em consequência de uma luxação, e que impede em pouco tempo que a cirurgia possa reduzi-la por causa da inflamação que se manifesta ao seu redor; que para livrar-se de um corpo estranho violentamente introduzido na córnea, destrói o olho por supuração; que uma hérnia estrangulada não sabe remover o obstáculo senão pela gangrena e pela morte; e que, finalmente, nas enfermidades dinâmicas, exacerba o mal através das mudanças de forma que lhe imprime. Mas ainda há mais: *esta força vital não inteligente admite sem hesitação em nossos corpos*, os maiores flagelos de nossa existência terrestre, fontes das inumeráveis doenças que afligem a espécie humana há séculos, ou seja, os miasmas crônicos (a Psora, a Syphillis e a Sycosis). Longe disto nem ao menos tem o poder de moderar seus danos, nem suspender ou neutralizar os terríveis efeitos destas três pragas miasmáticas, e impassível, as observa ir destruindo pouco a pouco a organização dos pobres enfermos, até que a morte venha pôr termo a seus cruéis sofrimentos.

Como, num assunto de tanta importância como a cura, que exige tanta meditação, juízo e discernimento, a escola antiga, que reclama para si o título de racional, determinou-se tomar como modelo, guia e norma a esta força vital, imitando sem reflexão nem critério, os atos indiretos revolucionários que executa nas enfermidades, enquanto foi concedida ao homem a razão, esse precioso dom da divindade, para superar a natureza, encontrando os socorros que devem prestar a seus semelhantes?

Quando a medicina dominante, aplicando como de costume os métodos antagonistas derivativos, que repousam unicamente sobre uma





INTRODUÇÃO

imitação irreflexiva da energia grosseira, automática e sem inteligência, ataca os órgãos inocentes e os cumulam de dores mais agudas do que aquelas produzidas pela enfermidade, contra a qual aqueles métodos são dirigidos, ou os obriga como frequentemente acontece, a evacuações que esgotam as forças e os humores do enfermo; seu objetivo é o de afastar a atividade mórbida que a vida acumulou nos órgãos primitivamente afetados, e dirigi-la aos órgãos artificialmente atacados e assim, indiretamente, provocando uma enfermidade diferente muito maior em partes mais sadias, quer dizer, forçar a remoção da doença natural por um desvio quase sempre doloroso que esgota as forças ⁽¹⁹⁾.

Quando esses falsos ataques se dirigem a uma enfermidade aguda, e por conseguinte de curso rápido, se transporta, é verdade, o foco do mal a outras partes distantes daquelas primitivamente ocupadas; porém, nem por isso logrou-se a cura. E nada há nesse tratamento revolucionário que se reporte de uma maneira direta e imediata aos órgãos primitivamente enfermos, e que mereça com propriedade o título de *cura*. Se estes bruscos ataques houvessem sido evitados, dirigidos à vida do restante do organismo, ter-se-ia visto muito frequentemente desvanecer-se a enfermidade por si só, de maneira mais rápida, deixando-lhe muito menos padecimento e sem produzir tão grande perda de forças. Ademais, nem o fato de se abandonar a natureza às suas próprias forças, nem sua imitação alopática, podem comparar-se com o tratamento (homeopático), dinâmico e direto, que sem atacar nem destruir as forças do enfermo, lhe restitui a saúde de maneira imediata e rápida.

Porém, na imensa maioria das enfermidades, nas afecções crônicas, estes tratamentos da escola antiga, perturbadores, debilitantes e indí-retos, quase nunca produzem benefício algum. Seu efeito se reduz a suspender por poucos dias este ou aquele sintoma molesto, que reaparece depois, assim que a natureza se acostume à nova irritação aplicada em regiões diferentes da primeira, e então a enfermidade apresenta-se mais inoportuna, pois as dores antagonistas e as evacuações imprudentes diminuíram a energia da força vital ⁽²⁰⁾.

Enquanto que a maior parte dos médicos da velha escola, imitando





SAMUEL HAHNEMANN

de uma maneira geral os esforços e os movimentos críticos da natureza, abandonada a seus próprios recursos, induzia na prática estas chamadas derivações (com as quais faziam as variações que lhes sugerisse suas próprias ideias); outros, propondo-se uma finalidade mais elevada, *procuravam favorecer de todos os modos as tendências da força vi-tal, quando esta indicava que iria expelir a enfermidade por meio de evacuações e metástases*, e esforçavam-se então por ativar e manter essas derivações e evacuações, pois com esta conduta, *duce natura*, estavam convencidos de que mereciam com razão o título de ministros da natureza (*ministri naturae*).

Como acontece frequentemente nas doenças crônicas, as evacuações que a natureza espontaneamente determina, produzem algum alívio de certos sintomas dolorosos, paralisias, espasmos etc., a escola antiga inferiu daí, a conveniência de manter, excitar, favorecer ou aumentar estas evacuações. Mas não considerou que todas essas pretensas crises da natureza abandonada a si mesma, tão somente ofereceram um alívio paliativo demasiado fugaz, e que longe de contribuir à verdadeira cura, agravam o mal interior primitivo e esgotam as forças do enfermo. Jamais se viu o restabelecimento completo e duradouro da saúde através destes esforços da natureza; nunca, estas evacuações excitadas espontaneamente pelo organismo curaram radicalmente doença crônica alguma ⁽²¹⁾. Pelo contrário, em todos os casos desse gênero, tem-se observado que depois de um alívio insignificante, cuja duração vai-se tornando mais curta, a afecção primitiva agrava-se ostensivamente e os acessos retomam cada vez mais frequentes e mais fortes, ainda que as evacuações se apresentem contínuas. Assim, a natureza, quando abandonada a seus próprios recursos nas afecções crônicas internas, que comprometem a vida, não sabe ajudar-se senão pela expressão de sintomas locais externos, objetivando retirar o perigo dos órgãos nobres e indispensáveis à vida, trasladando-os por metástases aos que não são tão importantes; esses esforços da força vital energética, mas sem inteligência, sem reflexão nem critério, jamais produzem uma cura radical e completa; não são outra coisa senão paliativos e curtas suspensões concedidas à





INTRODUÇÃO

doença interna, às expensas de uma quantidade enorme de humores e de força, sem que por isso a afecção primitiva tenha perdido sua gra-vidade. Sem um tratamento homeopático adequado, apenas retarda-se a morte que é inevitável.

A alopatia da escola antiga, não satisfeita em imitar exageradamente os esforços da grosseira e automática natureza, dava-lhes ademais uma falsa e absurda interpretação. Imaginando que aqueles esforços eram verdadeiramente saudáveis, procurava favorecê-los por todo os meios possíveis e ainda aumentá-los enormemente, com esperança de vir assim a destruir radicalmente a enfermidade, procurando uma cura completa. Quando numa doença crônica, a força vital parecia que dominava este ou aquele sintoma interior incômodo, por exemplo, por meio de um exantema úmido, o servo da força natural bruta aplicava um apispático ou outro exutório qualquer sobre a superfície supurante, para atrair pela pele uma maior quantidade de humor, ajudando assim a natureza na cura, tirando dos corpos o princípio morbífico. Porém, quando era muito antiga a existência do herpes, o enfermo muito sensível e a ação do estímulo aplicado demasiado violenta, a afecção externa aumentava muito, sem trazer benefício algum ao mal primitivo; tornava as dores mais violentas, que tiravam o sono do doente, diminuían suas forças e determinavam, com bastante freqüência, a aparição de uma *erisipela* grave. Outras vezes, quando o remédio agia mais suavemente sobre a afecção local, não sendo esta muito antiga, exercia uma espécie de homeopatismo externo sobre o sintoma local que a natureza havia trazido à pele, a fim de aliviar a enfermidade interna, de onde resultava um perigo maior expondo-se a força vital, pela supressão de sintoma local, a provocar um risco maior sobre qualquer outra parte nobre. Por isso, se produzia em substituição, oftalmias terríveis, surdez, espasmos do estômago, convulsões epiléticas, acessos de sufocação, ataques de apoplexia, doenças mentais etc. ⁽²²⁾

Igual pretensão de favorecer o impulso curativo da força vital condu-zia o *ministro da natureza*, quando a enfermidade fazia afluir o sangue até as veias do reto ou do ânus (hemorroidas cegas), a recorrer às apli-





SAMUEL HAHNEMANN

cações de sanguessugas, frequentemente em grande número, a fim de dar saída ao sangue por este local. A emissão sangüínea é certamente um alívio, tão passageiro na maioria das vezes, que não se deveria fixar a atenção nela, porém, ao contrário, sempre traz consigo o aumento da debilidade, determinando uma congestão, mais forte próxima à extremidade do canal intestinal, sem diminuir em nada o mal primitivo.

Seguindo o mesmo rumo, em quase todos os casos em que a força vital enferma procurava evacuar um pouco de sangue pelo vômito, expectoração etc., com o objetivo de retirar o perigo de uma afecção interna grave, empenhavam-se, *duce natura*, em apoiar esses pretensos esforços saudáveis da natureza, e extraíam sangue das veias abundantemente, o que não impedia que sobreviessem graves acidentes, que sempre deixavam atrás de si uma debilidade profunda.

Quando um enfermo padecia de frequentes náuseas, sob pretexto de entrar nas vistas da natureza, se lhe prodigalizavam os vomitivos, o que em vez de produzir resultados satisfatórios, trazia conseqüências perigosas, sérios acidentes e até mesmo a morte.

Às vezes, a força vital, para apaziguar um mal interno, provoca uma tumefação nas glândulas linfáticas internas. O ministro da natureza supõe bem servir a sua divindade, dirigindo esses tumores à supuração por toda sorte de fricções, aplicações estimulantes, para em seguida introduzir o bisturi no abcesso já maduro, com o fim de extrair a matéria morbífica.

Pela experiência, um milhão de vezes repetida, tem-se demonstrado as graves conseqüências, os intermináveis males que, quase sem exceção, esta prática produz.

Como os alopatas puderam observar muitas vezes, os suores noturnos espontaneamente produzidos, ou ainda frequentes fezes líquidas, aliviam os padecimentos em alguns casos de doenças crônicas; acreditaram-se então obrigados, seguindo estas indicações da natureza, *duce natura*, a excitar nas mesmas doenças o suor e as evacuações, prescrevendo um tratamento sudorífico completo e o uso continuado por muitos meses e até anos, do que chamam laxantes suaves, a fim de promover e aumentar

L





INTRODUÇÃO

os esforços da natureza (a força vital do organismo não inteligente) que, como ele supõe, dirige-se à cura de todo o mal crônico e assim liberta o doente o mais breve e seguramente de sua doença (a matéria de sua doença?). Porém essa conduta tem um resultado oposto ao que se propõe, ou seja, agrava sempre o mal primitivo.

De acordo com sua opinião pré-concebida, mas infundada, o médico da velha escola continua a promover os impulsos da força vital enferma (²³), e aumentando-as, porém nunca para chegar a um final feliz, com derivações e evacuações que *apenas* levam à ruína do doente, sem se conscientizar que todos os males locais, evacuações aparentes, esforços de derivações para amenizar o mal crônico original, pela força vital sem inteligência e abandonada a si mesma, são justamente a doença em si, o sinal da doença total, contra a qual na verdade, só um medicamento escolhido homeopaticamente, pelo seu efeito de semelhança, seria o único remédio capaz de curar da maneira mais rápida.

Como tudo o que a natureza, abandonada a si mesma, executa com o fim de aliviar as doenças, sejam agudas ou especialmente as crônicas, é bastante imperfeito, e é *doença por si mesma*, é fácil calcular, que a promoção artificial desta imperfeição e doença, prejudica ainda mais, e mesmo em males crônicos não foi capaz de melhorar nada na ajuda da natureza, pois a arte dos médicos não conseguia penetrar os caminhos secretos nos quais a força vital produz suas crises, mas tenta conseguir por meios externos, que por sua vez são menos benéficos ainda do que aquilo que a força vital instintiva abandonada a si mesma faz do seu modo; são ainda mais perniciosos e roubam ainda mais forças. O alívio incompleto que a natureza logra algumas vezes por derivações e crises, não pode ser completamente conseguido pelo médico, quando tenta seguir-lhe os caminhos, e apesar de todos seus esforços, fica-se ainda muito atrás, em proporção ao pobre socorro que presta à força vital abandonada a si mesma.

Com ferramentas que arranham, procuram provocar hemorragias nasais, imitando as epistaxis naturais, com o objetivo de acalmar, por exemplo, os acessos de uma cefalalgia crônica. Desta maneira se tem





SAMUEL HAHNEMANN

logrado extrair uma quantidade de sangue suficiente para debilitar o enfermo, conseguindo, entretanto, um alívio muito menor ou mais passageiro que o alcançado pela força vital, quando esta, por seu próprio impulso, determina a saída de algumas gotas de sangue pelas narinas.

Os suores ou diarréias críticas, que a força vital em sua ação permanente, após rápido adoecimento, determina para neutralizar os efeitos perniciosos de um aborrecimento, susto, mal jeito ou resfriamento etc., são mais eficazes para acalmar instantaneamente os sofrimentos agudos do enfermo, que todos os sudoríferos e purgantes de uma botica, que não fazem mais que, quando administrados nesses casos, agravar o enfermo, como nos mostra a experiência diária.

No entanto, a força vital, sem inteligência, sem reflexão, sem discernimento, que não pode operar por si mesma, senão conformar-se à disposição orgânica de nosso corpo, não nos autoriza a tomá-la por melhor e único guia que se deva seguir no tratamento das enfermidades, e muito menos para que imitemos servilmente os incompletos e doentios esforços que executa para sobrepor-se a elas. Se nos propormos a imitar cegamente os atos da natureza, nos escusaremos dos trabalhos de inteligência e reflexão necessários à descoberta da verdadeira arte de curar; enfim, substituiremos a mais nobre de toda as artes humanas por uma má cópia de auxílio pouco eficaz que a natureza proporciona para repelir as enfermidades, quando abandonada às suas próprias forças.

Que o homem racional pretenderia imitar os esforços conservadores da natureza, quando estes são precisamente a própria enfermidade; a força vital morbidamente afetada é a produtora da doença que se manifesta! A arte, pois, deve aumentar o mal quando imitar os processos da natureza, ou suscitar graves perigos quando suprimir seus esforços. O alopatha faz um e outro, e a esses procedimentos quer dar o nome de medicina racional!

Não!, essa força vital, inata no homem, que preside a vida de maneira perfeita enquanto dura a saúde, cuja presença se deixa sentir em todas as partes do organismo, na fibra sensível como na irritável, e que é o motor infatigável de todas as funções normais do corpo, não foi criada para servir de auxílio a si mesma nas enfermidades, nem para exercer





INTRODUÇÃO

uma medicina digna de imitação. *Não!, a verdadeira medicina, obra da reflexão e do juízo, é uma criação do espírito humano que, quando a energia automática da força vital é impelida para exercer atos anor-mais por causa da enfermidade, sabe imprimir-lhe uma modificação morbosa análoga, porém sensivelmente mais forte, por meio de um medicamento homeopático; de forma que a enfermidade natural não possa mais influir sobre ela, e que depois que esta houver desaparecido pela ação do medicamento, a força vital recobre seu primitivo estado normal, voltando novamente a presidir a manutenção da saúde, sem que durante estas transformações tenha sofrido nada que fosse capaz de debilitá-la. Estes são precisamente os resultados que podemos con-seguir com os meios que nos ensina a medicina homeopática.*

Um grande número de enfermos tratados com os métodos da escola antiga, curaram-se de suas enfermidades, ainda que não nos casos crôni-cos, não venéreos, mas sim nos casos agudos, que oferecem menos perigo. No entanto, somente por meio de penosas evasivas alcançava-se estas curas, e de maneira, na maior parte das vezes, tão imperfeita, que não se podia dizer com razão, que fosse devido a uma arte benéfica e suave em seus procedimentos. Nas ocasiões em que não se apresentava iminente perigo, davam-se por satisfeitos os alopatas, umas vezes reprimindo as enfermidades agudas com as sangrias, outras suprimindo quaisquer de seus principais sintomas, por meio de um paliativo enantiopático (*con-traria contrariis*) e outras vezes ainda, interrompendo-as através de irritantes e repulsivos, aplicados em pontos diferentes do órgão enfer-mo, até o curso da evolução natural haver terminado, isto é, opunham às enfermidades meios indiretos, trazendo consigo um desperdício de forças e de humores. Conduzindo-se dessa maneira, tudo o que fosse necessário para triunfar sobre a enfermidade, ficaria a cargo da força conservadora da vida, que deveria não somente opor-se à enfermidade natural aguda, mas também às conseqüências de um tratamento mal dirigido. Excetuando-se um pequeno número de casos devidos à ca-sualidade, a força vital, sem mais auxílio que sua própria energia, era





SAMUEL HAHNEMANN

quem deveria devolver a seu ritmo normal as funções alteradas, o que fazia de forma incompleta na mais das vezes, sempre vencendo grandes dificuldades e produzindo acidentes de natureza diferente.

Por isso, é mais duvidoso que a medicina atual, com seus processos para tratar as enfermidades agudas, ajude realmente a natureza em seu trabalho para conseguir a cura, suposto, que nem a alopatia nem a natureza possam obrar de maneira direta, e que os métodos derivativo e antagônico da escola antiga não possuem mais virtude que a de de-sarmonizar a normalidade do organismo e produzir maior debilidade de força.

A escola alopática conta também com outro método curativo, a que chamam de *excitante e fortificante* ⁽²⁴⁾ e que consiste no uso de substâncias (*chamados tônicos, excitantes, nervina, confortativos e fortificantes*). Causa muita admiração vê-la envaidecer-se com este método.

Alguma vez se logrou destruir a debilidade que uma doença crônica produz, mantém ou aumenta, prescrevendo, como faz esta escola, o uso do vinho do Rhine ou do Tokay? Com esse método não poderia curar a doença crônica, origem da debilidade; as forças do enfermo decaem tanto quanto mais vinho se lhe dê, porque excitações artificiais tem relaxamento como reação natural.

Ou será que a casca da quina ou suas *amara* não compreendidas, ambíguas e de outra forma prejudiciais emprestavam forças nesses casos tão frequentes? Essas substâncias vegetais tidas em qualquer circunstância como tônicas e fortificantes, juntamente com as preparadas de ferro não acrescentavam frequentemente novos males de seus morbíficos peculiares aos antigos, sem poder remover a debilidade decorrente de uma antiga enfermidade desconhecida?

Os assim chamados *unguenta nervina* ou outros tópicos espiritu-osos e balsâmicos, alguma vez diminuíram, duradoura ou momentaneamente a paralisia incipiente de um braço ou de uma perna que proceda, como ordinariamente acontece, de uma doença crônica, sem que esta se tenha curado antes? As comoções elétricas e galvânicas, tiveram alguma vez outro resultado em circunstâncias análogas, que





INTRODUÇÃO

o de agravar pouco a pouco a paralisia da irritabilidade muscular e da excitabilidade nervosa? ⁽²⁵⁾

Os excitantes e afrodisíacos tão louvados, o âmbar, a tintura de cantáridas, as trufas, o cardamomo, a canela e a baunilha, não terminam por converter em uma absoluta impotência e debilidade gradual das faculdades viris (cuja causa é sempre um miasma crônico despercebido)?

Como pode lisonjear-se a escola antiga de produzir uma força e uma excitação, que somente duram algumas horas, quando o resultado que sempre se segue, conduz ao estado contrário, à incurabilidade do mal, segundo a lei da natureza de todos os paliativos?

O parco alívio que os excitantes e fortificantes obtêm para as pes-soas que padecem de enfermidades agudas, segundo o método antigo, nada é em comparação aos inconvenientes resultantes de seu uso nas doenças crônicas.

Quando a medicina antiga não sabe o que fazer, nem como atacar uma doença crônica, que não cede a nenhum dos métodos expostos, e que se agrava com eles, lança mão, às cegas, dos medicamentos designados com o nome de alternantes, como são *os* mercuriais (os calomelanos, o sublimado corrosivo, o unguento mercurial), cujas virtudes tão exaltadas no tratamento das doenças crônicas (não venéreas), e que com tanta prodigalidade usa, fazendo-os agir por longo tempo no organismo do enfermo, produzem, na verdade, grandes alterações, porém nunca em sentido favorável; geralmente acaba de arruinar a saúde pela ação de um metal tão pernicioso, quando não é empregado oportunamente, e que tão grandes serviços prestam quando bem utilizados.

Quando nas febres intermitentes endêmicas, de certos países, e que atacam um número considerável de pessoas, prescrevem altas doses de quina, e que só homeopaticamente a verdadeira febre intermitente dos pântanos é curada, se a Psora não se lhe opor, dando uma prova de sua inconsiderada e rápida condução, posto que estas febres apresentam um tipo diferente a cada vez que aparecem, reclamando por conseguinte um novo remédio homeopático, do qual basta uma pequeníssima dose, única ou repetida, para curá-la radicalmente em alguns dias. Como estas





SAMUEL HAHNEMANN

enfermidades reaparecem periodicamente, a velha escola acredita que, como estas febres epidêmicas têm também crises periódicas (*typus*), e ela vê em todas as febres intermitentes apenas o seu *tipo*, ela não conhece nem procura conhecer outro febrífugo senão a china, eu digo que a velha rotina crê poder aniquilar o *tipo* das febres intermitentes epidêmicas com doses maciças de china e seu raro extrato (quinina) (o que a força vital ignorante, neste caso porém mais sábia, procura evitar às vezes durante meses) ter curado essas febres epidêmicas. Mas o enfermo, fica sempre pior após essa supressão do período de crise (*typus*) de sua febre do que ele estava durante a mesma: pálido no rosto, asmático, como que amarrado nos hipocôndrios com os intestinos desarranjados, com falta de apetite, com sono agitado, com prostração e falta de coragem, frequentemente com forte inchação das pernas, do ventre e das mãos, ele se arrasta, e sai como curado do hospital. Não é raro que se leve alguns anos de laborioso tratamento homeopático para apenas salvar da morte um doente destruído em sua raiz (curado?) artificialmente caquético, muito longe de curá-lo e restabelecer-lhe a saúde.

A escola antiga se glorifica de dissipar com o uso da valeriana o estupor profundo, que acompanha certas febres nervosas, e como o resultado que se obtém por esse meio é sempre de curta duração, se vê obrigada a aumentar progressivamente as doses dessa raiz para reanimar o enfermo por alguns momentos, convencendo-se logo que as mais altas doses não produzem o efeito esperado, ao passo que a reação, determinada por uma substância cuja ação estimulante não é mais que um simples efeito primário, paralisa inteiramente a força vital e entrega o enfermo a uma morte segura, que esse tratamento, *racional*, torna inevitável. No entanto, a escola antiga não querendo se convencer de que, em semelhante caso, mata a golpe seguro, atribui a morte do enfermo à malignidade da enfermidade.

A *Digitalis purpurea* é talvez entre os paliativos a mais temível, e é com ela que a escola reinante mostra-se mais orgulhosa, quando quer tornar mais lento o pulso (puramente sintomático) numa doença crônica. A primeira dose desse poderoso medicamento, que aqui age de uma





INTRODUÇÃO

maneira enantiopática, diminui seguramente o número das pulsações arteriais, por algumas horas, após a primeira dose; no entanto, o pulso não tarda muito a recobrar sua antiga velocidade. Se, aumenta-se a dose com o fim de tornar ainda mais lento o pulso, o conseguem outra vez, porém por tempo mais curto. Então o alopata dobra as doses de digital e encurta o espaço entre suas administrações; agora porém, não só a virtude dessa planta é completamente ineficaz para conter a frequência das batidas do coração, mas como o número das pulsações cresce até o ponto de *não podê-las contar*, o enfermo, que vinha diminuindo o apetite e perdendo as forças, se encontra transformado num verdadeiro cadáver. Os poucos enfermos que, tratados com a digital, *escapam da morte*, caem infalivelmente numa mania incurável ⁽²⁶⁾.

Eis aqui como os alopatas dirigem seus tratamentos. Mas os enfermos se viam obrigados a se sujeitar a estes desastrosos procedimentos, pois não encontravam nenhum alívio mudando de médico, uma vez que a instrução de todos provinha do mesmo manancial impuro.

A causa fundamental das doenças crônicas (não venéreas), e os meios para curá-las, eram desconhecidos dos práticos, que no entanto, se pavoneavam de suas curas, dirigidas, segundo afirmavam, contra as causas, e do cuidado que aparentavam ter em buscar a *origem* das afecções, para formar seu diagnóstico ⁽²⁷⁾. Como poderiam curar o imenso número de doenças crônicas com seus métodos indiretos, imi-tações perigosas e imperfeitas do *impulso* da força vital não inteligente, impulso que não está destinado a servir como modelo da conduta que se deve seguir em medicina?

Os que acreditavam que a causa da enfermidade poderia ser deduzida dos sintomas que esta expressava, dirigiam suas pretendidas curas radicais contra o espasmo, a inflamação (pletora), a febre, a debilidade geral ou parcial, a pituita, as obstruções, a putridez etc., imaginando que iam afastando a causa da enfermidade com seus antiespasmódicos, antiflogísticos, fortificantes, excitantes, antissépticos, fundentes, resolutivos, derivativos, evacuantes e outros meios antagonistas, cujos efeitos não conheciam (senão muito superficialmente).





SAMUEL HAHNEMANN

Porém estas vagas indicações não são suficientes para buscar e encontrar os remédios que sejam da verdadeira ajuda, e menos ainda para achá-los na *matéria médica* da escola antiga, que, como já foi demonstrado em outro lugar ⁽²⁸⁾, se apoia, na maioria das vezes, em simples conjecturas e conclusões (*ab usu in morbis*) deduzidas dos efeitos obtidos da aplicação desses meios nas enfermidades.

Procedia-se de maneira igualmente arriscada quando, deixando-se guiar por indicações hipotéticas ainda, agiam contra a falta ou o excesso de oxigênio, de carbono, de azoto ou de hidrogênio nos humores; contra exaltação ou diminuição da irritabilidade, da sensibilidade, da reprodução, da astenia etc., sem conhecer meio algum que possuísse a virtude de alcançar o objetivo tão fantástico. Porém isso não impedia que se fizessem ostentação desses meios curativos que nenhuma vantagem retornava aos enfermos.

Porém toda a aparência de tratamento racional das enfermidades, desaparecia ao fixar a atenção sobre o costume consagrado pelo tempo, e ainda erigido como lei, de associar diferentes substâncias medicinais para compor o que se chama uma receita ou fórmula. Põe-se à testa nesta fórmula com o nome de *base* um medicamento (cuja esfera medicinal é completamente desconhecida), mas que se lhe supõe a virtude de combater o caráter principal que o médico atribui à enfermidade; unem-se à base, *ajudantes*, uma, duas ou mais substâncias (cuja maneira de afetar o organismo não é menos desconhecida que a base), mas que são destinadas pelo médico a preencher alguma indicação acessória, ou dar a maior energia à virtude curativa da primeira; acrescenta-se um *corretivo* (cujas propriedades medicinais não se conhecem melhor que as dos agentes anteriores); mistura-se tudo, fazendo entrar algumas vezes um xarope qualquer ou uma água destilada, que também possui suas virtudes medicinais, e se supõem que cada um dos ingredientes dessa mistura, uma vez introduzidos no corpo do enfermo, desempenhará o papel que o pensamento do médico lhe assinalou, sem deixar-se perturbar pelos demais que o acompanham. O bom senso nega-se a admitir que os medicamentos assim misturados, se conduzem simultaneamente





INTRODUÇÃO

no corpo do enfermo da maneira que o médico lhes ordenou. Um dos ingredientes destrói ao outro total ou parcialmente em seu modo de agir, ou lhe imprime, o mesmo que aos demais da mistura, um novo modo de ação, que não se havia previsto, de forma que o efeito que se esperava de sua administração não pode se produzir. O inexplicável enigma das misturas de medicamentos, traz consigo muitas vezes uma modificação da enfermidade, que não era esperada, e que às vezes, não se pode distinguir claramente em meio ao conjunto de sintomas, donde muitas vezes procede que, não se atribuindo essa modificação ao uso dos medicamentos administrados, o uso da receita é continuado, até determinar uma nova enfermidade artificial permanente. Se o enfermo não usa por muito tempo os medicamentos de uma mesma receita e se lhe dão os componentes de outras diferentes e variadas receitas, resulta com frequência pelo menos o aumento da debilidade, pois as substâncias que se prescrevem, geralmente têm pouca ou nenhuma analogia com a enfermidade primitiva, não fazendo mais que atacar a integridade do organismo, sem utilidade alguma para o enfermo.

Ainda que fosse conhecida a ação dos medicamentos sobre o organismo humano (e o médico que formula a receita, frequentemente não conhece a centésima parte de seus constituintes), misturando muitos deles, alguns dos quais já sendo compostos, e cada um diferindo muito dos outros relativamente à sua energia especial, ordenando ainda que o enfermo tome essa mistura inconcebível em grandes doses e frequentemente repetidas, pretendendo o efeito curativo, ainda assim, cometeria um absurdo que revolta a todo o homem sem prevenções e acostumado a refletir ⁽²⁹⁾).

O resultado desta medicação é naturalmente oposto ao que se espera. Com ela se produzem mudanças, é verdade, contudo não há uma só que seja favorável ou conforme a finalidade desejada.

Se perguntasse agora, a qual destas manobras, executadas às cegas no corpo do homem enfermo, se poderia chamar de *cura*, o que se me responderia? Que nenhuma seguramente!

Só se deve esperar a cura da reação da força vital, depois que tenha





SAMUEL HAHNEMANN

recobrado seu ritmo natural de atividade, em virtude de um medicamento apropriado. Em vão esperar-se-ia obtê-la extenuando o corpo, segundo os preceitos do que se tem chamado arte de curar. E, no entanto, a escola antiga não sabe opor à evolução da doença crônica, mais que meios próprios para martirizar o enfermo, esgotar suas forças, extrair--lhe os humores e encurtar sua vida! Como se pode salvar, destruindo? É se a medicina antiga destruindo pretende salvar, merece realmente o título de arte de curar? Agindo *lege artis* da maneira mais oposta a seu objetivo, que fazendo o contrário *αλλοια*, do que seria conveniente de maneira que (quase que se poderia crer que é com intenção decidida) de fazer mal. É possível que devamos tolerá-la e deixá-la preconizar tranquilamente suas curas racionais?

Nestes últimos tempos têm exagerado tanto em sua crueldade para com os enfermos e no absurdo dos seus métodos de tratamento, que todo o observador imparcial deve reconhecê-lo, e até mesmo os médicos saídos de seu próprio seio, movidos por suas consciências, como Krüger-Hausen, têm-se visto na obrigação de confessá-lo publicamente.

Já era tempo de que a eterna sabedoria do Criador e conservador dos homens, pusesse termo a estas abominações, e que fizesse aparecer uma medicina inversa, que em vez de esgotar os humores e as forças por meio de vomitivos por anos a fio, purgantes, banhos quentes, sudoríficos e sa-livantes; de verter em excesso o sangue indispensável à vida; de torturar com toda classe de meios dolorosos; de acrescentar insensatamente novas enfermidades às antigas, e de tornar incuráveis estas últimas pelo uso prolongado de medicamentos heroicos, desconhecidos em sua maneira de agir; em uma palavra, de colocar o arado à frente dos bois, segundo o lema: *contraria contrariis curentur*, e de abrir sem piedade um largo caminho à morte, economiza todo o possível a força dos enfermos, e lhes leve com suavidade e prontidão a uma cura duradoura com o auxílio de um pequeno número de agentes simples, bem conhecidos em sua ação, eleitos com discernimento e administrados em doses mínimas seguindo a única lei de cura conforme a natureza: *similia similibus curentur*. Já era tempo de que se descobrisse a Homeopatia.





Exemplos de curas homeopáticas verificadas

involunta-riamente por médicos da escola antiga

Através de observação, meditação e experiência eu descobri que, ao contrário da velha alopatia, a verdadeira, melhor e mais acertada maneira de curar se resume nesta tese: *Escolha para poder curar suave, rápida, acertada e duradouramente em cada caso de doença, um medicamento que é capaz de produzir por si mesmo uma afecção semelhante à que pretende curar.*

Este método homeopático não foi *ensinado nem posto em prática* por ninguém antes de mim. Porém se este método é o único que está em harmonia com a verdade, do que se poderá convencer lendo este livro, temos o direito de esperar que, ainda que desconhecido por tanto tempo, cada século nos ofereça no entanto, provas decisivas de sua existência ⁽³⁰⁾. Isto é com efeito o que acontece.

Os enfermos que em qualquer época têm *sido curados de maneira pronta, duradoura, positiva e manifesta* pelo auxílio de algum medicamento e não por alguma circunstância favorável, ou porque a enfermidade aguda houvesse chegado a sua evolução natural, ou porque as forças do enfermo hajam recobrado enfim, pouco a pouco seu ritmo normal, durante um tratamento alopático ou antipático (pois ser curado diretamente, dista muito de sê-lo por uma via indireta), estas enfermidades têm cedido, ainda que por ignorância do médico, à ação virtual de um remédio homeopático, isto é, à ação virtual de um agente que possuía a faculdade de produzir por si mesmo um estado mórbido, semelhante àquele para cuja eliminação se empregava.

Até nas *verdadeiras curas*, obtidas em virtude da ação de medicamentos compostos, cujos exemplos não são muito frequentes, se observa que a ação do remédio que dominava aos demais da mistura, era sempre de índole homeopática.

Ainda se nos apresenta mais evidente esta verdade, em certos casos em que os médicos, esquecendo-se da prática rotineira de misturar muitos medicamentos em cada receita, conseguiram curas rápidas com o auxílio de um medicamento simples. Então se via com surpresa





SAMUEL HAHNEMANN

que era devida a uma substância medicinal, capaz de produzir *por si mesma* uma enfermidade semelhante à que curava, ainda quando o médico desconhecia o que fazia, e não agisse desta maneira, senão esquecendo-se dos terminantes preceitos de sua escola. Administrando um medicamento contrário ao que sua terapêutica lhe ensinava, por essa única razão, destruía a enfermidade e só assim restabelecia a saúde de seu enfermo ⁽³¹⁾.

Deduzindo-se os casos em que se havia fornecido aos médicos comuns (não sua arte inventiva, mas *o empirismo do homem co-mum*) meios específicos com os quais podiam curar diretamente, por exemplo, a doença venérea do cancro com mercúrio, a doença das contusões com arnica, as febres intermitentes dos brejos com casca de china, a sarna incipiente com pó de enxofre etc.; excluindo estas, achamos que todas as outras curas dos médicos da velha escola em doenças crônicas, são quase sem exceção debilitações, tormentos e sofrimentos dos doentes já tão torturados que pioram seu estado e os leva à perdição, e por outro lado, levando as famílias à ruína.

Às vezes uma experiência cega os levava ao tratamento homeopático ⁽³²⁾ e mesmo assim, não percebem a lei da natureza, segundo à qual as curas se efetuavam e tinham que se efetuar.

É portanto de maior importância para o bem da humanidade, verificar como estas curas tão extremamente raras e tão maravilhosa-samente eficientes aconteciam. A explicação que se tem a respeito é da maior importância. É que elas nunca se davam de outra maneira senão, através de medicamentos de caráter homeopático, isto é, uma força capaz de produzir uma doença semelhante da doença a ser tratada. Elas aconteciam de maneira rápida e duradoura através de medicamentos que seus receitadores, mesmo contrariando todos os ensinamentos e sistemas de até então, escolhiam por acaso (sem saber ao certo o que estavam fazendo e porque o faziam). E assim, contra sua própria vontade, viam-se diante da necessidade de confirmar a única lei de cura da natureza, a homeopatia; uma lei de cura que nenhum médico de épocas passadas, por estar ofuscado pelos preconceitos, se esforçou por encontrar, ainda que tantos fatos e tantos avisos os





EXEMPLOS DE CURAS HOMEOPÁTICAS

levassem nesta direção.

Até a prática com remédios caseiros da classe não médica, mas que dotada de uma sadia capacidade de observação, aceitou em sua experiência este meio de cura como o mais seguro, mais sólido e o mais infalível.

Nos membros recém congelados coloca-se chucrute gelado ou esfrega-se neve⁽³³⁾.

A mão sobre a qual caiu caldo quente o cozinheiro experiente mantém a pequena distância do fogo e não dá importância à dor inicialmente aumentada, pois pela experiência ele sabe, que assim em pouco tempo, às vezes em poucos minutos, a parte queimada pode se transformar em pele sadia e indolor⁽³⁴⁾.

Outros não médicos inteligentes, por exemplo os *vernizadores* colocam nas partes queimadas uma substância semelhante, que provoca *ardor*; *álcool* forte bem aquecido⁽³⁵⁾ ou *óleo de terebintina*⁽³⁶⁾ e se recuperam assim em poucas horas, ao passo que os unguentos refrescantes não o permitem meses a fio e água fria ainda piora o mal⁽³⁷⁾.

O velho ceifador experiente, mesmo o que não costuma tomar aguardente, nunca tomará água fria, se ele houver se esforçado no calor do sol até ficar com febre ardente (*contraria contrariis*) – ele conhece a perniciosidade desta medida – mas toma um pouco menos de um líquido que provoque *calor*, um gole moderado de aguardente; a mostra da verdade, a experiência o convenceu da grande vantagem do poder de cura deste método homeopático; seu calor é rapidamente removido como também seu cansaço⁽³⁸⁾.

De tempos em tempos houve até médicos que pressentiam que os medicamentos capazes de através de sua força produzir sintomas mór-bidos curam situações mórbidas análogas⁽³⁹⁾.

Assim diz o autor do livro *περι τόπων των και ανθρωπων* [sobre as coisas referentes ao homem] que se encontra entre os hipocráticos⁽⁴⁰⁾ as palavras memoráveis:

δια τα ομοια νοσος γίνεται, και δια τα ομοια προσφερομενα εχ νοσωντων υγιαίνονται, - δια το εμείσω επιστος παύεται. -





SAMUEL HAHNEMANN

[A doença nasce através dos semelhantes e através dos semelhantes OS doentes são trazidos à saúde – pelo vomitar o vômito cessa] (*).

Da mesma maneira outros médicos posteriores sentiram a verdade do método de cura homeopática e se pronunciavam a respeito. Assim, por exemplo, *Boulduc* ⁽⁴¹⁾ reconhece que a qualidade purgativa do ruibarbo é a causa de sua força de parar uma diarreia.

Detharding adivinha ⁽⁴²⁾ que a infusão de folhas do sene acalma a cólica em adultos, pelo seu efeito análogo de provocar cólicas em pessoas sãs.

Bertholon ⁽⁴³⁾ confessa que a eletricidade ameniza e destrói a mais intensa dor semelhante em doenças que ela mesma possa provocar.

Thoury ⁽⁴⁴⁾ afirma que a eletricidade positiva de um lado acelere as batidas do pulso, mas quando este se encontra morbidamente ace-lorado, o torna mais lento.

Von Stoerck ⁽⁴⁵⁾ lembra: “Se o estramônio arruina a mente e produz a loucura em pessoas sãs, não se deveria deixar de experimentar, se ele em loucos não seria capaz pela mudança das ideias, de recuperar a razão sadia?”

Mas de maneira mais clara, foi um médico de um regimento dinamarquês, Stahl que manifestou sua convicção sobre o assunto, dizendo: ⁽⁴⁶⁾ “É totalmente errada e às avessas a regra adotada na arte medicinal, de que se devesse curar por meios contrários (*contraria contrariis*), ele por sua vez estaria convencido de que por um meio capaz de provocar um mal semelhante (*similia similibus*) as doenças retrocederiam e seriam curadas. – Queimaduras por aproximação do fogo, membros congelados por colocar neve em cima e água o mais fria possível, inflamação e esmagamento por destilados espirituosos e desta maneira ele cura a propensão para acidez estomacal por uma dose muito pequena de ácido vitriólico, com o resultado mais feliz, onde se tinha trazido em vão uma porção de pós absorventes”.

Tão perto estava-se às vezes da grande verdade! Mas eles contentavam-se com apenas um breve pensamento e assim a indispensável mudança do antiquíssimo tratamento médico das doenças, das curas inadequadas de até agora para uma arte de curar autêntica, verdadeira e segura ficou não executada até os nossos tempos.

* Tradução do grego realizada pelo Prof. Henrique Graciano Murachco.





Notas da Introdução

¹Mas se sua conduta tivesse sido conforme a razão e a sã filosofia, se para tratar uma enfermidade, tivessem inquirido acerca da causa ocasional próxima ou remota, e depois de haver confirmado com a experiência um plano de tratamento nas enfermidades dependentes de uma mesma causa ocasional, teriam podido depois aplicá-lo com bom resultado às outras de igual origem, assim como por exemplo, o mercúrio, que convindo às úlceras venéreas, é apropriado também às úlceras da glândula, que procedam de um coito impuro. Se tivessem compreendido que todas as doenças crônicas (não venéreas) têm por causa a infecção antiga ou recente do miasma da sarna, (Krätz-Miasm),

(com Psora), e tivessem encontrado logo um método curativo comum, modificado somente por considerações terapêuticas relativas a cada caso particular, que lhe permitissem curar a todas; então teriam podido afirmar que conheciam a causa das doenças crônicas não venéreas, e que essa causa era reconhecível para tratá-las com sucesso. Porém como não foi assim, e os médicos até hoje não suspeitavam da existência do miasma psórico, cuja descoberta pertence à Homeopatia, claro é que não puderam curar as inúmeras afecções crônicas que afligem o gênero humano. No entanto, lisonjeiam-se de serem os únicos que possuem um tratamento racional dirigido contra a causa primária das enfermidades, sem suspeitar sequer que todas procedem de uma origem psórica, e que não podem curar-se com seus meios de tratamento.

²O médico que trata a enfermidade por seus caracteres gerais, não pode chamar-se Homeopata, pois não é mais que um alopata generalizador, porque é impossível conceber a Homeopatia sem a mais absoluta individualização.

³Chamados hoje homeopáticos.

⁴Nos casos em que a natureza havia dado a conhecer a virtude curativa dos medicamentos agindo de maneira homeopática, a escola antiga, que não podia explicar isso, declarava *específicos* à esses agentes, e essa palavra, que falando com propriedade, carecia completamente de sentido, dispensava a reflexão sobre o objeto em questão. Muito tempo faz que estes estimulantes homogêneos, alterantes ou específicos (isto é, homeopáticos) têm sido interditados por exercerem uma influência extremamente perigosa (Raul Uber d. homeopath. Heilderf. Hedelberg.





SAMUEL HAHNEMANN

1824, pág. 101, 102).

⁵ Em uma afecção gástrica, que se apresenta de uma maneira repentina com eructos repugnantes de alimentos estragados, e geralmente com abatimento moral, frio nos pés e nas mãos etc., a medicina comum só se preocupa com o contido no estômago. Segundo ela, deve-se administrar um forte vomitivo para procurar a expulsão das matérias alteradas. Na maioria das vezes cumpre-se essa indicação por meio de antimônio tartárico, misturado ou não com a ipecacuanha. Porém, o enfermo recobra sua saúde depois de haver vomitado? Não. Essas afecções gástri-cas, *de origem dinâmica*, ordinariamente derivam de alguma forte alteração moral (contrariedade, desgosto, susto), de um resfriamento, de um trabalho mental ou físico, executado logo após ter comido, frequentemente mesmo depois da ingestão moderada de alimento. O antimônio e a ipecacuanha, esses dois medicamentos, não são apropriados para fazer cessar esta desarmonia dinâmica, e muito menos o vômito violento que determinam. Ademais, os sintomas mórbidos particulares do tartarato emético e da ipecacuanha, são uma ofensa a mais à saúde, e a secreção biliar se ressent de dessa desarmonia, de maneira que se o enfermo não é de uma constituição forte, deve ressentir-se *por muitos dias* desse tratamento, dirigido contra a preten-dida causa, por mais que se haja expulsado violentamente o contido no estômago.

Mas se em lugar desses evacuentes tão prejudiciais, se fizer o enfermo tomar uma só vez um glóbulo de açúcar, do volume de um grão de mostarda, embebido no suco bastante diluído de *Pulsatilla*, que infalivelmente devolve a ordem e a harmonia à economia inteira e no estômago em particular, ele se encontrará curado ao cabo de duas horas. Se há ainda alguns eructos violentos, são unicamente de gases sem sabor nem odor; o contido no estômago não está mais alterado, e na próxima refeição o indi-víduo recobrou seu apetite habitual e se acha em perfeita saúde. É a isso que podemos chamar uma verdadeira cura, que destruiu a causa. A outra não tem esse título, senão por usurpação; não faz mais que fatigar o enfermo e prejudicá-lo.

Os medicamentos vomitivos jamais convém a um estômago cheio de alimento, ainda que sejam de difícil digestão. Nesse caso, a natureza sabe desembaraçar-se com-pletamente por nojo, mal estar e vômitos espontâneos, que ela mesma excita, e quando muito pode-se ajudar com titilações mecânicas exercidas no céu da boca e na garganta.

Assim evitam-se os efeitos colaterais que resultariam da ação dos vomitivos, e uma





NOTAS DA INTRODUÇÃO

pequena quantidade de efusão de café basta então para fazer passar aos intestinos os materiais que ainda estivessem no estômago.

Porém, somente se depois de haver-se enchido novamente, o estômago não retivesse o alimento ou tendo perdido a irritabilidade necessária para a manifestação do vômito espontâneo, e se o enfermo atormentado de fortes dores no epigástrico, não sentisse o menor desejo de provocar; nessa paralisia da víscera gástrica, o efeito do vomitivo seria determinar uma inflamação perigosa ou mortal das vias digestivas, ao passo que uma efusão de café, dada em pequenas e repetidas doses, reanimaria dinamicamente a debilitada excitabilidade do estômago, e o poria em condição de expulsar por si só, acima ou abaixo, os materiais contidos em seu interior, por maior que fosse a quantidade. Nisso também, os médicos comuns equivocam-se, querendo dirigir o tratamento contra a causa.

Quando o ácido gástrico é muito abundante e reflui à boca, o que não é raro, a prática até hoje admitida, ainda que nas doenças crônicas, exige a administração de um vomitivo para desembaraçar o estômago. Porém, no dia seguinte, ou alguns dias depois, a víscera contém outro tanto, se não mais, dos mesmos materiais que pouco antes se haviam expulsado. As azias ao contrário, cedem por si mesmas, quando se ataca sua causa dinâmica com uma pequeníssima dose de ácido sulfúrico muito diluído, ou melhor ainda, de um medicamento antipsórico, homeopático aos demais sintomas.

E deste modo existem mais curas causais da velha escola, cuja pretensão maior é remover o distúrbio dinâmico com medidas poderosas e difíceis e ainda com desvantagem, sem reconhecer a origem dinâmica do mal, destruí-la com todos os seus produtos e assim *curá-la* completamente.

⁶ Sintomas que dependem unicamente de um miasma psórico, e que cedem facilmente aos antipsóricos (dinâmicos), sem vomitivos nem purgantes.

⁷ Ainda que quase todas as hemorragias morbosas dependam de um desarranjo dinâmico da força vital, a escola antiga, no entanto, lhes assinala como causa a superabundância de sangue, prescrevendo sangrias para desembaraçar o corpo dessa suposta plenitude. As conseqüências fatais que disso resultam, a falta de forças e a tendência ou ainda a transição ao tifo, são colocadas na mesma enfermidade, *sobre a qual então não pode triunfar*. Em resumo, quando o enfermo não melhora, crê que, tendo se conduzido em conformidade com o adágio *causam tolle* cumpriu com tudo o que podia fazer, sem ter que se arrepender do procedimento.





SAMUEL HAHNEMANN

⁸ Ainda que não haja uma só gota de sangue a mais no corpo humano vivo, nem por isso a escola antiga deixa de considerar a pletora e a superabundância de sangue como a causa material principal das inflamações, que deve combater com sangrias, ventosas escarificadas e sanguessugas. A isso é o que ela chama de agir de modo racional, e dirigir o tratamento contra a causa. Nas febres inflamatórias gerais, e nas pleurisias agudas, considera a linfa coagulável que existe no sangue, ou o que se chama crosta, como a *materia peccans*, e se esforça quanto lhe é possível para fazê-la sair por meio de reiteradas sangrias, por mais que essa crosta volte mais espessa ou mais densa a cada nova emissão de sangue. Se a febre inflamatória não quer ceder, derrama sangue muitas vezes até o ponto de matar o enfermo, com o fim de fazer desaparecer a crosta, ou a suposta pletora, sem suspeitar sequer que a inflamação do sangue não é mais que um produto da febre aguda, da irritação inflamatória morbosa, de natureza espiritual (dinâmica), e que essa última é a única causa do grande transtorno que tem lugar no sistema vascular e que se pode destruir com uma dose mínima de um remédio homeopático, por exemplo, com um glóbulo de açúcar embebido com suco de acônito ao decilionésimo grau de diluição, evitando os ácidos vegetais, de tal sorte que a febre pleurítica *mais violenta*, com todos os sintomas alarmantes que a acompanha, cura-se completamente no espaço de vinte e quatro horas, quando muito, *sem nenhuma emissão sangüínea, sem nenhum an-tiflogístico* (se se tira um pouco de sangue da veia para fazer uma prova, de crosta inflamatória), enquanto que outro enfermo, num todo semelhante, que escapar da morte depois de copiosas sangrias e de cruéis sofrimentos, padece muito comumente meses inteiros, enfraquecido e esgotado em suas forças, e ainda em muitos casos sucumbe à conseqüência de uma febre tifoide, de uma leucoflegmasia, ou de uma tísica ulcerada, conseqüência demasiado frequente de semelhante tratamento.

Quem pôde apreciar o pulso tranquilo do indivíduo uma hora antes do calafrio que precede sempre à pleurisia aguda, não pode deixar de surpreender-se duas horas depois, quando se manifestou o calor, persuadindo-lhe que a enorme pletora que existe reclama reiteradas sangrias, e admira-se perguntando por qual milagre se pôde infundir as libras de sangue, cuja emissão se reclama, nos mesmos vasos do enfermo que duas horas antes batia com um movimento tão lento. Pode, no entanto, pois não há em suas veias uma onça de sangue a mais da que havia antes, quando





NOTAS DA INTRODUÇÃO

o paciente estava em perfeita saúde, e assim também duas horas antes.

Assim, quando o partidário da medicina alopática pratica suas emissões sangüíneas, não é um sangue supérfluo o retirado do enfermo afetado de uma febre aguda, pois que esse líquido jamais existe em excesso, priva-o sim da quantidade de sangue normal e indispensável à vida e ao restabelecimento da saúde, perda enorme que já não está em seu poder de reparação. No entanto, crê ter agido segundo o axioma *causam tolle*, ao qual dá uma falsa interpretação, enquanto que a única e verdadeira *causa da enfermidade* não é uma superabundância de sangue que na realidade jamais existe, mas sim uma irritação inflamatória dinâmica do sistema sangüíneo, como o *prova a cura* que em semelhantes casos se obtém pela administração, em doses extremamente fracionadas, do suco de acônito, que é homeopático a essa irritação.

A escola antiga não diminui tão pouco as emissões sangüíneas parciais, e sobretudo aplicações copiosas de sanguessugas no tratamento das inflamações locais. O alívio paliativo que disso resulta nos primeiros momentos, não vai coroado de uma cura completa e rápida, longe disso, a debilidade e o estado enfermiço a que fica exposta a parte que desta maneira foi tratada, e às vezes também todo o corpo, demonstram quão mal se havia atribuído a inflamação local à uma plethora, e quão tristes são os resultados das emissões sangüíneas, enquanto que essa irritação infla-matória, de aparência local, que é puramente dinâmica, pode destruir-se de maneira pronta e duradoura com uma pequena dose de acônito, ou segundo as circunstâncias, de beladona, meio pelo qual a enfermidade é curada sem necessidade de recorrer às sangrias, que nenhuma utilidade têm.

⁹ A vida estava em perigo quando da injeção de um pouco de água em uma veia (Mull, History of royal society, vol. IV).

O ar atmosférico introduzido nas veias, causou a morte (J.H. Voigt, Magazin fuer den neuesten Zustand der Naturkunde, t. III. pág. 25).

Os líquidos, ainda que os mais suaves, introduzidos nas veias, põe a vida em perigo (Autenrieth, fisiologia, II - § 784).

¹⁰ Uma menina de oito anos, tendo sido mordida por um cão raivoso, em Glasgow, sofreu uma excisão, efetuada por um cirurgião, sobre toda a parte afetada pelos





SAMUEL HAHNEMANN

dentem, o que não impediu que trinta e seis dias depois, se desenvolvesse a raiva, da qual morreu ao cabo de dois dias (Med. comment. Of Edinb., dec. II, vol. II, 1793).

¹¹Para explicar a produção de quantidade tão considerável de materiais fecais pútridos e de materiais fétidos ulcerosos, que se observam frequentemente nas enfermidades, e poder apresentar essas substâncias como a causa que produz e mantém o estado mórbido, ainda que no momento da infecção nada de material se tenha visto penetrar no corpo, se tem imaginado outras hipóteses, que consiste em admitir que certos princípios contagiosos muito sutis, agem no corpo como fermentos, comunicando seu mesmo grau de corrupção aos humores, e convertendo-os desse modo num fermento comum que mantém e alimenta a enfermidade. Porém, por meio de quais beberagens depurativas espera-se livrar o corpo de um fermento que renasce sem cessar, e separá-lo tão completamente da massa dos humores, para que não fique a menor partícula, a qual, segundo a hipótese admitida, haveria de corromper esses humores, e reproduzir, como antes, novos princípios? A que grosseiras inconseqüência conduzem as hipóteses, ainda que as mais sutis, quando descansam num erro! Segundo essa escola seria impossível a cura das enfermidades.

A sífilis mais marcada, depois de separada a Psora que comumente a complica, se cura somente com a influência de uma ou duas doses muito pequenas da *trigésima diluição* do mercúrio metálico, e a alteração sífilítica geral dos humores se extingue para sempre de maneira dinâmica.

¹²Se fosse assim, bastaria assoar bem para curar-nos, infalível e rapidamente, qualquer coriza, mesmo a mais inveterada.

¹³Nas enfermidades verminosas, a expulsão dos vermes tem certa aparência de necessidade. Acham-se lombrigas em algumas crianças, e oxiúros em muitas dessas; porém esses parasitas dependem de uma afecção geral, unida à condições insalubres. Melhorem-se essas condições e cure-se homeopaticamente a Psora, sempre mais fácil nesta idade que em outra qualquer época da vida, e não haverá mais vermes, e as crianças terão uma saúde completa, ao passo que reaparecem em grande número depois do uso de purgantes, sozinhos ou associados à *Semen contra* (*).

Porém se dirá, talvez, que é mister não descuidar-se nem deixar nada por fazer para expulsar do corpo o verme solitário, esse monstro criado para tormento do gênero humano.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

Certo é que se faça sair *algumas vezes* a tênia. Mas, à custa de quantos sofrimentos consecutivos e de quantos perigos para a vida! Não queria ter sobre minha consciência a morte de todos aqueles que têm sucumbido à violência dos purgantes dirigidos contra esses vermes, e os anos de languidez que sofreram os que escaparam da morte. E, quantas vezes ocorre, que depois de haver repetido por muitos anos consecutivos esses purgantes, destruidores da saúde e da vida, o animal não sai, ou se sai se reproduz? Que seria pois, se não houvesse a menor necessidade de expulsá-lo e matá-lo por meios violentos e cruéis, que tão frequentemente com-prometem a vida do enfermo? As diversas espécies de tênia só se encontram em indivíduos psóricos, e desaparecem sempre que se cura a Psora. Até o momento da cura vivem sem incomodar muito o homem, não em imediato contato com os intestinos, mas sim envoltos nos resíduos dos alimentos, ou submersos como em um mundo próprio para eles, onde vivem tranquilos, encontrando o necessário para sua nutrição. Durante estas circunstâncias, não tocam as paredes do intestino, nem causam nenhum incômodo nem dano à pessoa que os contém. Porém, se se apodera do indivíduo alguma enfermidade aguda, o contido nos intestinos torna-se insuportável para o animal, que se revolve incessantemente, irritando as paredes sensíveis do tubo intestinal excitando uma espécie de cólica espasmódica, contri-buindo com os sofrimentos dos enfermos (da mesma maneira, o feto não se agita, nem se move na matriz, senão quando a mãe está enferma, e permanece tranquilo na água em que nada, enquanto que aquela está sã).

Faz-se digno de nota que os sintomas que se observam nesta época, nos que têm verme solitário, são de natureza tal, que a tintura de feto macho, à doses pequenas, os faz desaparecer rapidamente de uma maneira homeopática, porque faz cessar o que na enfermidade ocasionava a agitação do parasita. Encontrando-se depois o animal a seu gosto, continua vivendo tranquilamente em meio dos materiais intestinais, sem incomodar sensivelmente o enfermo, até que o tratamento antipsórico esteja bastante adiantado, para que o verme já não encontre no conteúdo do canal intestinal as substâncias que lhe possam servir de alimento, e desapareça para sempre, sem necessidade de qualquer purgante.

(*) Nota do Trad. Bras. : *Cina*.

¹⁴ Em lugar de extinguir o mal com prontidão e sem esgotar as forças, como faz





SAMUEL HAHNEMANN

a Homeopatia, com o auxílio de medicamentos dinâmicos homogêneos, dirigidos contra as partes afetadas do organismo.

¹⁵Como se pudéssemos derivar qualquer coisa de natureza espiritual! Sempre é uma matéria morbífica, por mais sutil que se a suponha.

¹⁶Só as enfermidades medianamente agudas costumam, quando seu tempo de duração está terminando, como se diz, indiferenciar e acabar calmamente, quer tenham sido empregados medicamentos alopáticos não muito agressivos, ou não; a força vital reanimando-se, substitui pouco a pouco o estado normal ao anormal, que desaparece gradualmente. Porém nas doenças muito agudas e nas crônicas, que formam a imensa maioria daquelas a que o homem está sujeito, falta esse recurso, tanto à natureza medicatriz como a escola antiga; aqui, os esforços espontâneos da força vital e dos procedimentos imitadores da alopatia são impotentes para conseguir uma resolução, e quando muito, pode alcançar-se uma trégua de curta duração, durante a qual o inimigo reúne suas forças para, cedo ou tarde, reaparecer mais temível que nunca.

¹⁷Esta expressão significa que se suporia também a presença de uma matéria morbífica para dissolver e expulsar.

¹⁸A medicina comum considera os meios que a natureza emprega para refazer-se, naqueles enfermos que não fazem uso de medicamentos nenhum, como modelos perfeitos, dignos de imitar, mas achava-se completamente errada. Os miseráveis e extremamente incompletos esforços que a força vital faz para auxiliar a si mesma nas enfermidades agudas, são um espetáculo que deve excitar o homem a um descontentamento com uma estéril compaixão, e a desdobrar todos os recursos de sua inteligência, para conseguir uma cura radical, pondo termo a estes tormentos que a natureza impõe-se a si mesma. Se a força vital não pode curar homeopaticamente uma enfermidade já existente no organismo, produzindo outra enfermidade nova e *semelhante* a esta (§ 43-46), o que de fato é muito raro que esteja em seu poder (§ 50), e se o organismo, privado de todos os socorros exteriores, está por si só encarregado de triunfar sobre uma enfermidade que acaba de aparecer (sua resistência é de todo impotente nas afecções crônicas), não vemos mais que esforços dolorosos da natureza do indivíduo, e muitas vezes perigosos, para salvar-se, esforços que não raro, venham sucedidos de morte.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

Tão pouco como nós humanos não podemos ver o que ocorre na economia da vida sadia, tão certo isto tenha que ficar oculto a nós, criaturas, quanto certo é que fique abertamente visível ao olho do Onisciente Criador e Mantenedor de suas criaturas, tão pouco também podemos ver o que acontece no interior da vida perturbada, nas doenças.

Alterações que se verificam nas enfermidades, não se anunciam senão pelas mudanças perceptíveis, pelos sintomas, único meio pelo qual nosso organismo pode expressar as alterações surgidas em seu interior, de sorte que em cada caso dado, nem sequer sabemos quais são, entre os sintomas, os devidos à ação primitiva da enfermidade, e os que derivam das reações por meio das quais a força vital procura evitar o perigo. Uns e outros confundem-se entre si à nossa vista, e não nos oferecem senão uma imagem refletida ao exterior de todo mal interior, posto que os esforços infrutíferos pelos quais a vida, abandona a si mesma, trata de fazer cessar a enfermidade, são também sofrimentos do organismo inteiro. Aqui está o motivo pelo qual as evacuações que a natureza ordinariamente promove ao término das enfermidades que a invadiram abruptamente, que é o que se chama de crises, servem mais de prejuízo que de alívio.

O que a força vital faz em suas pretendidas *crises*, e o modo como as realiza, são mistérios para nós, do mesmo modo que todos os atos interiores que se efetuam na economia orgânica do homem. O que, no entanto é certo, é que durante estes esforços há mais ou menos partes que sofrem e que são sacrificadas para salvar as demais. Estas operações da força vital, que combatem uma enfermidade aguda segundo as leis de constituição orgânica do corpo, e não segundo as inspirações de um pensamento reflexivo, não são, na maioria das vezes, senão uma forma de alopatia. Com o objetivo de livrar através de uma crise os órgãos primitivamente afetados, aumenta a atividade dos órgãos secretores, para os quais deriva a afecção dos órgãos distantes; sobrevêm assim vômitos, diarreias, fluxos de urina, suores, abscessos etc., e a força nervosa, atacada dinamicamente, trata em certo modo de descarregar-se por meio de produtos materiais.

A natureza do homem, abandonada a si mesma, não pode livrar-se das enfermidades agudas senão pela destruição e sacrifício de uma parte do organismo, e se a isso não se segue à morte, a harmonia da vida e da saúde não pode restabelecer-se senão de uma maneira lenta e incompleta.

A grande debilidade, o emagrecimento etc., a que os órgãos que têm estado





SAMUEL HAHNEMANN

expostos aos ataques do mal, e até mesmo o corpo inteiro, padecem depois de uma cura espontânea, provam muito exatamente o que se acaba de expor.

Em uma palavra, todo o andamento das operações, pelas quais o organismo por si só trata de desembaraçar-se das enfermidades que padece, não mostra ao observador mais que um tecido de sofrimentos, e nada o faz ver que possa ou que deva imitá-las, se quer realmente exercer a arte de curar.

¹⁹A experiência prova diariamente a imperfeição deste procedimento para curar. Assim, pouquíssimas vezes efetua-se uma cura perfeita. Alguém poderia lisonjear-se de haver conseguido uma vitória, se ao invés de atacar seu inimigo frontalmente e com armas iguais, terminando o combate por sua morte, se limitasse a incendiar o país que deixa atrás de si, a cortar-lhe toda a retirada, e a destruir tudo ao seu redor? Com tais meios conseguir-se-ia irritar e crescer o valor de seu adversário, sem que se conseguisse, no entanto, o objetivo desejado; o inimigo não está aniquilado, ainda existe, e quando puder prover outra vez seus armazéns, erguerá novamente a cabeça, mais temível que antes. Entretanto o pobre país, inocente na questão, fica destruído de tal modo que só com o tempo poderá recobrar seu antigo esplendor.

Aqui está o que acontece com a alopatia nas enfermidades crônicas, quando sem curar a enfermidade, arruina e destrói o organismo por ataques indiretos contra órgãos distantes do sítio do mal. Esta é sua arte tão beneficente!

²⁰Que bons resultados têm tido estes abscessos fétidos mantidos artificialmente, chamados de cautérios? Se nos primeiros quinze dias, enquanto causam muitas dores, parecem diminuir, por seu antagonismo, a enfermidade crônica, mais tarde, quando o corpo habitua-se à dor, não têm *outro efeito* senão o de debilitar e abrir assim um campo mais vasto à afecção crônica. Seria possível que no século XIX houvessem médicos que ainda considerassem estes exutórios como sumidouros pelos quais se arroja a *materia peccans*? Estamos quase inclinados a crer que sim, em vista da profusão com que se empregam.

²¹Nem as evacuações produzidas pela arte o tem conseguido tão pouco.

²²Estas são as conseqüências da supressão dos sintomas locais de que se trata, conseqüências que o médico alopatia olha muitas vezes como enfermidades novas e de todo diferentes.

²³Não é raro, no entanto, que a antiga escola permita-se a uma marcha inversa,





NOTAS DA INTRODUÇÃO

isto é, que quando os esforços da energia vital que tendem a aliviar o mal interno pelas evacuações ou pela produção de sintomas locais externos prejudicam notadamente o enfermo, despenam então contra eles, todo o aparato de seus repercussivos: combate **assim as dores crônicas, a insônia e as diarréias antigas, com o ópio em grandes doses; o vômito, com as poções efervescentes; os suores fétidos dos pés, com os pedilúvios frios e fomentos adstringentes; os exantemas, com as preparações de chumbo e de zinco; as hemorragias uterinas, com injeções de vinagre; os suores coliquativos, com o soro aluminoso; as poluções noturnas, com uma grande quantidade de cânfora; os acessos de calor no corpo e nas faces, com o nitro, os ácidos vegetais e o ácido sulfúrico; as epistaxes, com o tamponeamento das narinas, com tampões embebidos em álcool ou em líquidos adstringentes; as úlceras fétidas dos membros inferiores, com os óxidos de zinco e de chumbo etc.** Porém milhões de fatos atestam o quão prejudiciais são os resultados de semelhante prática.

O partidário da escola antiga, assegura de palavra e por escrito, que exerce uma medicina racional e que busca a causa das enfermidades para curá-las sempre radical-mente, quando em verdade não combate mais que um sintoma isolado, e sempre com grande prejuízo do enfermo.

²⁴ Propriamente falando, é enantiopático, do qual me ocuparei no texto do *Organon* (§ 59).

²⁵ As pessoas afetadas por surdez melhoravam com choques moderados de uma pilha voltaica do farmacêutico de Jevernschen, apenas por algumas horas – que logo não surtiam mais efeito. Ele precisava para conseguir um resultado análogo aumentar os choques, até que estes também não adiantavam mais; no começo os choques mais fortes possíveis ainda conseguiam excitar o ouvido para deixá-lo logo depois completamente surdo.

²⁶ Apesar disso, um dos superiores desta velha escola, *Hufeland*, (v. *Homöopathie*, pág. 22) exalta as qualidades da *digitalis* enaltecendo a si mesmo com as palavras: ninguém negará (apenas a experiência repetida o faz) que a circulação forte demais *pode ser removida por digitalis*. Permanentemente removida? Por um meio enantiopático heroico? Pobre *Hufeland*!

²⁷ Em vão *Hufeland* quis fazer honrar à sua escola antiga, dizendo que ela entrega-se a esta investigação, pois se sabe que antes da publicação de meu Trata-





SAMUEL HAHNEMANN

do das doenças crônicas, a alopatia havia ignorado durante vinte e cinco séculos a verdadeira origem destas afecções (a Psora). Assim, não teria ele que inventar uma falsa fonte (gênese) para as doenças crônicas?

²⁸ Ver os *Prolegômenos* de meu *Tratado de matéria médica pura*, t. I, pág. 1, cap. *Fontes de matéria comum*. Antes da terceira parte da *Matéria Médica Pura*: *Fontes da Matéria Médica de até agora*.

²⁹ Houveram homens na escola comum que reconheceram o absurdo das mis-turas de medicamentos, ainda que eles mesmos seguissem essa eterna rotina con-denada por sua razão. Marcus Herz, expressava-se da seguinte maneira: (*Journal de Hufeland*, II, pág. 33): e “Se se trata de fazer cessar o estado inflamatório, não empreguem nem o nitro, nem o sal amoníaco, nem os ácidos vegetais, mas sim ordinariamente e misturados muitos antiflogísticos, ou melhor, o façamos alternar uns aos outros. Se se trata de resistir à putreidez, não nos basta para alcançar esse objetivo, administrar em grande quantidade qualquer dos antissépticos conheci-dos, a quina, os ácidos minerais, a arnica, a serpentária etc., mas sim reunirmos muitos deles esperando melhores resultados de sua ação combinada, ou melhor, ignorando o que mais conviria no caso presente, acumulamos muitas substâncias e deixamos à casualidade o cuidado de fazer que se produza por umas ou por outras, o alívio que desejamos. Assim excitamos o suor, purificamos o sangue, resolvemos obstruções, provocamos a expectoração, e tão raramente, com a ajuda de um só meio. Para esse resultado, nossas fórmulas são sempre complicadas, quase nunca são simples e puras, não podemos considerá-las como *experimentos relativos aos efeitos das diversas substâncias que entram em sua composição*. Em verdade, em nossas fórmulas estabelecemos de maneira doutoral uma hierarquia entre os meios, e chamamos *base* àquele ou a quem propriamente falando, confiamos o efeito, dando aos outros nomes de *ajudantes*, *corretivos* etc. Porém é evidente que essa classificação é em grande parte arbitrária. Os *ajudantes* contribuem também ao efeito total como a base, ainda que não possamos determinar seu grau de ação. A influência dos *corretivos* sobre as virtudes dos ditos meios, tampouco pode ser indiferente, deve aumentá-las, diminuí-las ou imprimirlhes outra direção. A mudança saudável que determinamos com a ajuda de semelhante fórmula, deve sempre ser considerada como o resultado da reunião de seu conteúdo, *sem que dele*





NOTAS DA INTRODUÇÃO

possamos deduzir nada relativo à atividade especial de cada um dos medicamentos de que se compõe. Sabemos muito pouco para conhecer o que há de essencial em todos os medicamentos, e nossos conhecimentos são muito limitados para saber as afinidades que se manifestam, talvez às centenas, quando se misturam uns com os outros, para que possamos dizer com certeza quais são o modo e o grau de energia de uma substância ainda a mais indiferente em aparência, quando esteja introduzida no corpo humano, combinada com as outras”.

³⁰ A verdade é eterna, como a própria divindade. Ainda que os homens possam negligenciá-la por muito tempo, chegará por fim o dia em que, cumprindo os altos desígnios da Providência, seus raios penetrem a nuvem das preocupações, e derramem sobre a espécie humana uma claridade benéfica, que nada será capaz de extinguir.

³¹ Exemplos disto estão na edição anterior do Organon da arte de curar. Se nos casos que eu vou referir, as doses dos medicamentos forem superiores às que prescreve a medicina homeopática, naturalmente disto se segue o perigo que em geral ocasionam as altas doses de agentes homeopáticos. No entanto, em diversas circunstâncias, que nem sempre é fácil descobrir, comumente se observa que doses muito consideráveis de remédios homeopáticos curam sem causar prejuízo notável, seja porque a substância perdeu sua energia, seja porque sobrevêm evacuações abundantes, resultando na destruição da maior parte do efeito do remédio, seja, enfim, porque o estômago recebeu ao mesmo tempo outras substâncias capazes de neutralizar o poder das doses, por sua ação antidotária.

³² Assim acreditavam expulsar a matéria exalada, supostamente encontrada na pele após resfriamento, quando mandavam beber na fase de frio da febre do resfriado, chá de flor de sabugueiro, que por uma semelhança de efeito peculiar (homeopática) pode fazer desaparecer uma febre destas e restabelecer o doente, da melhor e mais rápida maneira sem suor, se ele ingerisse pouco desta bebida e não tomasse mais nada – as intumescências duras e agudas cuja inflamação demasia-damente forte impede, sob dores insuportáveis, que se transforme numa purgação, eles tratam com cataplasmas muito quentes e sempre renovados e, veja só, a inflamação e as dores diminuem rapidamente com a breve formação do abscesso, como é perceptível pela saliência amarelada, lustrosa e a maciez sensível; imaginam então terem amolecido a dureza com a umidade do mingau, sendo que haviam aquietado





SAMUEL HAHNEMANN

o excesso de inflamação homeopaticamente pelo *calor* mais forte do cataplasma e assim possibilitado a mais breve formação de pus. Porque eles empregavam com sucesso em muitas oftalmias a pomada de St. Yves, cujo ingrediente principal é o óxido vermelho de mercúrio, quando este pode produzir inflamações dos olhos, em qualquer caso? É difícil perceber que agem aqui homeopaticamente? Como um pouco de suco de salsa determinaria um alívio instantâneo na disúria, tão frequente nas crianças, e na gonorréia comum, principalmente tão notável nos vãos e dolorosos esforços para urinar que a acompanham, se esse suco não possuísse por si mesmo a faculdade de excitar, nos indivíduos sãos, desejos dolorosos para urinar e quase impossível de satisfazer, e se por conseguinte, não curasse homeopaticamente? A raiz da pimpinella, que promove uma abundante secreção da mucosidade nos brônquios e na garganta, serve para combater com êxito a angina chamada mucosa, e também se detêm algumas metrorragias com uma pequena dose das folhas de sabina, que possuem por si mesmas a propriedade de determinar hemorragias uterinas, e em uma e outra circunstâncias se age sem conhecer a lei homeopática. O ópio, que em pequenas doses obstipa o ventre, é um dos mais seguros e principais meios contra a constipação que acompanha as hérnias estranguladas e ao volvo, sem que esse descobrimento tenha conduzido ao da lei homeopática, cuja influência era, no entanto, em semelhante caso tão sensível. Têm-se curado úlceras não venéreas da garganta, com pequenas doses de mercúrio, que então agia homeopaticamente.

Muitas vezes se deteve a diarréia por meio do ruibarbo, que determina evacuações intestinais. Curou-se a raiva com beladona, que ocasiona uma espécie de hidrofobia. Fez-se parar, como por encanto, o coma, tão perigoso nas febres agudas, por meio de uma pequena dose de ópio, substância dotada de virtudes aquecedoras e estu-pefaciante. E depois de tantos exemplos que tão alto falam, vêm, todavia, médicos que perseguem a Homeopatia com uma crueldade, que só mostra uma consciência atormentada de remorsos, e um coração incapaz de corrigir-se!

³³ M. Lux. Estabeleceu sobre estes exemplos tirados da prática doméstica, seu método curativo *per idem (aequalia aequalibus)* que designa com o nome de Iso-patia, e que algumas cabeças excêntricas olham como o *non plus ultra* da arte de curar, sem saber como poderão realizá-lo.

Porém, a questão toma outro aspecto, se se julgam conscienciosamente estes exemplos.





NOTAS DA INTRODUÇÃO

As forças puramente físicas são de uma natureza diferente das forças dinâmicas dos medicamentos em sua ação no organismo vivo.

O calor e frio do ar ambiente, da água ou dos alimentos e bebidas, não exercem *por si mesmos* uma influência absolutamente prejudicial no corpo são. Uma das condições da manutenção da saúde, é que o frio e o calor alternem, porém, por si só não agem como medicamentos. Quando nas enfermidades se conduzem como meios curativos, não é em virtude de sua essência, ou porque sejam substâncias por si mesmas prejudiciais, como o são os medicamentos como por exemplo ruibarbo, china etc., ainda que nas doses mais fracionadas, senão unicamente em razão de sua quantidade, mais ou menos considerável, isto é, por seu grau de temperatura; do mesmo modo que, valendo-se do exemplo de forças puramente físicas, uma massa de chumbo machuca dolorosamente minha mão, não porque seja chumbo, posto que uma lâmina delgada não produziria este efeito, senão porque encerra muito metal e é muito pesada.

Se pois, o frio e o calor, são úteis em certas afecções do corpo, tais como os congelamentos e as queimaduras, é somente por razão do grau; assim também, somente quando atingem um grau extremo é que atacam a saúde do corpo.

Uma vez isto estabelecido, encontramos que nos exemplos tirados da prática doméstica, não é a aplicação prolongada do grau de frio que congelou o membro, o que o restabelece isopaticamente, posto que muito longe disso, extinguiria a vida irremissivelmente, mas sim a de um frio aproximado tão só homeopaticamente, e levado pouco a pouco a uma temperatura suportável. Assim, a couve fermentada gelada, que dentro de uma habitação se aplica sobre um membro congelado, não tarda em degelar-se, e em curar também o membro de maneira física homeopática. Iguamente uma queimadura, feita na mão com água fervendo, não cura voltando a aplicar água fervendo, submergindo o membro em líquido a sessenta graus, cuja temperatura diminui a cada instante, até nivelar-se com o aposento. De batatas e maçãs não é a água em ponto de gelo que retira o congelamento isopaticamente, mas sim água somente próxima ao ponto de congelamento. Do mesmo modo, para apresentar outro exemplo de ação física, a dor e a tumefação, causados por um golpe recebido na fronte, diminui homeopaticamente quando se apoia sobre a parte afetada, com energia a princípio, e logo com força sempre decrescente, enquanto





SAMUEL HAHNEMANN

que um golpe semelhante ao que o ocasionou, longe de acalmá-los, o aumentaria isopaticamente.

Pelo que respeita aos fatos que M. Lux refere como curas isopáticas, tais como umas contrações do homem e uma paralisia da coluna em um cachorro, ambas ocasionadas por um resfriamento, e que cederam em pouco tempo ao banho frio, não podem ser explicadas pela isopatia. Os acidentes que designados pelo nome de resfriamento, são atribuídos impropriamente ao frio, posto que comumente se vêm sobrevir nos indivíduos predispostos, depois da ação de uma corrente rápida de ar, ainda que nem sequer fosse fresco. Os diversos efeitos do banho frio no organismo vivo, no estado de saúde e de enfermidade, não podem tampouco, olhar-se sob um único ponto de vista, para que sobre ele possa se fundar um sistema arriscado. Que picadas de cobra possam ser curadas com aplicações na ferida por pedaços desses animais, ainda são fábulas dos tempos antigos, até que uma afirmação tão inverossímil dessas possa ser confirmada através de observações e experiências confiáveis, fato que certamente nunca ocorrerá. Enfim, que um homem hidrófobo haja sido curado da raiva, segundo se diz, administrando-lhe a saliva de um cão raivoso na Rússia, não é suficiente para induzir ao médico consciencioso a repetir semelhante prova, nem para justificar a adoção de um sistema tão pouco verossímil e perigoso, como o da isopatia, que excêntricos seguidores adotam (não o modesto autor do livrinho A Isopatia dos Contágios, Leipz.b.Kollmann) em especial o doutor Gross (vide allg. Hom. Z. H. pág. 72) que prega ser esta isopatia (*aequalia aequalibus*) a única tese certa para a cura e encontra no *similia similibus* apenas um expediente, sendo nisto bastante ingrato, pois apenas ao *similia similibus* é que se deve a fama e a fortuna conseguidos.

³⁴Fernelius (Therap. liv. VI, cap. 20) considerava a exposição da parte queimada ao fogo, como o meio mais a propósito para fazer cessar a dor. John Hunter (on the blood, inflammation etc., pág.218) cita os graves inconvenientes do tratamento das queimaduras com água fria, e prefere muito mais o método de aproximar as partes ao fogo. Nisto se separa das doutrinas médicas tradicionais, que prescrevem os refrigerantes na inflamação (*contraria contrariis*), porque a experiência lhe havia ensinado, que um calor homeopático (*similia similibus*) era o meio mais saudável.

³⁵Sydenham (Opera, pág.271) disse que as reiteradas aplicações de álcool, são pre-feríveis a todo outro meio nas queimaduras. Benj. Bell (System of surgery, third edit.,





NOTAS DA INTRODUÇÃO

1789) respeita igualmente a experiência, que indica os remédios homeopáticos como os únicos eficazes. Eis aqui o modo como se expressa: “O álcool é um dos melhores remédios contra as queimaduras de todo gênero. Quando se aplica, parece, a princípio, aumentar a dor (ver mais adiante, § 164), porém é passageiro, e logo é substituído por um sentimento de agradável calma. Nunca é tão poderoso esse método como quando se submerge a parte no álcool; porém se não pode praticar a imersão, é mister manter a queimadura constantemente coberta com uma compressa embebida nesse líquido”. Eu assinalo, *que o álcool quente ou ainda muito quente, alivia de maneira mais rápida e mais certa, porque é mais homeopático que o álcool frio*. Isto é o que a experiência confirma.

³⁶ Edw. Kentish, que tinha que curar trabalhadores queimados, comumente de modo horrível, nas minas de ulha, pela explosão de gases inflamáveis, os fazia aplicar essência de terebintina quente ou álcool, como o melhor meio que se podia empregar nas queimaduras graves (Essay on burns, Londres, 1798). Nenhum tratamento pode ser mais homeopático que esse, nem há tão pouco outro que seja mais eficaz. O honrado e muito experiente *Heister* (Institut. Chirurg. Tomo I pág.333) confirma isto com sua prática e prega “a aplicação de óleo de terebintina, de álcool e cataplasmas o mais quente que a pessoa possa aguentar”.

Mas a vantagem mais incontestável que se pode notar destas sensações de ardor e queimaduras (aqui homeopáticos); produzidos por agentes colocados sobre as partes queimadas com relação aos agentes paliativos refrescantes e refrigerantes foram em experiências *puras*, onde os dois tratamentos opostos foram aplicados no mesmo corpo, no mesmo grau de queimadura, apenas a título de comparação.

Jonh Bell (em Kühn’s phys. med. Journale, Leipz. 1801 jun. pág.428), tendo que curar uma senhora que se havia queimado em ambos os braços com caldo, cobriu um com essência de terebintina, e o outro o submergiu em água fria. O primeiro já não causava dor em meia hora, enquanto que o segundo continuou doloroso por espaço de seis horas; desde quando o tirava da água experimentava nele dores muito agudas, e a cura desse braço exigiu muito mais tempo que a do outro.

Jonh Anderson (em Kentish, loc. Cit., pág.43) também curou uma mulher que se havia queimado no rosto e no braço com gordura fervendo. Alguns minutos depois, cobriu-se o rosto, que estava muito vermelho e doloroso, com azeite de terebintina, e quanto ao braço, a enferma já o havia submerso em água fria, manifestando o





SAMUEL HAHNEMANN

desejo de esperar pelos efeitos desse tratamento. Ao cabo de sete horas, o rosto estava melhor e a enferma muito aliviada. Com relação ao braço, ao redor do qual se havia renovado continuamente a água, tinha nele dores fortes desde que o tirou do líquido, e a inflamação havia aumentado. No dia seguinte soube que a enferma tinha grandes dores, a inflamação se havia estendido para cima do cotovelo, haviam rebentado muitas e grandes bolhas, e se haviam formado grossas escaras no braço e na mão, que se cobriram então com um cataplasma quente. O rosto não causava a menor sensação dolorosa; mas foi preciso empregar os emolientes por espaço de quinze dias para conseguir a cura do braço.

Quem não vê aqui a imensa vantagem do tratamento homeopático, isto é, de um agente produtor dos efeitos semelhantes ao mal, sobre o método antipático que prescreve a escola antiga?

³⁷J. Hunter não é o único que assinala os graves inconvenientes do tratamento das queimaduras por meio de água fria. Fabric von Hilden (*De combustionibus libellus*, Basil. 1607, cap. V, pág. 11), assegura igualmente, que os fomentos frios são muito prejudiciais nestes casos, posto que produzem efeitos desagradáveis, como a inflamação, supuração e às vezes a gangrena.

³⁸Zimmermann (*De l'Experience*, t.II, pág. 318) nos ensina que os habitantes de países quentes o utilizam com o mais feliz êxito, e que costumam beber uma pequena quantidade de licor espirituoso quando se sentem muito acalorados.

³⁹Ao citar as seguintes passagens de escritores que pressentiram a Homeopatia, minha intenção não é a de provar a excelência deste método, que por si mesmo se estabelece, mas sim a de evitar que me acusem de haver silenciado sobre estas espécies de pressentimentos, para apropriar-me da ideia.

⁴⁰Basil. Froben 1538, pág. 72

⁴¹Mémoires de l'académie royale, 1710.

⁴²Eph. nat. cur., cent. X, obs. 76

⁴³Medicin. Elektricitaet, II, pág. 15 e 282

⁴⁴Mémoire lu à l'acad. de Caen.

⁴⁵Libell. de stram, pág.8

⁴⁶J. Hummel, Comment de arthritide tam tartarea, quam scorbutica, seu podagra et escorbuto. Büdingae 1738. 8, pág.40-42.





ORGANON

DA ARTE DE CURAR





ORGANON DA ARTE DE CURAR

§ 1

A mais alta e *única* missão do médico é restabelecer a saúde de nos doentes, que é o que se chama curar (*).

(*) Sua missão não é porém (com o que tantos médicos gastaram ambiciosamente, até hoje, forças e tempo), forjar ideias e hipóteses vazias sobre a essência íntima do processo vital e as origens da doença no interior do organismo para os chamados sistemas, ou as inúmeras tentativas de explicação a respeito dos fenômenos mórbidos e sua causa imediata, sempre oculta a nós etc., envolvidos em palavras inconcebíveis e num bombástico modo abstrato de expressões de aparência muito erudita a fim de impressionar os ignorantes, enquanto os doentes suspiram, em vão, por socorro. Basta desses sábios devaneios (chamados medicina teórica, e para os quais temos até cátedras próprias); está na hora de, uma vez para sempre, os que se chamam médicos cessarem de enganar os pobres seres humanos com palavras destituídas de conteúdo e comecem finalmente a agir, isto é, a ajudar e curar realmente.

§ 2

O ideal máximo da cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde, ou remoção e aniquilamento da doença, em toda a sua extensão, da maneira mais curta, mais segura e menos nociva, agindo por princípios facilmente compreensíveis.

§ 3

Se o médico percebe claramente o que há para ser curado nas doenças, isto é, em cada caso individual de doença (conhecimento da doença, indicação), se ele claramente percebe o que é curativo nos medicamentos, isto é, em cada medicamento em particular (conhecimento das virtudes medicinais), e se sabe adaptar, de acordo com princípios bem definidos, o que é curativo nos medicamentos, ao que considerou indubitavelmente patológico no paciente, de tal maneira que a cura





SAMUEL HAHNEMANN

deva sobrevir; se sabe adaptá-lo tanto a respeito da conveniência do medicamento mais apropriado quanto ao seu modo de ação no caso de que se trata (escolha do remédio, medicamento indicado), como a respeito da maneira exata da sua preparação e quantidade (dose certa), e do período apropriado de sua repetição; se, finalmente, conhece os obstáculos ao restabelecimento em cada caso, e sabe removê-los de modo que a cura seja durável, então ele saberá agir de maneira racional e profunda, e então ele será um verdadeiro médico.

§ 4

Ele é ao mesmo tempo um conservador da saúde, se conhece as coisas que a perturbam e causam e mantém a doença e sabe afastá--las do homem são.

§ 5

Como auxílio da cura servem ao médico os dados detalhados da causa ocasional mais provável da doença aguda, bem como os momentos mais significativos na história inteira da doença crônica, do sofrimento prolongado, para encontrar a sua causa fundamental, na maioria dos casos devida a um miasma crônico, no que se deve considerar a constituição física visível do paciente (especialmente do paciente crônico), suas características afetivas e intelectuais, suas ocupações, seu modo de vida e hábitos, suas condições sociais e do-mésticas, sua idade e função sexual etc.

§ 6

O observador sem preconceitos - sabendo da futilidade de argumentações metafísicas, que a experiência não pode confirmar - nada percebe, mesmo sendo o mais arguto, em qualquer doença individual, senão alterações reconhecíveis externamente pelos sentidos do corpo e da alma, sinais mórbidos, acidentes, sintomas, i.é., perturbações





ORGANON DA ARTE DE CURAR

do antigo estado são do atual doente, os quais este mesmo sente, as pessoas de seu ambiente percebem e o próprio médico nele observa. Todos esses sinais perceptíveis representam a doença em toda a sua extensão, i.é., formam, juntos, o quadro verdadeiro e único que se pode imaginar da doença (*).

(*) Não compreendo, portanto, como podia vir aos médicos a ideia de procurar e querer encontrar, à cabeceira do doente, o que devia ser curado na doença, apenas no interior escondido e desconhecido, sem cuidarem dos sintomas e dirigirem a cura de acordo com eles; como, digo, podia surgir essa ideia com a pretensão arrogante e ridícula de que se pode restabelecer, com medicamentos (desconhecidos!), as alterações do invisível interior sem considerar atentamente os sintomas, e que a isso se chama curar completa e racionalmente.

Nas doenças, o que se manifesta aos sentidos pelos sintomas não é para o médico a própria doença, visto que ele nunca pode ver a doença latente, o ser imaterial que produz a doença, a força vital? Nem é necessário que ele a veja, mas somente os seus efeitos mórbidos, para assim poder curar a doença. Que mais pre-tende a velha escola procurar no interior recôndito do organismo *como prima causa morbi*, enquanto que rejeita, como objeto de cura, e desdenha, com falso orgulho, a representação sensível e óbvia da doença, os sintomas que se nos apresentam tão claramente? Que mais ele quer curar nas doenças senão isso?

§ 7

Como em uma doença, a respeito da qual nada se apresenta a afastar da causa que manifestamente a ocasione ou a mantenha (*causa occasionalis*) (*), não se pode perceber nada além dos sintomas; é preciso, achando-se na presença de um possível miasma, e observando-se as circunstâncias acessórias (§ 5), que só os sintomas sirvam de guia na escolha dos meios próprios para a cura. A totalidade dos sintomas, **esse quadro da essência interna da doença refletida para fora**, isto é, a afecção da força vital, deve ser o principal e único meio pelo qual a





SAMUEL HAHNEMANN

enfermidade dá a conhecer o remédio de que necessita - o único meio que determina a escolha do medicamento mais apropriado - em suma, a totalidade (**) dos sintomas deve ser, para o médico, a principal, a única coisa que ele deve reconhecer em cada caso de doença e remover pela sua arte, a fim de curar a doença e transformá-la em saúde.

(*) Entende-se que todo médico inteligente afastará, primeiramente, a causa: assim, o mal-estar em geral cessa espontaneamente. Ele removerá do quarto flores cujo perfume forte provoca desmaio e acidentes histéricos; da córnea, o corpo estranho que causa inflamação do olho; de um membro ferido, retirará o aparelho muito apertado que ameaça causar gangrena, e aplicará melhor um mais adequado; descobrirá a artéria ferida causadora do desmaio e fará ligaduras; procurará remo-ver, pelo vômito, bagas de beladona ingeridas etc.; extrairá substâncias estranhas que tenham penetrado nos orifícios do corpo (nariz, garganta, ouvido, uretra, reto, vagina); triturará o cálculo vesical, abrirá o ânus imperfurado do neonato etc.

(**) Em todas as épocas, a velha escola procurava combater com medicamentos e, se possível, suprimir nas doenças um só dos sintomas, não sabendo, muitas vezes, a que outro expediente recorrer - uma unilateralidade que, sob o nome de tratamento sintomático, causou com justa razão desprezo geral, porque por esse meio, nada se ganha, mas muitos inconvenientes daí resultarão. Um único dos sintomas presentes é tanto a própria doença quanto um pé só é o próprio homem. Esse procedimento foi tanto mais repreensível, porque trataram determinado único sintoma apenas com um remédio oposto (só, então, de maneira enantiopática e paliativa), pelo que , após curto alívio, o sintoma reaparecia pior que antes.

§ 8

Não é concebível, nem pode ser provado por experiência alguma no mundo que, removidos todos os sintomas mórbidos e todo o conjunto dos acidentes perceptíveis, reste, ou possa restar, qualquer





ORGANON DA ARTE DE CURAR

outra coisa além da saúde, ou que a alteração mórbida no meio interno não possa ficar destruída (*).

(*) Quando alguém foi recuperado de sua doença por um verdadeiro médico, de tal maneira que nenhum sintoma mórbido tenha permanecido, e todos os sinais de saúde voltaram, pode-se presumir, em tal pessoa, que a doença esteja ainda residente no interior, sem com isso faltar ao bom-senso? Entretanto, o antigo chefe da velha escola, Hufeland, o afirma com as palavras (veja “A Homeopatia”, pág. 27, linha 19): “A homeopatia pode remover os sintomas, mas a doença fica”. - Afirmou-o, em parte por desgosto pelos progressos da homeopatia, em benefício da humanidade, e, parte porque tem ainda conceitos bem materiais da doença, que ele ainda não podia imaginar um modo de ser do organismo alterado pela força vital doente, mas sim uma coisa material que talvez tivesse ficado ainda em qualquer canto do interior do corpo, para, de repente, na melhor saúde, e à vontade, irromper com a sua presença material! Quão grande é ainda a cegueira da velha patologia! Não admira que tal estado só pudesse produzir uma terapêutica, que teve como alvo apenas purgar o pobre doente.

§ 9

No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocra-cia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência.

§ 10

O organismo material, destituído da força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma autoconservação (*); é somente o ser imaterial, animador do organismo material do estado são e no estado mórbido (o princípio vital, a força vital), que lhe dá toda sensação e estimula suas funções vitais.





SAMUEL HAHNEMANN

(*) Ele está morto e submisso apenas ao poder do mundo físico exterior; apodrece e se dissolve novamente em seus componentes químicos.

§ 11

Quando o homem adoecer, essa força vital de natureza espiritual de atividade própria, presente em toda parte no seu organismo (princípio vital), é a única que inicialmente sofre a influência dinâmica (*) hostil à vida, dum agente morbígeno, é somente o princípio vital, perturbado para uma tal anormalidade, que pode fornecer ao organismo as sensações desagradáveis e impeli-lo, dessarte, a atividades irregulares a que chamamos doença; pois essa força invisível por si mesma e apenas reconhecível por seus efeitos no organismo, torna conhecida sua perturbação mórbida apenas pela manifestação de doença nas sensações e funções (a parte do organismo acessível aos sentidos do observador e médico), isto é, por sintomas mórbidos, e não pode torná-lo conhecido de outra maneira.

(*) Que é influência dinâmica - força dinâmica? Verificamos que a nossa Terra, por uma força secreta, invisível, conduz a Lua em torno de si, dentro de 28 dias e algumas horas, e que a Lua levanta em marés, alternadamente, em horas fixas, os nossos mares do norte e os abaixa novamente em horas fixas, ao refluxo (deduzindo-se alguma diferença na Lua cheia e na nova).

Vemos isso e ficamos admirados, pois nossos sentidos não percebem como tal acontece. Aparentemente, isso não acontece por meios materiais ou realizações mecânicas, como as obras do homem. E vemos ao nosso redor ainda muitos outros acontecimentos, como resultado do efeito duma substância sobre outra, sem reconhecermos um nexos perceptível entre causa e efeito. Só o homem culto, experimentado na comparação e na abstração, é capaz de formar para si alguma ideia supersensorial suficiente para manter distante, nos seus pensamentos, tudo que é material ou mecânico, na concepção de tais conceitos; ele chama tais efeitos de dinâmicos, virtuais, i.é., efeitos que resultam da energia e ação puras, específicas,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

absolutas, duma substância sobre outra. Assim, por exemplo, a ação dinâmica das influências morbíficas no homem são, bem como a força dinâmica dos medicamentos no princípio vital, para a restauração da saúde, não é outra coisa senão infecção, e de nenhum modo material, de nenhum modo mecânica, como o é a força dum ímã que atrai um pedaço de ferro ou aço. Vê-se que o pedaço de ferro é atraído por um polo do ímã, porém, como isso acontece, não se vê. Essa força invisível do ímã não precisa, para atrair o ferro, de nenhum meio auxiliar mecânico (material), de nenhum gancho ou alavanca; ele atrai e age sobre o pedaço de ferro ou agulha de aço por meio de pura força própria, imaterial, invisível, de natureza espiritual, i.é., dinamicamente, e comunica da mesma maneira invisível, dinâmica, à agulha de aço a força magnética; a agulha de aço torna-se magnética já à distância, sem ser tocada pelo ímã, e magnetiza outras agulhas de aço com a mesma propriedade magnética (dinamicamente) que recebeu antes do ímã, precisamente como uma criança com varíola ou sarampo comunica, à criança vizinha, sã, não tocada por ela, a varíola ou o sarampo de maneira invisível (dinamicamente), i.é., infecta-a à distância sem que qualquer material da criança infectante passe ou possa passar àquela outra tampouco como qualquer material do polo do ímã pudesse chegar à agulha de aço.

Uma influência puramente de natureza espiritual, específica, comunicou à criança a varíola ou o sarampo, da mesma maneira como o ímã comunicou a propriedade magnética à agulha vizinha.

E de modo semelhante, deve-se considerar o efeito dos medicamentos no homem vivo. As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, são apenas medicamentos desde que possuam a força (cada um uma própria específica) de alterar o estado do homem pela influência de natureza espiritual, dinâmica (por meio da fibra sensível viva) sobre o princípio vital de natureza espiritual que controla a vida.

A propriedade medicinal daquelas substâncias naturais a que chamamos, em sentido mais estreito, de medicamentos, refere-se apenas à sua força de causar alterações no estado da vida animal; só a esse princípio vital de natureza espiritual estende-se a sua influência (dinâmica) de natureza espiritual alteradora do estado; assim como a vizinhança dum polo magnético pode comunicar ao aço só força





SAMUEL HAHNEMANN

magnética (e isso por uma espécie de contágio), mas não outras propriedades (por exemplo, mais dureza ou utilidade etc.).

E assim, cada substância medicinal especial altera, por uma espécie de infecção, o estado do homem de maneira peculiar, exclusivamente sua, e não de maneira peculiar a outro medicamento, tão certo quanto a proximidade duma criança com varíola comunicará a uma criança sã só a varíola, e não o sarampo.

Essa ação dos medicamentos sobre o nosso estado ocorre dinamicamente, como por infecção, completamente sem comunicação de partes materiais da substância medicamentosa.

Muito mais força curadora manifesta-se, num caso mórbido apropriado, pela menor dose dos remédios melhor dinamizados - em que pode haver, de acordo com cálculos, apenas tão pouca substância material que sua pequenez não pode ser imaginada, nem concebida pela mente mais aritmética - do que por doses grandes do mesmo remédio em substância. Aquela pequeníssima dose pode, portanto, conter quase inteiramente, a força medicinal de natureza espiritual pura, livremente despida, e realizar, apenas dinamicamente tantos efeitos quanto nunca podiam ser obtidos pela substância medicinal bruta, tomadas mesmo em doses altas.

Não é nos átomos corpóreos desses medicamentos altamente dinamizados, nem na sua superfície física ou matemática (com que as forças maiores dos medicamentos dinamizados são interpretados, como ainda bastante materiais, mas em vão) que se encontra a força medicinal, mas é uma força medicinal, específica, liberada da substância medicinal, que jaz invisível no glóbulo umedecido ou na sua solução, a qual age dinamicamente sobre o organismo inteiro, já por contato com a fibra animal viva (sem, porém, comunicar-lhe qualquer matéria, por mais atenuada que seja) e age tanto mais fortemente quanto mais livre e imaterial ela se tornou por meio da dinamização (§ 270).

É, pois, tão impossível em nossa idade, notável pela sua riqueza em pensadores, imaginar a força dinâmica como algo de não corpóreo, visto vermos, diariamente, fenômenos que não se podem explicar de qualquer outro modo!

Se olharmos para algo repugnante e sentirmos vontade de vomitar, por acaso um vomitivo material entrou em nosso estômago, que o obrigou a esse movi-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

mento antiperistáltico? Não foi unicamente o efeito dinâmico do aspecto repugnante sobre a sua imaginação? E se levantarmos os braços isso ocorre por meio dum instrumento material visível? Uma alavanca? Não é unicamente a força dinâmica de natureza espiritual de nossa vontade que os levanta?

2. 12

2 somente a força vital morbidamente afetada que produz moléstias (*), de modo que as manifestações da doença que são perceptíveis aos nossos sentidos expressam, ao mesmo tempo, toda a mudança interna, isto é, toda a perturbação mórbida do dinamismo interno. Por conseguinte, são reveladores de toda a doença; além disso, a desapareição, pelo tratamento, de todos os fenômenos mórbidos e de todas as alterações mórbidas que diferem das funções vitais no estado de saúde, afeta certamente, e necessariamente acarreta o restabelecimento da integridade do princípio vital e, portanto, a recuperação da saúde de todo o organismo.

(*) Como a força vital faz com que o organismo revele sintomas mórbidos, isto é, como ele produz a moléstia, viria a ser de nenhuma utilidade para o médico saber o como e o porquê, e jamais ele o saberá, e o que é inteiramente suficiente para permitir-lhe curar, o Senhor da Vida o revelou a seus sentidos.

§ 13

Por isso, a doença (que não constitui objeto da cirurgia), sendo considerada pelos alopatas como algo separado do todo vivo, do organismo e sua força vital animadora, e oculta em seu interior, como se fosse algo de natureza tão sutil, é um absurdo (*) somente imaginado por mentes materialistas, que durante milênios têm dado ao sistema de medicina predominante todos aqueles impulsos perniciosos que a tornaram uma arte (não curativa) verdadeiramente nociva.

(*) *Materia peccans!*





§ 14

Não há, no íntimo do homem, nada mórbido que seja curável, nem alteração mórbida curável, que não se revele ao médico observador por meio de sinais e sintomas mórbidos - o que está em perfeita harmonia com a bondade infinita do onisciente Preservador da vida humana.

§ 15

A afecção do dinamismo (força vital) de natureza espiritual, que anima nosso corpo no interior invisível, morbidamente perturbado, bem como todos os sintomas exteriormente observáveis por ele pro-duzidos no organismo, e que representam o mal existente, constituem um todo, um e o mesmo. O organismo é, na verdade, o instrumento material da vida, não sendo, porém, concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regularizador, tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo, con-sequentemente, os dois juntos constituem uma unidade, embora em pensamento, nossas mentes separem essa unidade em dois conceitos distintos para mais fácil compreensão.

§ 16

Nossa força vital, com um poder dinâmico, não pode ser atacada e afetada por influências danosas sobre o organismo sadio, causadas por forças estranhas, maléficas que perturbam o jogo harmonioso da vida, de forma que não seja imaterial (dinâmica), e, do mesmo modo, todas essas perturbações mórbidas (moléstias) não podem ser afastadas pelo médico a não ser por meio dos poderes alterativos, imateriais (dinâmicos (*), virtuais) dos remédios em uso que agem sobre a força vital dinâmica, que os percebe por meio da faculdade sensitiva dos nervos que se acham em todo o organismo. De modo que somente por sua ação dinâmica sobre a força vital os remédios podem restabelecer, e realmente restabelecem, a saúde e a harmonia vital; depois que as alterações na saúde do paciente,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

perceptíveis por nossos sentidos (a totalidade dos sintomas) revelaram a moléstia ao médico atentamente observador e investigador, tão ampla-mente quanto foi necessário de modo que lhe permitisse a cura.

(*) Vide nota do § 11.

§ 17

Ora, como na cura efetuada pela remoção da totalidade dos sinais e acidentes perceptíveis da doença (isto é, pela remoção da totalidade da doença), remove-se ao mesmo tempo a alteração interna do princípio vital a que se deve a doença (*) - é lógico que o médico só tem de remover a totalidade dos sintomas para afastar e aniquilar ao mesmo tempo a modificação interna, isto é, o transtorno mórbido da força vital, a totalidade da doença, *a doença em si* (**). Assim aniquilada a doença, restabelece-se a saúde e é esse o mais elevado, o único objetivo do médico que conhece o verdadeiro escopo de sua missão, que não consiste em falatórios que soam à erudição, mas em dar auxílio ao doente.

(*) Moléstias gravíssimas podem ser produzidas por distúrbios suficientemente sérios da força vital resultantes da imaginação, e também curadas da mesma maneira.

Um sonho premonitório, uma fantasia supersticiosa ou a solene predição de que a morte ocorrerá em certo dia ou certa hora, não infrequentemente produzi-ram todos os sinais de doença incipiente e em progressão, de morte próxima ou a própria morte, na hora anunciada, o que não ocorreria sem a produção simultânea da alteração interna (corresponde ao estado observado externamente). Em tais casos, todos os sintomas mórbidos de morte próxima dissiparam-se por causa idêntica, por um ardil engenhoso, pela persuasão em sentido contrário, e a saúde restabeleceu-se subitamente, o que não aconteceria sem a remoção, mediante apenas esse remédio moral, da alteração mórbida interna e externa, que acarretou o perigo de morte.

(**) Só assim é que Deus, o Preservador da Humanidade, pôde revelar Sua sabedoria e bondade em relação à cura das doenças a que o homem está sujeito





SAMUEL HAHNEMANN

em sua vida terrena, mostrando ao médico o que ele teria de remover nas doenças para aniquilá-las e assim restabelecer a saúde. Mas, o que pensaríamos de Sua sabedoria e bondade, envolvesse Ele em mística obscuridade o que se deva curar nas doenças (como o assevera a escola dominante de medicina, que afeta possuir sobrenatural visão da natureza íntima das coisas), encerrasse e ocultasse Ele bem no fundo e assim impossibilitasse ao homem conhecer acuradamente a doença e conseqüentemente o impossibilitasse de curá-la?

§ 18

Desta verdade inegável, que além da totalidade dos sintomas, considerando-se as modalidades que os acompanham (§5), nada pode de maneira alguma ser descoberto em doenças em que elas possam expressar sua necessidade de tratamento, conclui-se que indubitavelmente a soma desses sintomas e condições em cada caso individual de moléstia deve ser a única indicação, o único meio de nos guiar na escolha de um remédio.

§ 19

Ora, se as moléstias nada mais são que alterações do estado de saúde do indivíduo são, e que se manifestam através de sintomas mórbidos, e se a cura não é possível além disso senão pela conversão do estado de doença no de saúde, é evidente que os medicamentos jamais poderiam curar moléstias se não tivessem o poder de alterar o estado de saúde do homem que baseiam-se em sensações e funções; em verdade, que seu poder de cura se atribua apenas a este poder que têm de alterar o estado de saúde do homem.

§ 20

O poder dinâmico de alterar as condições da saúde do indivíduo, e assim curar doenças, que jaz latente na natureza íntima dos medicamentos, em si, jamais pode ser descoberto por meros esforços





ORGANON DA ARTE DE CURAR

da razão; é somente pela experiência dos fenômenos que manifestam quando age no estado de saúde do indivíduo, que podemos percebê-lo claramente.

§ 21

Assim, sendo inegável que o princípio curativo dos medicamentos não é em si perceptível, e como nas experiências puras com medicamentos, levadas a cabo pelos observadores mais atentos, nada pode ser observado que os constitua em remédios, a não ser o poder de causar alterações distintas no estado de saúde do corpo humano, e especialmente do *indivíduo* são, e de nele excitar diversos sintomas mórbidos definidos, conclui-se que, quando os medicamentos agem como remédios, só podem fazer funcionar sua capacidade curativa mediante esse seu poder de alterar o estado de saúde do homem produzindo sintomas peculiares. Assim, podemos confiar somente nos fenômenos mórbidos produzidos pelos medicamentos no corpo são, como única indicação possível de seu poder curativo inerente, a fim de descobrir que poder produtor de moléstia, e, ao mesmo tempo, poder de curar, possui cada medicamento.

§ 22

Contudo, como nada se observa nas doenças que deva remover-se, para curá-las, a não ser a totalidade dos sintomas e sinais e, do mesmo modo, como os medicamentos nada podem apresentar de curativo a não ser sua tendência a produzir sintomas mórbidos em pessoas sãs e removê-las em pessoas doentes. Segue-se, por um lado, que os medicamentos só se tornam remédios, capazes de aniquilar doenças, quando a substância medicinal, provocando certos efeitos e sintomas, isto é, produzindo certo estado mórbido artificial, remove e anula os sintomas já presentes, a saber, o estado mórbido natural que desejamos curar; por outro lado, conclui-se





SAMUEL HAHNEMANN

que, para a totalidade dos sintomas da doença a ser curada deve ser procurado o medicamento que evidenciou a maior tendência a produzir sintomas semelhantes ou contrários (conforme mostre a experiência, se os sintomas são transformáveis em saúde por meio de sintomas medicamentosos semelhantes ou contrários^(*) da maneira mais fácil, certa e permanente).

(*) O outro possível método de emprego de medicamentos contra moléstias, além desses dois, é o *método alopático*, em que se dão medicamentos cujos sintomas não tem relação patológica direta com o estado mórbido, nem semelhante, nem oposta, mas bastante diverso dos sintomas da doença. Esse método, já mostrado noutro lugar, como sendo um jogo assassino e irresponsável contra a vida do doente, com medicamentos violentos e perigosos, cuja ação é desconhecida, e que são escolhidos por meras conjecturas, sendo dados em doses grandes; outrossim, com operações dolorosas, destinadas a levar a moléstia para outras regiões do organismo, e tirar a força e os sucos vitais do paciente, por meio de evacuação por cima e por baixo, suor e salivação, mas especialmente tirando-se o sangue insubstituível, conforme se pratica pela rotina usual, empregada às cegas e sem piedade, geralmente com o pretexto de que o médico deve imitar e fazer progredir a natureza da doença em um esforço de cura, sem considerar a irracionalidade desse processo, imitar e fazer progredir tais esforços imperfeitos, geralmente inadequados, da força vital apenas não inteligente e instintiva, que se acha arraigada no nosso organismo, enquanto ele esteja sadio, continuar a vida em desenvolvimento harmonioso, mas não curar-se na doença. Pois fosse dotado de tal capacidade, nunca poderia o organismo adoecer.

Quando afetado por agentes nocivos, nossa força vital nada pode fazer, a não ser exprimir sua depressão causada por distúrbios da regularidade de sua vida, pelos sintomas, mediante os quais o médico inteligente recebe o pedido de ajuda. Se esta não for dada, tenta salvar-se mediante violentas evacuações, não importa quais os efeitos, geralmente com grandes sacrifícios ou destruição da própria vida.

Para efeitos de cura, a força vital morbidamente deprimida possui tão pouca capacidade digna de imitação, que todas as alterações e sintomas produzidos por ela no organismo são a própria moléstia! Que médico inteligente quereria imitá-la com o fito de curar, sem com isso sacrificar o paciente?





§ 23

Toda a experiência pura, contudo, e toda a pesquisa perfeita nos convencem que sintomas pertinazes de moléstia estão longe de serem removidos e eliminados por sintomas *opostos* de medicamentos (como no método *antipático*, *enantiopático* ou *paliativo*), que ao contrário, após alívio aparente e transitório, recrudescem com denotado vigor e agravam-se manifestamente (vide §§ 58-62 e 69).

§ 24

Não resta assim, nenhum outro método de emprego de medicamentos contra moléstias que ofereça possibilidades, a não ser o homeopático, pelo qual procuramos, para a totalidade dos sintomas do caso de doença, considerando-se a causa original se esta for conhecida e as circunstâncias secundárias, um remédio que dentre todos os outros (cujos efeitos patogénicos são conhecidos por experimentos realizados em indivíduos sãos) tenha a força e propensão de produzir um estado mórbido artificial o mais semelhante ao caso de doença em questão.

§ 25

O único e infalível oráculo da arte de curar, a experiência pura(*), nos ensina em todos os ensaios cuidadosos, que é realmente aquele medicamento que provou poder provocar em sua ação sobre o corpo humano sãos, o maior número de sintomas *semelhantes* que se encontram no caso de doença sob tratamento; e em doses devidamente potencializadas e diminuídas, remove rápida, radical e permanentemente todos os sintomas deste estado mórbido, isto é (§§ 6-16), toda a doença atual, transformando-a em saúde; e que todos os medicamentos curam, sem exceção, todas as doenças cujos sintomas mais se assemelham aos seus, sem deixar de curar nenhum.

(*) Não me refiro ao tipo de experiência de que se vangloriam os clínicos comuns da velha escola, após haverem trabalhado anos a fio com uma série de





SAMUEL HAHNEMANN

receitas complexas em inúmeras doenças que investigaram cuidadosamente, mas que, fiéis aos padrões de sua escola, consideraram como já tendo sido descritas em obras de patologia sistemática, sonhando poder nelas encontrar alguma matéria morbífica (imaginária), ou atribuindo-lhe alguma anormalidade interna hipotética. Sempre viram algo, mas eles não sabiam o que viam; resultados de forças complexas que agiam em um objeto desconhecido, que nenhum ente humano e apenas Deus poderia ter desvendado, resultados dos quais nada se pode aprender ou ganhar experiência. Cinquenta anos de experiência desse tipo correspondem a cinquenta anos olhando num caleidoscópio cheio de objetos coloridos desconhecidos, girando incessantemente; milhares de figuras que sempre se alteram sem que se possa explicá-las!

§ 26

Isso depende da seguinte lei homeopática da natureza, realmente às vezes imaginada mas, até agora, não inteiramente reconhecida, e à qual se deve toda a cura efetiva que se tenha realizado:

Uma afecção dinâmica mais fraca é extinta de modo permanente no organismo vivo por outra mais forte, quando esta última (embo-ra de espécie diferente) seja muito semelhante à primeira em suas manifestações ().*

(*) Assim se curam tanto as afecções físicas como os males morais. Como é que nas primeiras horas da madrugada o brilhante Júpiter desaparece da vista do observador? Por uma potência muito semelhante, mais forte agindo no nervo óptico, o brilho do dia que se aproxima: - Em ambientes repletos de odores fétidos, como daí é que se costuma aliviar os nervos olfativos ofendidos? Com rapé, que afeta o sentido do olfato de modo semelhante, mais intenso! Não há música nem doces que, agindo nos nervos de outros sentidos, possam curar este mal-estar olfativo. Como é que o soldado destramente abafa os gritos do que está sendo punido aos ouvidos dos assistentes? Pelas notas agudas da flauta misturadas com o rufar do tambor! E o rugido distante do canhão do inimigo, que enche de medo seu exército? Com fortes batidas do grande tambor! Pois nem a um nem a outro serviria a distribuição de belos uniformes ou reprimenda ao regimento. Do





ORGANON DA ARTE DE CURAR

mesmo modo, o luto e a dor serão apagados da mente por outra causa ainda mais forte de dor, mesmo que seja mera ficção.

Os inconvenientes da alegria exagerada são removíveis tomando-se café, que produz um estado de espírito excessivamente alegre.

Os povos como o alemão, que durante séculos e séculos mergulharam cada vez mais fundo em apatia material e degradante servidão, tiveram que ser calcados ainda mais fundo no pó pelo conquistador ocidental até uma situação intolerável, e só assim sua baixa opinião de si próprios foi levada ao máximo e removida, sua dignidade humana tornou-se sensível, e assim, pela primeira vez ergueram suas cabeças novamente como homens alemães.

§ 27

O poder curativo dos medicamentos depende, portanto, de seus sintomas, semelhantes aos da doença, mas superiores em força (§§ 12 – 26), de modo que cada caso individual de doença é mais certa, radical, rápida e permanentemente eliminada e removida apenas por um remédio capaz de produzir no organismo humano, da maneira mais completa e semelhante, a totalidade dos seus sintomas, que são, ao mesmo tempo, mais fortes que a doença.

§ 28

Como esta lei natural de cura se manifesta em cada experiência pura e em cada verdadeira observação no mundo, esse fato acha-se consequentemente firmado; pouco importa qual seja a explicação científica de *como ele ocorra*; e dou pouca importância às tentativas feitas para explicá-lo. Contudo, a seguinte explicação parece ser a mais provável, por se basear em premissas oriundas da experiência.

§ 29

Como cada moléstia (que não seja unicamente cirúrgica) consiste apenas numa alteração dinâmica especial e mórbida de nossa força





SAMUEL HAHNEMANN

vital (do princípio vital) manifestada em sensações e atividades, do mesmo modo, em cada cura homeopática, esse princípio vital dinamicamente alterado pela doença natural é atingido, pela administração de uma potência medicinal escolhida exatamente de acordo com a sua semelhança com os sintomas, por uma afecção da doença artificial, semelhante, um tanto mais forte; assim, cessa e desaparece a sensação da afecção mórbida natural dinâmica (mais fraca). Esta afecção da doença não mais existe para o princípio vital, agora ocupado e governado somente pela afecção mórbida artificial mais forte. Logo perde a sua força essa afecção da doença, deixando o doente livre de doença, curado (*). O dinamismo, assim liberado, pode agora fazer continuar a vida em condições de saúde. Esse processo altamente provável baseia-se nas proposições a seguir.

(*) A curta duração da ação das potências morbíficas artificiais, que chamamos de medicamentos, torna possível que, embora sejam mais fortes que as doenças naturais, possam ser ainda mais facilmente dominadas pelo princípio vital que as doenças naturais mais fracas, que, somente em consequência da duração maior, geralmente permanente, de sua ação (*Psora, Syphillis, Sycosis*), não podem ser vencidas e eliminadas por ela apenas, até que o médico afete a força vital de modo mais forte, com uma potência morbífica muito semelhante, porém mais forte (um medicamento homeopático). As moléstias de muitos anos de duração que foram curadas (§ 46) pela varíola e sarampo (que têm uma duração de apenas algumas semanas) são processos de caráter semelhante.

§ 30

O corpo humano parece se deixar afetar de maneira muito mais eficaz em seu estado de saúde por meio de medicamentos (em parte, porque regulamos a dose de acordo com a nossa vontade) do que por estímulos mórbidos naturais, pois as doenças naturais são curadas e dominadas por remédios adequados.





§ 31

As forças inimigas, em parte psíquicas e em parte físicas, a que está exposta a nossa existência terrena, os chamados agentes morbíficos, não possuem o poder de afetar morbidamente a saúde do homem, incondicionamente(*); mas estes fazem adoecer somente quando nosso organismo se encontra suficientemente predisposto e suscetível ao ataque da causa morbífica presente, e ser alterado em seu estado de saúde, que perturbado, é levado à sensações e funções anormais – daí não produzirem moléstia nem em todos e nem sempre.

(*). Quando eu chamo doença uma *disposição* ou uma *perturbação* do estado de saúde do indivíduo, estou longe de querer dar uma explicação *hiperfísica* da natureza interna das doenças em geral, ou de cada doença em particular. Com esta expressão quero significar que as doenças não são evidentemente, nem podem ser, perturbações mecânicas ou químicas da substância material do corpo físico, que elas não dependem de um agente patogênico material, mas são alterações dinâmicas e de natureza espiritual da vida.

§ 32

Algo bem diferente ocorre com os agentes morbíficos artificiais a que chamamos de medicamentos. Cada medicamento verdadeiro age em *todo o tempo* e em *todas as circunstâncias*, em *todo ser humano vivo*, nele produzindo seus sintomas peculiares (distintamente perceptíveis, se a dose for suficientemente grande), de modo que evidentemente cada organismo humano vivo é suscetível de ser afetado e, por assim dizer, contagiado com a doença medicinal sempre, e absolutamente (*incondicionalmente*), o que como acima referido, de modo algum ocorre com as moléstias naturais.





§ 33

De acordo com esse fato, está inegavelmente demonstrado pela experiência (*) que todo o organismo humano vivo acha-se muito mais disposto e tem maior suscetibilidade de receber influências, e a ter seu estado de saúde perturbado por poderes medicinais, que por agentes morbíficos nocivos e miasmas contagiosos ou, em outras palavras, *que os agentes morbíficos possuem um poder apenas subordinado e limitado, frequentemente muito limitado; as forças medicinais, po-rém, possuem um poder que sobrepuja aqueles de longe em mudar morbidamente o estado de saúde do homem.*

(*) Um exemplo marcante que vem corroborar esta afirmativa é que enquanto antes do ano 1801, quando a escarlatina lisa de Sydenham ainda ocasionalmente prevalecia de forma epidêmica entre as crianças, atacava quase sem exceção todas as crianças que dela escaparam em epidemia anterior; em epidemia semelhante a que testemunhei em Königsutter, ao contrário, todas as crianças que tomaram a tempo uma pequeníssima dose de Belladonna não foram atacadas por esse mal infantil altamente contagioso. Se os medicamentos podem proteger de alguma doença que esteja grassando, esses devem ter poder de afetar nossa força vital de modo superior.

§ 34

A força maior das moléstias artificiais produzíveis pelos medica-mentos não é, contudo, a condição única de seu poder de curar molés-tias naturais. Para que possam curar, é primeiramente necessário que sejam capazes de produzir no corpo humano *uma moléstia artificial tão semelhante quanto possível ao mal a ser curado, que, com uma força um tanto maior, transforma em estado mórbido muito semelhante o princípio vital instintivo que é em si incapaz de qualquer reflexão ou ato de memória. Não somente obscurece, como também extingue e aniquila a perturbação causada pela moléstia natural.* Tanto isto é verdade que nenhuma doença mais antiga pode ser curada, mesmo pela própria Natureza, pela influência de nova doença *dessemelhante,*





ORGANON DA ARTE DE CURAR

por mais forte que seja, e nem tampouco pode ser curada por tratamento médico com drogas incapazes de produzir um estado mórbido *semelhante* no organismo são, como os alopáticos.

§ 35

Para ilustrar o acima exposto, consideraremos três casos distintos, e o que acontece na natureza quando dois males naturais diferentes se encontram em um indivíduo, e também o resultado do tratamento médico ordinário de moléstias com drogas alopáticas inadequadas, que são incapazes de produzir condição mórbida artificial *semelhan-te* à doença a ser curada, pelo que parecerá que mesmo a natureza é incapaz de remover um mal dessemelhante que já esteja presente, por outro não homeopático, mesmo que seja mais forte, e tampouco como é o emprego não homeopático dos remédios mais fortes, ainda que capazes de curar uma doença, qualquer que ela seja.

1 36

3.Ou as duas doenças dessemelhantes coexistentes no ser humano são de força igual, ou ainda, se a *mais antiga for mais forte*, a nova moléstia será repelida do corpo pela anterior, e não lhe será permitido afetar o organismo. Um paciente que sofra de severo mal crônico gra-ve, não será atacado de disenteria outonal ou outra moléstia epidêmica de vigor moderado. A peste do Levante, de acordo com *Larrey* não atinge os locais assolados por escorbuto, e as pessoas que sofrem de eczema não são tampouco infectadas por esse mal. O raquitismo, afirma *Jenner*, impede que a vacinação contra varíola surta efeito. Os pacientes de tuberculose pulmonar não são suscetíveis a ataques de febres epidêmicas de caráter não muito violento, de acordo com *von Hildenbrand*.





§ 37

Assim, também, *sob tratamento médico ordinário*, um mal crônico antigo permanece incurado e inalterado se tratado de acordo com o método *alopático* comum, isto é, com medicamentos incapazes de produzir em indivíduos sãos um estado de saúde semelhante à doença, muito embora o tratamento dure anos a fio e não seja de caráter muito violento (*). Isto vemos diariamente na prática, sendo, portanto, desnecessário dar quaisquer exemplos.

(*) Mas se tratado com remédios alopáticos enérgicos, formar-se-ão outros males em seu lugar, mais difíceis e perigosos à vida.

a) 38

· Ou o *caso de a nova doença dessemelhante ser mais forte*. Aí, a moléstia que afligia anteriormente o paciente, sendo mais branda, será contida e suspensa pela superveniência de um mal mais forte, até que este último tenha se extinto ou curado, e então reaparece a moléstia primitiva *não curada*. Duas crianças afetadas por uma espécie de epi-lepsia curaram-se dos ataques do mal após contraírem uma infecção de tinha (*tinea*); assim que a erupção na cabeça passou a epilepsia voltou com igual intensidade que antes, como *Tulpius* observou. A sarna, como observou *Schoepf*, desapareceu com a ocorrência de es-corbuto, mas após a cura desta última moléstia, reapareceu. Assim, também a tuberculose pulmonar com cavernas permaneceu estacio-nária quando o paciente foi atacado de violento tifo, prosseguindo mais tarde quando o último mal terminou seu curso.

Ocorrendo mania em um paciente de tuberculose pulmonar, esta, com todos os sintomas será removida pela primeira; porém, se passar, retornará a tuberculose imediatamente, sendo então fatal. Quando o sarampo e a varíola existem ao mesmo tempo e contaminaram a mesma criança, então o sarampo que já tinha irrompido é geralmente detido pela varíola que veio algo mais tarde; o sarampo não retoma seu curso





ORGANON DA ARTE DE CURAR

até após a cura da varíola. Com certa frequência, ocorre que a vacina da varíola inoculada fica suspensa por quatro dias pela superveniência do sarampo, conforme observou *Manget*, após cuja descamação a vacina da varíola completa o seu curso. Mesmo quando a inoculação da vacina da varíola já havia pegado há seis dias, irrompendo então o sarampo, a inflamação da inoculação permaneceu estacionária, não se seguindo a vacina da varíola até haver o sarampo completado seu curso normal de sete dias. Em uma epidemia de sarampo, este mal atacou diversos indivíduos no quarto e quinto dias após a inoculação da vacina da varíola, impedindo-lhes o desenvolvimento até haver completado o seu curso, findo o qual apareceu a vaccínia que teve sua evolução benigna até o fim. A escarlatina de *Sydenham* (*), a verdadeira, lisa, com aparência de erisipela, acompanhada de dor de garganta, foi interrompida no quarto dia pela irrupção da vaccínia, que seguiu seu curso normal, e não foi senão quando este terminou que a escarlatina reapareceu; em outra ocasião, porém, visto que ambas as doenças parecem ser de igual intensidade, a vaccínia foi suspensa no oitavo dia pela superveniência da verdadeira escarlatina lisa de *Sydenham*, e a auréola vermelha da primeira desapareceu até que passasse a escarlatina, quando então a vaccínia retomou imedia-tamente seu curso, até o seu término regular. O sarampo suspendeu a vaccínia; no oitavo dia, quando a vaccínia havia quase atingido o seu clímax, o sarampo irrompeu; as vaccínias permaneceram estacionárias, sem retomar e completar seu curso até a descamação das marcas de sarampo, de modo que no décimo sexto dia apresentava a aparência que deveria apresentar no décimo dia, como observou *Kortum*.

Mesmo após a erupção do sarampo se fez sentir a inoculação vaccínica, porém não se desenvolveu em seu curso até o desaparecimento do sarampo, também conforme testemunhou *Kortum*.

Eu mesmo observei que a caxumba (*angina parotidea*) desaparece imediatamente ao começar a fazer sentir os efeitos da vacina da





SAMUEL HAHNEMANN

varíola, ao aproximar-se esta de seu ponto máximo. Não foi antes do término completo da vaccínia e do desaparecimento de sua auréola vermelha que esta tumefação febril das glândulas parótidas e sub-maxilares, causada por um miasma peculiar (caxumba), reapareceu e desenvolveu-se por todo o seu curso normal de sete dias.

Assim sucede com todas as moléstias dessemelhantes; a mais forte suspende a mais fraca (quando uma não complica a outra, o que raramente ocorre com males agudos), porém uma jamais cura a outra.

(*) Descrita com grande precisão por *Withering e Plenciz*, porém diferindo muito da púrpura, quase sempre chamada erroneamente de febre escarlata. Foi somente nos últimos anos que as duas, primeiramente moléstias muito diferentes, vieram a se aproximar em seus sintomas.

§ 39

Os adeptos da escola oficial de medicina já haviam notado isto há muitos séculos; observaram que a própria natureza não pode curar qualquer moléstia por meio de outra, por mais forte que seja, se a nova moléstia for *dessemelhante* da já presente no organismo. O que pensaremos deles, que não obstante continuaram a tratar as doenças crônicas com alopatia, isto é, com medicamentos e receitas capazes de produzir que estados mórbidos Deus sabe, quase invariavelmente *dessemelhantes* da moléstia a ser curada!

E muito embora os médicos não tenham até agora observado a natureza com atenção, os fracos resultados de seus tratamentos deveriam ter-lhes ensinado que estavam em caminho impróprio, falso.

Não percebiam eles (segundo seu costume) que, quando empregavam um tratamento alopático agressivo, em uma doença crônica, criavam apenas uma doença artificial *dessemelhante* da original, que, simplesmente suprimida, apenas suspendia o mal original, o qual, contudo, sempre retornava, como não podia deixar de ser, assim que as forças do paciente, diminuídas, não mais admitiam a continuação dos ataques alopáticos à sua vida? Assim, o exantema da sarna





ORGANON DA ARTE DE CURAR

desaparece sem dúvida rapidamente com o emprego de purgativos violentos, repetidos com frequência; mas quando o paciente não pode mais suportar a moléstia dos intestinos (*dessemelhante*), e já não pode tomar purgativos, então a erupção cutânea irrompe como antes, ou a Psora interna se revela com maus sintomas, e o paciente, além de seu mal antigo que não se atenuou, tem de suportar as misérias de uma digestão estragada e dolorosa, e, além disso, uma fraqueza igual.

Assim, também, quando os médicos oficiais mantêm as ulcerações artificiais da pele e exutórios no exterior do corpo, com o fim de erradicar uma doença crônica, não podem *jamaiz* atingir o seu objetivo desta maneira, e não podem *jamaiz* curá-la assim, visto que tais ulcerações cutâneas artificiais, são bem estranhas e alopáticas à afecção interna; mas visto que a irritação produzida por escarificações (*) é, às vezes, um mal mais forte (*dessemelhante*) que a doença interna, esta última é, às vezes, por ela silenciada e suspensa, por uma ou duas semanas. Mas é *apenas suspensa* e por muito pouco tempo, enquanto as forças do paciente se esvaem pouco a pouco. A epilepsia, suprimida mediante escarificações (*), por muitos anos, invariavelmente volta, e de forma mais grave, desde que se deixe que saem, de acordo com *Pechlin* e outros. Mas purgantes para a sarna e exutórios para epilepsia, não podem ser agentes perturbadores mais heterogêneos, mais diferentes

– não podem ser modalidades de tratamento mais alopáticos, mais exaurientes – que as receitas comuns, compostas de ingredientes desconhecidos, usados comumente para outras formas de moléstias. Estas, da mesma maneira, nada fazem a não ser debilitar, e somente suprimem ou suspendem o mal por período curto, sem serem capazes de curá-lo, e quando empregadas por períodos mais extensos, sempre acrescentam um novo estado mórbido à doença antiga.

(*) N.T. No alemão usa-se “Fontenelle”, que traduzimos por escarificações.





b) 40

6) Ou a nova doença, após haver agido longamente no organismo, finalmente une-se à antiga que lhe é dessemelhante, e forma com ela uma moléstia complexa, de modo que cada uma delas ocupa determinado lugar do organismo, isto é, ocupa os órgãos que mais se adaptam a ela, e, por assim dizer, somente os lugares que lhe pertencem, deixando o restante do organismo para a outra moléstia que lhe é dessemelhante. Assim, um sífilítico pode ter sarna, e vice-versa. *Pois duas moléstias dessemelhantes entre si não podem remover-se, ou curar-se mutuamente.* Primeiro os sintomas venéreos são interrompidos e suspensos quando a erupção da sarna começa a aparecer; com o decorrer do tempo, contudo (visto que a Syphillis é pelo menos tão intensa quanto a sarna), ambas se combinam (*), isto é, cada uma afeta apenas as partes do organismo que mais se adaptam a elas, com o que o paciente se torna mais doente e mais difícil de curar.

Quando dois males agudos infecciosos dessemelhantes se encontram, como por exemplo, varíola e sarampo, um geralmente suspende o outro, como já vimos; contudo, já tem havido, também, diversas epidemias fortes desta espécie, em que, em casos raros, dois males agudos dessemelhantes ocorreram simultaneamente no mesmo corpo, e por algum tempo combinaram-se, por assim dizer.

Durante uma epidemia, em que a varíola e o sarampo ocorreram ao mesmo tempo, entre trezentos casos, em que estas doenças evitaram-se ou suspenderam-se, e o sarampo atacou os pacientes vinte dias após haver irrompido a varíola, reaparecendo esta última moléstia, contudo, dezessete ou dezoito dias após o aparecimento do sarampo, de modo que a primeira já havia completado o seu curso normal, não obstante houve um único caso em que *P. Russel*, encontrou ambas estas doenças dessemelhantes em uma pessoa ao mesmo tempo. *Rainey* testemunhou a ocorrência simultânea de varíola e sarampo em duas meninas. *J. Maurice*, em toda a sua vida de clínico, só observou dois casos desses. Encontram-se casos semelhantes nas obras de *Ettmüller*, e nos escritos de alguns outros autores.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Zencker, viu casos de febre vacínica em que esta percorreu seu curso normal simultaneamente com sarampo e com púrpura.

A febre vacínica progrediu sem ser afetada, durante o tratamento por mercúrio administrado em um caso de Syphillis, como observou *Jenner*.

(*) Experiências cuidadosas e curas de males complexos desta espécie convence-ram-me firmemente de que não ocorre verdadeiramente uma combinação dos dois, mas que em tais casos ambos coexistem lado a lado, cada um na parte que se lhe adapta, pois sua cura é conseguida completamente com uma alternância oportuna dos melhores meios antissifilíticos, com os que curam a sarna, cada um deles na dose e preparação mais adequada.

§ 41

Muito mais frequente que as moléstias naturais que se associam e complicam no mesmo organismo, são as complicações mórbidas que o tratamento médico inadequado (o método alopático) costuma produzir pelo emprego prolongado de drogas inadequadas. À moléstia natural, que se propõe curar, acrescentam-se então outras pela repetição constante do agente medicinal inadequado, outras de condições mórbidas, muitas vezes renitentes, correspondente à natureza deste agente; esses pouco a pouco unem-se e complicam-se com a moléstia crônica que lhes é dessemelhante (que não puderam curar por semelhança de ação, isto é, homeopaticamente), aliando à moléstia antiga outra nova, diferente, artificial, de natureza crônica, dando assim, ao paciente uma doença dupla, em vez de uma única, isto é, agravando-o e dificultando-lhe a cura, às vezes impossível, podendo até levá-lo à morte. Muitos dos casos para os quais se pedem conselhos em jornais médicos, bem como os registros de outros casos em escritos médicos, atestam-lhe a veracidade. De caráter semelhante são os casos frequentes em que o cancro, complicado, principalmente com sarna, ou com a discrasia da gonorréia condilomatosa, não é





SAMUEL HAHNEMANN

curado com tratamento prolongado, ou frequentemente repetido, de grandes doses inadequadas de preparados de mercúrio, mas toma lugar no organismo junto à afecção crônica do mercúrio (*) que a este tempo já terá gradativamente progredido, formando assim com ele uma complicação monstruosa (sob o nome geral de moléstia venérea dissimulada), que então, quando não de todo incurável, só pode ser **dominada com grande dificuldade**.

(*) Pois o *mercúrio*, além dos sintomas que em virtude de semelhança podem curar homeopaticamente a doença venérea tem, entre seus efeitos, muitos outros diferentes dos da Syphilis, como, por exemplo, inchaço, ulceração óssea, etc., pois, *empregado em grandes doses*, causa novas moléstias e grande dano no organismo, especialmente quando complicado com Psora, como é tão comum acontecer.

§ 42

A própria natureza permite, como já se disse, em alguns casos, a ocorrência simultânea de duas (mesmo de três) moléstias naturais no mesmo organismo. Esta complicação, no entanto, como se deve notar, ocorre apenas no caso de duas moléstias *dessemelhantes*, que de acordo com as eternas leis da natureza, não removem, não aniquilam, não podem curar-se mutuamente, mas, ao que parece, ambas (ou as três) permanecem, por assim dizer, em separado no organismo, cada uma tomando posse das partes e sistemas que lhe são peculiares e lhe correspondem, o que, em virtude da falta de semelhança dessas moléstias entre si, pode bem ocorrer sem detrimento da unidade da vida.

§ 43

Contudo, totalmente diferente é o resultado quando duas moléstias *semelhantes* encontram-se no organismo, isto é, quando à doença já presente no organismo soma-se outra mais forte. Em tais casos, vemos como se pode efetuar a cura por obra da natureza, e aprendemos uma lição de *como* deve o homem curar.





§ 44

Duas moléstias *semelhantes* não podem (como se afirma de mo-léstias dessemelhantes em I) nem *repelir-se*, nem (como se disse de males dessemelhantes em II) *interromper-se* mutuamente, de modo que a anterior retorne quando a mais recente tiver completado seu curso; nem tampouco podem duas moléstias *semelhantes* (como foi demonstrado em III, com referência a afecções dessemelhantes) *existir uma junto da outra* no mesmo organismo, ou formar uma moléstia *dupla* complexa.

§ 45

Não!, duas moléstias diferindo, é verdade, em espécie, (*) mas muito semelhantes em suas manifestações e efeitos, e nos sofrimentos e sintomas que produzem em separado, invariavelmente aniquilam-se quando se encontram no organismo; o mal mais forte, assim, aniquila o mais fraco, e isto pelo simples motivo, não difícil de ser adivinhado, de que o poder morbífico mais elevado, quando invade o organismo, em virtude de sua semelhança de ação, afeta exatamente *as mesmas partes do organismo* anteriormente afetadas pela irritação mórbida mais fraca, que conseqüentemente não pode mais agir nessas partes, sendo extinta (**), ou (em outras palavras) a nova força morbífica, semelhante, mais forte, porém, se apodera das sensações do paciente, e daí o princípio vital por sua peculiaridade, não mais pode sentir a mais fraca, semelhante, que se extingue – não mais existe – pois nunca foi algo material, porém uma afecção dinâmica (de natureza espiritual). O princípio da vida, daí por diante, é afetado somente, e apenas temporariamente, pelo poder morbífico novo, semelhante, contudo mais forte.

(*) Vide, supra, § 26, nota.

(**) Da mesma forma que a imagem da chama de uma lâmpada é rapidamente





SAMUEL HAHNEMANN

vencida e apagada de nosso nervo óptico pelo raio de sol mais forte que incide em nosso olho.

§ 46

Muitos exemplos poderiam ser tirados de moléstias que foram por obra da natureza curadas homeopaticamente por outras moléstias que apresentavam sintomas semelhantes, não fosse necessário, sendo esse nosso objetivo falar de algo determinado e indubitável, reservar nossa atenção apenas para as (poucas) doenças, que são invariavelmente **as mesmas, e que surgem de um miasma fixo, merecendo daí nome diverso.**

Entre essas, se destaca pelo grande número de seus sintomas vio-lentos, a tão mal afamada varíola, que já aniquilou e curou inúmeros males com sintomas semelhantes.

Com que frequência produz a varíola, oftalmia violenta, às vezes mesmo causando a cegueira! E, note-se, por sua inoculação *Dezoteux*, curou permanentemente uma oftalmia crônica, tal como o fez *Leroy*.

Uma cegueira de dois anos resultante de tinha do couro cabeludo que havia sido suprimida, foi radicalmente curada por essa moléstia, de acordo com *Klein*.

Com que frequência a varíola causa surdez e dispnéia! E ambas essas doenças crônicas foram por ela removidas ao alcançar esta, seu ponto de maior intensidade, como observou *J. Fr. Closs*.

O intumescimento dos testículos, mesmo de caráter muito agudo, é frequentemente sintoma de varíola, e por causa disso pode se curar, como observou *Klein*, em virtude de sua semelhança, grande inchação com endurecimento do testículo esquerdo resultante de um esmagamento. E outro observador testemunhou a cura por este meio de inchação semelhante de testículo.

Entre os acidentes nocivos da varíola, existe um estado disentérico, e este logrou eliminar um caso de disenteria, como agente morbífico





ORGANON DA ARTE DE CURAR

semelhante, qual observou *Fr. Wendt*.

A superveniência de varíola após a vaccínia, tanto devido à sua maior potência, como à sua grande semelhança, remove imediatamente (homeopaticamente) a febre vacínica, e não permite que esta se desenvolva; mas, por outro lado, esta febre, quando se aproxima de seu desenvolvimento máximo, devido à sua grande semelhança, diminui (homeopaticamente) em muito a varíola que sobrevêm, tornando-a muito mais branda (*), como testemunharam *Mühry* e muitos outros.

A *febre vacínica*, inoculada, cuja linfa, além da matéria protetora, contém o estopim de uma erupção cutânea geral de outra natureza, **que consiste em espinhas (“pimples”) geralmente pequenas, secas** (raramente grandes, pustulares), com manchas cutâneas vermelhas e acompanhadas de violento prurido, o que ocorre em crianças *alguns dias antes*, e, mais frequentemente, contudo, *após* a auréola vermelha da febre vacínica, saindo em poucos dias, deixando pequenas manchas vermelhas e duras na pele; - a vaccínia inoculada, após “pegar”, cura-se perfeita e permanentemente, de maneira homeopática, pela semelhança deste miasma acessório, erupções cutâneas análogas, de crianças, muitas vezes quando já muito antigas e muito complicadas, como afirmam diversos observadores.

A vaccínia, da qual um dos sintomas peculiares é intumescimento do braço, já curou, após sua irrupção, um braço semi-paralisado e *edemaciado*.

A febre na vaccínia, ocorrendo ao tempo do aparecimento da auré-ola vermelha, já curou homeopaticamente febre intermitente em dois indivíduos, como relata *Hardege Jr.* Confirmando o que *J. Hunter* já havia observado, que duas febres (males semelhantes) não podem coexistir no mesmo organismo.

O *sarampo* guarda grande semelhança na natureza de sua febre e tosse, com a coqueluche, e por essa razão foi que *Bosquillon* notou, em uma epidemia em que ambas as afecções dominavam, que muitas





SAMUEL HAHNEMANN

crianças que já haviam superado o sarampo ficaram livres de coque-luche. Todas elas teriam sido protegidas e imunizadas contra a coque-luche naquela epidemia e nas subseqüentes por ação do sarampo, se a coqueluche não fosse uma doença que só em parte se assemelha ao sarampo, isto é, se também tivesse uma erupção cutânea semelhante à desta última. Assim sendo, contudo, o sarampo pôde preservar muitos da coqueluche, e isso só na epidemia então presente.

Contudo, se o *sarampo* entrar em contato com uma moléstia semelhante a ela em seu sintoma principal, a erupção pode sem dúvida alguma removê-la, realizando uma cura homeopática. Assim, uma erupção crônica herpética foi radical e permanentemente (homeopaticamente) curada (**) pela irrupção do sarampo, como foi observado por *Kortum*. Uma erupção miliar com ardência excessiva, na face, pescoço e braços, que durava havia seis anos, agravando-se com mudanças de tempo, ao ocorrer o sarampo, assumiu a forma de inchação da superfície da pele; após haver o sarampo completado o seu curso, o exantema foi curado, não mais retornando.

(*) Esta parece ser a razão deste fato benéfico notável que, desde a distribuição geral da vacina de Jenner, a varíola no homem nunca mais apareceu de forma tão epidêmica nem tão maléfica quanto 40 ou 50 anos antes, quando uma cidade atingida perdia pelo menos metade, e muitas vezes, três quartas partes de sua população infantil, em virtude desta peste.

(**) Ou, pelo menos, o sintoma foi removido.

§ 47

Nada mais poderia ensinar ao médico, de maneira mais simples e convincente que o acima exposto, qual o tipo de agente morbífico artificial (medicamento) que ele deveria escolher a fim de curar de modo seguro, rápido e permanente, de acordo com o processo que se realiza na natureza.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

§ 48

Nem na natureza, como vimos em todos os exemplos acima, nem pela arte do médico, pode-se remover um sofrimento e os males existentes por um agente morbífico dessemelhante, por mais forte que este seja, porém *somente por um que seja semelhante em seus sintomas e um tanto mais forte*, de acordo com as leis da natureza, eternas e irrevogáveis, até agora não reconhecidas.

§ 49

Poderíamos ter encontrado muito mais curas homeopáticas reais, naturais, dessa espécie, se, por um lado, a atenção dos observadores fosse mais dirigida a elas e, por outro lado, se a natureza não houvesse sido tão deficiente em moléstias homeopáticas auxiliares.

§ 50

A própria natureza, poderosa, como testemunhamos, tem em seu poder, como instrumentos para a realização de curas homeopáticas, pouco além das moléstias miasmáticas de caráter constante, sarna, sarampo e varíola (*), agentes morbíficos que (**), como remédios, oferecem maior perigo à vida, e são mais temidos que as moléstias que curam, ou são de espécie tal que (como a sarna), após haverem realizado a cura de doenças semelhantes, necessitam elas próprias ser curadas a fim de serem, por sua vez, erradicadas, sendo ambas essas circunstâncias que tornam seu emprego, como remédios (homeopáticos), difícil, incerto e perigoso. E muito raras são as moléstias a que o homem se acha sujeito que encontram seu remédio semelhante na varíola, sarampo e sarna! Assim, na natureza, pouquíssimas moléstias podem ser curadas por esses remédios homeopáticos incertos e arriscados e as curas realizadas por esses meios são também acompanhadas de perigo e também com muito sofrimento, porque as doses desses poderes morbíficos não podem ser diminuídas de acordo com as circunstâncias, como podem ser as doses





SAMUEL HAHNEMANN

de medicamentos; mas o paciente de há muito sofredor de mal análogo deve sujeitar-se a toda doença perigosa e desagradável, a varíola e o sarampo (ou sarna), que por sua vez têm de ser curadas. Contudo, como se vê, podemos apontar curas homeopáticas surpreendentes realizadas por essa feliz concorrência, bem como diversas provas expressivas da grande, da única lei terapêutica da natureza que nelas prevalece: *Cure pela semelhança dos sintomas!*

(*) E o princípio contagioso exantemático presente na linfa da vaccínia.

(**) A saber, varíola e sarampo.

§ 51

Em virtude de tais fatos, essa lei terapêutica torna-se óbvia ao espírito capaz do homem; e estes são inteiramente suficientes para este fim. Mas, por outro lado, vejamos que vantagens tem o homem sobre a rude natureza em suas operações fortuitas! De quantos milhares de agentes morbíficos homeopáticos não dispõe o homem para alívio de seus irmãos sofredores, nas substâncias medicinais universalmente distribuídas por toda a criação! Nelas ele encontra produtores de moléstias de todas as variedades de ação possíveis, para todas as incontáveis moléstias naturais concebíveis e inconcebíveis a que pode dar tratamento homeopático – agentes morbíficos (substâncias medicinais), cujo poder, quando se completar seu emprego terapêutico, sendo subjugado pela força vital, desaparece espontaneamente sem necessitar de segundo tratamento para sua ex-tirpação do organismo, como a sarna, agentes morbíficos artificiais, que o médico pode atenuar, subdividir e graduar quase ao infinito, e cuja dose ele pode diminuir e potencializar tanto que se tornam apenas ligeiramente mais fortes que a moléstia natural semelhante para cuja cura são usados; de modo que nesse incomparável método de cura, não há necessidade de qualquer ataque violento ao organismo para a erradicação mesmo de uma doença antiga inveterada; a cura por esse método realiza-se por uma transição calma, imperceptível,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

contudo frequentemente rápida, da moléstia natural que atormenta o organismo, ao estado desejado de saúde permanente.

§ 52

Há apenas dois métodos principais de cura: um baseado na cuidadosa observação da natureza, experimentação cuidadosa pura, a *homeopática* (nunca usada intencionalmente antes de mim) e o segundo, que não age assim, o *heteropático ou alopático*. Cada um se opõe ao outro, e somente o que *não conhece* nenhum dos dois pode julgar que eles se aproximam ou se unem, ou pode tornar-se tão ridículo a ponto de clinicar homeopaticamente, às vezes, ou, em outras vezes, alopaticamente, de acordo com a vontade do paciente, prática essa que pode ser chamada de traição criminosa contra a divina homeopatia!

§ 53

As verdadeiras curas, suaves, sucedem apenas de acordo com o método homeopático, que, como descobrimos por outro modo (§ 7-25), por experiência e dedução, é fora de dúvida, aquele por meio do qual as curas mais rápidas, certas e permanentes são obtidas, pois essa arte de curar baseia-se em lei eterna e infalível da natureza.

A arte *pura homeopática* de curar é o único método correto, o único possível à arte humana, o caminho mais reto de curar, e isto é tão certo como não é possível senão uma única linha reta entre dois pontos.

§ 54

O método alopático de tratamento usou muitas coisas contra a doença, mas geralmente somente coisas impróprias (*αλλοια*) e foi largamente empregado durante muitos séculos em formas diferentes denominadas sistemas. Cada um desses, sucedendo-se em diversas épocas e diferenciando-se grandemente entre si, honrava-se com o nome Medicina Racional (*).

Cada construtor de tal sistema julgava-se capaz de penetrar na





SAMUEL HAHNEMANN

natureza íntima da vida, tanto dos sadios como dos doentes, e de reconhecê-la claramente e dar-lhe a receita adequada. Por esse meio indicava qual a matéria nociva (***) deveria ser banida do doente, e *como* bani-la a fim de restaurar a saúde, tudo de acordo com vagas suposições e hipóteses arbitrárias, sem honestamente consultar a natureza e escutar sem preconceitos a voz da experiência. As molés-tias eram consideradas condições que reapareciam de modo mais ou menos semelhante. A maior parte dos sistemas, portanto, deu nomes a seus quadros imaginados de doenças e classificou-os, cada sistema de modo diferente. Atribuía-se, segundo suposições, as ações aos remédios que deveriam anular estes estados anormais, isto é, curar.

(Veja os muitos livros sobre “Matéria Médica”! (***)).

(*) Como se na criação de uma ciência, baseada apenas na observação da natureza e pura experimentação e experiência pudesse haver lugar para especulação sem valor, misturada com conceitos escolásticos.

(**) Até recentemente, o que era curável na doença era considerado matéria que tinha de ser removida, pois ninguém podia conceber o efeito dinâmico (vide nota do §11) de agentes morbíficos, tais como os exercidos pelos remédios sobre a vida do organismo animal.

(***) Para entornar a gota de auto convencimento, misturavam (com muito saber) cada vez mais e mais, diversos remédios nas assim chamadas receitas a serem administradas em doses grandes e frequentes, e assim a vida humana, preciosa e facilmente destrutível, ficava realmente em perigo, nas mãos desses perversos. Isto se aplica especialmente a sedenhos, sangrias, eméticos, purgativos, emplastros, fontanelas e cautérios.

§ 55

Em pouco tempo, contudo, o público convenceu-se de que os sofrimentos dos doentes aumentavam e cresciam com a introdução de cada um desses sistemas e métodos de cura, quando esses eram seguidos à risca. Há muito tempo esses médicos alopatas teriam desaparecido, não fosse o *alívio paliativo* às vezes obtido, com remédios empiricamente





ORGANON DA ARTE DE CURAR

descobertos (cuja ação satisfatória instantânea é evidente ao paciente) e isto, até certo ponto, servia para manter-lhes o crédito.

§ 56

Por este método *paliativo* (*antipático, enantiopático*), introduzido de acordo com os ensinamentos de Galeno, “*contraria contrariis*”, durante dezessete séculos, os médicos puderam até agora esperar ganhar a confiança do doente, enquanto o enganavam com melhora quase instantânea. Mas, como veremos a seguir, esse método de tratamento é inútil e nocivo (em doenças de curso não muito rápido). É certamente o único dos métodos de tratamento adotados pelos alopatas, que teve evidente relação com parte dos sintomas causados pela moléstia natural; sim, mas que espécie de relação! Em verdade, o mesmo (o oposto exato do método correto) que deveria ser evitado, se não procurássemos iludir o paciente de mal crônico e dele escarnecer (*).

(*) Um terceiro método de emprego de remédios em moléstias foi tentado por meio da isopatia, como era chamada, isto é, um método de curar determinada doença pelo mesmo miasma que a produziu. Mesmo que isso pudesse ser feito, ainda assim, visto que o miasma é dado altamente potencializado, e, conseqüentemente, em condição alterada, só se realiza a cura, opondo-se um *simillimo* a um *simillimum*.

Tentar curar por meio da mesma potência morbífica (*per idem*) contradiz todo o entendimento humano, e, portanto, toda a experiência. Os que primeiro observaram a assim chamada *isopatia*, provavelmente pensaram no benefício que a humanida-de recebeu da vaccínia, pela qual o indivíduo vacinado se protege contra a futura infecção por varíola, é como se curasse por antecipação, mas ambas, a vaccínia e a varíola, são somente muito semelhantes e de modo nenhum a mesma doença. Em muitos aspectos elas diferem, isto é, no curso mais rápido e benignidade da febre vacínica e especialmente no fato de não ser jamais contagiosa para o homem por simples aproximação. A vacinação universal pôs um termo a todas as epidemias da mortal, terrível varíola, de modo tão completo que a geração atual não mais tem uma concepção clara da praga antiga da varíola.





SAMUEL HAHNEMANN

Além disso, desse modo, sem dúvida, certas moléstias peculiares a animais po-dem dar-nos remédios e potências medicinais para moléstias humanas importantes *muito semelhantes*, e, assim, felizmente, aumentarem nosso estoque de remédios homeopáticos.

Mas com uma matéria morbífica humana (um psorinum tirado de sarna humana como remédio para a mesma sarna humana ou para os males dela decorrentes) querer curar – está longe disso, não é a mesma coisa.

Nada pode resultar daí a não ser complicação e agravamento do mal.

§ 57

A fim de pôr em prática esse método antipático, o médico comum dá, para um único sintoma incômodo entre os muitos sintomas da mo-léstia que lhe passam despercebidos, um remédio que se sabe produzir o oposto exato do sintoma que se tenta eliminar, isso de acordo com a regra seguida há mais de 15 séculos pela antiga escola (*contraria contrariis*), do qual ele pode esperar o alívio mais rápido (paliativo). Dá grandes doses de ópio, para dores de todas as sortes, porque esta droga entorpece logo a sensibilidade, e administra o mesmo remédio para diarréias, pois este rapidamente pára o movimento peristáltico do canal intestinal e o torna insensível; e também para insônia, porque o ópio logo produz um sono comatoso; dá purgantes quando o paciente está há muito tempo sofrendo de constipação e prisão de ventre; manda que a mão que apresente queimadura seja mergulhada em água fria, que por sua baixa temperatura, parece remover instantaneamente a dor queimante, como por passe de mágica; recomenda banhos quentes ao paciente que se queira de tremores de frio e deficiência de calor vital, pois esses o aquecem apenas imediatamente; que bebam vinho os que sofrem de debilidade prolongada, pelo que se sentem imediatamente fortalecidos e refrescados; do mesmo modo, usa outros meios medi-cinais opostos (antipáticos), mas dispõe de muito poucos além dos mencionados, pois a escola médica oficial só conhece muito poucas





ações peculiares (primárias).

§ 58

Se, ao estimarmos o valor desse método de emprego de remédios, deixássemos de lado a circunstância de que se refere a *tratamento apenas sintomático e extremamente falho* (vide notas do §7) em que o clínico devota a sua atenção de *modo meramente unilateral, a um único sintoma*, e, quer dizer, apenas para uma pequena parte do todo, pelo que o alívio para a totalidade da doença, que é o que deseja o paciente, não pode evidentemente ser esperado, - devemos, por outro lado, procurar na existência se, em um caso único em que tal emprego antipático de remédio foi utilizado em afecção crônica ou persistente, após melhora passageira, não se seguiu de agravação maior do sintoma que havia primeiramente cedido de modo aliviador, uma agravação assim, de toda a doença? E todos os observadores mais atentos con-cordarão em que, após essa ligeira melhora antipática, segue-se uma agravação, *em todos os casos, sem exceção*, embora o médico comum esteja habituado a dar ao paciente outra explicação para a subsequente agravação, atribuindo-a à malignidade da doença original, que agora, pela primeira vez, se revela, ou à ocorrência de outro mal (*).

(*) Por pouco que os médicos tenham até agora estado habituados à observação minuciosa, a agravação que tão certamente se segue a tal tratamento paliativo não lhes podia escapar completamente. Um exemplo marcante disso pode ser encontrado em J. H. Schulze: *Diss. qua corporis humani momentaneorum alterationum specimina quaedam expenduntur*^{[1]*}, Hallae, 1741, §28. Willis presta testemunho de algo semelhante (Pharm. rat., §7, cap. I, pág. 298): “*Opiata dolores atrocissimos plerumque sedant atque indolentiam... procurant, eamque... aliquamdiu et pro statu quodam tempore continuant, quo spatio elapso dolores mox recrudescunt et brevi ad solitam ferociam augentur*”. Também na página 295: “*Exactis opii viribus illico redeunt tormina, nec atrocitatem suam remittunt, nisi dum ab eodem pharmaco rursus incantatur*”.^[2] De modo semelhante, J. Hunter (*On the Venereal Disease*, pág. 13), diz que o vinho e cordiais dados aos enfraquecidos aumentam a





atividade sem dar força real, e que as forças do corpo caem mais tarde na mesma proporção em que se ergueram, pelo que nada se ganha, mas muito pode ser perdido.

[*] Nota do trad. – Os números após os textos em latim referem-se à sua tradução, encontrados no final deste volume.

§ 59

Os sintomas importantes de males persistentes, *jamaís* no mundo foram tratados com tais paliativos, remédios antagônicos, sem que o estado oposto, uma recaída – na verdade, sensível agravação ao mal – voltasse algumas horas mais tarde. Para uma tendência persistente de sonolência, o médico prescrevia café, cujo primeiro efeito é despertar; e quando seu efeito se dissipava, aumentava a sonolência. Para frequentes interrupções do sono noturno, dava ópio, que em razão de sua ação primária produzia o mesmo sono (muito pesado) noturno, mas nas noites subsequentes a insônia era ainda mais forte que antes. Para diarréias crônicas, prescrevia, sem observar os outros sintomas mórbidos, o mesmo ópio, cuja ação primária é constipar os intestinos, e, após melhora passageira da diarréia, esta tornava-se mais tarde muito mais grave. Dores violentas e frequentes, de toda a espécie, podiam ser por ele suprimidas com ópio que anestesia as sensações por apenas pouco tempo, voltando então com maior gravidade, ou sobrevivendo uma afecção muito mais séria. Para tosse noturna, que havia muito afligia o paciente, o médico comum não conhecia, para prescrever, nada melhor que ópio, cuja ação primária é de suprimir a irritação; a tosse talvez tivesse cessado por uma noite, agravando-se nas sub-sequentes, e se, nas outras vezes, tivesse sido suprimida mediante esse paliativo, em doses maiores, acrescentar-se-iam febre e suores noturnos à doença. Tentou-se curar o enfraquecimento da bexiga, com conseqüente retenção de urina, pela ação antipática de cantáridas para estimular as vias urinárias, pelo que se conseguiu, primeiramente, a evacuação de urina, mas mais tarde, a bexiga tornou-se menos capaz





ORGANON DA ARTE DE CURAR

de receber estímulos e tornou-se iminente a sua paralisção. Com grandes doses de drogas purgativas e sais laxativos, que excitam os intestinos a ponto de fazê-los evacuar constantemente, tentou-se curar uma tendência crônica à constipação, mas em efeitos secundários, os intestinos tornaram-se ainda mais constipados. O médico comum procura remover a debilidade crônica com a administração de vinho, que, contudo, estimula apenas em sua ação primária; a partir desse ponto, as forças decaem em sua ação secundária. Com substâncias amargas e condimentos quentes ele tenta fortalecer e aquecer o estômago cronicamente fraco e frio, mas em sua ação secundária desses paliativos, estimulantes apenas em sua ação primária, o estômago se torna ainda mais inativo. A demorada deficiência de calor vital e sensação de frio certamente cederiam à prescrição de banhos mornos, mas os pacientes se tornariam ainda mais enfraquecidos, e sentiriam mais frio, posteriormente. Partes do corpo que tenham sido queimadas encontram alívio imediato com a aplicação de água fria, mas ficariam ainda mais sensíveis mais tarde, e a inflamação subiria a um grau ainda mais elevado (*). Mediante remédios esternutatórios que provocam a secreção das mucosas, tende-se a curar a coriza acompanhada de entupimento das fossas nasais, mas não se atenta para o fato de que essa doença é ainda mais agravada por esses remédios antagônicos (em sua ação secundária), tornando-se o nariz ainda mais entupido. Por meio da eletricidade e do galvanismo, que em sua ação primária estimulam grandemente a atividade muscular, excitaram-se membros cronicamente fracos e quase paralíticos, a ponto de se tornarem ainda mais ativos, mas a consequência (a ação secundária) foi o amortecimento completo de toda a irritabilidade muscular e paralisia total.

Mediante sangrias, tentou-se remover o fluxo de sangue excessivo à cabeça e a outras partes do corpo, por exemplo, nas palpitações, mas seguia-se sempre um maior congestionamento de sangue nesses órgãos, palpitações mais fortes e mais frequentes. Os clínicos comuns





SAMUEL HAHNEMANN

nada melhor conheciam para tratar o torpor paralítico dos órgãos corporais e mentais, juntamente com a inconsciência, que se observa em muitas formas de tifo, do que com grandes doses de valeriana, por ser ela um dos agentes medicinais reanimadores mais poderosos e para aumentar a faculdade motora; em sua ignorância, contudo, não sabiam que esta é somente uma ação *primária*, e que o organismo, após haver ela passado, com toda a certeza, na ação secundária (antagônica), cai em torpor e imobilidade ainda maiores, isto é, em paralisia dos órgãos mentais e corpóreos (e morte); eles não viram que justamente aqueles doentes a que deram grandes doses de valeriana, que, no caso, é um remédio antipático de ação oposta, terminaram, infalivelmente, de modo fatal. O médico da velha escola vangloria-se de poder reduzir durante diversas horas a velocidade do pulso, fraco e acelerado, de pacientes caquéticos com a primeira dose simples de *Digitalis purpurea* (que em sua ação primária diminui a velocidade da pulsação); contudo, retorna com velocidade redobrada; doses repetidas, agora mais fortes, causam cada vez menos e finalmente nenhuma diminuição de sua velocidade. Ela torna-se sim, em seu efeito secundário; caem o sono, apetite e forças, e uma morte rápida é *invariavelmente* o resultado, ou então segue-se a loucura. Em suma, quantas vezes é a moléstia agravada, ou algo ainda pior sucede, em virtude da ação secundária de tais remédios antagônicos (antipáticos), e a velha escola não percebe com suas falsas teorias, mas a experiência no-lo ensina de modo terrível.

(*) Vide Hufeland, em seu panfleto, die Homöopathie pág. 20.

§ 60

Se esses efeitos desastrosos se produzem, como se deve naturalmente esperar do emprego antipático de medicamentos, o médico comum imagina que pode vencer o mal, administrando, a cada piora da moléstia, uma dose mais forte do remédio, pelo que se realiza uma





ORGANON DA ARTE DE CURAR

amenização igualmente passageira (*); e como há, então, necessidade ainda maior de dar quantidades sempre maiores do paliativo, segue--se ou outra moléstia mais grave, ou frequentemente incurável, com perigo de vida, mesmo, e a própria morte, mas *jamais uma cura* do mal que já tenha tido duração considerável.

(*) Os paliativos usuais, em sua totalidade, dados para o sofrimento dos doentes (como se vê) têm efeitos posteriores na forma de aumento do mesmo sofrimento, e os médicos mais antigos tinham de repeti-los em doses cada vez mais fortes a fim de obter uma diminuição semelhante, que, contudo, jamais foi permanente ou suficiente para diminuir a possibilidade de uma recaída mais forte do mal.

Mas Broussais, que há vinte e cinco anos combateu a mistura desenfreada de drogas diferentes em receitas, e assim terminou seu reinado na França (pelo que a humanidade lhe é grata), introduziu seu chamado sistema fisiológico (sem atentar para o método homeopático então já estabelecido), método eficiente de tratamento, diminuindo e permanentemente impedindo o retorno de todos os sofrimentos, o qual se aplicava a todas as moléstias da humanidade; coisa que os paliativos então em uso não eram capazes de fazer. Sendo incapaz de curar moléstias com remédios suaves e inocentes e assim restabelecer a saúde, Broussais descobriu a *maneira mais fácil* de acalmar os sofrimentos dos pacientes, pouco a pouco à custa de suas vidas, e finalmente extinguir a vida inteiramente – método de tratamento esse que, infelizmente, pareceu suficiente para seus contemporâneos de vista curta. Quanto mais o paciente ainda tem forças, tanto mais serão aparentes suas queixas, tanto mais vivas ele sente suas dores. Choramanga, geme, grita e pede socorro cada vez mais forte, de modo que as pessoas que o cercam não podem tão rapidamente buscar o médico para dar-lhe alívio. A Broussais bastou deprimir a força vital, diminuí-la mais e mais, quanto mais se sangrasse o paciente, mais sanguessugas e vidros de sangria tiravam o fluido vital (pois o sangue inocente e insubstituível era, de acordo com ele, responsável por quase todos os males). Na mesma proporção o paciente perdia as forças para poder sentir dores ou exprimir sua agravação por meio de violentas queixas e gestos. O paciente aparenta maior calma à medida que enfraquece, os assistentes rejubilam-se com sua melhora aparente, e à medida que os espasmos,





SAMUEL HAHNEMANN

o sufocamento, os acessos de angústia ou as dores querem recomeçar novamente, eles correm em busca dos remédios que já haviam acalmado tão bem e prometiam novamente tranquilizá-lo. Em males de longa duração e quando o paciente tinha ainda alguma força, tiravam-lhe a alimentação, pondo-o em “dieta de fome”, a fim de deprimir-lhe a vida, com maior sucesso e fazer desaparecer o estado de inquite-tação. O paciente debilitado sente-se incapaz de protestar contra outras medidas semelhantes de sangria, sanguessugas, banhos quentes etc., recusando seu emprego. Que a morte deverá seguir-se a estas reduções e exaustão *frequentemente repetidas*, é um fato que não percebe o paciente, já destituído de toda a consciência, nem os parentes que são enganados por uma melhora também dos últimos sofrimentos do paciente, através da retirada de sangue e banhos mornos, e ficam admirados como o doente de repente pode morrer embaixo de suas mãos.

“Mas Deus sabe que o paciente em seu leito não foi tratado com violência, pois a picada de uma pequena lanceta não chega a ser dolorosa e a solução de goma-arábica (Eau de Gomme, praticamente o único remédio que Broussais permitia), era de gosto suave e sem efeito aparente – a sucção de sanguessugas e a sangria realizadas pelo médico eram suaves, ao passo que os banhos mornos só podiam acalmar, razão pela qual a moléstia desde o começo deveria ter sido fatal, de modo que o paciente, não obstante todos os esforços do médico, teve de deixar este mundo”. Assim consolavam-se os parentes e especialmente os herdeiros.

Os médicos na Europa e em outros lugares aceitavam *esse método conveniente de tratamento de todas as moléstias*, de acordo com uma única regra, pois poupava-lhes o trabalho de pensar (o trabalho mais laborioso sob o sol). Eles só tinham de preocupar-se em acalmar as lembranças da consciência e consolar-se que não eram os iniciadores do sistema e deste método de tratamento, que todos os outros milhares de seguidores de Broussais faziam a mesma coisa e que possivelmente tudo terminaria com a morte de qualquer modo, como lhes ensinou o seu mestre. Assim milhares de médicos foram miseravelmente induzidos (esquecendo-se das palavras trovejantes do mais antigo de nossos legisladores: “Não verterás sangue, pois a vida está no sangue”) e fazer jorrar do coração frio o sangue quente de seus doentes *incuráveis* e assim (conforme o método de Broussais) roubar *gradativamente* mais





ORGANON DA ARTE DE CURAR

vidas, do que os milhões de pessoas que tombaram impiedosamente nas batalhas de Napoleão. Será que foi necessário, por determinação de Deus, que o sistema de Broussais, que destruiu medicamente a vida de pacientes curáveis, precedesse a Homeopatia a fim de abrir os olhos do mundo para a única e verdadeira ciência e arte de curar, a Homeopatia, em que todos os pacientes curáveis encontram a saúde e nova vida, quando esta mais difícil das artes é praticada pelo médico incansável e perspicaz, de forma pura e conscienciosa?

§ 61

Se os médicos pudessem meditar sobre os tristes resultados do método antagônico de empregar medicamentos, teriam, há muito, descoberto a grande verdade: que a verdadeira e radical arte de curar deve ser encontrada no oposto exato de tal tratamento anti-pático dos sintomas da moléstia. Eles se convenceriam que, assim como um efeito medicamentoso contrário aos sintomas mórbidos (medicamento empregado antipaticamente), só apresenta alívio de curta duração e tem sempre, após este ter passado, uma conseqüente agravação, assim necessariamente o método contrário, o emprego *homeopático de medicamentos*, de acordo com sua semelhança de sintomas, deve conseguir uma cura total e duradoura, quando no caso são ministrados o oposto de suas doses grandes, as mais diminutas. Mas, nem por este motivo, nem pelo fato de nenhum médico jamais ter conseguido uma cura duradoura, em males *mais antigos*, se em sua receita não se encontrasse casualmente um medicamento de ação preponderantemente homeopática, também não pelo fato de todas as curas rápidas e totais que a natureza possa ter efetuado em alguma ocasião (§ 46), as quais *sempre* foram causadas por uma moléstia *semelhante*, que tenha sobrevindo à antiga, eles descobririam durante um tão grande número de séculos esta verdade que unicamente é capaz de trazer a cura.





§ 62

As causas de que depende esse resultado pernicioso do tratamento paliativo, antipático, bem como a eficácia do *oposto*, o tratamento homeopático, são esclarecidas pelos fatos seguintes, conclusões de diversas observações, que ninguém antes de mim havia percebido, embora sejam tão evidentes e palpáveis, e de importância infinita para a arte de curar.

§ 63

Cada potência que atua sobre a vitalidade, cada medicamento, afeta mais ou menos a força vital, e causa certa alteração na saúde do indivíduo, por período mais longo ou mais curto. Isto chama-se *ação primária*. Embora sendo conjuntamente um produto das forças vital e medicinal, pertence principalmente à segunda. À sua ação a nossa força vital procura opor sua própria energia. Essa ação resistente é uma propriedade, é, de fato uma ação automática de nosso poder de preservar a vida, chamada *ação secundária* ou *reação*.

§ 64

Na ação primária das potências morbíficas artificiais (medica-mentos) sobre nosso corpo parece que (como podemos verificar nos exemplos seguintes) nossa força vital se comporta apenas passiva-mente (receptiva, como que sofrendo), e assim como que obrigada a isto, permite que a potência artificial externa atue sobre ela e mude seu comportamento, para logo em seguida se reerguer e reagir a esta influência (ação primária):

k) produzindo no mesmo grau o estado exatamente oposto (*ação contrária, secundária*) à *ação primária* produzida sobre ela, *se tal estado existir*, e isto na proporção de sua própria energia; ou,

l) se não houver na natureza um estado que seja exatamente o oposto da ação primária, ela parece querer fazer valer seu poder supe-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

rior extinguindo a mudança nela produzida pelo agente externo (pelo medicamento), colocando em seu lugar seu próprio estado normal (*ação secundária, ação curativa*).

§ 65

Exemplos de (a) são conhecidos de todos. Uma mão banhada em água quente fica primeiro muito mais quente que a outra mão que não o foi (*ação primária*); mas, após retirada da água quente, e sendo completamente enxuta, esfria em pouco tempo, ficando, depois, muito mais fria que a outra (*ação secundária*). Uma pessoa aquecida por violento exercício (*ação primária*) torna-se, ainda mais tarde, tomada de frio e tremores (*ação secundária*). Alguém que ontem tenha-se aquecido tomando muito vinho (*ação primária*), hoje sente que cada lufada de ar está muito fria (*ação contrária do organismo, secundária*). Um braço que tenha sido conservado demoradamente em água muito fria fica primeiro muito mais pálido e frio (*ação primária*) que o outro; retirado, porém, da água fria e enxuto, torna-se posteriormente não apenas mais quente que o outro, mas também vermelho, quente e inflamado (*ação secundária, reação da força vital*). Uma excitação excessiva segue-se à ingestão de café forte (*ação primária*), porém, mais tarde, sobrevêm certa indolência e sonolência, que permanece por algum tempo (*reação, ação secundária*), se não for sempre removida outra vez, por pouco tempo, bebendo-se mais café (*paliativo*). Após um sono muito profundo causado pelo ópio (*ação primária*), a noite seguinte será tanto mais sem sono (*reação, ação secundária*). Após a constipação produzida pelo ópio (*ação primária*), segue-se uma diar-réia (*ação secundária*); após a purgação mediante medicamentos que irritam os intestinos, sobrevêm uma constipação de diversos dias de duração (*ação secundária*). Acontece sempre igualmente: após a ação primária de um medicamento que produz em grandes doses grande modificação na saúde de uma pessoa sadia, produz-se o oposto exato





(se é que existe de fato tal coisa, como já se observou), como ação secundária da nossa força vital.

§ 66

Contudo, uma ação contrária secundária certa, como se conclui facilmente, não se deverá notar na ação de doses homeopáticas mínimas dos agentes perturbadores, no corpo são. Uma pequena dose de cada uma delas produz, certamente, uma ação primária que é perceptível ao observador suficientemente atento; mas o organismo vivo emprega contra ela somente a reação (ação secundária) que for necessária para o restabelecimento do estado normal.

§ 67

Essas verdades incontestáveis, que espontaneamente se oferecem à nossa observação na natureza e na experiência, explicam-nos a ação benéfica que ocorre com o tratamento homeopático, assim como, por outro lado, demonstram o absurdo do tratamento antipático e paliativo de moléstias com o medicamento de ação antagônica (*).

(*) Só nos casos de maior urgência, em que perigo de vida e a morte iminente não dão tempo para ação de um medicamento homeopático – não horas, às vezes nem quartos de hora, ou apenas minutos – em acidentes repentinos com indivíduos até então são – por exemplo, em casos de asfixia e morte aparente em vítimas de raios, de sufocação, congelamento, afogamento etc. – é admissível, e aconselhável, nestes casos, como medida preliminar, estimular a irritabilidade e sensibilidade (a vida física) com um paliativo, como por exemplo com choques elétricos fracos, com clisteres de café forte, com um odor estimulante, aplicação progressiva de calor etc. Quando esse estímulo for efetuado, os órgãos vitais retomam suas funções normais sadias, pois não há, nesses casos, nenhuma moléstia a^o ser removida, mas apenas uma obstrução e supressão de força vital sadia. A esta categoria per-tencem vários antídotos de envenenamentos súbitos: álcalis para ácidos minerais, *Hepar sulphuris* para venenos metálicos, café e cânfora (e *Ipecacuanha*) para envenenamento por ópio etc.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Não se deve concluir que se escolheu mal um medicamento homeopático para um caso de doença, porque alguns dos sintomas medicinais são somente antipáticos a alguns sintomas menores e menos importantes da doença; se somente os outros, OS sintomas da doença, mais fortes, bem definidos (característicos) e peculiares, são atingidos e contrabalançados pelo mesmo medicamento com semelhança de sintomas (homeopático), isto é, vencidos, destruídos e extintos; os poucos sinto-mas opostos também desaparecem por si após o término do período de ação do medicamento, sem de modo nenhum retardarem a cura.

(^o) E ainda a nova seita que confunde os dois sistemas apela (embora em vão) para esta observação, a fim de ter uma desculpa para achar por toda a parte tais exceções à regra geral das doenças, e justificar seu uso de paliativos alopáticos, bem como de outras drogas alopáticas, somente para poupar-se o trabalho de procurar um remédio homeopático adequado para cada caso de doença – e assim figurarem comodamente como médicos homeopatas sem o serem. Mas seus atos combinam com o sistema que seguem – são perniciosos.

§ 68

Em *curas homeopáticas*, a experiência nos ensina que, das doses extraordinariamente pequenas de medicamentos (§§ 275-287), necessárias nesse método de tratamento, que, pela semelhança de seus sintomas, são apenas suficientes para vencer e remover da sensação do princípio vital a moléstia natural semelhante, certamente resta, às vezes, após a destruição desta última, a princípio certa quantidade de doença medicinal só no organismo, mas, em virtude da extraordinária pequenez da dose, é tão passageira, tão pequena, que desaparece rapidamente por si, que a força vital não precisa empregar, contra esse distúrbio artificial da saúde, reação que seja mais forte que o necessário, para elevar seu estado atual de saúde ao ponto saudável (isto é, para realizar uma cura completa); para o que, após a extinção da antiga perturbação mórbida, apenas se requer um esforço muito pequeno (§ 64, b).



**§ 69**

No método antipático (paliativo) de tratamento, contudo, acontece exatamente o oposto. O sintoma medicinal com que o médico combate o sintoma patológico (por exemplo, a insensibilidade e estupefação causada pelo ópio em sua ação primária contra dores agudas) não é certamente estranho, não inteiramente alopático, a esse último; há uma relação evidente do sintoma medicinal com o sintoma da doença, mas é o *oposto* do que deveria ser; aí se pretende que a eliminação do sintoma da doença seja efetuada por um sintoma medicinal *oposto*, o que, contudo, é impossível. Sem dúvida, o medicamento antipático escolhido atinge exatamente o mesmo ponto afetado no organismo, **tão seguramente como o medicamento morbífico semelhante homeo-paticamente** escolhido; o primeiro, porém, atinge apenas ligeiramente o sintoma oposto da doença, somente como um oposto, deixando de ser notado pelo nosso princípio vital, apenas por tempo muito breve, de modo que no primeiro momento da ação do paliativo antagônico, a força vital não percebe nada de desagradável em qualquer um dos dois

(nem do sintoma morbífico, nem do sintoma medicamentoso contrário), por parecerem ambos removidos e dinamicamente neutralizados, por assim dizer (isto é, por exemplo, o efeito produzido na dor, pelo poder estupefaciente do ópio). Nos primeiros minutos a força vital permanece normal, sem perceber nem a estupefação do ópio, nem a dor da doença. Mas, como o sintoma medicinal antagônico *não* pode (como no tratamento homeopático) ocupar o lugar da perturbação mórbida presente no organismo (na sensação do princípio vital) como moléstia *semelhante, mais forte* (artificial), e *não* pode, portanto, como um medicamento homeopático, afetar a força vital com um mal muito **semelhante artificial**, a fim de poder substituir o mal natural mórbido, o medicamento paliativo precisa, como coisa *totalmente diferente* e oposta do distúrbio patológico, deixar esse mal não eliminado; ele o deixa, como já foi dito, por uma semelhança da neutralização dinâmi-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

ca (*), primeiro sem ser notado pela força vital, mas, como todo mal medicinal, logo desaparece espontaneamente, não só deixando que a moléstia continue, exatamente como estava, porém obrigando a força vital (uma vez que ela, como todos os paliativos teve que ser ministrada em grandes doses, a fim de conseguir um alívio aparente) a produzir uma condição oposta (§§ 63-65), a esse medicamento paliativo, o inverso da ação medicinal, conseqüentemente análoga ao mal natural mórbido, intacto, ainda presente, que foi necessariamente revigorado e aumentado (**), por esse acréscimo (reação contra o paliativo) produzido pela força vital. O *sintoma do mal* (esta parte isolada do mal) *conseqüentemente piora após terminar a ação do paliativo; piora em relação à magnitude da dose do paliativo*. Assim (para nos atermos ao mesmo exemplo), quanto maior a dose de ópio dada para aliviar a dor, tanto mais aumenta esta além de sua intensidade original, assim que o ópio termina sua ação (***)).

(*) No ser humano vivo não podem ocorrer neutralizações permanentes de sensações antagônicas, ao contrário do que ocorre com substâncias de qualidades opostas no laboratório químico onde, por exemplo, o ácido sulfúrico e a potassa se unem, formando uma substância inteiramente diferente, um sal neutro, que já não é nem ácido nem alcalino, nem é decomposto pelo calor. Tais fusões e combinações, formando algo permanentemente neutro e indiferente, como dito acima, nunca ocorrem com relação a impressões dinâmicas de natureza antagônicas em nosso aparelho sensitivo. Somente uma semelhança de neutralização e remoção mútua ocorre em tais casos, primeiramente, mas as sensações antagônicas não se removem mutuamente de maneira permanente. As lágrimas do sofredor enxugar-se-ão por tempo muito breve, por um espetáculo engraçado; contudo, logo se esquecem as graças, e suas lágrimas correrão, então, ainda mais abundantes que antes.

(**) Por mais clara que seja esta proposição, tem sido mal interpretada, e contra ela alguns têm afirmado “que o paliativo, em sua ação secundária, que seria então semelhante ao mal presente, deve ser capaz de curar, tão bem quanto o medicamento homeopático por sua ação primária”. Mas não refletiam que a ação secundária





SAMUEL HAHNEMANN

nunca é um produto do medicamento, mas sempre da força vital do organismo, agindo de forma contrária; que, portanto, esta ação secundária produzida pela força vital, através do emprego de um paliativo, seja um estado semelhante ao do sintoma mórbido que o paliativo deixou intacta, e que a reação da força vital contra o paliativo, conseqüentemente, ainda mais aumentou.

(***) Como num cárcere escuro, em que o prisioneiro só pode reconhecer pouco a pouco com dificuldade os objetos em seu redor, quando se acende repentinamente uma luz, tudo se ilumina instantaneamente de forma deveras consoladora para o infeliz recluso; mas quando se extingue, quanto mais brilhante era antes a chama, tanto mais escura é a noite que agora o envolve, e torna tudo ao seu redor ainda mais difícil de divisar que antes.

§ 70

Do acima exposto, não podemos deixar de tirar as seguintes conclusões:

Que tudo o que há de caráter realmente mórbido, e que deve ser curado, que o médico pode descobrir em doenças, consiste apenas nos sofrimentos do paciente, e nas alterações sensíveis em sua saúde, em uma palavra, na totalidade dos sintomas, por meio dos quais a molés-tia exige o medicamento apropriado para o seu alívio; enquanto, por outro lado, cada causa interna a ela atribuída, cada qualidade oculta ou princípio morbífico material imaginário, não é mais que vã ilusão.

Que esta perturbação do estado de saúde, a que chamamos molés-tia, somente pode ser convertida em saúde mediante outra revolução efetuada no estado de saúde por meio de medicamentos, cujo único poder curativo, conseqüentemente, só pode consistir em alterar o estado de saúde do homem; isto é, em uma produção peculiar de sintomas mórbidos, que são percebidos de maneira mais clara e pura, quando experimentados no organismo são.

Que, de acordo com toda a experiência, um mal natural nunca pode ser curado por medicamentos que possuem o poder de produzir





ORGANON DA ARTE DE CURAR

no indivíduo são um estado mórbido estranho (sintomas mórbidos dessemelhantes) que *diferem* do da doença a ser curada (nunca, por-tanto, por método alopático de tratamento); e que mesmo na natureza jamais ocorre cura em que se remove uma doença inerente, ou é esta eliminada e curada pelo acréscimo de outra doença dessemelhante, por mais forte que a mais nova seja.

Que, além disso, toda a experiência prova que, mediante medica-mentos que tenham tendência a produzir no indivíduo sadio sintoma mórbido artificial *antagônico* ao simples sintoma da doença que se procura curar, a cura de uma afecção antiga jamais será efetuada, resultando apenas alívio muito passageiro, sempre seguido de sua agravação; e que, em uma palavra, esse tratamento antipático e me-ramente paliativo, em casos de doenças antigas de caráter grave, é **absolutamente ineficaz**.

Que, não obstante, o terceiro e único método possível de tratamento (o homeopático), em que se emprega *contra a totalidade dos sintomas* de uma doença natural um medicamento capaz de produzir os sintomas mais semelhantes possíveis no indivíduo são, dado em dose conveniente, é o único método eficaz pelo qual **as moléstias**, que nada mais são que irritações perturbadoras dinâmicas da força vital, são vencidas, sendo assim fácil, perfeita e permanentemente extintas, deixando, portanto, de existir. Isto é produzido mediante as irritações perturbadoras semelhantes e mais fortes do medicamento homeopático na sensação do princípio vital. Para este método, temos um exemplo da própria natureza, quando a uma doença acrescenta-se outra semelhante à primeira, pela qual a nova é aniquilada e curada rápida e permanentemente.

§ 71

Já que não há mais dúvida de que as doenças do gênero humano consistem apenas de grupos de certos sintomas, que podem ser elimi-





SAMUEL HAHNEMANN

nados e transformados em saúde por substâncias medicinais, somente, porém, pelas capazes de artificialmente produzirem sintomas mórbidos semelhantes (e este é o processo em todas as curas genuínas), então a operação da cura restringe-se aos três pontos seguintes:

I – Como deve o médico determinar o que é necessário saber a fim de curar a moléstia?

II – Como ele pesquisa os instrumentos necessários para a cura das doenças naturais, a potência patogênica dos medicamentos?

III – Qual o método mais conveniente de emprego destes agentes morbíficos artificiais (medicamentos) para a cura do mal natural?

§ 72

Quanto ao primeiro ponto, o que se segue servirá de base geral e preliminar. As moléstias a que está sujeito o homem são ou processos mórbidos rápidos da força vital anormalmente perturbada, que têm a tendência de completar seu curso de modo mais ou menos rápido, mas sempre em um tempo moderado, as chamadas doenças *agudas*, ou são doenças de caráter tal que, com um início pequeno, muitas vezes imperceptível, afetam dinamicamente o organismo vivo, cada uma de seu modo peculiar, fazendo-o desviar, pouco a pouco, do estado normal de saúde, de forma que a energia vital automática, chamada força vital (princípio vital), cuja função é preservar a saúde, só lhes opõe no começo e no decorrer de seu curso, uma resistência imperfeita, inadequada e inútil, sendo por si incapaz de extingui-las, devendo sofrer impotentemente o seu alastramento, a ponto de ser cada vez mais perturbada até que, por fim, o organismo seja destruído. Estas doenças se chamam *crônicas*. São causadas pelo contágio dinâmico por um miasma crônico (*).

(*) N.T. No original alemão *chronisches Miasm*.





§ 73

Quanto às moléstias agudas, podem ser de tal natureza que atacam os homens individualmente, sendo a *causa excitante influências prejudiciais* a que estavam especialmente expostas. Excessos ou insuficiências alimentares, impressões físicas intensas, frio ou calor excessivos, des-gaste, esforços etc., ou irritações físicas, emoções ou algo semelhante, são causas excitantes de tais afecções febris; em realidade, contudo, são geralmente apenas uma explosão passageira de Psora latente, que retorna espontaneamente a seu estado latente se as moléstias não foram de caráter demasiado violento e foram logo dissipadas.

Podem, também, ser de espécie tal que atacam diversas pessoas ao mesmo tempo, aqui e ali (esporadicamente), mediante influências meteóricas ou telúricas e agentes maléficos, sendo a suscetibilidade de ser morbidamente afetado por elas, possuída por apenas poucas pessoas ao mesmo tempo.

Juntamente com essas estão as doenças em que diversas pessoas são atacadas por sofrimentos muito semelhantes, provenientes da mesma causa epidêmica; essas doenças, geralmente, se tornam infecciosas (contagiosas) quando assolam diversos grupos humanos densos.

Daí surgem febres (*), em cada caso de natureza peculiar e, porque os casos de doença têm origem idêntica, determinam a todas elas um processo mórbido idêntico, que, se deixado à própria sorte, sem tratamento, em pouco tempo termina ou em morte ou no restabelecimento.

As calamidades da guerra, inundações e fome, muitas vezes são as suas causas – às vezes são *miasmas agudos* peculiares que retornam da mesma maneira (daí serem conhecidos por algum nome tradicional), que ou atacam as pessoas apenas uma vez na vida, como a varíola, sarampo, coqueluche, a antiga febre escarlate lisa, vermelho claro (**), de Sydenham, a caxumba etc., ou as que reaparecem frequentemente de modo muito semelhante, a peste do Levante, a febre amarela do litoral, a cólera da Índia Oriental.





SAMUEL HAHNEMANN

(*) O médico homeopata, que não leva em conta os preconceitos da escola comum de medicina (que fixou alguns poucos nomes de tais febres, além das quais a poderosa natureza, por assim dizer, não ousou produzir quaisquer outras, de modo a admitir seu tratamento de acordo com algum método fixo), não reconhece os nomes febre dos cárceres, febre biliar, febre tifoide, febre de putrefação, febre nervosa ou catarral, tratando cada uma delas sem lhes dar um nome específico, de acordo com suas diversas peculiaridades.

(**) Depois do ano de 1801, uma “*purpura miliaris*” (Roodvonk) proveniente do Ocidente, foi confundida pelos médicos com a febre escarlate, não obstante aquela apresentar sintomas inteiramente diferentes desta, havendo aquela encontrado seu remédio curativo e profilático na *Belladonna*, ao passo que esta o encontrou no *Aconitum*, sendo a última, geralmente, apenas esporádica, e a primeira sempre apenas epidêmica. Ultimamente parece que as duas uniam-se ocasionalmente formando uma febre eruptiva de tipo peculiar, para a qual nenhum dos dois remédios citados, empregados separadamente, será considerado exatamente homeopático.

§ 74

Entre as doenças crônicas, infelizmente, ainda devemos incluir as tão comumente encontradas, produzidas artificialmente pelo tratamento alopático, como também pelo uso prolongado de medicamentos heroicos violentos em doses fortes e progressivas, pelo abuso de calomelano, sublimado corrosivo, unguento de mercúrio, nitrato de prata, iodo e seu unguento, ópio, valeriana, casca de cinchona e quinino, digital, ácido prússico, enxofre e ácido sulfúrico, purgantes, repetidas sangrias (*), vertendo rios de sangue, cautérios, sanguessugas, sede-nhos etc., pelo que a energia vital é, às vezes, impiedosamente enfraquecida, quando não sucumbe, sendo anormalmente afetada (por cada substância de maneira peculiar) de modo tal que, a fim de conservar a vida, a despeito desses ataques atroz e destrutivos, deve produzir uma revolução no organismo, ou privando alguma de suas partes de sua irritabilidade e sensibilidade, ou exaltando-as de modo excessivo,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

causando dilatação ou contração, relaxamento ou endurecimento, ou mesmo destruição total de certas partes, e desenvolvendo alterações orgânicas falhas, aqui e ali, no interior e exterior do organismo (**)
(estropiando o corpo interna ou externamente), a fim de preservar o organismo de completa destruição da vida pelos ataques hostis e sempre renovados, por parte dessas forças destrutivas.

(*) Entre todos os métodos imagináveis de alívio da doença, nenhum método mais alopático, irracional ou inadequado pode ser imaginado que o de Broussais, tratamento debilitante mediante sangrias e dieta de fome que, por muitos anos, difundiu-se em grande parte do mundo. Nenhum homem inteligente pode ver nele qualquer coisa de valor médico ou medicinal, ao passo que os remédios verdadeiros, mesmo se escolhidos às cegas, e administrados ao paciente, podem, às vezes, ser valiosos em determinado caso de doença, porque podem ser, acidentalmente, homeopáticos por acaso. Mas da sangria o bom senso nada mais pode esperar, do que a diminuição e encurtamento da vida. É um engano triste e inteiramente infundado pensar que a maioria, e mesmo a totalidade das doenças dependam de inflamações locais. É geralmente inadequado, até homicida, tirar diversas libras de sangue das veias em febres inflamatórias, quando alguns remédios adequados acabariam com esse estado de irritação arterial, eliminando o sangue até então parado, juntamente com a moléstia, em algumas horas, sem a menor perda de fluidos ou de força. Tal perda de sangue é evidentemente insubstituível para o prosseguimento do restante da vida, pois os órgãos destinados pelo Criador para a produção de sangue tornaram-se assim enfraquecidos e, embora ainda possam produzir sangue na mesma quantidade, não o podem na mesma qualidade. E como é possível que essa plethora imaginada tenha sido produzida com tão notável rapidez e assim retirada por frequentes sangrias quando ainda uma hora antes o pulso desse paciente (antes do período da febre e dos tremores) estava tão tranquilo? Nenhum homem, nenhum doente teve jamais sangue em demasia^(*) ou força demasiada. Ao contrário, cada doente carece de forças, ou então seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento do mal. Assim é tão irracional como cruel acrescentar aos sofrimentos desse paciente tão debilitado uma fonte de debilidade ainda maior, na verdade a mais séria de todas as fontes





SAMUEL HAHNEMANN

de fraqueza que se possam imaginar. É uma prática errônea, assassina, irracional e cruel, baseada numa teoria inteiramente infundada e absurda, em vez de remover a doença que é sempre dinâmica e só pode ser eliminada por potências dinâmicas.

(⁹) O único caso possível de plethora apresenta-se na mulher sadia, alguns dias antes da menstruação, com uma sensação de certa plenitude no útero e nos seios, sem inflamação, porém.

(**) Se o paciente por fim sucumbe, o médico que administra esse tratamento habitualmente aponta aos chorosos parentes, no exame *post-mortem*, estes males orgânicos internos, que se devem à sua pseudo arte, mas que ele afirma espertamente, serem a doença original incurável (vide minha obra *Die Allöopathie, ein Wort der Warnung an Kranke jeder Art. Leipzig, bei Baumgärtner* (⁹⁹)). Esses registros enga-nosos, trabalhos ilustrados sobre anatomia patológica, apresentam os produtos desses estragos. *Os mortos do campo e os pobres das cidades que tenham falecido sem esses estragos por meio de medidas prejudiciais não são, via de regra, abertos para fins de estudos anatomopatológicos*. Tal corrupção e tais deformidades não seriam encontradas em seus cadáveres. Desse fato se pode julgar o valor da evidência tirada dessas belas ilustrações, bem como a honestidade dos senhores escritores de livros.

(⁹⁹) N.T. (A alopatia, uma palavra de alerta a doentes de toda espécie).
Escritos Menores.

§ 75

Estes estragos na saúde humana realizados pela arte não-curativa alopática (principalmente nestes últimos tempos) são, de todas as doenças crônicas, as mais deploráveis, as mais incuráveis; e lamento acrescentar que é aparentemente impossível descobrir ou imaginar remédios para a sua cura, quando essas doenças já alcançaram um estágio consideravelmente adiantado.

§ 76

Somente para as doenças naturais a Providência benéfica nos concedeu, na homeopatia, os meios de alcançar alívio; bem como as





ORGANON DA ARTE DE CURAR

devastações e mutilações do organismo, tanto externa como internamente, realizadas muitas vezes durante anos de exercício impiedoso de uma falsa arte, com suas drogas e tratamentos nocivos, deveriam ser *remediadas pela própria força vital* (dando-se ajuda adequada para a erradicação de qualquer miasma crônico que possa permanecer oculto), se já não tivesse sido enfraquecido em demasia por tais atos **maléficos**, e pudesse dedicar-se por anos a fio a esta enorme operação sem ser afetada. Não há, nem pode haver, uma arte humana de curar, para a restauração ao estado normal destas inúmeras condições anormais, tão frequentemente produzidas pela arte não-curativa alopática.

§ 77

Os males impropriamente chamados crônicos são os contraídos pelas pessoas que se expõem continuamente à influências nocivas evitáveis, que se habitam a abusar de líquidos ou alimentos nocivos, que se entregam a dissipações de muitos tipos, as quais prejudicam a saúde, que se privam por muito tempo de coisas necessárias para o sustento da vida, que residem em locais insalubres, principalmente em lugares pantanosos, que habitam em oficinas úmidas, porões ou outras moradias fechadas, que se privam de exercícios ou de ar puro, que arruinam a saúde, forçando o corpo ou a mente, que vivem em constantes preocupações etc. Esses estados de falta de saúde, que as próprias pessoas contraem, desaparecem espontaneamente (desde que não haja, latente no corpo, nenhum miasma crônico), com um método de vida mais sadio, não podendo ser chamados doenças crônicas.

§ 78

As verdadeiras doenças *crônicas naturais* são as oriundas de um miasma crônico, que, quando entregues à própria sorte, e não combatidas pelo emprego de remédios específicos para elas, continuam sempre aumentando e piorando, não obstante os melhores regimes





SAMUEL HAHNEMANN

mentais e físicos, e atormentam o paciente até o fim de sua vida, com sofrimentos sempre crescentes. Esses, exceto os produzidos mediante tratamento médico errôneo (§ 74), são os mais numerosos e maiores flagelos da raça humana; mesmo uma constituição física muito robusta, o modo de vida mais normal e a energia mais vigorosa da força vital são insuficientes para a sua erradicação (*).

(*) Durante os anos florescentes da juventude, e com o início da menstruação regular combinada a um modo de vida benéfico à alma, ao coração e ao corpo, elas permanecem despercebidas durante anos. (Os doentes aparentam perfeita saúde aos seus parentes e conhecidos e a doença que havia sido tomada por infecção ou doença herdada, parece ter desaparecido de todo. Mas, em anos subsequentes, após acontecimentos e condições adversas da vida, reaparecem com toda a certeza, pro-gridem com grande rapidez e assumem maior gravidade à medida que o princípio vital é afetado por paixões, sofrimentos e cuidados debilitantes, mas especialmente quando perturbados por tratamento medicinal inadequado.).

§ 79

Até agora só a Syphillis tem sido conhecida, até certo ponto, como doença crônica miasmática, que, quando não curada, cessa somente com o término da vida. A Sycosis (o mal condilomatoso), não curada, igualmente inerradicável pela força vital, não foi reconhecida como doença crônica miasmática de caráter peculiar, o que, sem sombra de dúvida, o é, e os médicos imaginaram que a tinham curado quando haviam destruído as excrescências na pele, embora a discrasia persistente por ela ocasionada escapasse à sua observação.

§ 80

Incalculavelmente maior e mais importante que os dois miasmas crônicos que acabamos de mencionar, há o miasma crônico da Psora, que (conquanto aqueles dois revelem sua discrasia interna específica, um pelo cancro venéreo, o outro pelas excrescências em forma de





ORGANON DA ARTE DE CURAR

couve-flor) também se revela, após o término da infecção interna de todo o organismo, por uma erupção cutânea peculiar, consistindo, às vezes, apenas de pequenas vesículas acompanhadas de prurido forte e voluptuoso (e de odor característico), o miasma interno crônico monstruoso — a Psora, a única *causa fundamental* real, produtora de todas as demais numerosas outras, direi mesmo incontáveis, formas de moléstia (*), que, com os nomes de debilidade nervosa, histeria, hipocondria, mania, melancolia, demência, furor, epilepsia e convulsões de toda a sorte, amolecimento dos ossos (raquitismo), escrofulose, escoliose e cifose, cárie, câncer, “fungus haematodes”, neoplasmas, gota, hemorroidas, icterícia, cianose, hidropisia, amenorréia, hemorragia gástrica, nasal, pulmonar, vesicular e uterina; asma e úlcera pulmonar, impotência e esterilidade, enxaqueca, surdez, catarata, amaurose, cálculos nos rins, paralisia, defeitos dos sentidos e dores de milhares de espécies etc., figuram nas obras sistemáticas de patologia como doenças peculiares e independentes.

(*) Passei doze anos investigando a fonte deste número incrivelmente alto de afecções crônicas, verificando e coligindo certas provas desta grande verdade que permaneceu desconhecida de todos os observadores, quer os antigos, quer os con-temporâneos, e descobrindo, ao mesmo tempo, os principais remédios (antipsóricos) que, em conjunto, combatem este monstro de mil cabeças, esta doença, em todas as suas formas e estágios.

Publiquei minhas observações sobre este assunto no livro intitulado “As Doenças Crônicas” (5 vols., Dresden, Arnold.1828,1830, 2ª edição, Düsseldorf, Schaub.); antes de ter obtido este conhecimento eu só pude ensinar a tratar toda a série de doenças crônicas como males individuais, isolados, com as substâncias medicinais cujos efeitos puros até então haviam sido experimentados em indivíduos sãos, de maneira que cada caso de doença crônica era tratado por meus discípulos de acordo com o grupo de sintomas que apresentava, do mesmo modo que um mal idiopático, e frequentemente curava de tal jeito que a humanidade doente se regozijava com o extenso tesouro medicinal já coligido pela nova arte de curar. E como a humanidade





SAMUEL HAHNEMANN

pode estar agora mais satisfeita, sendo que ela agora chega tanto mais perto do fim almejado, uma vez que lhe foram dados a conhecer os remédios homeopáticos adicionalmente achados, muito mais específicos, para os males crônicos resultantes da Psora, e os ensinamentos especiais para prepará-los e usá-los, entre os quais apenas o verdadeiro médico escolhe aqueles, cujos sintomas medicinais estejam mais de acordo com a doença crônica a ser curada, e que conseguem assim realizar quase invariavelmente curas completas.

§ 81

O fato de que este agente infeccioso muito antigo tem passado gradativamente, por centenas de gerações, através de milhões de organismos humanos, havendo atingido, assim, desenvolvimento incrível, permite, de certa forma, conceber-se como pode agora apresentar tantas formas mórbidas na grande família humana, principalmente quando consideramos o número de circunstâncias (*) que contribuem para a produção dessa grande variedade de males crônicos (sintomas secundários da Psora) além da diversidade indescritível de homens em relação a suas constituições físicas congênitas, de modo que não é de admirar que tal variedade de agentes nocivos em ação no organismo, de fora e de dentro, e, às vezes, continuamente, em tal variedade de organismo impregnados de miasma psórico, devesse produzir variedade incontável de defeitos, afecções, perturbações, que até agora têm sido tratados nas antigas obras sobre patologia (**), sob diversos *nomes* especiais, como males independentes.

Algumas das causas que exercem influência modificadora na transformação

(*)

da Psora em males crônicos manifestamente dependem, aparentemente, do clima, e do caráter peculiar físico do lugar onde mora o paciente, às vezes, das grandes variedades de treinamento físico e mental dos jovens, os quais podem ter sido negligenciados, atrasados ou realizados em excesso, ou de seu abuso no trabalho ou condições de vida, em questão de dieta e regime, paixões, maneiras, hábitos e costumes de várias espécies.



ORGANON DA ARTE DE CURAR

(**) Quantos nomes impróprios e ambíguos não contém estas obras, sob uma das quais incluem-se condições mórbidas excessivamente diferentes, que muitas vezes se assemelham em apenas um sintoma isolado, como *malária, icterícia, hidropisia, tuberculose, leucorréia, hemorroidas, reumatismo, apoplexia, convulsões, histeria, hipocondria, melancolia, mania, anginas, paralisia* etc. que são descritas como males de caráter fixo e invariável, sendo tratadas, por causa de seu nome, de acordo com um molde determinado! E como pode o simples fato de se dar um nome justificar tratamento médico *idêntico*?

E se o tratamento não for sempre o mesmo, por que usar o mesmo nome sempre, por que usar um nome idêntico que postula uma identidade de tratamento? “*Nihil sane in artem medicam pestiferum magis unquam irrepsit malum, quam generalia quaedam nomina morbis imponere iisque aptare velle generalem quandam medicinam,*” ^[3] diz Huxham, homem de tanta visão e digno de veneração por sua consciência delicada. (Op. Phys. Med., tom.I). E da mesma forma queixa-se Fritze (Annalen I. pág. 80) “que males essencialmente diferentes são designados pelo mesmo nome”. Mesmo os males epidêmicos, que sem dúvida podem ser propagados *em cada epidemia separada* por um princípio contagioso peculiar que permanece desconhecido por nós, são designados na velha escola de medicina por nomes peculiares, como se fossem doenças fixas conhecidas que retornavam invariavelmente da mesma maneira, como *tifo, febre de hospital, febre de cárcere, febre de acampamento, febre de putrefação, febre nervosa, febre catarral*, embora cada epidemia de tais febres se apresentasse em cada caso de modo diferente, como *doença nova*, como se jamais tivesse surgido antes de modo exatamente igual, diferindo muito, em cada caso, em seu curso, bem como em seus sintomas mais marcantes e em sua aparência. Cada uma delas é tão diferente das epidemias anteriores — não importa que nomes tenham — que seria inteiramente irracional dar a estas doenças, que diferem tanto entre si, um dos nomes que encontramos nos escritos sobre patologia, e tratá-las medicamente de acordo com esse nome mal empregado. Isto apenas o honesto Sydenham percebeu (Oper. cap.2, de morb. epid. F pág. 43), de modo que ele insistiu na necessidade de não considerar qualquer moléstia epidêmica como havendo ocorrido antes e de tratá-la da mesma maneira





SAMUEL HAHNEMANN

que outra, visto que todas as que ocorrem em sucessão, por mais numerosas que sejam, diferem entre si: “animum admiratione percillit, quam discolor et sui plane dissimilis morborum epidemicorum facies; quae tam aperta horum morborum di-versitas tum propiis ac sibi peculiaribus symptomatis, tum etiam medendi ratione, quam hi ab illis disparem sibi vindicant, satis illucescit. Ex quibus constat, morbos epidemicos, utut externa quantatenus specie et symptomatis aliquot utriusque pariter convenire paullo incautioribus videantur, re tamen ipsa, si bene adverteris animum, alienae esse admodum indolis et distare ut aera lupinis”.^[4]

Do acima exposto, vê-se que esses nomes de doenças, inúteis e mal empregados, não devem influenciar no tratamento a ser dado pelo verdadeiro médico, que sabe que tem de julgar e curar doenças, não de acordo com a semelhança de nomes de um de seus sintomas, mas de acordo com a totalidade de sinais do estado individual de cada paciente, cuja afecção é de seu dever investigar cuidadosamente, sem jamais fazer conjecturas hipotéticas a seu respeito.

Se, contudo, julgar-se necessário, às vezes, empregar-se o nome das doenças, a fim de nos fazermos compreender em poucas palavras, quando estivermos falando de determinado paciente a outras pessoas, devemos somente referir-nos a elas pelos seus nomes coletivos, e dizer-lhes, por exemplo, que o paciente tem uma *espécie* de doença de São Vito, uma *espécie* de hidropisia, uma *espécie* de tifo, uma *espécie* de malária; *mas* (para evitar de uma vez por todas as noções errôneas que tais nomes possam dar) *jamais* devemos dizer que ele tem a doença de São Vito, que ele tem tifo, hidropisia, malária, visto não existirem doenças desse nome ou semelhantes de caráter fixo invariável.

§ 82

Embora, pela descoberta dessa grande fonte de males crônicos, bem como pelo achado dos remédios homeopáticos específicos para a Psora, a medicina tenha avançado alguns passos mais próximo ao conhecimento da natureza da maioria dos males que tem de curar, ainda assim, para estabelecer a indicação de cada caso de mal crônico (psórico) que o médico tem de curar, o dever de identificar os sintomas discerníveis





ORGANON DA ARTE DE CURAR

e as suas características é tão indispensável para o médico homeopata quanto o era antes daquela descoberta, pois não pode ocorrer uma cura real dessa ou de outras doenças sem um tratamento particular estrito (individualização) de cada caso de doença — só que nesta investigação deve-se fazer alguma distinção quando a doença for aguda ou de progresso rápido; visto que, na doença aguda, os sintomas principais nos surpreendem e tornam-se cada vez mais rapidamente evidentes aos nossos sentidos, daí necessitar-se de muito menos tempo para determinar a moléstia e de muito menos perguntas (*) (por ser quase tudo evidente por si), do que nos casos de males crônicos que vêm progredindo durante anos, em que os sintomas são muito mais difíceis de ser reconhecidos.

(*) Portanto, as instruções seguintes para a investigação dos sintomas são apenas parcialmente aplicáveis a males agudos.

§ 83

Este *exame individualizador de caso de moléstia*, para o qual só darei aqui instruções gerais, e do qual o médico só terá em mente o que for aplicável para cada caso individual, apenas requer do médico ausência de preconceitos e sentidos perfeitos, atenção na observação e fidelidade no traçar o quadro da doença.

§ 84

O paciente detalha a marcha de seus sofrimentos; seus parentes relatam as suas queixas, como se comportou e o que nele notaram; o médico vê, ouve, e observa com seus outros sentidos o que há de alterado ou fora do comum nele. Escreve com precisão o que o paciente e seus amigos lhe relataram, nas próprias expressões empregadas por eles. Mantêm-se calado, deixando que lhe indiquem o que têm a dizer, evitando interrompê-los (*) a não ser que divaguem. O médico, no início do exame, avisa que falem devagar, de modo que possa escrever as partes importantes do que têm a dizer.





(*) Cada interrupção corta a ordem de ideias dos narradores e não lhes ocorre de novo exatamente o que teriam dito a princípio, sem a interrupção.

§ 85

Ele abre uma linha nova a cada circunstância diferente mencionada pelo paciente ou seus amigos, de modo que os sintomas estarão anotados separadamente, uns debaixo dos outros. Pode assim acrescentar outras coisas a qualquer deles que tenha sido primeiro relatado de modo vago e depois exposto de modo mais explícito.

§ 86

Quando os narradores tiverem terminado o que tinham a dizer, o médico retorna, então a cada sintoma em particular, e obtém informações mais precisas sobre o sintoma, da forma seguinte: lê os sintomas na ordem em que lhe foram relatados, e, quanto a cada um, procura obter mais detalhes; por exemplo, quando ocorreu este incidente? Foi antes de tomar o medicamento que estava usando? Durante o período em que estava tomando o medicamento? Ou somente alguns dias depois de parar de usá-lo? Que espécie de dor, que sensação experimentou, exatamente, neste lugar? Qual foi o lugar exato? A dor veio repentina, em acessos, e por si só, várias vezes? Ou era contínua, sem interrupção? Quanto tempo durou? A que hora do dia ou da noite, e em que posição do corpo foi pior, ou cessou inteiramente? Qual foi a natureza exata deste ou daquele incidente – descrita em linguagem clara – ou circunstância mencionada?

§ 87

E assim o médico obtém informações mais precisas sobre cada detalhe em particular, sem jamais, contudo, formular as perguntas de modo que sugira ao paciente a resposta (*), de modo que só obtenha a resposta sim ou não, pois do contrário o paciente será levado a res-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

ponder na afirmativa ou na negativa a algo que não seja verdadeiro, ou uma meia-verdade, ou não inteiramente correto, ou por indolência, ou a fim de agradar o interlocutor, do que resultará um quadro falso da moléstia, e, portanto, tratamento inadequado.

(*) Por exemplo, o médico não deve perguntar – Não havia esta ou aquela circunstância? Ele não deve jamais fazer tais sugestões, que tendem a induzir o paciente a dar uma resposta errônea, e um relato falso de seu sintoma.

§ 88

Se nesses detalhes espontaneamente fornecidos nada se mencionou sobre diversos fatos ou funções do corpo ou de seu estado mental, o médico pergunta o que mais pode ele dizer quanto a estas partes ou funções, ou seu estado de espírito (*); mas, assim fazendo, só emprega expressões gerais, a fim de que seus informantes sejam obrigados a entrar em detalhes específicos a seu respeito.

(*) Por exemplo, como funcionam os intestinos? Como tem urinado? Como tem dormido de dia ou de noite? Qual o estado de seu ânimo, humor, memória? Como está seu apetite e sua sede? Que gosto tem na boca? Que alimentos e líquidos tem apreciado mais? Quais os que mais o repugnam? Tem eles seu gosto natural, ou algum outro gosto incomum? Como se sente após ingerir alimento ou líquido? Tem algo a relatar sobre sua cabeça, membros, ou abdômen?

§ 89

Quando o paciente – pois é principalmente nele que devemos acre-ditar para a descrição das sensações que experimenta (a não ser no caso de males fingidos) – com estes detalhes, tiver dado de sua livre e espontânea vontade, e em resposta às perguntas, as informações necessárias e permitido um quadro suficientemente esclarecido de suas doenças, o médico pode e deve (se achar que ainda não obteve todas as informações necessárias) fazer perguntas mais precisas e especiais (*).





SAMUEL HAHNEMANN

(*) Por exemplo, qual a frequência de suas evacuações? Qual o tipo exato de fezes? As fezes esbranquiçadas consistem de catarro ou excrementos? Experimentou a sensação de dor durante a evacuação? Que tipo de dor, e onde se localizava exatamente? O que vomitou o paciente? O mau gosto na boca é pútrido, amargo, azedo, ou algum outro? Durante ou depois das refeições? Em que parte do dia foi pior? Qual o gosto do que eructou? A urina só se turva algum tempo após descarregada, ou logo que descarregada? Qual a sua coloração quando emitida pela primeira vez? Qual a cor do sedimento? Como se comporta o paciente enquanto dorme? Choraminga, geme, fala ou grita dormindo? Assusta-se dormindo? Ronca ao inspirar ou ao expirar? Dorme só de costas, ou de que lado? Cobre-se todo, ou não suporta as cobertas? Acorda com facilidade, ou dorme profundamente? Como se sente logo após acordar? Com que frequência ocorre esta ou aquela queixa? Qual a causa que o produz cada vez que ocorre? Surge quando está sentado, deitado, em pé ou em movimento? Só quando está em jejum, ou de manhã, ou só à tarde, ou após uma refeição, quando costuma aparecer? Quando veio o calafrio? Foi simplesmente uma sensação de tremor, ou estava realmente com a temperatura baixa, ao mesmo tempo? Em caso afirmativo, em que partes? Ou, ao sentir o calafrio, estava realmente quente ao toque? Era apenas uma sensação de frio sem tremores? Sentia calor sem estar com as faces afogueadas? Que partes suas eram quentes ao toque? Queixou-se de calor sem estar quente ao toque? Quanto durou o calafrio? E o período de calor? Quando veio a sede – durante a fase de frio? Durante a de calor? Ou antes? Ou depois? Qual a intensidade da sede, e qual a bebida desejada?

Quando veio o suor, no começo ou no fim da sensação de calor? Ou quantas horas após esta sensação? Durante o sono, ou enquanto em vigília? Qual a abundância do suor? Era quente ou frio? Em que partes? Que cheiro tinha? De que se queixa antes ou durante o calafrio? Durante a fase de calor? Que sente após? Que sente durante ou após a fase de transpiração?

Nas mulheres, como é o caráter da menstruação ou outros corrimentos etc.





§ 90

Quando o médico terminar de anotar esses detalhes, escreve, então, o que ele próprio observa no paciente (*), e se informa o quanto disto era peculiar ao paciente em seu estado normal.

(*) Por exemplo, como o paciente se comportou durante a visita – se estava mal humorado, briguento, choroso, ansioso, desesperado ou triste, esperançoso, calmo etc. Se estava em estado de torpor, ou de qualquer modo entorpecido de ideias; se falava com voz rouca, ou baixo, ou impropriamente, ou de que outro modo falou? Qual era a cor de sua face e seu olhos e de sua pele em geral? Que grau de vivacidade e força havia na sua expressão e olhar? Qual o estado de sua língua, sua respiração, seu hálito e sua audição? Estavam as suas pupilas dilatadas ou contraídas? Com que rapidez e até que ponto se alternavam no escuro e no claro? Qual o seu pulso? Qual a condição de seu abdômen? Estava a pele ou outra parte qualquer úmida, ou quente, fria, ou seca ao toque? Ou como estava ele, ao toque, de um modo geral? Estava deitado com a cabeça bem virada para trás, de boca semi ou inteiramente aberta, com os braços acima da cabeça, de costas, ou em que posição? Que esforço fez para levantar-se? Deve anotar-se qualquer outra coisa que possa ser observada pelo médico.

§ 91

Os incidentes e sensações do paciente durante uma série de medicamentos não permitem um quadro puro da doença; mas, por outro lado, os sintomas e distúrbios sofridos *antes do emprego dos medicamentos, ou após terem sido suspensos durante muitos dias*, dão a ideia fundamental verdadeira da forma *original* da doença, e são especialmente esses os que o médico deve anotar. Quando a doença for de caráter crônico, e o paciente estiver tomando medicamentos até a época em que for visitado, o médico pode muito bem deixá-lo alguns dias totalmente sem medicação, ou no intervalo administrar--lhe algo de natureza não-medicinal e adiar para mais tarde o exame mais completo dos sintomas mórbidos, a fim de poder apreender em





sua pureza os sintomas permanentes não contaminados da afecção antiga e formar um quadro fiel da doença.

§ 92

Mas, em se tratando de moléstia de curso rápido, e se sua gravidade não permitir demora, o médico deve contentar-se em observar a condição mórbida, embora alterada por medicamentos, se não puder discernir quais os sintomas que estiveram presentes antes de seu emprego, a fim de poder, ao menos, formar um quadro completo do mal atual, isto é, da doença medicamentosa unida à doença original, que pelo emprego de drogas inapropriadas geralmente é mais considerável e mais perigosa que a original, e por este motivo pede muitas vezes urgentemente uma ajuda adequada, para que o doente não morra pelo medicamento pernicioso que ingeriu, e possa vencê-la com um remédio homeopático adequado.

§ 93

Se a doença tiver sido contraída recentemente, ou no caso de uma afecção crônica, há algum tempo atrás, por alguma causa evidente, então o paciente – ou pelo menos os seus amigos e parentes interrogados em segredo –, mencioná-la-ão espontaneamente por impulso próprio, ou após cuidadoso interrogatório(*).

(*) Quaisquer causas de caráter desagradável, que o paciente ou seus parentes não queiram confessar, pelo menos voluntariamente, o médico deve procurar deduzir guiando sabiamente suas perguntas, ou tomando informações particularmente. A esta categoria pertencem o envenenamento, tentativa de suicídio, onanismo, excesso de libidinagens ordinárias ou anormais, excessos no vinho ou licores, ponche e outras bebidas alcoólicas, chá ou café; excessos alimentares em geral, infecções causadas por males venéreos ou sarna, amores infelizes, ciume, infelicidade doméstica, preocupação, tristeza causada por infortúnio de família, abuso sofrido, vingança frustrada, orgulho ferido, problemas financeiros, medo supersticioso, fome, ou imperfeição dos órgãos ou partes pudendas, hérnia, prolapso etc.





§ 94

Durante o exame do estado de males crônicos, as circunstâncias peculiares do paciente, quanto a suas ocupações habituais, seu modo de vida, sua dieta, sua situação doméstica etc., devem ser considera-dos e examinados, a fim de se saber o que há neles que possa tender a produzir ou manter o mal, para que se possa promover o seu resta-belecimento (*).

(*) Nos males crônicos femininos, é de máxima importância atentar para a gra-vidéz, esterilidade, desejo sexual, partos, abortos, lactação, corrimentos vaginais e o estado de sua menstruação. Quanto a este último detalhe, principalmente, não devemos deixar de verificar se ocorre em intervalos curtos, ou se se atrasa além de seu devido tempo, quantos dias dura, se seu fluxo é contínuo ou interrompido, em que quantidade, o matiz de sua coloração, se há leucorréia antes de seu aparecimento ou após o seu término, mas especialmente que incômodos físicos ou mentais, que sensações e dores a precedem, acompanham ou seguem; ocorrendo leucorréia, qual é sua natureza, que sensação acompanha seu fluxo, qual a sua quantidade, e quais as condições e ocasiões nas quais ocorre?

§ 95

Nas afecções crônicas, a investigação dos sinais da doença acima referida, e de todas as outras, deve ser conduzida tão cuidadosa e circunstancialmente quanto possível, e os menores detalhes devem ser observados, em parte porque nestas afecções são os mais caracte-rísticos e os que menos se assemelham ao de moléstias agudas, e se se desejar realizar uma cura, não podem ser observados com precisão, em parte porque os paciente se tornam tão habituados a seu longo sofrimento, que prestam pouca ou nenhuma atenção aos sintomas de menor importância, muito decisivos, que muitas vezes são bastante significativos (característicos) na busca do remédio, e que eles con-sideram quase como parte de seu estado natural, quase como saúde,





SAMUEL HAHNEMANN

cuja verdadeira sensação eles esqueceram bastante, na duração, em muitas vezes, de cinco, dez ou vinte anos de sofrimento, e mal podem crer que esses sintomas tenham alguma relação com seu mal principal.

§ 96

Além disso, os pacientes diferem, eles próprios, de tal maneira em seu gênio, que alguns, especialmente os chamados hipocondríacos e outros indivíduos de grande sensibilidade e impacientes em seu sofrimento, retratam suas queixas em cores excessivamente vivas, e, a fim de induzir o médico a lhes receitar remédios, descrevem os seus sofrimentos com expressões exageradas (*).

(*) Uma pura invenção de acidentes e sofrimentos jamais será feita pelos hipocondríacos, mesmo os mais impacientes entre eles – este fato é comprovado por comparação dos sofrimentos de que se queixam repetidas vezes quando o médico nada lhes receita, ou lhes receita algo sem valor medicinal – mas devemos deduzir alguma coisa de seu exagero, e em todos os casos atribuir o caráter forte de suas expressões à sua excessiva sensibilidade, caso em que este próprio exagero de suas expressões, ao falarem de seus sofrimentos, se torna por si um sintoma importante na lista de características de que se compõe a sua doença. O mesmo não ocorre com dementes ou com os que cinicamente fingem ter a doença.

§ 97

Outros indivíduos de caráter oposto, contudo, em parte por indolência, em parte por timidez, ou por uma certa disposição suave ou fraqueza de mente, deixam de mencionar alguns de seus sintomas, descrevendo-os em termos vagos, ou alegando que não são de importância.

§ 98

Assim, tanto é certo que devemos escutar, principalmente, a descrição feita pelo paciente de seus sofrimentos e sensações, e levarmos em





ORGANON DA ARTE DE CURAR

conta especialmente as expressões com que ele tenta nos comunicar seus sofrimentos – pois as versões de seus amigos e acompanhantes são usualmente alteradas e erroneamente descritas; igualmente é certo, por outro lado, que em todas as doenças, mas especialmente nas crônicas, a investigação do quadro, completo e preciso, bem como de suas peculiaridades, requer cuidado, tato, conhecimento da natureza humana e prudência especial na investigação, e paciência em alto grau.

§ 99

De modo geral, a investigação de moléstias agudas ou das que existem por tempo limitado, é a mais fácil para o médico, porque todos os fenômenos e perturbações do estado da saúde que se perdeu a pouco, estão ainda frescas na memória do paciente e de seus familiares, sendo ainda novas e bem definidas. O médico certamente tem de saber também tudo nestas doenças; mas ele tem menos para investigar; são em sua maior parte espontaneamente detalhadas para ele.

§ 100

Na investigação da totalidade dos sintomas das doenças epidêmicas e esporádicas, é de somenos importância saber se alguma coisa semelhante já surgiu no mundo sob o mesmo nome ou outro qualquer. A novidade ou peculiaridade de uma doença dessa espécie não faz diferença, quer no seu modo de exame ou no de tratamento, visto que o médico deve de qualquer modo encarar o quadro puro, de cada doença dominante, como se fosse algo novo e desconhecido, e investigá-la toda, por si, se for sua intenção praticar medicina de maneira real e radical, sem jamais conjecturar em vez de observar realmente, ou considerar como certo que o caso de doença que lhe foi confiado para tratamento já se acha total ou parcialmente conhecido, mas sempre examinando-o cuidadosamente em todas as suas manifestações; e este modo de proceder é de máxima necessidade em tais casos, visto





SAMUEL HAHNEMANN

que um exame cuidadoso demonstrará que cada doença é, em muitos aspectos, um fenômeno de caráter exclusivo, diferindo grandemente de todas as epidemias anteriores, a que, erroneamente, se aplicaram certas designações, com a exceção das epidemias resultantes do princípio contagioso que permanece o mesmo, como a varíola, o sarampo etc.

§ 101

Pode ocorrer facilmente que no primeiro caso de um mal epidêmico que seja notado pelo médico, este não tenha imediatamente um quadro completo de sua natureza, visto ser somente mediante criteriosa observação de cada um desses males coletivos que ele pode se familiarizar com a totalidade de seus sinais e sintomas. O médico que observa cuidadosamente pode, contudo, pelo exame de seu primeiro ou segundo paciente, aproximar-se muitas vezes tanto do conhecimento do verdadeiro estado do mal, de modo a ter na sua mente um quadro característico dele, e obter êxito em achar um remédio conveniente, homeopaticamente adaptado.

102

o) medida que são anotados os sintomas de diversos casos desta espécie, esboça-se cada vez de modo mais completo o quadro da doença, não maior e de mais rico vocabulário, porém mais preciso (mais característico), abrangendo a peculiaridade desta doença coletiva, os sintomas gerais (por exemplo, falta de apetite, falta de sono etc.) e, por outro lado, os sintomas mais especiais e marcados, peculiares a apenas algumas doenças e de ocorrência mais rara, pelo menos na mesma combinação, sobressaem e constituem o que há de característico na doença(*). As vítimas da epidemia certamente contraíram a doença da mesma fonte, e sofreram, portanto, da *mesma doença*; mas toda a extensão de tal epidemia, e a totalidade de seus sintomas (o seu conhecimento, essencial para permitir-nos a escolha do remédio homeopático mais conveniente para esta série de sintomas, é obtido





ORGANON DA ARTE DE CURAR

mediante um exame completo do quadro da doença), não pode ser conhecida por meio de somente um único paciente, só podendo ser perfeitamente deduzida (abstráida) e verificada pelos sofrimentos de diversos pacientes de constituições diferentes.

(*) O médico que, nos primeiros casos, já tenha podido escolher um remédio que se aproxime do específico homeopático, poderá, nos casos subsequentes, verificar a segurança do remédio escolhido, ou então, descobrir um mais apropriado, aliás, *o mais apropriado*.

§ 103

Da mesma forma como se disse aqui com relação às doenças epidêmicas, que são geralmente de caráter agudo, os males crônicos miasmáticos, que, como demonstrei, permanecem os mesmos em sua natureza essencial, especialmente a Psora, tiveram que ser por mim investigados, muito mais precisamente do que até agora, pois também neles um paciente apresenta apenas uma parte de seus sintomas, um segundo paciente, ou terceiro, e assim por diante, apresenta outros sintomas, que também são apenas uma parte, dividida, por assim dizer, da totalidade dos sintomas que constitui toda a extensão dessa doença, de modo que toda a gama de sintomas que pertencem a essa doença crônica miasmática, especialmente a Psora, só pode ser verificada pela observação de um *grande número* de pacientes atingidos por esse mal crônico, e sem um levantamento completo, e observação coletiva desses sintomas, os remédios capazes de curar o mal home-opicamente (a saber, os antipsóricos) não puderam ser descobertos; e esses remédios são, ao mesmo tempo, os remédios verdadeiros dos muitos pacientes que sofrem de tais afecções crônicas.

§ 104

Quando a totalidade dos sintomas que, de modo especial, marcam e distinguem o caso da doença, em outras palavras, quando o quadro do mal estiver bem definido(*), qualquer que seja a sua espécie, ter-se-á





SAMUEL HAHNEMANN

completada a parte mais difícil do trabalho. O médico tem, então, um quadro da moléstia, principalmente se for mal crônico, sempre diante de si, a fim de guiá-lo no tratamento; pode investigá-lo em todas as suas partes e tirar seus sintomas característicos, a fim de a eles opor, isto é, a toda a própria doença, uma força morbífica artificial semelhante, na forma de uma substância medicinal homeopaticamente escolhida na relação de sintomas de todos os medicamentos cujos efeitos puros tenham sido determinados. E quando, durante a cura, ele desejar saber qual foi o efeito do medicamento, e que mudança ocorreu no estado do paciente, neste novo exame do paciente ele só precisa riscar da relação dos sintomas anotados por ocasião da primeira visita os que apresentam melhora, marcando os que permanecem e acrescentando os novos sintomas que possam haver surgido.

(*) Os médicos da velha escola pouca importância davam a isto em seu método de tratamento. Não davam atenção a qualquer detalhe pequeno das circunstâncias do caso de que tratavam; aliás, muitas vezes interrompiam o paciente quando este lhe relatava os seus sofrimentos, a fim de não demorarem em suas notas ligeiras, suas receitas, composta de uma variedade de ingredientes cujos verdadeiros efeitos lhe eram desconhecidos. Nenhum médico alopata, como já se tem dito, procurou aprender as circunstâncias detalhadas do caso do paciente, e *muito menos fez dele anotações por escrito*. Ao ver o paciente outra vez diversos dias mais tarde, de nada se lembrava com referência aos poucos detalhes que havia ouvido na primeira visita (acrescendo o fato de que neste ínterim havia visitado diversos outros pacientes sofrendo de afecções diversas); deixava que tudo entrasse por um ouvido e saísse por outro. Em visitas subsequentes, só fazia algumas perguntas de caráter geral, fazia de conta de tomar o pulso do paciente, observar-lhe a língua, e ao mesmo tempo escrevia outra receita, baseado em princípios igualmente irracionais, ou prescrevia que se continuasse com a primeira medicação (em doses consideráveis, e diversas vezes ao dia), e com uma saudação cortês, apressava-se em sair para o quinquagésimo ou sexagésimo paciente da jornada, em sua maneira *despreocupada* e impensada, naquela manhã. A profissão que, de todas, realmente requer mais reflexão, um exame cuidadoso e consciencioso do estado de cada pa-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

ciente, e um tratamento especial nele baseado, era assim praticada por pessoas que se chamavam médicos, *clínicos racionais*. O resultado, como era de se esperar, era invariavelmente mau, sem exceção; e, ainda, os pacientes tinham de recorrer a eles para obterem conselhos, ou porque nada havia de melhor, ou para seguir “a etiqueta”.

§ 105

O segundo ponto do trabalho de um verdadeiro médico é adquirir o conhecimento dos instrumentos destinados à cura das doenças naturais, investigando o poder patogenético dos medicamentos, a fim de, quando precisar curar, poder escolher dentre eles um da re-lação de cujos sintomas se pode formar uma moléstia artificial, tão semelhante quanto possível à totalidade dos sintomas principais das doenças naturais que se procura curar.

§ 106

Devem-se conhecer todos os efeitos patogenéticos dos diversos medicamentos; isto é, todos os sintomas e alterações mórbidas na saúde que cada um deles é, de maneira especial, capaz de criar no indivíduo são, devem, primeiramente, ser observados, tanto quanto possível, antes de podermos esperar encontrar entre eles, e poder escolher remédios homeopáticos convenientes para a maioria dos males naturais.

§107

Se, a fim de isso determinar, administrarem-se medicamentos somente a pessoas *doentes*, mesmo administrados um a um, então pouco ou nada preciso se notará de seus efeitos puros, visto que as alterações peculiares nos estados de saúde, a serem esperadas dos medicamentos, misturam-se com os sintomas da moléstia e raramente podem ser observadas destacadamente.





§ 108

Não há, portanto, nenhum outro meio pelo qual seja possível determinar com precisão os efeitos peculiares dos medicamentos na saúde dos indivíduos – não há maneira certa, mais natural de atingir este objetivo, que administrar experimentalmente os diversos medicamentos, em doses moderadas, a pessoas *sãs*, a fim de determinar as mudanças, sintomas e sinais de sua influência que cada um, individualmente, produz na saúde física e mental; isto é, que elementos de doença podem produzir e tendem a produzir (*), visto que, como demonstramos (§§ 24-27), todo o poder curativo dos medicamentos jaz neste poder que possuem de alterar o estado de saúde do homem, sendo revelado mediante a observação desse estado.

(*) Nenhum médico, que eu saiba, durante os últimos dois mil e quinhentos anos, pensou nesse modo tão natural, tão absolutamente necessário e o único meio genuíno de experimentar medicamentos para determinar seus efeitos puros e peculiares, perturbando a saúde do homem, a fim de aprender o estado mórbido que cada medicamento é capaz de curar, exceto o grande imortal Albrecht von Haller. Só ele, apesar de não ser médico praticante, além de mim, viu a necessidade disso (vide o Prefácio da *Pharmacopeia Helvet.*, Basil, 1771, fol., pág. 12): “*Nempe primum in corpore sano medela tentanda est, sine peregrina ulla miscela; odoreque et sapore ejus exploratis, exigua illius dosis ingerenda et ad omnes, quae inde contingunt, affectiones, quis pulsus, quis calor, quae respiratio, quae nam excretiones, attendendum. Inde ad ductum phaenomenorum, in sano obviorum, transeas ad experimenta in corpore aegroti* ^[5] etc.” Mas ninguém, nem um só médico, atentou para essa valiosa sugestão, ou seguiu-a.

§ 109

Fui o primeiro a descobrir este caminho, que tenho seguido com uma perseverança que só pode ser devida, e mantida, por uma perfeita convicção da grande verdade, cheia de tantas bênçãos para a humanidade, a de que é somente pelo emprego homeopático dos medicamentos (*) que a cura segura dos males humanos se torna possível (**).

(*) É impossível que possa haver outro método melhor, verdadeiro, de curar





ORGANON DA ARTE DE CURAR

doenças dinâmicas (isto é, todas as doenças não estritamente cirúrgicas) além da homeopatia pura, bem como é impossível traçar mais de uma linha reta entre dois pontos. Os que imaginam haver outros modos de curar, além deste, não puderam apreciar os fundamentos da homeopatia, nem praticá-la com o cuidado suficiente, nem puderam ler ou ver casos de curas homeopáticas corretamente realizadas; nem, por outro lado, puderam discernir a falta de base de todos os meios de tratamento alopático, ou seus maus, ou mesmo horríveis efeitos, se, com tal indiferença consideravam a verdadeira arte de curar como igual àqueles meios danosos de tratamento, ou alegarem que os últimos são irmãos da homeopatia, que não podem dispensar! Os meus verdadeiros seguidores, conscienciosos, os homeopatas puros, com seus tratamentos vitoriosos, e quase sempre infalíveis, poderiam esclarecer essas pessoas.

(**) O primeiro fruto desse trabalho, tão perfeito quanto então podia ser, registrei-o no *Fragmenta de viribus medicamentorum positivis, sive in sano corpore humano observatis*^[6], vol. I e II, Leipzig, 1805. O fruto mais maduro, na *Matéria Médica Pura*, 1ª parte, 3ª ed., 2ª parte, 3ª ed., 1833. 2ª parte, 2ª ed., 1825. 4ª parte, 2ª ed., 1825. 5ª parte, 2ª ed., 1826. 6ª parte, 2ª ed., 1827 e nas 2ª, 3ª e 4ª partes das *Doenças Crônicas* 1828, 1830. Dresden junto de Arnold e uma 2ª ed. das *Doenças Crônicas*, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª partes, 1835, 1837, 1838, 1839. Düsseldorf, junto de Schaub.

§ 110

Vi, além disso, que as lesões mórbidas observadas pelos autores anteriores como resultantes de substâncias medicinais quando ingeridas por pessoas sadias, em grandes doses por engano, ou a fim de produzir a morte, nelas ou em outras pessoas, ou sob quaisquer outras circunstâncias, aproximavam-se muito de minhas observações ao experimentar as mesmas substâncias em mim próprio ou em outros indivíduos sãos. Esses autores dão detalhes do que tem ocorrido, com histórias de envenenamento e como prova dos efeitos perniciosos destas substâncias poderosas, principalmente para precaver os outros contra seu uso, e em parte, também, para exaltar a sua própria habilidade, quando, com o uso dos meios que empregaram para combater estes perigosos incidentes, retornou a saúde gradativamente;





SAMUEL HAHNEMANN

mas, também, em parte, quando as pessoas assim afetadas morreram sob o seu tratamento, a fim de procurar uma justificativa para si na natureza perigosa dessas substâncias, que chamaram venenos. Nenhum desses observadores jamais sonhou que os sintomas que registraram apenas como provas do caráter nocivo e tóxico dessas substâncias, fossem revelações seguras do poder dessas drogas de extinguir pela cura, sintomas semelhantes que ocorreram em moléstias naturais, que estes seus poderes patogênicos fossem indícios de seus efeitos curativos homeopáticos, e que apenas na observação destes estados de saúde, que os medicamentos produzem em organismos sãos, consista no único meio possível de pesquisar seus poderes medicinais, sendo que nem através de especulações engenhosas *a priori*, nem pelo cheiro, gosto ou aspecto dos medicamentos, nem pelo tratamento químico, nem pelo uso de um ou mais deles numa mistura (receitas) em doenças, são reconhecíveis os puros poderes peculiares das doenças para o fim de cura; não suspeitava-se que estas histórias das doenças medicamentosas um dia seriam a base inicial para a Matéria Médica pura e verdadeira (ensinamento das substâncias medicinais), que desde os primeiros tempos, até hoje, consistiam apenas de falsas conjecturas e ficções da imaginação

– isto é, absolutamente não existiam (*).

(*) Vide o que relatei sobre o assunto no “Exame das Fontes da Matéria Médica Ordinária”, como prefácio da terceira parte da minha Matéria Médica Pura.

§ 111

O fato de concordarem as minhas observações sobre os efeitos puros dos medicamentos, com estas mais antigas – embora registradas sem referência a seu fim terapêutico – e a concordância desses relatos com outros da mesma espécie, feitos por autores diversos, facilmente nos convencem de que as substâncias medicinais agem nas alterações mórbidas que produzem no organismo humano são, *de acordo com as leis fixas e eternas da natureza*, e em virtude delas, podem produzir *sintomas de doenças positivos e dignos de confiança, cada um de acordo com seu caráter peculiar*.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

§ 112

Nessas descrições mais antigas, dos efeitos frequentemente perigo-sos para a vida dos medicamentos ingeridos em doses excessivamente grandes, notamos certos estados produzidos, não no início, mas próximo do fim, desses tristes acontecimentos, e que foram de natureza *exata*-mente oposta aos que sugeriram inicialmente. Estes sintomas, o oposto exato da *ação primária* (§ 63), ou a ação própria dos medicamentos na força vital, são a reação da força vital do organismo, ou seja, sua *ação secundária* (§§ 62-67), dos quais, contudo, raramente, ou quase nunca, há o menor traço nas experiências feitas com doses moderadas em organismos sãos, e das doses pequenas, absolutamente não há nenhum. No processo curativo homeopático o organismo vivo reage tão somente o necessário para estabelecer o estado natural de saúde.

§ 113

As únicas exceções são os medicamentos narcóticos. Aos quais, em sua ação primária, removem, em parte, a sensibilidade e sensação, em parte a irritabilidade, e que frequentemente em sua *ação secundária*, mesmo com doses moderadas experimentais, deles se obtém uma sensibilidade maior (e uma maior irritabilidade).

§ 114

Com exceção dessas substâncias narcóticas, em experiências feitas com doses moderadas de medicamentos, em organismos sãos, obser-vamos somente sua ação primária, isto é, os sintomas com os quais o medicamento perturba a saúde do ser humano e desenvolve nele um estado mórbido de duração maior ou menor.

§ 115

Entre esses sintomas, ocorrem não poucos, no caso de certos medicamentos, que parcialmente, ou sob certas condições, são di-





retamente opostos aos outros sintomas que apareceram anterior ou posteriormente, mas que não devem, portanto, ser considerados como *ação secundária* verdadeira, ou simples reação da força vital, mas que somente representam o estado alternante dos diversos paroxismos da ação primária; as chamadas *ações alternantes*.

§116

Alguns sintomas são produzidos pelos medicamentos, com maior frequência; isto é, em muitos organismos, outros mais raramente, ou em poucas pessoas, alguns somente em pouquíssimos organismos são.

§ 117

A esta última categoria pertencem as chamadas *idiosincrasias*, que significam constituições corpóreas peculiares que, embora sãs sob outros aspectos, possuem uma tendência a serem levadas a um estado mais ou menos mórbido por certas coisas que *parecem* não produzir impressão alguma, nem nenhuma mudança em muitos outros indivíduos (*).

Mas esta incapacidade de produzir uma impressão em todos é apenas aparente. Pois, como são necessárias duas coisas para produzi-las, bem como todas as outras alterações mórbidas na saúde do homem – a saber, o poder inerente da substância influenciadora, como a capacidade da dinâmica vivificante de natureza espiritual (princípio vital), que anima o organismo, a ser por ela influenciada – as perturbações óbvias da saúde nas assim chamadas idiosincrasias não podem ser deixadas por conta apenas dessas constituições peculiares, devendo, também, ser atribuídas às coisas que as produzem, em que deve estar o poder de deixar as mesmas impressões em todos os organismos humanos, embora somente um pequeno número de constituições sadias tenham uma tendência a se deixarem levar por elas a um estado mórbido tão óbvio. Que estas potências causam re-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

almente esta impressão em cada corpo, está demonstrada no fato de que elas prestam auxílio homeopático como remédio (**), em todas as pessoas com sintomas mórbidos semelhantes aos que elas próprias são capazes de produzir (mesmo que aparentemente apenas nas assim chamadas pessoas idiossincrásicas).

(*) Algumas pessoas tendem a desmaiar com o cheiro de rosas e a cair em estados mórbidos, às vezes perigosos, ao provarem mexilhões, caranguejos ou barbo; ao tocarem as folhas de algumas espécies de sumagre etc.

(**) Assim a Princesa Maria Porphyrogeneta restabeleceu a saúde de seu irmão, o imperador Alexius, que sofria de desmaios, borrifando-o com água de rosas, (ΤΟ ΤΩΝ ΡΟΔΩΝΣΤΑΛΑ) na presença de sua tia Eudoxia (Hist. byz. Alexias lib. 15 pág. 503 ed. Posser) Horácio (Oper., III, pág. 59) viu grande vantagem no vinagre de rosas em casos de desmaios.

§ 118

Cada medicamento apresenta ações peculiares no organismo humano, que não são produzidas exatamente da mesma maneira por qualquer outra substância medicamentosa de espécie diferente (*).

(*) Este fato foi também percebido pelo estimável A. von Haller, que diz (Pre-fácio de sua *Hist. sirp. helv.*): “Latet immensa virium diversitas in iis ipsis plantis, quarum facies externas dudum novimus, animus quasi et quodcunque coelestius habent, nondum perspeximus”.^[7]

§ 119

Da mesma forma que cada espécie de planta difere em sua forma externa, modo de vida e crescimento, em gosto e cheiro, de qualquer outra espécie e gênero vegetal, é tão certo quanto o fato de que cada mineral e cada sal difere de todos os outros, em suas propriedades externas, bem como nas internas físicas e químicas (circunstância que por si só seria suficiente para impedir qualquer confusão), e do mesmo modo é certo que todos diferem e divergem entre si em seus efeitos patogenéticos e, conseqüentemente, nos terapêuticos (*). Cada uma





SAMUEL HAHNEMANN

dessas substâncias produz alterações nos estados de saúde e de ser dos indivíduos de forma peculiar, diferente, contudo determinada, de modo que impeça a possibilidade de confundir uma com a outra (**).

(*) Qualquer pessoa que conheça exatamente e possa avaliar a diferença notável dos efeitos na saúde humana de cada substância isolada dos de todas as outras, perceberá imediatamente que entre elas não pode haver, do ponto de vista medicamentoso, quaisquer medicamentos equivalentes, não pode haver sucedâneos. Somente os que não conhecem os efeitos puros, positivos dos diferentes medicamentos, podem ser tão tolos a ponto de quererem nos persuadir que um pode servir em lugar do outro, podendo ser tão eficaz, para a mesma doença, que o outro. Assim, as crianças ignorantes confundem as coisas mais essencialmente diferentes, porque mal as conhecem pela sua aparência externa, e menos ainda pelo seu valor real, pela sua verdadeira importância e suas propriedades inerentes dessemelhantes.

(**) Se isto for a pura verdade, o que o é sem dúvida, então nenhum médico que não quer ser visto destituído da razão, e que não quer agir de modo contrário aos ditames de sua consciência, o único árbitro de real valor, pode usar no tratamento de doenças, qualquer substância medicinal a não ser uma, cujo significado verdadeiro conheça perfeitamente, isto é, cujo efeito virtual sobre a saúde de pessoas sãs ele experimentou sobejamente, para saber com exatidão que ela seja capaz de, por si mesma, produzir um estado mórbido mais semelhante do que qualquer outro medicamento do qual ele houver tido conhecimento; pois, como demonstramos acima, nem o homem, nem a própria natureza poderosa podem efetuar uma cura rápida, perfeita e permanente, a não ser através de um meio homeopático. Daí por diante, nenhum verdadeiro médico pode abster-se de fazer tal experiência, de preferência em si mesmo a fim de obter esse conhecimento essencial e único dos medicamentos que são indispensáveis para a cura, conhecimento esse até agora indignamente descuidado pelos médicos, em todos os tempos. Em todas as épocas anteriores – a posteridade mal poderá acreditar – até agora, os médicos têm se contentado em receitar às cegas medicamentos cujo valor é desconhecido, e que *jamaís foram experimentados propositadamente* em relação à sua ação dinâmica pura, muito variada e altamente importante, na saúde do homem; e, além disso, misturaram diversas dessas forças desconhecidas que diferiam tanto





ORGANON DA ARTE DE CURAR

entre si, em uma única receita, deixando que o acaso determinasse que efeito seria produzido no paciente. É como se um louco forçasse entrada na oficina de um artesão, pegasse *diversas ferramentas inteiramente diferentes, cujas finalidades desconhecesse por completo*, a fim de fazer o que ele imagina ser trabalhar nas obras de arte que visse ao seu redor. Nem será preciso dizer que estas seriam destruídas, ou melhor, completamente destruídas, por seus atos insensatos.

§ 120

Portanto, os medicamentos de que dependem a vida e a morte do homem, sua saúde e doença, devem ser radical e cuidadosamente distinguidos uns dos outros e, para este fim, testados por meio de experiências puras e cuidadosas no organismo são, para que seus poderes e efeitos reais sejam determinados, a fim de se obter um conhecimento exato deles, e podermos evitar qualquer erro em seu emprego em doenças, pois é somente pela sua seleção correta que a maior das graças terrenas, a saúde do corpo e da alma, pode ser rápida e permanentemente restabelecida.

§ 121

Ao experimentar medicamentos para determinar sua ação no corpo são, devemos ter em mente que as substâncias fortes, heroicas, como são chamadas, podem, mesmo em pequenas doses, produzir alterações na saúde até em pessoas robustas. Os de menor poder devem ser dados para estas experiências em quantidades consideravelmente maiores; a fim de observar a ação dos mais fracos, contudo, as pessoas em que se fazem as experiências devem ser livres de doenças, e além disso delicadas, irritáveis e sensíveis.

§ 122

Nesses experimentos, de que depende a exatidão de toda a arte médica – assim como o bem-estar de todas as gerações futuras da hu-





SAMUEL HAHNEMANN

manidade – não se devem empregar outros medicamentos senão os que se conhecem perfeitamente, e os de cuja pureza, legitimidade e energia estamos inteiramente certos.

§ 123

Cada um desses medicamentos deve ser tomado em estado perfeitamente simples, e isento de artifícios; as plantas nativas, na forma de um sumo recentemente extraído, misturado com um pouco de álcool para evitar que se estraguem; substâncias vegetais exóticas, devem ser tomadas em pó ou em tintura preparadas com álcool quando frescas e mais tarde misturadas com um pouco de água; sais e gomas, no entanto, devem ser dissolvidos em água imediatamente antes de serem tomados. Se a planta só puder ser obtida seca, e se seus poderes forem naturalmente fracos, nesse caso para o experimento, deve-se usar uma infusão dela, cortando a erva em pequenos pedaços e derramando sobre estes água fervente, de modo que se extraiam suas partes medicinais; imediatamente após o seu preparo, deve ser ingerida enquanto ainda estiver quente, visto que todos os sucos vegetais espremidos e todas as infusões aquosas de ervas, sem o acréscimo de álcool, fermentam muito rapidamente e decompõem-se, perdendo, desse modo, toda a sua força medicamentosa.

§ 124

Para estes experimentos cada substância medicamentosa deve ser empregada completamente isolada e perfeitamente pura, sem misturar-se com qualquer outra substância estranha, e sem se ingerir nada mais de natureza medicamentosa no mesmo dia, nem nos dias subsequentes, nem durante todo o tempo em que quisermos observar os efeitos do medicamento.

§ 125

Durante este tempo de experiências, a dieta também deve ser adequada bem moderadamente, o quanto possível sem temperos, de





ORGANON DA ARTE DE CURAR

modo simples, apenas nutritivo, de maneira que todos os legumes verdes(*) e raízes (que em sua totalidade contém sempre uma força medicamentosa, inconveniente, mesmo com todo preparo) sejam evitados. As bebidas devem ser as mais usualmente tomadas, as menos estimulantes quanto possível(**).

(*) Ervilhas tortas (em vagem), vagens, batatas cozidas ao vapor, quando muito, cenouras são permitidas, sendo os menos medicinais dos vegetais.

(**) A pessoa que está sendo submetida ao experimento não deve estar habituada a tomar vinho, aguardente, café ou chá, ou deve ter se absterido durante um período considerável antes da experiência do uso dessas bebidas em parte estimulantes, em parte medicamentosamente nocivas.

§ 126

A pessoa que está provando o medicamento deve *primeiramente ser conhecida como digna de toda a confiança e conscienciosa*, e durante todo o tempo da experiência deve evitar trabalho físico ou mental excessivo, qualquer forma de dissipação ou paixões perturbadoras; não deverá ter afazeres urgentes para distrair-lhe a atenção; deve dedicar-se à devida auto-observação cuidadosa e não se perturbar enquanto estiver assim ocupada; seu organismo deve estar, no que é para si, em um bom estado de saúde; e deve possuir a inteligência necessária para exprimir e descrever suas sensações em termos precisos.

§ 127

Os medicamentos devem ser experimentados tanto em pessoas do sexo masculino como nas de sexo feminino, a fim de revelarem as alterações peculiares ao sexo.

§ 128

As observações mais recentes têm demonstrado que as substâncias medicinais, quando tomadas em estado bruto pelo experimentador,





SAMUEL HAHNEMANN

com o fito de experimentar seus efeitos peculiares, não apresentam a plenitude de seus poderes que jazem ocultos, o que não ocorre quando são tomadas, com o mesmo objetivo, grandemente diluídas, soluções essas que são potencializadas mediante trituração e agitação adequadas; por meio dessas simples manipulações, os poderes que, em seu estado bruto, jaziam ocultos e, por assim dizer, adormecidos, desenvolvem-se e são trazidos à atividade em grau elevado até o inacreditável. Desse modo, agora consideramos que é melhor investigar os poderes medi-cinais mesmo das substâncias julgadas fracas, e o plano que adotamos consiste em dar-se ao experimentador, em jejum, de quatro a seis gló-bulos por dia, da trigésima potência de tal substância, umedecidas com um pouco de água ou dissolvidas em uma quantidade maior ou menor de água e bem misturadas, prosseguindo-se assim durante vários dias.

§ 129

Se os efeitos resultantes de tal dose forem apenas fracos, devem se tomar mais uns glóbulos todos os dias, até que as alterações de saúde se tornem mais visíveis; pois nem todas as pessoas são afetadas no mesmo grau por um mesmo medicamento; ao contrário, há uma grande diversidade nisso, de maneira que, às vezes, um indivíduo aparentemente débil pode ser pouco ou nada afetado por doses moderadas de um medicamento que se sabe de grande poder, ao passo que é fortemente afetado por vários outros muito mais fracos. E, por outro lado, há pessoas muito robustas que experimentam sintomas mórbidos de grande intensidade em consequência de um medicamento aparentemente fraco, e apenas sintomas ligeiros em resultado de medicamentos mais fortes etc. Assim, como isto não se pode saber com antecedência, é aconselhável Iniciar sempre com uma dose muito pequena da droga e, quando convier e for necessário, aumentar a dose de dia para dia.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

§ 130

Se, bem no início, a primeira dose administrada tiver sido suficientemente forte, ganha-se esta vantagem, a de que o experimentador aprenda a ordem de sucessão dos sintomas e possa anotar com precisão o período em que cada um ocorreu, o que é de grande valia para se ter um conhecimento do caráter do medicamento, pois então a ordem das ações primárias, bem como a das ações alternantes, é observada de forma mais indubitável. Mesmo uma dose assaz moderada, muitas vezes, é suficiente para o experimento, desde que o experimentador seja dotado de sensibilidade bastante delicada, e preste a devida atenção a suas sensações. A duração da ação de uma droga só pode ser determinada comparando-se diversos experimentos.

§ 131

Se, contudo, a fim de se averiguar algo, seja necessário dar o medicamento à mesma pessoa, para experiência, durante vários dias seguidos em doses crescentes, aprendemos com isto os diversos estados mórbidos que este medicamento é capaz de produzir de modo geral, mas não descobrimos sua ordem de sucessão; e a dose subsequente, muitas vezes, elimina um ou outro dos sintomas causados pela dose anterior, ou desenvolve, em seu lugar, um estado curativo secundário oposto – tais sintomas devem ser registrados entre parênteses, para ressaltar sua ambiguidade, até que experiências subsequentes, mais puras, mostrem se são uma ação contrária, uma ação secundária do organismo, ou uma ação alternante desse medicamento.

§132

Mas quando o objetivo for, sem relação à ordem de sequência dos fenômenos ou à ação da droga, apenas pesquisar os sintomas propriamente ditos, especialmente as de uma substância medicinal fraca, então o melhor é dá-la durante diversos dias seguidos, aumentando-





SAMUEL HAHNEMANN

-se a dose dia-a-dia. Desse modo, a ação de um medicamento ainda desconhecido, mesmo que seja de natureza muito fraca, será revelada, principalmente se se experimenta em pessoas sensíveis.

§ 133

Ao experimentar qualquer sensação particular em virtude do medicamento, é útil, e mesmo necessário, a fim de determinar o caráter exato do sintoma, assumir diversas posições enquanto ela perdurar, e observar se, movendo a parte afetada, caminhando pelo quarto ou ao ar livre, levantando-se, sentando-se ou deitando-se, o sintoma aumenta, diminui ou desaparece, e se retorna ao tomar outra vez a posição em que o primeiro se observou; se é alterado ao comer, ou beber, ou ao fazer-se outra coisa, ou ao falar, tossir, espirrar, ou mediante outra ação do organismo, bem como observar a que hora do dia ou da noite ocorre geralmente, de forma mais aguda, pelo que se tornará mais patente o que for mais peculiar e característico em cada sintoma.

§ 134

Todas as influências externas, e principalmente os medicamentos, possuem a propriedade de produzir na saúde do organismo vivo uma determinada espécie de alteração peculiar; porém, nem todos os sintomas peculiares a um medicamento aparecem já em uma só pessoa, nem de uma vez, nem no mesmo experimento, mas numa pessoa, desta vez, estes; numa segunda ou terceira experiências, outros; numa outra pessoa estes ou aqueles sintomas se evidenciam; porém, de maneira que, talvez na quarta, oitava, décima pessoa etc., novamente alguns ou mais fenômenos apareçam, que já haviam se evidenciado na segunda, sexta, nona pessoa etc.; eles também não aparecem todos, às vezes, à mesma hora.

§ 135

A totalidade dos elementos de moléstia que um medicamento é capaz de produzir só pode ser completamente entendida mediante nu-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

merasas observações em muitas pessoas adequadas de ambos os sexos e diferentes constituições. Só então podemos ter certeza de que um medicamento foi inteiramente experimentado em relação aos estados mórbidos que pode produzir – isto é, em relação a seus poderes puros de alterar a saúde do homem – quando experimentadores posteriores pouco podem notar de novo em sua ação, e quase sempre os mesmos sintomas já observados pelos outros em si.

§ 136

Embora, como já foi dito, um medicamento, ao ser experimentado em pessoas sãs, não pode manifestar em uma pessoa todas as alterações da saúde que é capaz de causar, só podendo fazer isso quando administrado a diversos indivíduos diferentes, que variam em constituição de corpo e alma, ainda assim existe nele a tendência de excitar esses sintomas em todos os seres humanos (§ 117)*, de acordo com a lei eterna e imutável da natureza, em virtude da qual todos os seus efeitos, mesmo os que só raramente se manifestam na pessoa sã, são postos em atividade, no caso de todos os indivíduos, se lhes for administrado ao tempo em que estiverem com um estado mórbido que apresente os mesmos sintomas semelhantes; ele, então, mesmo em dose muito pequena, sendo homeopaticamente escolhido, silenciosamente produz no paciente um estado artificial muito semelhante à doença natural, que rápida e permanentemente (homeopaticamente) o liberta e cura de seu mal original.

N.T.: no original § 110. *

§ 137

Quanto mais moderadas forem as doses de medicamento, dentro de certos limites, empregadas para tais experimentos – desde que procuremos facilitar a observação pela escolha de uma pessoa amante da verdade, moderada, de sentimentos delicados e que possa dispensar o máximo de





SAMUEL HAHNEMANN

atenção às sensações que experimenta, mais distintamente se desenvolvem os efeitos primários, e somente os que valem a pena serem conhecidos ocorrem sem qualquer mistura de efeitos secundários, ou reações da força vital. Contudo, quando doses excessivamente grandes são empregadas, ocorrem, ao mesmo tempo, não somente diversos efeitos secundários entre os sintomas, mas também os efeitos primários vêm em tal rapidez e confusão e com tal violência, que nada pode ser observado com precisão; sem ter em conta o perigo que os acompanha, o que ninguém que tenha consideração por seus semelhantes e que olhe para o mais miserável dos indivíduos como a um irmão, julgará de maneira diferente.

§ 138

Todos os sofrimentos, acidentes e mudanças de saúde do experimentador, durante a ação de um medicamento (desde que satisfeitas as condições acima (§§ 124-127), essenciais para uma experiência satisfatória e pura) derivam somente do medicamento, e devem ser considerados e anotados como pertencendo peculiarmente a ele, como sintomas desse medicamento, no caso que *com grande antecedência* o experimentador haja observado a ocorrência de fenômenos semelhantes em si próprio. Seu reaparecimento durante a experiência com o medicamento só vem demonstrar que esse indivíduo é, em virtude de sua constituição física peculiar, especialmente predisposto a ter os sintomas nele despertados.

Nesse caso, são o efeito do medicamento; os sintomas não surgem espontaneamente enquanto o medicamento que tomou está exercendo influência na saúde de todo o organismo, sendo, porém, produzidos pelo medicamento.

§ 139

Quando o médico não realiza em si próprio o experimento do medicamento, mas em outra pessoa, esta última deve anotar com precisão as sensações, sofrimentos, acidentes e mudanças de saúde





ORGANON DA ARTE DE CURAR

que experimenta no momento de sua ocorrência, mencionando, após a ingestão da droga, o tempo em que cada sintoma surgiu e, se perdurar por um tempo considerável, o período de sua duração. O médico revê o relatório na presença do experimentador imediatamente após o término do experimento ou, se o experimento durar muitos dias, ele o faz todos os dias, enquanto estiver tudo fresco em sua memória, a fim de inquiri-lo a respeito da natureza exata de cada uma das circunstâncias, e de anotar os detalhes mais precisos assim obtidos, ou de efetuar as alterações que o experimentador sugerir (*).

(*) Aquele que revela ao mundo médico os resultados de tais experimentos torna-se assim responsável pela confiabilidade do experimentador e pelas suas declarações, o que é justo, pois o bem estar da humanidade sofredora acha-se aqui em jogo.

§ 140

Se a pessoa não puder escrever, o médico deverá ser por ela informado, cada dia, do que lhe ocorreu, e como ocorreu. Não obstante, é anotado como informação autêntica a esse respeito. Contudo, deve, principalmente, ser a narração voluntária da pessoa que faz o experimento; não deverá admitir-se nada conjectural e o menos possível respostas sugeridas pelas perguntas; tudo deve ser estabelecido com o cuidado que aconselhei acima (§§ 84-99), para a investigação dos fenômenos e para traçar o quadro das doenças naturais.

§ 141

Mas os melhores experimentos dos efeitos puros dos medicamentos simples, na alteração da saúde humana, e das moléstias e sintomas artificiais capazes de desenvolver no indivíduo são, são os que o *médico* sadio, com isenção de ânimo e sensível *realiza em si mesmo*, com toda a cautela e cuidados primorosos aqui determinados. Ele sabe com a maior segurança as coisas que experimentou em si mesmo (*).

(*) Os experimentos feitos pelo médico em si tem para ele outras vantagens inestimáveis. Em primeiro lugar, a grande verdade de que a virtude medicinal de todas





SAMUEL HAHNEMANN

as drogas, de que depende seu poder curativo, está nas mudanças de estado de saúde que ele próprio sofreu, em virtude dos medicamentos que experimentou, e pelo estado mórbido experimentado devido aos mesmos, torna-se para ele um fato indiscutível. Além disso, mediante tais observações em si mesmo, que são dignas de nota, ele poderá compreender suas próprias sensações, seu modo de pensar, e sua disposição (o fundamento da verdadeira sabedoria) e será também treinado a ser o que todo médico deve ser, um bom observador. As observações que fazemos em terceiros não são absolutamente tão interessantes quanto as que fazemos em nós próprios. Aqueles que observam terceiros devem sempre temer que o experimentador não sentiu exatamente o que disse, ou que não descreveu suas sensações com as expressões apropriadas. Fica sempre em dúvida se foi ou não enganado, pelo menos até certo ponto. Esses obstáculos ao conhecimento da verdade, que não podem ser jamais inteiramente vencidos em nossas investigações dos sintomas artificiais mórbidos que ocorrem em terceiros pela ingestão de medicamentos, cessam inteiramente quando fazemos os experimentos em nós mesmos. Aquele que realiza esses experimentos em si próprio sabe com certeza o que sentiu, e cada experimento é um novo incentivo para que investigue os poderes de outros remédios. Torna-se assim, mais e mais prático na arte de observar, de tal importância para o médico, continuando a observar-se a si mesmo, em quem mais pode confiar e que jamais o enganará; e isto ele fará com tanto mais cuidado quanto esses experimentos em si próprio prometem dar-lhe um conhecimento preciso do verdadeiro valor e significado dos instrumentos de cura, que ainda são de certo modo desconhecidos à nossa arte. Não se imagine que essas ligeiras indisposições causadas pela ingestão de medicamentos com o fim de experimentá-los podem em si prejudicar a saúde. A experiência tem demonstrado o contrário, que o organismo do experimentador torna-se, em virtude desses frequentes ataques à sua saúde, ainda mais apto a repelir todas as influências externas danosas à sua constituição física e todos os agentes morbíficos nocivos naturais e artificiais, tornando-se mais rijo para resistir a tudo o que seja de caráter nocivo, por meio desses experimentos moderados realizados em sua pessoa com medicamentos. Sua saúde torna-se mais difícil de ser abalada; ele se torna mais robusto, como a experiência o tem mostrado.





§ 142

Para distinguir alguns sintomas (*) do medicamento simples empregado com fim terapêutico, dentre os da doença primitiva, especialmente nas de caráter crônico que permanecem com frequência inalteradas, é assunto que pertence à mais elevada arte do julgamento, e deve ser deixado exclusivamente para os mestres da observação.

(*) Sintomas esses que, durante todo o curso da moléstia, tenham sido observados somente muito antes, ou nunca antes, conseqüentemente sintomas novos, pertencentes ao medicamento.

§ 143

Se tivermos, assim, experimentado, no indivíduo são, um número considerável de medicamentos simples, e cuidadosa e fielmente re-gistrado todos os elementos de doença e sintomas que são capazes de desenvolver como produtores de doenças artificiais, então, somente, teremos uma *verdadeira Matéria Médica* – uma coleção de modos de ação real, pura, digna de confiança (*) de substâncias medicinais simples, um volume do livro da natureza, em que se acha registrada uma série considerável de mudanças peculiares da saúde e sintomas que se determinam como pertencentes a cada um dos poderosos medicamentos, como foram revelados à atenção do observador, em que a semelhança de elementos (homeopáticos) morbíficos de muitas doenças naturais a serem daqui por diante curadas por eles acham-se presentes, os quais, em suma, contém estados mórbidos artificiais que fornecem para os estados mórbidos naturais semelhantes os únicos meios terapêuticos verdadeiros, isto é, homeopáticos, para se realizar sua cura certa e permanente.

(*) Ultimamente, têm-se adotado a prática de confiar a experimentação de medicamentos a pessoas desconhecidas e distantes, que são pagas pelo seu trabalho, sendo impressas as informações assim obtidas. Dessa maneira, o trabalho, que é de todos o mais importante, o qual deverá formar a base da única e verdadeira arte





SAMUEL HAHNEMANN

de curar, e o qual requer a maior certeza e confiabilidade, infelizmente, parece-me que se torna dúbio e incerto em seus resultados, assim perdendo todo o seu valor. Os pronunciamentos falsos que daí são esperados, e que foram tomados por verdadeiros pelos médicos homeopatas, devem, em sua aplicação, redundar em grande prejuízo para o doente.

§ 144

Deve-se excluir, de modo rigoroso, de tal Matéria Médica tudo quanto for conjectura, mera afirmativa ou imaginação; tudo deve ser a linguagem pura da natureza, cuidadosa e honestamente interrogada.

§ 145

De fato, é somente mediante uma grande coleção de medicamentos conhecidos com precisão, em relação a esses seus modos puros de ação na alteração da saúde do homem, que podemos descobrir um remédio homeopático, um análogo morbífico adequado (curativo) para *cada um dos estados mórbidos infinitamente numerosos* existentes na natureza, para *cada moléstia que aflige o mundo* (*).

Entretanto, e mesmo agora, graças ao caráter verdadeiro dos sintomas e à abundância dos elementos mórbidos que cada uma das poderosas substâncias medicinais já demonstrou em sua ação no corpo são, restam apenas algumas doenças, para as quais não se pôde encontrar, entre os até agora experimentados quanto à sua ação pura (**), um remédio homeopático bastante adequado, o qual sem muito distúrbio restabeleça a saúde de modo suave, certo e permanente – *infinitamente* mais certa e seguramente do que se pode conseguir mediante todas as terapêuticas gerais e especiais da velha arte médica alopática, com seus medicamentos compostos desconhecidos, que apenas alteram e agravam, sem curar, os males crônicos, e antes retardam, em vez de curar, as doenças agudas, frequentemente até levam ao perigo de vida.

(*) No começo (há cerca de quarenta anos), eu era o único que havia tornado a experimentação dos poderes puros de medicamentos a mais importante de





ORGANON DA ARTE DE CURAR

minhas ocupações. Desde então, eu havia sido auxiliado nisso por alguns jovens observadores, que realizaram experimentos em si próprios, e em cujas observações fiz revisões de caráter crítico. Após isto, alguns poucos outros realizaram certos trabalhos puros dessa espécie. Mas o que não poderemos realizar, relativamente à cura de toda a série do infinitamente vasto domínio das doenças, quando mui-tíssimos observadores *precisos e dignos de confiança* tiverem prestado os seus serviços, assim enriquecendo esta, a única e verdadeira matéria médica, mediante cuidadosas *experiências em si mesmos!* – A arte de curar aproximar-se-á, então, em certeza das ciências matemáticas.

(**) Vide a segunda nota do § 109.

§ 146

O *terceiro ponto* do trabalho de um verdadeiro médico é o *emprego criterioso* de agentes morbíficos artificiais (medicamentos) que foram experimentados em indivíduos sãos, para determinar-se sua ação pura, *a fim de efetuar a cura homeopática dos males naturais.*

§ 147

Em que medicamentos entre estes que foram pesquisados quanto à sua força de mudar a saúde do homem, se encontre a maior semelhança na totalidade dos sintomas de uma determinada doença; este medicamento será, e tem que ser, o mais adequado, o mais seguro remédio homeopático para a mesma; nele encontramos o remédio específico para este caso de doença.

§ 148

A doença natural nunca deve ser considerada como *matéria* nociva situada em algum ponto interno ou externo do homem (§§ 11-13), mas como algo produzido por um agente inimigo de natureza espiritual que, como uma espécie de infecção (nota do § 11), produz perturbações em sua existência instintiva do princípio de vida de natureza espiritual den-





SAMUEL HAHNEMANN

tro do organismo, torturando-o como um espírito mau e compelindo-o a produzir certos sofrimentos e desarranjos no seu curso vital normal, que são chamados de doença (sintomas). Mas se for retirada do princípio vital a sensação da ação deste agente nocivo, que este distúrbio procurava causar e continua causando, isto é, se ao contrário, o médico permitir que uma potência artificial capaz de alterar o princípio vital da maneira mais semelhante possível (medicamento homeopático) que sobrepuja em energia a doença natural, mesmo na dose mais diminuta, atue sobre o doente (§ 33-279), então a sensação do agente morbífico original se perde para o princípio vital durante a influência desta doença artificial semelhante mais forte; daí em diante o mal não existe mais para o princípio vital, ele foi aniquilado.

Um mal mais antigo, mais crônico, cederá um pouco mais tarde, com todos os sinais de desconforto (mediante o uso de diversas doses do mesmo medicamento, mais potencializado, ou após a seleção cuidadosa^(*) de um outro medicamento homeopático mais semelhante). A saúde e o restabelecimento, seguem-se em transições imperceptíveis, e frequentemente rápidas. O princípio vital sente-se outra vez libertado e capaz de continuar a vida do organismo, em pleno gozo da saúde, tal como antes, retornando o vigor.

(*) Mas esta busca laboriosa, às vezes muito laboriosa, a seleção do remédio homeopático mais conveniente, em todos os aspectos, para cada estado mórbido, é uma operação que, não obstante todos os admiráveis livros que a facilitam, ainda requer o estudo das próprias fontes originais e ao mesmo tempo, uma grande dose de critério e força de vontade, que encontram sua melhor recompensa no fato de se saber que se cumpriu fielmente esse dever. Como poderia esta tarefa laboriosa e cuidadosa, pela qual somente se torna possível a melhor maneira de curar moléstias, agradar os cavalheiros da nova seita mestiça que assumem o honrado nome de homeopatas, e chegam a parecer empregar medicamentos de forma e aparência homeopáticas, embora sejam decididos por eles de qualquer maneira (*quidquid in buccam venit*), e que, quando o meio inadequado não propicia alívio imediato, em





ORGANON DA ARTE DE CURAR

vez de porem a culpa em sua indomável falta de empenho e leviandade no desempenho da função humana de maior relevo e seriedade, atribuem-na à homeopatia, acusando-a de grande imperfeição (se se disser a verdade, sua imperfeição consiste no fato de que o remédio homeopático mais conveniente para cada estado mórbido não voa espontaneamente para dentro de suas bocas, quais pombos assados, sem qualquer trabalho de sua parte!). Eles sabem, contudo, como pessoas hábeis que **são**, consolar logo a ineficiência de seus meios homeopáticos que mal chegam a ser semi-homeopático, através do emprego do charlatanismo alopático que lhes é habitual, entre os quais uma ou mais dúzias de sanguessugas aplicadas a partes afetadas, ou pequenas e inócuas sangrias de oito onças etc., desempenham um papel importante; e caso o paciente, a despeito de tudo isto, se restabeleça, eles exaltam as virtudes das sangrias, sanguessugas etc., alegando que, não tivesse sido isso, o paciente não teria se restabelecido; e dão-nos a entender de modo a não deixar dúvidas, que estas operações, que derivam, sem grande uso da inteligência, do relaxamento pernicioso da velha escola, foi a que mais contribuiu para a cura. Mas, se o paciente morrer, como sói acontecer, procuram acalmar os familiares desconsolados dizendo que “eles próprios são testemunhas de que todos os meios concebíveis haviam sido empregados para tentar a cura do falecido”. Quem cha-maria a esta gente frívola e perniciosa, em homenagem ao nome da mui laboriosa, porém salutar arte, de *médicos homeopatas*? Que os aguarde a justa recompensa; que quando adoecem, sejam tratados da mesma maneira!

§ 149

As doenças de longa duração (e principalmente as complicadas) requerem, para sua cura, um tempo proporcionalmente maior. De modo especial, a discrasia medicinal crônica tantas vezes causada pela não arte alopática, juntamente com a moléstia natural não curada por este meio, requer um tempo muito maior para sua cura; muitas vezes, ainda, são incuráveis, em consequência de roubo vergonhoso do vigor e sucos do paciente (sangrias, purgativos etc.), em virtude do uso prolongado de grandes doses de medicamentos de ação violenta administrados com





SAMUEL HAHNEMANN

base em teorias vazias e errôneas de sua pseudo-utilidade em casos de moléstias de aparência *semelhante*, também na prescrição de banhos minerais inadequados etc., “o principal feito heroico realizado pela alopatia nos seus assim chamados métodos de tratamento”.

§ 150

Se um paciente se queixa de um ou mais acidentes, insignificantes, que só tenham sido observados um pouco antes, o médico não deve considerar isto como uma doença plenamente desenvolvida que necessite assistência médica séria. Uma ligeira alteração na dieta e regime são geralmente suficientes para terminar tal indisposição.

§ 151

Mas se o paciente se queixar de alguns sofrimentos violentos, o médico, geralmente, ao investigar, encontrará diversos outros acidentes que, embora mais ligeiros, darão um quadro completo da enfermidade.

§ 152

Quanto pior for uma doença aguda, tanto mais numerosos e mais fortes serão os sintomas de que se compõe, de uma maneira geral, mas com tão maior certeza pode-se encontrar um remédio adequado para ela, se houver um número suficiente de medicamentos conhecidos a escolher em relação à sua ação positiva. Entre a relação de sintomas de muitos medicamentos não será difícil encontrar *um* de cujos elementos morbíficos isolados, contrapondo à totalidade dos sintomas da moléstia natural, possa ser formado um quadro muito semelhante de doença artificial curativa, e este medicamento é o remédio desejado.

§ 153

Nessa busca de um remédio específico homeopático, isto é, nesta comparação do conjunto de sintomas do mal natural com a relação





ORGANON DA ARTE DE CURAR

de sintomas de medicamentos existentes, cuja finalidade é encontrar entre estes um agente morbífico artificial correspondente, por seme-lhança, à doença a ser curada, devem-se ter em mente, precípua e exclusivamente, os sinais e sintomas (*) do caso de doença que forem *mais fortes, singulares, incomuns e peculiares* (característicos); *pois é principalmente e quase que só a estes que, na relação dos sintomas do medicamento escolhido, devem corresponder os que são muito semelhantes, a fim de constituir o mais conveniente para efetuar a cura.* Os sintomas mais gerais e indefinidos: perda de apetite, dor de cabeça, debilidade, sono inquieto, sensação de desconforto etc., requerem pouca atenção, quando são de caráter vago e indefinido, se não podem ser descritos com mais detalhes, pois sintomas de natureza assim geral, são observados em quase todas as doenças, e em quase todos os medicamentos.

(*) O Dr. Von Bönninghausen, pela publicação dos sintomas característicos de medicamentos homeopáticos, em seu Repertório, prestou um grande serviço à Homeopatia, bem como o Dr. G.H.G. Jahr, em seu manual dos principais sintomas, agora editado pela terceira vez sob o título: “Grand Manuel”.

§ 154

Se o antitipo formado com a relação de sintomas dos medicamen-tos mais adequados contiver estes sintomas peculiares, incomuns, singulares e notáveis (característicos), encontrados na doença a ser curada em maior número e semelhança, *este medicamento é o remédio específico homeopático mais apropriado para este estado mórbido;* a doença, se não for de duração muito longa, será geralmente removida e extinta com a primeira dose, sem qualquer perturbação considerável.

§ 155

E eu digo: *sem qualquer perturbação considerável.* Pois no emprego deste medicamento homeopático mais apropriado, somente os sintomas



SAMUEL HAHNEMANN

medicamentosos do remédio que correspondem aos sintomas da doença, são chamados a agir, os primeiros ocupando o lugar dos segundos (mais fracos) no organismo, isto é, nas sensações do princípio vital, e assim aniquilando-os por os sobreporem; mas os outros sintomas do medicamento homeopático, que amiúde são muito numerosos, não sendo de forma alguma aplicáveis ao caso da doença em questão, não desempenham qualquer papel. O paciente, melhorando de hora em hora, não os sente, porque a dose pequeníssima necessária para o uso homeopático é demasiadamente fraca para produzir os outros sintomas do medicamento que não são homeopáticos ao caso, nas partes do corpo que se acham livres de doença e, conseqüentemente, só os sintomas homeopáticos podem agir nas partes do organismo que já se acham muito irritadas e excitadas, pelos sintomas semelhantes do mal, de modo que o princípio vital doente possa sentir somente a doença medicinal semelhante, embora mais forte, pelo que se extingue a doença original.

§ 156

Não há, contudo, quase nenhum medicamento homeopático, por mais adequadamente escolhido que seja, que, principalmente se administrado em dose insuficientemente pequena, não produza em pacientes muito irritáveis e sensíveis, pelo menos *um* distúrbio pequeno inabitual, algum sintoma novo e ligeiro, enquanto perdurar o seu efeito; pois é quase impossível que o medicamento e a doença cubram um ao outro, sintomaticamente, tão exatamente como dois triângulos de lado e ângulos iguais. Mas (em circunstâncias normais) esta diferença sem importância será facilmente eliminada pela própria atividade potencial (autocracia) do organismo vivo, e não é perceptível por pacientes que não são excessivamente delicados; o restabelecimento prossegue, apesar disso, em direção ao fim almejado da cura perfeita, se não for disso impedido pela ação de influências medicinais heterogêneas sobre o paciente por erros de hábitos de vida ou pela excitação das paixões.





§ 157

Embora seja certo que um remédio homeopaticamente selecionado, pode ser apropriado e em vista da pequenez da dose, suavemente remove e aniquila a doença *aguda* que lhe é análoga, sem manifestar seus outros sintomas não homeopáticos, isto é, sem produzir novos e sérios distúrbios, embora, de modo geral, imediatamente após a sua ingestão, durante a primeira ou primeiras horas, costuma causar uma espécie de ligeiro agravamento quando a dose não tiver sido suficientemente pequena e (nos casos em que a dose tenha sido um tanto excessiva, durante muitas horas) tem tanta semelhança com a moléstia original que parece ao doente ser uma agravação de sua própria doença. Nada mais é, na realidade, que uma *doença medicinal* extremamente semelhante, que excede um pouco, em intensidade, a afecção original.

§ 158

Esta ligeira *agravação homeopática* durante as primeiras horas – um excelente prognóstico de que a doença *aguda* com toda a probabilidade cederá à primeira dose – é bem como devia ser, como a doença medicinal deve ser, naturalmente, um tanto mais forte que a moléstia a ser curada, se se desejar vencer e extinguir esta última, assim como uma doença natural pode remover e aniquilar uma outra semelhante a ela, somente quando for mais forte que a última (§§ 43-48).

§ 159

Quanto menor for a dose do medicamento homeopático no tratamento de moléstias *agudas*, tanto menor e mais curto é o incremento aparente da moléstia durante as primeiras horas.

§ 160

Mas como a dose de um medicamento homeopático raramente pode ser tão pequena a ponto de não poder aliviar, vencer e mesmo





SAMUEL HAHNEMANN

completamente curar e eliminar a doença natural, que não tenha sofrido complicação, e que não tenha tido uma duração longa, que lhe é semelhante (§ 249, notas), é fácil compreender porque uma dose de um medicamento homeopático apropriado, não a menor possível, sempre, durante a primeira hora após a sua ingestão, produz uma agravação homeopática perceptível desta espécie (*).

(*) Esta exaltação dos sintomas medicinais sobre os sintomas da doença que lhe são análogos, o que parece uma agravação, foi também observado por outros médicos quando, acidentalmente, empregaram um remédio homeopático. Quando um paciente que sofre de sarna se queixa de um aumento da erupção após a aplicação de enxofre, seu médico, que desconhece a causa disso, consola-o com a certeza de que a sarna deve sair adequadamente antes de poder ser curada; ele não sabe, contudo, que isto é uma erupção causada pelo enxofre, que apenas toma a aparência de uma exasperação da sarna.

“A erupção facial que foi curada pela *Viola tricolor* foi por ela agravada no começo de sua ação” segundo nos relata Leroy (Heilk für Mütter, pág. 406) , mas ele não sabia que a agravação aparente era devida a uma dose um tanto excessiva do medicamento, que neste caso era de certo modo homeopático. Segundo Lysons (Med. Transact.

Vol. II, Londres, 1772), “a casca do olmeiro cura com toda a certeza as doenças de pele as quais pioram no começo de sua ação”. Não tivesse ele dado essa casca nas doses monstruosas (habitualmente empregadas na medicina alopática), mas nas doses pequeninas necessárias quando o remédio apresenta semelhança de sintomas, isto é, quando empregado homeopaticamente, teria realizado uma cura sem verificar, ou quase sem verificar este aumento aparente do mal (agravação homeopática).

§ 161

Quando aqui eu limito a assim chamada agravação homeopática, ou melhor, os sintomas da doença original com uma aparentemente aumentada ação primária do medicamento homeopático, para a primeira ou primeiras horas, isto é certamente verdade no que se refere a moléstias de caráter mais agudo e de origem recente; mas nos casos em que os medicamentos de ação





ORGANON DA ARTE DE CURAR

demorada tenham que combater *uma moléstia de duração considerável, ou muito longa*, em que não deve aparecer tal aumento do mal original durante o tratamento, e não aparece se o medicamento cuidadosamente escolhido foi dado na dose adequada, pequena e gradativamente maior, cada uma modificada (*) com renovada dinamização (§ 247), tal aumento dos sintomas originais de uma doença crônica pode aparecer somente ao término do tratamento, quando a cura tiver sido feita ou por se fazer.

(*) Se as doses do medicamento melhor dinamizado (§ 270) forem bastante pequenas, e se a dose a cada vez for modificada por meio de vascojeos, então, podem-se repetir medicamentos mesmo de efeitos demorados, em breves intervalos também em doenças crônicas.

§ 162

Acontece, às vezes, *devido ao número ainda moderado de medicamentos já conhecidos, no que respeita a sua ação verdadeira e pura*, que apenas *uma parte* dos sintomas da moléstia sob tratamento será encontrada na relação de sintomas do medicamento mais apropriado, pelo que deve-se empregar este agente medicinal morbífico imperfeito, à falta de um mais perfeito.

§ 163

Neste caso não podemos mesmo esperar desse medicamento uma cura completa e normal; pois, durante o seu emprego, surgem alguns acidentes que não podiam ser antes observados na moléstia, sintomas esses que são acessórios do medicamento não perfeitamente adequado. Isto de modo algum impede que uma parte considerável da moléstia (os sintomas da doença que lembram os do medicamento) seja erradicada por esse medicamento, assim estabelecendo um começo satisfatório da cura, mas, ainda assim, isto não sucede sem esses sintomas acessórios que são, contudo, sempre moderados quando a dose do medicamento for suficientemente pequena.





§ 164

O pequeno número de sintomas homeopáticos presente nos medi-camentos mais bem escolhidos não constitui obstáculo para a cura em casos *em que esses outros poucos sintomas medicinais são na maior parte das vezes de caráter incomum, e são singularmente distintivos (característicos) da doença*; em tais circunstâncias, ocorre a cura sem quaisquer distúrbios particulares.

§165

Contudo, se entre os sintomas do medicamento escolhido, não houver nenhum que se assemelhe com precisão aos sintomas incomuns, peculiares, distintos (característicos) do caso da doença, e se o medicamento corresponde à doença apenas nos estados gerais, vagamente descritos, indefinidos (náuseas, debilidade, dor de cabeça, e assim por diante), e se não houver entre os medicamentos conhecidos nenhum mais homeopaticamente apropriado, nesse caso o médico não pode se comprometer a obter qualquer resultado favorável imediato com o emprego deste medicamento não homeopático.

§ 166

Tal caso é, contudo, *muito raro*, porque o número de medicamentos cujos efeitos puros já são conhecidos, têm aumentado nestes últimos tempos, e os efeitos danosos deles resultantes, quando ocorrem, diminuem sempre que um medicamento posterior, de semelhança maior, pode ser escolhido.

§ 167

Assim, se ocorrerem, durante o emprego desse medicamento não totalmente homeopático primeiramente empregado, sintomas acessórios de certa importância, então, no caso de moléstias agudas,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

não permitimos que essa primeira dose se esgote a sua ação, nem expomos o paciente a toda a duração da ação do medicamento mas, investigamos outra vez o estado mórbido em sua condição já alterada, e acrescentamos o restante dos sintomas originais aos novamente desenvolvidos, traçando um novo quadro da moléstia.

§ 168

Poderemos, então, muito mais facilmente descobrir, entre os medicamentos conhecidos, um análogo ao estado mórbido que se nos apresenta, que usado uma única vez, se não aniquilarmos inteiramente a doença, fá-la-emos progredir consideravelmente no caminho da cura. E assim prosseguiremos, se nem este medicamento for inteiramente suficiente para realizar o restabelecimento do estado de saúde, examinando novamente o estado mórbido que ainda restar e escolhendo um medicamento homeopático que lhe seja tão adequado quanto possível, até atingirmos o nosso objetivo que consiste em devolvermos ao paciente sua perfeita saúde.

§ 169

Se, no primeiro exame de uma doença e na primeira seleção de um medicamento, descobrirmos que a totalidade dos sintomas da doença não seria eficazmente atingidos pelos elementos morbíficos de um só medicamento – devido ao número insuficiente de medicamentos conhecidos –, mas que dois deles competem pela preferência no aspecto de serem os adequados, um dos quais é mais homeopaticamente adequado para uma parte, o outro para outra parte dos sintomas, não é aconselhável, após o emprego do mais adequado dos dois remédios, administrar o outro sem novo exame (*), pois o medicamento que parecia ser o segundo em preferência não seria, por haverem ocorrido certas alterações, naquele ínterim, adequado para o restante dos sintomas que ainda permaneceram; neste caso, conseqüentemente, um medicamento homeopático mais ade-





quando deve ser escolhido em lugar do segundo, para a segunda série de sintomas, à medida que surgirem em novo exame.

(*) E muito menos dar ambos ao mesmo tempo (§ 273)°.

° Nota do tradutor: no original § 272.

§ 170

Por isso, nesse, como em todos os casos em que ocorra uma alteração do estado mórbido, a série restante de sintomas então presente deve ser investigada, e (sem se prestar atenção ao medicamento que primeiro pareceu ser a segunda escolha no que se refere à adequação) deve se escolher outro medicamento homeopático, tão apropriado quanto possível ao novo estado atual. Se acontecer, o que é muito raro, que o medicamento que primeiro parecia ser o segundo em escolha pareça ainda adaptar-se bem para o estado mórbido restante, tanto mais será digno de confiança, e merecerá ser empregado de preferência a outro.

§ 171

Nas doenças crônicas não venéreas, portanto as que mais comumente se originam da Psora, frequentemente precisamos, para efetuar a cura, dar diversos remédios antipsóricos seguidamente, porém de maneira que cada um que venha depois seja homeopaticamente escolhido em consonância com o grupo de sintomas restante após o término da ação do remédio anterior.

§ 172

Uma *dificuldade* semelhante resulta *do número de sintomas pequeno demais de uma doença a ser curada*, circunstância essa que merece cuidadosa atenção, pois por sua remoção quase todas as dificuldades que se acham no caminho desse modo mais perfeito de todos os métodos de tratamento possíveis (exceto que o seu arsenal de medicamentos homeopáticos conhecidos é ainda incompleto) são removidas.





§ 173

As únicas doenças que parecem ter apenas alguns sintomas e assim, menos suscetíveis de cura, são as que se podem chamar *parciais*, porque apresentam apenas um ou dois sintomas principais que ocultam todos os outros. Pertencem, principalmente, à classe das doenças crônicas.

§ 174

O seu sintoma principal pode ser tanto uma queixa interna (por exemplo, uma dor de cabeça de muitos anos, uma diarréia de muitos anos, uma cardialgia antiga etc.), ou uma afecção mais de natureza externa. Doenças desse último tipo distinguem-se, geralmente, pelo nome de *doenças locais*.

§ 175

Nas doenças parciais da primeira espécie, frequentemente se atribui à falta de discernimento do observador médico o fato de não haver este descoberto totalmente os sintomas realmente presentes, os quais possibilitar-lhe-iam completar o quadro da enfermidade.

§ 176

Há, contudo, ainda algumas poucas doenças que, após uma pesquisa inicial (§§ 84-98), apresentam apenas um ou dois sintomas sérios e violentos, ao passo que os outros mal estão perceptíveis.

§ 177

A fim de se resolver com sucesso um *caso assim*, o qual ocorre *muito raramente*, devemos primeiro, escolhidos por estes poucos sintomas, o medicamento que, a nosso ver, é o mais homeopaticamente indicado.





§ 178

Algumas vezes sucederá, na verdade, que este medicamento, escolhido rigorosamente de acordo com a lei homeopática, proporcione a doença artificial semelhante adequada para a aniquilação do mal; e isto acontecerá com muito maior probabilidade quando estes poucos sintomas mórbidos são muito pronunciados, determinados, incomuns e particularmente distintos (característicos).

§ 179

Contudo, com maior frequência, o medicamento que foi escolhido em primeiro lugar, em tal caso, só será parcialmente, isto é, não exatamente adequado, visto não ter havido um número considerável de sintomas para orientar uma escolha precisa.

§ 180

Neste caso, o medicamento, que foi escolhido tão bem quanto possível, mas que, pelo motivo referido acima, só é imperfeitamente homeopático, irá, em sua ação na doença que é somente em parte análoga a ele, como no caso referido acima (§ 162), em que o número limitado de remédios homeopáticos torna a seleção imperfeita, produzir sintomas acessórios, e diversos fenômenos de sua própria série de sintomas que se misturam com o estado de saúde do paciente, *os quais são, contudo ao mesmo tempo, sintomas da própria doença, embora não tenham, até então, jamais ou raramente sido percebidos*, alguns sintomas que o paciente não havia anteriormente experimentado, aparecem; ou outros que havia percebido apenas vagamente, tornam-se mais pronunciados.

§ 181

Que não se objete que os fenômenos acessórios e novos sintomas dessa doença, que surgiu agora, devem ser consequentes aos medi-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

camentos que se acabou de empregar. Devem a sua origem a eles(*), com toda a certeza, mas são sempre apenas sintomas de natureza tal que *essa* doença foi, em si, capaz de produzir *neste* organismo, e que foram desenvolvidos e levados a aparecer pelo medicamento empregado, em virtude de seu poder de causar sintomas semelhantes. Em uma palavra, temos que considerar toda a coleção de sintomas agora perceptíveis como pertencentes à própria doença, como o estado atual existente, e dirigir o nosso tratamento subsequente de acordo com ele.

(*)Quando não foram causados por um erro importante no modo de vida, uma emoção violenta, ou uma desordem tumultuosa no organismo, a ocorrência ou cessação de regras, concepção, parto etc.

§ 182

Assim, a seleção imperfeita do medicamento, que nesse caso foi quase inevitável, devido ao número muito limitado de sintomas pre-sentes, serve para completar a série de sintomas da moléstia, e assim facilita a descoberta de um segundo medicamento homeopático mais precisamente adequado.

§ 183

Portanto, sempre que a dose do primeiro medicamento cessar seu efeito benéfico (se os sintomas recentemente desenvolvidos, em virtude de sua intensidade, não pedem auxílio mais rápido, o que, contudo, por causa da pequenez da dose do medicamento homeopático e nas doenças mais crônicas, é excessivamente raro), deve se realizar um novo exame do mal, o *status morbi* como tal se apresenta, deve ser anotado, devendo-se escolher um segundo medicamento homeopático de acordo com ele, e que deverá servir exatamente ao estado atual, podendo-se encontrar, então, um que seja ainda mais apropriado, pois o grupo de sintomas tornou-se maior e mais completo(*)).

(*)Nos casos em que o paciente (o que, contudo, ocorre com raríssima frequência





SAMUEL HAHNEMANN

em males crônicos, porém acontece nas doenças agudas) se sente muito doente, embora os seus sintomas sejam muito vagos, de modo que este estado pode ser atribuído mais ao estado de amortecimento dos nervos, que não permite que as dores e sofrimentos do paciente sejam claramente percebidos, este torpor da sensibilidade interna é removido pelo ópio^(o), e em sua ação secundária os sintomas do mal tornam-se claros.

^(o) N.T. No original alemão: suco da papoula.

§ 184

Da mesma forma, após cada nova dose de medicamento haver esgotado a sua ação, quando não mais for adequada e útil, o estado da doença que ainda permanece deve ser anotado outra vez quanto aos sintomas remanescentes, devendo-se procurar outro medicamento homeopático, tão conveniente quanto possível para o grupo de sintomas agora observado, e assim por diante, até se haver completado a cura.

§ 185

Entre as doenças parciais, as chamadas *doenças locais* ocupam lugar de destaque, termo este que significa as mudanças e sofrimentos que ocorrem nas partes externas do corpo. Até agora, a ideia predominante nas escolas foi a de que somente essas partes eram afetadas, e que o resto do corpo não participava da doença, doutrina esta que é absurda e teórica, e que tem conduzido a tratamento médico deveras desastroso.

§ 186

As chamadas *doenças locais* que tenham aparecido há pouco tempo, apresentando apenas uma lesão externa, à primeira vista ainda parecem merecer o nome de *doenças locais*. Assim, se a lesão for muito pequena, não deve ser de grande importância. No entanto, no caso de doenças de causa externa, se forem graves, todo o organismo sofre, ocorrendo





ORGANON DA ARTE DE CURAR

febre etc. O tratamento de tais doenças é relegado à cirurgia; mas isto só é correto desde que as partes afetadas requeiram ajuda mecânica, pelo que os obstáculos externos que impedem a cura, que só se pode esperar venha a ocorrer por meio da força vital, podem ser removidos por meios mecânicos, por exemplo, pela redução das luxações, por meio de agulhas e ataduras que unem lábios de feridas, mediante pres-são mecânica para estancar o fluxo de sangue de artérias abertas, pela extração de matéria estranha que penetrou nas partes vivas, fazendo-se uma abertura em uma cavidade do organismo para remover alguma substância irritante ou para obter a evacuação de fluxo de líquidos que saíram de algum lugar ou se juntaram, trazendo em aposição as extre-midades partidas de um osso fraturado e retendo-as em contato correto mediante uma ligadura apropriada etc. Mas quando em tais ferimentos o organismo vivo requer, *como sempre ocorre*, ação *dinâmica* ativa para lhe possibilitar a tarefa de sarar, como por exemplo, quando a febre violenta resultante de grandes contusões, músculos lacerados, tendões e vasos sanguíneos necessita ser removida mediante medicamentos internos, ou quando a dor externa de áreas escaldadas ou queimadas precisa ser homeopaticamente vencida, então os serviços do médico dinâmico e sua valiosa homeopatia se fazem necessários.

§ 187

Mas essas afecções, alterações e sofrimentos que surgem nas partes externas que não resultam de qualquer lesão externa ou que tenham apenas uma pequena ferida externa como sua causa imediata, são produzidos de maneira inteiramente diferentes; sua fonte situa-se em algum mal interno. Considerá-los como meras afecções locais, e, ao mesmo tempo, tratá-las somente, ou quase somente, por assim dizer, cirurgicamente, com aplicações tópicas ou outros remédios semelhantes, como tem feito a velha escola desde as eras mais remotas, é tão absurdo quanto pernicioso em seus resultados.





§ 188

Estas afecções foram consideradas meramente tópicas, e portanto foram chamadas *doenças locais*, como se fossem males exclusivamente limitados às partes em que o organismo pouco ou nada participou, ou afecções destas determinadas partes visíveis de que o restante do organismo vivo, por assim dizer, nada sabia(*).

(*) Um dos muitos perniciosos disparates da velha escola.

§ 189

E contudo é fácil perceber-se que nenhuma doença externa (não ocasionada por alguma lesão externa séria) pode surgir, persistir ou mesmo piorar sem alguma causa interna, sem a cooperação de todo o organismo (que conseqüentemente acha-se atacado). Não pode, absolutamente, aparecer sem o consentimento de todo o resto da saúde e sem a participação de todo remanescente vivo (da força vital que governa todas as outras partes sensíveis e irritáveis do organismo); o fato é, que é impossível imaginar seu aparecimento sem ter sido levado a isto pela vida adoecida em sua totalidade; tão intimamente acham-se estas partes do organismo ligadas para formar um todo indivisível em sensações e funções. Não pode ocorrer erupção nos lábios, ou panarício, sem que tenha havido, anteriormente, simultaneamente, uma perturbação interna.

§ 190

Todo o verdadeiro tratamento médico de uma doença, nas partes externas do organismo, que seja proveniente de quase nenhuma lesão externa, deve, portanto, ser dirigido contra o todo, e realizar a aniquilação e cura da doença geral mediante medicamentos internos, se desejar que o tratamento seja sabiamente administrado, certo, eficiente e radical.





§ 191

Isto é confirmado de forma mais indubitável pela experiência, que mostra, em todos os casos, que todo medicamento interno pode-roso, imediatamente após a sua ingestão, causa alterações importantes na saúde geral de tal paciente, e particularmente nas partes exteriores afetadas (que a velha escola considera como inteiramente isoladas), mesmo numa assim chamada *doença local*, que afeta as partes mais externas do corpo, e a alteração que acarreta é deveras salutar, sendo esta o restabelecimento da saúde do homem como um todo, com o desaparecimento do mal externo (sem a ajuda de qualquer meio externo) desde que o medicamento interno dirigido ao estado geral tenha sido adequadamente escolhido, no sentido homeopático.

§ 192

Isto se consegue da melhor forma quando, na investigação do caso de doença, juntamente com o caráter exato da afecção local, todas as alterações, sofrimentos e sintomas observáveis na saúde do paciente, e que tenham sido notados antes, quando não se haviam empregado medicamentos, são tomados em conjunto para se ter um quadro com-pleto da doença, antes de se procurar entre os medicamentos cujos efeitos patogenéticos peculiares são conhecidos, um que corresponda à totalidade dos sintomas, de modo que a seleção seja verdadeiramente homeopática.

§ 193

Mediante esse medicamento, empregado apenas internamente (e quando o mal for de origem recente, frequentemente uma só dose basta) remove-se o estado geral mórbido do organismo, bem como a afecção local, curando-se esta última juntamente com o primeiro, o que vem provar que a afecção local dependia apenas de uma doença do resto do





SAMUEL HAHNEMANN

organismo, e só deveria ser considerada como parte inseparável do todo como um dos sintomas mais consideráveis e marcantes de toda a doença.

§ 194

Não é de qualquer utilidade, quer nas doenças locais agudas que se originam rapidamente, quer nas afecções locais que já existam há muito tempo, esfregar ou aplicar externamente no local, um medicamento, muito embora seja o específico e, quando empregado internamente, salutar, em virtude de sua homeopaticidade, não obstante, seja, ao mesmo tempo, administrado internamente; pois as afecções tóxicas agudas (por exemplo, inflamações de determinadas partes, erisipelas etc.) que não tenham sido causadas por lesão externa de violência proporcional, mas por causas internas ou dinâmicas, cedem, com toda a certeza, aos meios internos homeopaticamente adaptados ao estado de saúde perceptível no exterior e no interior, escolhidos do estoque geral de medicamentos experimentados, e geralmente sem qualquer outro auxílio; mas se estas doenças não cedem completamente a eles, e se ainda resta, na parte afetada e no estado geral, não obstante um regime adequando de vida, um resquício de doença que a força vital não consegue vencer, então o mal agudo foi (como ocorre com certa frequência) um produto da Psora que até então jazia latente no interior, mas que agora irrompeu, e acha-se a ponto de desenvolver-se em doença crônica visível.

§ 195

A fim de realizar uma cura radical em tais casos, que não são de modo nenhum raros, após remoção suportável do estado agudo, deve-se, então, dirigir um tratamento antipsórico adequado (como foi ensinado no livro das *Doenças Crônicas*), contra os sintomas que ainda restam e contra o estado mórbido a que o paciente se achava sujeito. Nas doenças crônicas locais que não são de caráter evidentemente venéreo, o tratamento interno antipsórico é, além disso, essencial (*).

(*) Conforme indiquei no meu livro sobre Doenças Crônicas.





§ 196

Poderia, de fato, parecer que a cura de tais males seria apressada mediante o emprego da substância medicinal que se sabe ser verdadeiramente homeopática para a totalidade dos sintomas, não só inter-namente, mas também externamente, pois a ação de um medicamento aplicado no lugar da afecção local pode efetuar nela uma mudança mais rápida.

§ 197

Contudo, este tratamento é inadmissível, não apenas pelos sintomas locais que provêm do miasma da Psora, mas também e especialmente, pelos que se originam no miasma da Syphillis ou da Sycosis, porque a *aplicação local simultânea, juntamente com o emprego interno do remédio em doenças cujo sintoma principal é uma afecção local constante*, apresenta esta grande desvantagem, a de que, mediante tal aplicação tópica, seu sintoma principal (afecção local) (*) desaparece geralmente mais cedo, diante dos olhos, antes do mal interno ser aniquilado, e nós seremos enganados então, pela aparência de uma cura perfeita; ou, ao menos, será difícil, e, em certos casos, impossível determinar, pelo desaparecimento prematuro do sintoma local, se também a doença geral foi destruída pelo emprego simultâneo do medicamento interno.

(*) Erupção recente de sarna, cancro e verruga do figo.

§ 198

O *mero emprego tópico* de medicamentos, que são poderosos para a cura, quando administrados internamente, nos sintomas locais de males crônicos miasmáticos, pela mesma razão, é inadmissível; pois se a afecção local da doença crônica só foi removida localmente, e de forma parcial, o tratamento interno indispensável para o restabelecimento completo da saúde continua a ser uma dúvida incerteza; o sintoma principal (a afecção local) desapareceu, restando, apenas,





os outros sintomas, imperceptíveis, que são menos constantes e persistentes que a afecção local, e frequentemente não suficientemente peculiares e insuficientemente característicos para mostrar, após isto, um quadro claro e completo da doença.

§ 199

Se o remédio perfeitamente homeopático para a doença não tiver ainda sido descoberto (*), ao tempo em que os sintomas locais foram destruídos por meio corrosivo ou secante externo, ou pela lanceta, então o caso torna-se muito mais difícil, em vista do aparecimento por demais indefinido (não característico) e inconstante dos sintomas restantes; pois o que poderia ter contribuído em maior proporção para determinar a escolha do remédio mais adequado e seu emprego interno, a fim de que a doença fosse inteiramente aniquilada, ou seja, o sintoma externo principal, foi removido de nossa observação.

(*). Como ocorreu antes de meu tempo com os remédios para a moléstia condi-lomatosa (e os medicamentos antipsóricos).

§ 200

Se o sintoma ainda estivesse presente para orientar o tratamento interno, o remédio homeopático para toda a doença poderia ter sido descoberto, e se o fosse, a persistência da afecção local durante o seu emprego interno teria mostrado que a cura não se havia completado; mas, se curada no seu lugar, e não atingida por qualquer meio externo de ação supressiva, isto constituiria prova convincente de que a doença foi inteiramente erradicada, produzindo-se plenamente a desejada cura de toda a doença, o que é uma vantagem inestimável, e indispensável para se obter uma cura perfeita.

§ 201

É evidente que a força vital do homem, quando sobrecarregada por doença crônica que não pode ser vencida por sua própria força





ORGANON DA ARTE DE CURAR

(instintivamente), adota o plano de desenvolver um mal local em alguma parte externa, somente com o objetivo de causar e manter em estado de doença essa parte que não é indispensável para a vida humana; ela pode assim, silenciar o mal interno que, de outro modo, ameaça aniquilar os órgãos vitais, causando o falecimento do paciente, e podendo, desse modo, por assim dizer, transferir o mal interno à afecção local, mantendo-o lá. Dessa maneira, a presença da afecção silencia, por certo tempo, o mal interno, embora sem poder curá-lo ou diminuí-lo grandemente (*). Contudo, a afecção local nunca é mais que uma parte da doença geral, mas uma parte dela aumentada em uma só direção pela força vital orgânica, e transferida para uma parte do organismo menos perigosa (externa), a fim de suavizar o mal interno. Entretanto, como já foi dito, por este sintoma local que silencia o mal interno, longe de se ganhar, pela força vital, alguma vantagem, diminuindo-se ou curando-se toda a doença, o mal interno, ao contrário, prossegue, apesar dela, aumentando gradativamente, e a natureza se vê obrigada a aumentar e agravar cada vez mais o sintoma local, a fim de que possa bastar como substituto para o mal interno que aumentou, podendo ainda mantê-lo sob controle. Úlceras antigas nas coxas pioram quando a Psora interna não se cura, o cancro aumenta enquanto a Syphillis interna permanece sem cura, os condilomas aumentam e crescem enquanto a Sycosis não for curada, tornando--se assim cada vez mais difícil de curar, à medida que a doença geral interna cresce por si só com o passar do tempo.

(*) Os exutórios dos clínicos da velha escola fazem algo semelhante; como úlceras artificiais nas partes externas, silenciam alguns males crônicos internos, por muito pouco tempo (enquanto causam uma irritação dolorosa à qual o organismo doente não está acostumado) sem poder curá-las; mas, por outro lado, enfraquecem ou destroem a saúde geral, em grau muito maior que a maioria das metástases realizadas pela força vital instintiva.





§ 202

Se o médico da escola antiga destruir o sintoma local mediante a aplicação tópica de remédios externos, na suposição de assim curar toda a doença, a natureza compensará a sua perda, despertando o mal interno, e os outros sintomas, que já existiam em estado latente, juntamente com a afecção local; isto é, ela aumenta o mal interno. Costuma-se dizer, embora *incorretamente*, quando isso ocorre, que a afecção local foi *recolhida* para o organismo ou para os nervos, pelos meios externos.

§ 203

Todo tratamento externo de tais sintomas, cuja finalidade é *removê--los* da superfície do organismo enquanto o mal interno miasmático permanece incurado, como por exemplo, removendo da pele uma erupção da sarna, mediante diversos tipos de unguentos, queimando o cancro externamente com cáusticos e destruindo os condilomas pela lanceta, ligadura ou cauterização ^(^o); o modo pernicioso de tratamento, até agora tão universalmente praticado, tem sido a fonte mais prolífica de todas as doenças crônicas já designadas ou ainda por designar de que se queixa a humanidade; é uma das práticas mais criminosas de que se pode culpar o mundo médico e, contudo, tem sido a geralmente adotada e ensinada nas cátedras como a única ^(*).

^(^o) N.T. No alemão original: ferro em brasa.

^(*) Pois quaisquer medicamentos que deveriam ter sido dados internamente, ao mesmo tempo, serviriam apenas para agravar o mal, já que esses meios não tinham poderes específicos de curar toda a doença, porém atacariam o organismo, enfraqueceriam-no e, além disso, infligiriam nele outros males crônicos medicinais.

§ 204

Se deduzirmos todas as afecções, sofrimentos e doenças duradouras que dependem de um modo de vida prolongadamente pouco saudável





ORGANON DA ARTE DE CURAR

(§ 77), bem como as inúmeras moléstias medicinais (v. § 74) causadas pelo tratamento irracional, persistente, agressivo e pernicioso de moléstias que, muitas vezes, são de caráter apenas trivial, por parte de médicos da velha escola, a maior parte do restante dos males crônicos resulta do desenvolvimento destes três miasmas crônicos, Syphillis interna, Sycosis interna, mas principalmente e em proporção infinitamente maior, Psora interna. Cada um destes miasmas já estava de posse de todo o organismo, havendo penetrado em todas as suas partes antes do aparecimento do sintoma primário, local, vicário de cada um deles (no caso da Psora, a erupção da sarna, no da Syphillis o cancro ou a bouba e no da Sycosis, o condiloma), que impede sua eclosão. Se a estes miasmas são roubados os seus citados sintomas locais substitutos, que suavizam o mal geral por meios externos, é inevitável que as doenças peculiares destinadas a cada um pelo Criador da natureza, mais cedo ou mais tarde se desenvolvam e eclodam e assim espalham toda esta miséria inominável, a quantidade inacreditável de doenças crônicas, que torturam a humanidade há séculos e milênios, dos quais nenhuma teria chegado a existir com tanta frequência, se os médicos, sem tocar em seus sintomas externos por meios tópicos, tivessem se empenhado conscientemente em erradicar e curar completamente o organismo, apenas através dos medicamentos internos homeopáticos pertencentes a cada uma delas (vide nota do § 282).

§ 205

O médico homeopata jamais trata um desses sintomas externos dos miasmas crônicos, nem sequer uma de seus afecções secundárias que resulte de seu desenvolvimento, mediante meios locais (nem por meio de agentes externos que agem dinamicamente (*), nem dos que agem mecanicamente), mas ele cura, nos casos em que aparece ou um ou outro, somente o grande miasma de que dependem, em virtude do que desaparecem espontaneamente seus sintomas primários e secundários





SAMUEL HAHNEMANN

(salvo em alguns casos de Sycosis antiga). Mas tal não era o método seguido pelos médicos da velha escola que o precederam no tratamento do caso; o médico homeopata, geralmente, descobre, o que é de lamentar, que os sintomas primários (***) já foram por eles destruídos mediante remédios externos, e que ele agora tem que tratar mais dos secundários, isto é, dos males resultantes das irrupções e desenvolvimento dos miasmas que lhe são peculiares, porém, principalmente dos males crônicos que evoluíram da Psora interna, cujo tratamento interno pessoalmente empenhei-me em expor, como melhor podia fazê-lo um só médico, após muitos anos de reflexão, observação e experiência, em meu livro sobre Doenças Crônicas, ao qual remeto o leitor.

(*) Não posso aconselhar, por exemplo, a extirpação local do chamado câncer dos lábios e face (o produto da Psora desenvolvida em alto grau, muitas vezes em conjunção com a Syphillis, mediante a pomada arsenical do Irmão Cosme), não somente por ser excessivamente doloroso, e muitas vezes falho, porém mais pela razão de que, mesmo que esse remédio livre a parte do corpo localmente da úlcera maligna, a moléstia básica não é por isso o mínimo diminuída de forma alguma, sendo necessário que a força vital transfira o campo de operação da grande moléstia interna para alguma parte mais nobre (como ocorre em todos os casos de metástase), e a consequência é a cegueira, surdez, loucura, asma sufocante, hidropisia, apoplexia etc. Mas esta liberação local ambígua da parte afetada, da úlcera maligna, pelo re-médio arsenical tópico, só encontra êxito, além disso, nos casos em que a úlcera não tenha ainda atingido um tamanho grande e não seja de origem venérea, e quando a força vital ainda é bastante enérgica; mas é justamente assim, nessas circunstâncias, que a cura completa interna de toda a doença original é ainda praticável.

O resultado é o mesmo sem a cura prévia do miasma interno, quando o câncer da face ou seio é removido apenas pela lanceta, e quando tumores enquistados são removidos; algo pior sobrevêm, ou, de qualquer modo, acelera-se a morte. Isto tem acontecido vezes sem conta, mas a velha escola prossegue em sua cegueira, do mesmo modo, em cada caso que se repete, com os mesmos resultados desastrosos.

(**) Erupção de sarna, cancro (bouba), condilomas.





§ 206

Antes de iniciar o tratamento de moléstia crônica, é necessário investigar com o maior cuidado (*) se o paciente teve alguma infecção venérea (ou infecção com gonorréia condilomatosa); pois então o tratamento deve ser orientado apenas em *sua direção* e exclusivamente quando apenas existem os sinais da Syphillis (ou da doença condilo-matosa, que é mais rara) acham-se presentes, mas esta moléstia hoje em dia é, muito raramente, encontrada em separado. Se tal infecção tiver ocorrido antes, isso deve também ser tomado em consideração no tratamento dos casos em que a Psora está presente, porque então esta última moléstia acha-se complicada com a primeira, como sem-pre ocorre quando os sintomas daquela não são puros, pois quando o médico crê que se depara com um caso de antiga moléstia venérea, sempre ou quase sempre, ele tem que tratar uma **afecção sífilítica**, acompanhada geralmente (complicada) com Psora, pois a discrasia interna da sarna (a Psora) é a *mais frequente causa fundamental de doenças crônicas*. O médico terá, às vezes, também que combater estes dois miasmas ainda complicados com Sycosis em organismos cronicamente doentes, quando confessadamente os dois contágios ocorreram um dia ou, ele achar, o que acontece com muito mais frequência, a Psora ser a única causa fundamental de todos os demais males crônicos (sejam quais forem os nomes que tenham), que pela falta de competência alopática costumam ainda por cima ser **estraga-dos, aumentados monstruosamente e desfigurados**.

(*) Em investigações desta natureza, não devemos deixar nos enganar pelo que dizem os pacientes ou os seus familiares, que frequentemente atribuem a causa de males maiores e crônicos, mesmo os mais graves, a um resfriado (por haverem se molhado, bebido água fria com o corpo quente) há alguns anos, ou a um susto, luxação ou aborrecimentos (às vezes mesmo a feitiços) etc. Essas causas são por demais insignificantes para desenvolver uma moléstia crônica em um *corpo são*, de forma a mantê-la durante anos, e a agravá-la de ano para ano, como sucede





SAMUEL HAHNEMANN

com todas as doenças crônicas resultantes da Psora em grau desenvolvido. Causas de caráter muito mais importante que aquelas influências nocivas relebráveis, encontram a sua raiz no início e avanço de uma doença séria de longa duração; as causas indicadas só poderiam despertar o miasma crônico latente.

§ 207

Havendo obtido a informação acima, resta ainda ao médico homeopata descobrir quais as espécies de tratamento alopático que tinham, até então, sido adotados para o doente crônico, que medicamentos perturbadores tinham sido principalmente, e com maior frequência, empregados, bem como que banhos minerais haviam sido usados, e que efeitos haviam produzido, a fim de compreender, até certo ponto, a degeneração do mal desde o seu estado original, e, quando possível, corrigir em parte estas alterações artificiais perniciosas, ou permitir-lhe evitar o emprego de medicamentos que já haviam sido impropriamente empregados.

§ 208

A idade do paciente, seu modo de vida, sua dieta, situação do-méstica, relações sociais, e assim por diante, devem, em seguida, ser levados em consideração, a fim de verificar se tais coisas contribuíram para aumentar seu mal ou até que ponto podem favorecer ou retardar o tratamento. Da mesma forma sua disposição física e seu modo de pensar devem ser observados, a fim de saber se isto representa qualquer obstáculo ao tratamento, ou se requer que seja dirigido, estimulado ou modificado.

§ 209

Só então o médico procura, em diversas conversas com o paciente, obter um quadro tão completo quanto possível de seu mal, de acordo com as instruções acima, a fim de poder elucidar os sintomas mais marcantes e peculiares (característicos), de acordo com os quais ele





ORGANON DA ARTE DE CURAR

escolhe o primeiro meio medicinal (antipsórico etc.), que guarde a maior semelhança sintomática para iniciar o tratamento, e assim por diante.

§ 210

À Psora se referem quase todas as moléstias que chamei acima de parciais, as quais parecem ser mais difíceis de curar em virtude desta parcialidade (já que todos os seus outros sintomas mórbidos desaparecem, por assim dizer, ante o grande, único e proeminente sintoma). Deste tipo são as chamadas *doenças da mente*. Contudo, não chegam a constituir uma classe de doença marcadamente separada de todas as outras, já que em todas as demais, assim chamadas moléstias físicas, a disposição da alma e da mente (*) altera-se *sempre* (**); e em todos os casos de moléstias que devemos curar, o estado de espírito do paciente deve receber atenção especial, como um dos principais dentro da totalidade dos sintomas, a fim de podermos obter o quadro preciso da doença para, a partir dele, podermos tratá-la homeopaticamente com sucesso.

(*) N.T. No original alemão *Gemüths*, traduzido por *da alma*; e *Geistes*, traduzido por *da mente*.

(**) Por exemplo, quantas vezes não nos encontramos diante de pacientes que estão de humor dócil e pacífico, embora tenham sofrido durante anos doenças do-lorosíssimas, tanto que o médico vê-se forçado a estimar e condoer-se do doente! Porém, se ele vence o mal, restabelecendo a saúde do paciente, como frequente-mente ocorre na clínica homeopática, muitas vezes se espanta e horroriza à vista da terrível alteração de seu estado de ânimo. Frequentemente testemunha caso de ingratidão, crueldade, refinada maldade, bem como as piores tendências, e mais degradantes para a humanidade, que constituíam, exatamente, características do paciente antes de adoecer.

Os que eram pacientes quando são, tornam-se às vezes obstinados, violentos, apressados ou mesmo intolerantes e caprichosos, ou impacientes e prepotentes quando adoecem; os que eram castos e pudicos, tornam-se agora luxuriosos e despidorados. Uma pessoa de mente clara frequentemente fica com o intelecto





SAMUEL HAHNEMANN

embotado, enquanto que uma que em circunstâncias normais tem a mente fraca, torna-se mais prudente e pensativa; e uma pessoa lenta em tomar decisões, às vezes, adquire grande presença de espírito e rapidez de decisão etc.

§ 211

Tanto é isto verdade, que o estado de espírito do paciente muitas vezes determina a escolha do remédio homeopático, em virtude de ser um sintoma decididamente característico, que não pode, de maneira nenhuma, permanecer oculto ao médico que seja um observador preciso.

§ 212

O Criador de potências terapêuticas também observou esta característica principal de todas as doenças, os estados de disposição da alma e da mente^(^o) alterados, pois não há no mundo substância medicinal enérgica que não altere de modo muito mais fácil de observar, esses estados da alma e da mente^(^o) no indivíduo são que a experimente, e cada medicamento o faz de modo diverso.

^(^o) N.T. No original alemão: *Gemüths* – traduzido por *disposição da alma*; e *Geistes* – traduzido por *da mente*.

§ 213

Por conseguinte, jamais poderemos curar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente, se não observarmos, em cada caso de doença, mesmo nas agudas, juntamente com os outros sintomas, os relativos às mudanças no estado da mente e da alma, e se não escolhermos, para o alívio do paciente, dentre os medicamentos, uma potência patogenética que, além da semelhança de seus outros sintomas aos da moléstia, seja também capaz de produzir *por si só*, um estado semelhante da alma e da mente^(*).

^(*) Assim, o *Aconitum* raramente ou nunca produzirá uma cura rápida ou permanente em um paciente de espírito calmo, quieto e uniforme, e tampouco servirá





ORGANON DA ARTE DE CURAR

a *Nux vomica* nos casos em que seu caráter for suave e fleugmático; *Pulsatilla*, quando for alegre, vivo e obstinado, ou *Ignatia*, quando for imperturbável ou pouco suscetível de se assustar ou aborrecer.

§ 214

As instruções que tenho a dar com relação à cura das doenças da alma e da mente limitam-se a pouquíssimos comentários, visto serem curáveis da mesma maneira que todas as outras moléstias, isto é, por um remédio que demonstre, pelos sintomas que causa no corpo e na alma de um indivíduo são, um poder de produzir um estado mórbido tão semelhante quanto possível ao caso de doença com que nos deparamos, sendo que não podem ser curadas de outra maneira.

§ 215

Quase todas as chamadas doenças da alma e da mente nada mais são que males físicos, em que o sintoma de perturbação da alma e da mente peculiar a cada uma delas aumenta, ao passo que os sintomas físicos declinam (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge sua maior parcialidade, quase como se fosse um mal local no sutil órgão invisível da mente ou da alma.

§ 216

Não são raros os casos em que a chamada doença física que ameaça ser fatal – uma supuração pulmonar, ou a deterioração de algum outro órgão nobre, ou qualquer outra moléstia quente (aguda), por exemplo, febre puerperal etc., se transforma em loucura, em uma espécie de melancolia ou em fúria, em virtude de um rápido aumento dos sintomas mentais que já se achavam presentes, ao que os sintomas físicos perdem todo o seu perigo; estes últimos melhoram ao ponto de quase chegarem a uma cura perfeita, ou então reduzem-se a tal grau que sua obscura presença só pode ser descoberta mediante observação por um





SAMUEL HAHNEMANN

médico dotado de perseverança e penetração. Desta forma, tornam-se uma doença local ou, por assim dizer, parcial, em que o sintoma do distúrbio da mente, que era primeiramente apenas ligeiro, aumenta a ponto de se tornar o sintoma principal, e em grande parte ocupa o lugar dos outros sintomas (físicos), cuja intensidade vence de forma paliativa, de modo que, em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos mais grosseiros são, por assim dizer, transferidas e conduzidas para os órgãos quase espirituais, da mente e emocionais, que o anatomista ainda não alcançou e jamais virá a alcançar com sua lanceta.

§ 217

Com cuidado dever ser feita a investigação de toda a essência dos sintomas, tanto na intenção dos sintomas físicos, como também principalmente na intenção da peculiaridade exata (do caráter) de seu sintoma principal do estado da alma e da mente que cada vez predomina, para encontrar uma potência patogenética medicinal homeopática, entre os remédios conhecidos segundo seus efeitos puros, que apresente no conteúdo de seus sintomas não só os sintomas mórbidos físicos presentes, mas principalmente o que apresente a semelhança maior possível a este estado da alma e da mente, para a extinção de toda a doença.

§ 218

A esta relação de sintomas pertence, em primeiro lugar, a descrição exata de todos os fenômenos da doença física, por assim dizer, que já existia antes de degenerar em um aumento parcial do sintoma da mente e tornar-se uma doença da mente e da alma. Esta descrição pode ser conhecida através do relatório dos acompanhantes do paciente.

§ 219

Uma comparação destes sintomas anteriores da doença física, com os traços das que ainda restam, embora se tenham tornado menos perceptíveis (mas que mesmo agora, às vezes, se tornaram proeminentes, quando ocorre





ORGANON DA ARTE DE CURAR

um intervalo de lucidez e um alívio passageiro do mal da mente), servirá para demonstrar que ainda se acham presentes, embora obscurecidos.

§ 220

Acrescentando-se a isto o estado da mente e da alma(*), observa-dos com exatidão pelos amigos do paciente e pelo próprio médico, **teremos, assim, obtido o quadro completo da doença para a qual, a fim de se efetuar uma cura homeopática, deve-se procurar, entre os medicamentos (antipsóricos etc.), se o mal psíquico já tiver atingido certa duração, um medicamento capaz de produzir sintomas marcadamente semelhantes e, de modo especial, uma perturbação da mente análoga.**

(*) O qual não raramente aparece em períodos alternados, por exemplo: a alguns dias de loucura furiosa ou raiva, seguem-se outros de tristeza profunda, silenciosa etc., retornando apenas em certos meses do ano.

§ 221

Se, contudo, a loucura ou fúria (por ocasião de susto, aborrecimento, abuso de bebidas alcoólicas etc.), irrompeu subitamente como doença aguda no paciente de ordinário calmo, embora quase sempre surja em virtude de Psora interna (como uma chama que dela emana), não deve ser tratada imediatamente no seu princípio agudo com medicamentos antipsóricos, mas sim com os aqui indicados, escolhido da classe dos meios de cura restantes experimentados(*), em doses mínimas, homeopáticas, altamente potencializadas^(o) a fim de vencê-la a ponto de permitir que a Psora reverta temporariamente ao seu antigo estado latente, em que o paciente parece estar curado.

(*) Por exemplo: *Aconitum*, *Belladonna*, *Stramonium*, *Hyoscyamus*, *Mercurius etc.*

^(o) N.T. Na 5ª ed. não há referência em relação a potencialização.

§ 222

Mas tal paciente, que imaginaram ter se restabelecido de uma doença aguda da mente ou da alma, mediante o emprego desses





SAMUEL HAHNEMANN

medicamentos não antipsóricos^(^o), não deve jamais ser considerado curado; ao contrário, deve-se agir com presteza tentando libertá-lo completamente(*), por meio de tratamento antipsórico prolongado, talvez também por cura antissifilítica, do miasma crônico, o qual, é bem verdade, tornou-se agora outra vez latente, mas acha-se apto a irromper novamente, em acessos da doença anterior da mente ou da alma; se isto for feito, não há que se temer outro ataque semelhante, **se ele seguir fielmente a dieta e o regime que lhe foram prescritos.**

(^o) N.T. No original alemão: *apsorische*.

(*) Muito raramente ocorre que uma doença da mente ou da alma de longa duração cesse espontaneamente (pois a discrasia interna transfere-se novamente para os órgãos físicos menos nobres); tais são os poucos casos que ocorrem, às vezes, em que um antigo internado no manicômio recebeu alta por estar aparentemente curado. Além disso, até agora todos os hospícios têm continuado lotados, de modo que a multidão de outros alienados que buscam admissão em tais instituições mal poderiam encontrar lugar nelas a não ser que algum dos internados na casa morresse.

Nos hospícios, ninguém é realmente permanentemente curado pela velha escola! Uma prova convincente (entre muitas outras) da total nulidade da arte não curativa até agora praticada, a ridiculamente honrada pelo orgulho dos alopatas com o título de *medicina racional*. Por outro lado, quantas vezes já não pode a verdadeira arte de curar, a genuína, a pura homeopatia, recuperar esses desgraçados para a posse de sua saúde mental e corporal e devolvê-los a seus deleitados amigos e ao mundo!

§ 223

Mas se se omitir o tratamento antipsórico (também o antissifilítico), podemos com mais certeza esperar, de uma causa muito mais fraca que a que acarretou o primeiro ataque de loucura, a rápida ocorrência de novo ataque, mais severo e duradouro, durante o qual a Psora desenvolve-se, geralmente, de modo completo e se transforma ou em perturbação mental periódica, ou em distúrbio continuado, o que é então mais difícil de se curar com antipsóricos.





§ 224

Se a doença da mente não estiver plenamente desenvolvida e se for ainda incerto se realmente surgiu de afecção corporal, ou se não resultou de falhas de educação, maus costumes, moral corrupta, negligência de espírito, superstição ou ignorância, o modo de decidir este ponto será: se provier de uma ou outra dessas causas, diminuirá e melhorará, por exortações amistosas e sensatas, argumentos consolatórios, conselhos sérios e sensatos; ao passo que uma verdadeira doença da mente e emocional, que dependa de mal físico, será rapidamente agravada por este método – o melancólico se tornará ainda mais triste, choroso, inconsolável e reservado, o louco furioso se tornará ainda mais exasperado, e o falatório sem nexos se tornará manifestamente mais absurdo(*).

(*) Parece que a alma, nestes casos, sente ainda com maior irritação e tristeza a verdade destas advertências sensatas, agindo sobre o corpo como se desejasse restaurar a harmonia perdida, mas que o corpo, por meio dessa moléstia, reagisse nos órgãos da mente e nos que governam o estado de espírito e os colocam em desordem ainda maior por uma transferência nova de seus sofrimentos para eles.

§ 225

Contudo, certamente há, como já foi dito, algumas doenças emocionais que não se desenvolveram apenas daquela maneira, partindo de moléstias corporais, mas que, de modo inverso, estando o organismo ligeiramente indisposto, originam-se e se mantêm em virtude de causas emocionais, como desgosto prolongado, aborrecimento, ofensas e insultos, e a ocorrência frequente de grande medo e susto. Esse tipo de distúrbio emocional por fim destrói a saúde do organismo, muitas vezes em alto grau.

§ 226

São somente doenças emocionais assim, que foram primeiramente engendradas e posteriormente mantidas pela alma, que *enquanto forem ainda recentes, e antes de terem invadido gradualmente todo o corpo,*





podem, mediante remédios psíquicos, como provas de confiança, conselhos amigos, recomendações sensatas e, muitas vezes, mediante simulações bem disfarçadas, ser rapidamente transformadas em um estado mental sadio (e com modo de vida apropriados, ser alterada também, em bem estar do corpo).

§ 227

Mas a causa fundamental nestes casos é também o miasma interno da Psora, que não atingiu ainda o seu pleno desenvolvimento e, como medida de segurança, o doente aparentemente curado, deve ser submetido a um tratamento antipsórico radical (também antissifilítico), a fim de que não possa outra vez, como poderia facilmente ocorrer, cair em semelhante estado de doença da mente.

§ 228

Em doenças da mente e emocionais resultantes de doenças corporais que só podem ser curadas por medicamento homeopático antimiasmático, conjugado com um modo de vida regular, deve-se observar cuidadosamente um comportamento psíquico apropriado para com o paciente, por parte dos que o cercam e do médico, como regime espiritual auxiliar. À loucura furiosa devemos opor energia calma e fria, resolução firme – às lamentações tristes e chorosas, muda compaixão mediante expressões e gestos – a falatórios sem nexos, um silêncio não de todo desatencioso – a uma conduta desgostosa e abominável, e conversa de caráter semelhante, desatenção total. Devemos somente tentar impedir a destruição e dano dos objetos ao redor do paciente, *sem reprová-lo por sua conduta*, e tudo deve estar disposto de modo a impedir a necessidade de quaisquer castigos e torturas corporais (*). Isto é muito mais fácil realizar, visto que, na administração do medicamento – o único caso em que se justifica o uso de violência, no sistema homeopático – as pequenas doses do medicamento adequado jamais *impressionam* o paladar, podendo, portanto,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

serem dadas ao paciente sem que ele o saiba, em sua bebida, de modo que qualquer coação se torna desnecessária.

(*) Não podemos deixar de surpreender-nos ante a dureza de coração e desatino dos médicos de muitos estabelecimentos para pacientes desta espécie, que, sem tentar descobrir o verdadeiro e único modo eficaz de curar tais doenças, que é o meio homeopático *medicinal* (antipsóricico), contentam-se em torturar esses seres mais desgraçados, com castigos violentos e outros tormentos dolorosos. Por tal prática sem consciência e revoltante, eles se colocam muito abaixo do nível dos severos educadores em instituições corretivas, pois estes aplicam tais castigos apenas por abnegação no cargo que ocupam e isto em criminosos; mas aqueles parecem dar vazão à sua maldade na suposta incurabilidade das doenças da mente e da alma; na consciência humilhante de sua nulidade como médicos, deixando-se levar à dureza com esses lamentáveis e inocentes sofredores, sendo eles mesmos ignorantes demais e indolentes demais para aceitarem um método de cura adequado.

§ 229

Por outro lado, contradições, ânsia em dar explicações, correções e admoestações rudes, bem como ceder e demonstrar fraqueza nas atitudes, são impróprias com tais pacientes; são igualmente modos perniciosos de tratar doenças da mente e emocionais. Mas tais pacientes exasperam-se principalmente e queixam-se ainda mais, quando notam que há fraude, engano e truques que podem notar. *O médico e o enfermeiro devem sempre fingir que os doentes estão no gozo completo das faculdades mentais.*

Se possível, todas as influências perturbadoras externas de seus senti-dos e emoções devem ser removidas; não há diversões para seus espíritos enuviados, não há distrações salutares, meios de instrução, efeitos suavi-zantes causados por conversa, livros, entre outras coisas para a alma que está sequiosa e indignada nas amarras do seu corpo doente, não há alívio para ela que não seja a cura; é somente quando a saúde corporal melhora que raíam outra vez a tranquilidade e o conforto em suas mentes(*).





SAMUEL HAHNEMANN

(*) O tratamento dos loucos furiosos e dos melancólicos só se pode realizar em uma instituição especial para seu tratamento, mas não dentro do círculo familiar do paciente.

§ 230

Se o remédio escolhido para cada caso de doença da mente ou emocional (existe em inúmeras variedades) for bem homeopaticamente adequado para o quadro fielmente traçado da doença que, se houver um número suficiente desta espécie de medicamento que sejam conhecidos quanto a seus efeitos puros, é determinada por busca incansável do remédio homeopático adequado com maior facilidade, visto que o estado da mente e emocional, que constitui o principal sintoma a notar em tal paciente, é tão inequivocamente perceptível – então são muitas vezes as doses as menores possíveis, suficientes para provocar uma melhora sensível em pouco tempo, o que não poderia ter sido conseguido pelas doses, as maiores e mais frequentes possíveis, de todos os outros medicamentos não adequados (alopáticos) que são empregados até a morte. Com efeito, posso confiantemente afirmar, devido à minha grande experiência, que a vasta superioridade do sistema homeopático sobre todos os outros métodos imagináveis de tratamento não é revelada de forma mais triunfante que nas doenças da alma e da mente de longa duração, as quais geralmente originam-se de males corporais, ou desenvolveram-se juntamente com estes.

§ 231

As *doenças intermitentes* merecem consideração especial, bem como as que retornam em certos períodos – como o grande número de febres intermitentes, e as afecções aparentemente não febris, que retornam intervaladamente como as febres intermitentes – assim como as em que certos estados mórbidos se alternam a intervalos incertos, com estados mórbidos de espécie diferente.





§ 232

Estas últimas, doenças *alternantes*, são também muito numerosas (*), mas todas pertencem à classe de enfermidades crônicas; são apenas geralmente uma manifestação de Psora desenvolvida e só às vezes, mesmo que raramente complicadas com um miasma sifilítico, e portanto podem, no primeiro caso, ser curadas com remédios anti-psóricos; no último caso contudo, alternam-se com antissifilíticos, como recomendei em minha obra sobre Doenças Crônicas.

(*) Dois ou três estados podem se alternar. Assim, por exemplo, no caso de duas doenças que se alternam, certas dores podem ocorrer persistentemente nas pernas e outras partes etc., imediatamente após o desaparecimento de uma espécie de oftalmia, que mais tarde aparece, logo que a dor nos membros tiver se extinguido momentaneamente – convulsões e espasmos podem se alternar imediatamente com qualquer outra afecção do organismo ou de parte deste. Em um caso de três estados se alternarem numa indisposição duradoura, períodos breves de aumento aparente de saúde e exaltação incomum dos poderes físicos e da mente (alegria exagerada, atividade extraordinária do organismo, excesso de bem estar, apetite voraz etc.) seguindo a isso, de modo igualmente inesperado, uma disposição melancólica sombria, disposição emocional hipocondríaca intolerável, com perturbação de várias funções vitais, a digestão, o sono etc., aparecem e, outra vez, e tão repentinamente dão lugar às perturbações moderadas usuais, bem como a diversos outros estados alternantes. Quando surge o novo estado, não há, muitas vezes, vestígios do estado anterior. Em outros casos, somente restam vestígios ligeiros do anterior; quando ocorre o outro estado, poucos sintomas do estado precedente permanecem no aparecimento e durante a continuação do segundo. Por vezes, os estados mórbidos alternantes são de natureza bem oposta, como por exemplo, a melancolia que se alterna periodicamente com alegria insana ou fúria.

§ 233

As moléstias intermitentes típicas são as em que um estado mórbido de caráter invariável, retornam em períodos mais ou menos iguais,





enquanto o paciente está, aparentemente, gozando de perfeita saúde, e cessam em um período igualmente mais ou menos fixo; isto se observa tanto nos estados mórbidos aparentemente não febris, mas típicos, que surgem e desaparecem de modo periódico (em determinadas ocasiões), quanto nos de caráter febril, ou sejam, as inúmeras variedades de febres intermitentes.

§ 234

Os estados mórbidos aparentemente não febris, típicos, que voltam periodicamente, referidos acima, observados em um só paciente de cada vez (geralmente não ocorrem esporadicamente ou em epidemias), sempre pertencem às doenças crônicas, principalmente às puramente psóricas, e só muito raramente se complicam com Syphillis; contudo é, às vezes, necessário empregar uma pequena dose de solução potencializada de casca de cinchona, a fim de extinguir inteiramente o seu tipo intermitente.

§ 235

Quanto às *febres intermitentes* (*) que ocorrem de modo esporádico ou epidêmico (não as endemicamente situadas em zonas pantanosas), frequentemente encontramos cada crise (paroxismos) composta igualmente de dois estados opostos alternantes (frio, calor – calor, frio) e, mais frequentemente ainda, de três (frio, calor, transpiração). Portanto, o remédio escolhido para eles da classe geral dos experimentados, geralmente não antipsóricos, deve ser (o que é mais seguro) capaz de produzir no organismo sadio, dois ou todos os três estado alternantes semelhantes, ou devem então corresponder por semelhança de sintomas, na forma mais homeopática possível, ao estado alternante mais forte, mais marcante e mais peculiar (ou ao estágio de frio, ou ao de calor, ou ao de transpiração, cada um com os seus sintomas secundários, conforme um ou outro estágio alternante for o mais





ORGANON DA ARTE DE CURAR

forte e peculiar); mas os sintomas da saúde do paciente durante os intervalos em que não tem febre devem constituir a melhor indicação para o remédio homeopático mais apropriado (**).

(*) A patologia até agora em voga, que ainda está no estágio da infância irracional, reconhece apenas uma única *febre intermitente*, a qual é, igualmente, denominada *febre fria*, sem admitir variedades a não ser as constituídas pelos diferentes intervalos em que ocorrem as crises, diária, terça, quarta etc. Mas há diferenças muito maiores entre elas do que as marcadas pelos períodos de sua frequência; há variedades incontáveis dessas febres, algumas das quais não podem jamais ser denominadas *febres frias*, pois suas crises consistem apenas em calor; outras, além disso, caracterizam-se somente pelo frio, com ou sem transpiração subsequente; há ainda outras que apresentam resfriamento superficial geral, com sensação de calor por parte do paciente, ou enquanto o corpo está quente externamente, o paciente sente frio; outras ainda, em que uma crise consiste inteiramente em calafrio, ou simples frialdade, seguido de intervalos normais, ao passo que o outro consiste meramente em calor, seguido ou não de transpiração; outros há ainda, em que primeiro vem a sensação de calor e, depois que esta passar, uma crise de frio; há as em que, após uma fase de frio ou calor, sobrevêm apirexia, e então apenas a transpiração vem como uma segunda crise, por vezes após muitas horas a fio; há também os casos em que não vem qualquer transpiração e, outrossim, outros em que toda a crise consiste apenas em transpiração abundante, sem qualquer sensação de frio ou de calor, ou em que a transpiração só ocorre durante a fase de calor; e há ainda, outras diferenças sem conta, especialmente quanto aos sintomas secundários, como dor de cabeça de tipo peculiar, mau gosto na boca, náusea, vômitos, diarreia, falta ou excesso de sede, dores peculiares no corpo ou nos membros, sono perturbado, delírios, alteração de humor, espasmos etc. – antes, durante ou após o período de frio, de calor e de transpiração e inúmeras outras variedades. Todas estas são evidentemente febres intermitentes de espécies muito diferentes, cada uma delas, como era de se esperar, *naturalmente*, requerendo tratamento (homeopático) especial. Deve se admitir que quase todas podem ser suprimidas (como sói acontecer) mediante doses enormes de casca de quina e sua preparação farmacêutica, o sulfato de quinino, chamado de





SAMUEL HAHNEMANN

quinino, isto é, sua faculdade de retornar periodicamente (seu tipo) pode ser extinta por ele, mas os pacientes que sofreram de febres intermitentes para as quais a cinchona não é adequada (como ocorre com todas as febres intermitentes epidêmicas que assolam países inteiros e mesmo distritos montanhosos), não recuperam a saúde pela extinção do tipo de febre. Não! Ao contrário, agora adoecem de outro modo e o que é pior, de modo mais grave ainda do que antes; são afetados por discrasias peculiares, crônicas, de casca de cinchona, e dificilmente podem se restabelecer mesmo com tratamento prolongado pelo verdadeiro sistema medicinal – e mesmo assim, isto é o que se chama *curar!*

(**) O Conselheiro de Estado, Barão von Bönninghausen, elucidou primeiro da melhor forma esta questão, e facilitou a escolha do remédio eficiente para as várias epidemias da febre, em sua obra *intitulada Versuch einer homöopathischen Therapie der Wechselfieber* (Ensaio de uma terapêutica homeopática das febres intermitentes) 1833, Münster bei Regensburg.

§ 236

O momento mais eficaz para dar o medicamento nestes casos é imediatamente ao término da crise, ou logo após, assim que o pa-ciente tiver de certa forma se recuperado de seus efeitos; tem, então, tempo de realizar todas as alterações no organismo necessárias para o restabelecimento da saúde, sem qualquer distúrbio sério ou comocção violenta; ao passo que a ação de um medicamento, por mais especificamente apropriado que seja, se dado imediatamente antes da crise, coincide com o retorno natural da doença e causa uma reação tal no organismo que um ataque desta natureza produz, no mínimo, uma grande perda de força, se não acarretar perigo à vida (*). Mas se o remédio for dado imediatamente após o fim da crise, isto é, no momento em que começou o período apirético, e bastante tempo antes do início da crise futura, então a força vital do organismo está nas melhores condições possíveis para se deixar ser suavemente alterada pelo remédio, e assim recuperar seu estado de saúde.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

(*) Isto se observa nos casos fatais, não raros, em que uma dose moderada de ópio durante o período de frio da febre rapidamente produz a morte dos pacientes.

§ 237

Mas se a fase de apirexia for muito curta, como ocorre em algumas febres muito graves, ou se for descaracterizada por alguns sofrimentos posteriores da crise anterior, a dose do medicamento homeopático deve ser administrada quando a transpiração começa a ceder, ou quando os outros fenômenos subsequentes do término da crise começam a diminuir.

§ 238

Não raro ocorre que o medicamento adequado, empregado uma única vez, impede que voltem os ataques e restitui a saúde, mas, na maioria dos casos, deve se dar outra dose após cada crise. Melhor ainda, quando o caráter dos sintomas não houver se alterado, doses do mesmo medicamento administradas de acordo com a mais recente descoberta de **repetição de doses** (v. nota do § 270), podem ser dadas sem dificuldades, dinamizando-se cada dose sucessiva (sucussionando-se de 10 a 12 vezes o frasco que contém a substância medicinal). Contudo, surgem, às vezes, casos, embora raros, em que a febre intermitente retorna após diversos dias em que o paciente sentiu bem-estar. Este retorno da mesma febre após um intervalo de saúde só é possível quando o princípio nocivo que primeiro originou a febre está, ainda, agindo no convalescente, como é o caso nas regiões pantanosas. Neste caso a cura permanente só poderá, muitas vezes, realizar-se se o paciente se afastar desta causa (procurando um lugar montanhoso, se a causa for uma febre dos pântanos).

§ 239

Como quase todo medicamento causa, em sua ação pura, uma febre especial peculiar, e mesmo uma espécie de febre intermitente com seus estados alternantes, diferindo de todas as outras febres causadas





SAMUEL HAHNEMANN

por outros medicamentos, podem se encontrar medicamentos homeopáticos na vasta gama de medicamentos para todas as numerosas variedades de febres intermitentes naturais, e para um grande número de tais febres, mesmo na quantidade razoável de medicamentos já experimentados até agora no indivíduo são.

§ 240

Mas se o remédio, que se verifica ser o específico homeopático para a epidemia de febre intermitente que graçava naquele tempo, não efetuar uma cura perfeita em um ou outro paciente, se não for a influ-ência de alguma região pantanosa que estiver impedindo a cura, então é sempre o miasma psórico latente que a obsta, e neste caso, devem se empregar medicamentos antipsóricos até se obter alívio completo.

§ 241

As epidemias de febre intermitente sob condições em que nenhuma é endêmica, são da natureza das doenças crônicas, compostas de crises agudas individuais; cada epidemia é de caráter peculiar, uniforme, comum a todos os indivíduos atacados, e quando este caráter se encontra na totalidade dos sintomas comuns a todos, leva-nos à descoberta do remédio (específico) homeopático adequado para todos os casos, que então quase sempre ajuda nos pacientes de saúde mediana antes da epidemia, isto é, que não sofriam cronicamente de Psora desenvolvida.

§ 242

Se, contudo, em tal epidemia de febre intermitente, permanecerem incuradas as primeiras crises, ou se os pacientes tiverem sido enfraquecidos mediante tratamento alopático inadequado, então a Psora inerente que infelizmente existe em tantas pessoas, embora em estado latente, desenvolve-se, assume a forma de febre intermitente e, com todas as aparências de febre intermitente epidêmica, continua o seu





ORGANON DA ARTE DE CURAR

curso como se fosse a epidêmica, de modo que o medicamento, que teria sido útil nas primeiras crises, não é mais conveniente e não tem mais utilidade. Temos, neste caso, de tratar apenas uma febre intermitente psórica, e esta geralmente é vencida com doses mínimas e pouco repetidas de enxofre, ou de *Hepar sulphuris*, em alta potência.

§ 243

Nessas febres intermitentes, muitas vezes muito perniciosas, que atacam uma pessoa isolada, que não reside em região pantanosa, devemos *em primeiro lugar*, como no caso de males agudos em geral, os quais elas lembram por sua origem psórica, empregar, também, durante alguns dias, para auxiliar no que lhe compete, um remédio homeopático escolhido, para o caso especial com que nos deparamos, da classe de medicamentos (não antipsóricos) experimentados; mas se, apesar disso, demorar-se a cura, sabemos que nos deparamos com a Psora, que está a ponto de desenvolver-se, e que neste caso só remédios antipsóricos podem efetuar cura radical.

§ 244

As febres intermitentes de forma endêmica em regiões pantanosas e lugares sujeitos a inundações davam um grande trabalho aos médicos da velha escola e, contudo, o homem pode, em sua mocidade, habituar-se a lugares pantanosos e conservar-se em perfeita saúde, desde que mantenha um regime impecável e seu organismo não se submeta a subnutrição, fadiga ou práticas perniciosas. As febres intermitentes que lá são endêmicas no máximo atacá-lo-iam quando de sua chegada em tal região; mas uma ou duas *doses diminutas* de uma solução altamente potencializada de casca de cinchona, juntamente com um modo de vida regular, como aludimos acima, livrá-lo-iam em pouco tempo da doença. Mas os indivíduos que, apesar de fazerem bastante exercício físico, e seguirem em sistema sadio de ocupação intelectual





SAMUEL HAHNEMANN

e regime corporal, não se curarem de febre intermitente dos pântanos com uma ou poucas destas doses pequeníssimas de cinchona, nestas pessoas, a Psora, esforçando-se para desenvolver-se, sempre se acha por trás da doença, e sua febre intermitente não pode ser curada no lugar pantanoso sem tratamento antipsórico(*). Ocorre que, às vezes, quando esses pacientes mudam-se sem demora do local pantanoso para um lugar fresco e montanhoso, segue-se um restabelecimento aparente, a febre os abandona, se não tiverem sido por demais atacados pela doença, isto é, se a Psora não tiver se desenvolvido plenamente neles, podendo, conseqüentemente, retornar ao seu estado latente; contudo, jamais recuperarão saúde perfeita sem tratamento antipsórico.

(*) Doses grandes, e frequentemente repetidas, de casca de cinchona, bem como os remédios cinchônicos concentrados, como o *sulfato de quinina* têm, certamente, o poder de livrar os doentes das crises periódicas da febre palustre; mas os enganados desta maneira quanto a sua cura, permanecem doentes, como foi dito acima, de outro modo, frequentemente com uma intoxicação incurável de China (v. nota § 276).

§ 245

Tendo, assim, visto que cuidados tomar, no tratamento homeopático, com as diversas variedades de doenças, e com as circunstâncias peculiares com elas relacionadas, passamos agora ao que teremos que ver no que diz respeito aos *remédios e seu modo de emprego, bem como o regime a ser seguido durante o seu uso.*

§ 246

Cada melhora perceptivelmente progressiva e marcadamente crescente, durante o tratamento, é uma condição que, enquanto perdurar, impede completamente qualquer repetição da administração do medicamento, pois todo bem que o medicamento tomado continua a fazer, apressa-se agora para o seu êxito. Isto não é raro em doenças agudas, mas nas mais crônicas, por outro lado, uma única dose de um remédio homeopático





ORGANON DA ARTE DE CURAR

adequadamente escolhido produzirá, às vezes, melhora gradual, lenta e progressiva, e proporcionará a ajuda que tal remédio, no caso, alcançaria naturalmente em 40, 50, 60, 100 dias. Contudo, é isto um caso raro; e, além disso, deve ser de grande importância para o médico e para o paciente que, sendo possível, se reduza tal período à metade, uma quarta parte, ou menos ainda, de modo que se obtenha uma cura ainda muito mais rápida.

E isto pode ser muito bem obtido, como observações recentes e diversas vezes repetidas me ensinaram, nas seguintes condições: em primeiro lugar, se o medicamento escolhido com o maior cuidado é inteiramente homeopático; em segundo lugar, se é altamente potencializado, diluído em água e dado na pequena dose adequada que a experiência me ensinou ser a mais conveniente, em intervalos definidos, para a realização mais breve da cura, mas com o cuidado de que *o grau de dinamização de cada dose difira um pouco da imediatamente anterior e seguinte*; de forma que o princípio vital que deve ser alterado provocando doença medicinal semelhante, não seja levado a produzir reações desagradáveis e se revolte, como sempre acontece(*), com doses não modificadas e repetidas com grande rapidez.

(*) O que disse na quinta edição do *Organon*, em longa nota deste parágrafo, para impedir estas reações indesejáveis da energia vital, foi tudo o que pude, com a experiência que tinha então. Mas durante os últimos quatro ou cinco anos, todas estas dificuldades foram totalmente vencidas por mim pelo método alterado, mais aperfeiçoado. Os mesmos remédios cuidadosamente escolhidos podem agora ser dados diariamente por meses a fio, se necessário, assim, isto é, após se haver usado durante uma ou duas semanas a dose mais fraca de potência, no tratamento de doenças crônicas, passa-se, da mesma maneira, para potências mais elevadas (pois no novo método de dinamização que foi ensinado, o uso começa com os graus mais baixos).

§ 247

Não é prático repetir a mesma dose inalterada(*) de um medicamento, uma vez, para não dizer nada de sua frequente repetição (e a





SAMUEL HAHNEMANN

intervalos curtos, para não retardar a cura). O princípio vital não aceita tais doses *totalmente iguais* sem resistência, isto é, sem que outros sintomas do medicamento se manifestem, a não ser os semelhantes

14 doença a ser curada, porque a primeira dose já realizou a alteração esperada no princípio vital, e uma segunda dose inalterada, toda seme-lhante dinamicamente, não poderá mais, assim, encontrar as mesmas condições da força vital. O paciente pode, realmente, adoecer de outro modo ao receber outra dose *não modificada*, piorar, pois agora os sintomas do remédio dado permanecem ativos, não tendo sido homeo-páticos ao mal original, daí não se pode realizar progresso em direção

15 cura, apenas uma verdadeira agravação do estado do paciente. Mas se a dose seguinte for um pouco mais diferente de cada vez, isto é, um pouco mais potencializada (§§ 269-270), então o princípio vital pode ser alterado sem dificuldade pelo mesmo medicamento (diminuída a sensação da doença natural), e assim aproximar-se a cura.

Não devemos, mesmo com o remédio homeopático melhor escolhido, por exemplo, um glóbulo da mesma potência que primeiro foi tão benéfica, deixar que o paciente tome uma segunda ou terceira dose, ingerida sem líquido. Da mesma forma, se o medicamento foi dissolvido em água e a primeira dose se revelou benéfica, uma segunda ou terceira dose, ainda menor, do frasco *que se acha imóvel*, mesmo em intervalos de alguns dias, já não mais seria benéfica, mesmo que a preparação primitiva tenha sido potencializada agitando-se dez vezes, ou como sugeri mais tarde, apenas duas vezes, a fim de evitar esta desvantagem, e isto de acordo com as razões acima expostas.

Porém, se se modifica cada dose em seu grau de dinamização, como aqui ensino, não há prejuízo na repetição mais frequente das doses, mesmo que o medicamento fique altamente potencializado devido a muitas sucessões. Poder-se-ia quase dizer que o medicamento homeopático melhor escolhido poderia remover melhor da força vital a perturbação mórbida, e nas doenças crônicas, extingui-la somente *se aplicado em diversas formas diferentes*.



§ 248

Para este fim, potencializamos outra vez a solução medicinal *cada vez antes de ser tomada*(*) (com, talvez, 8, 10, 12 sacudidelas do fras-co), da qual damos ao paciente uma ou (progressivamente) diversas doses de colher das de café ou de chá em doenças de longa duração, todos os dias, ou a cada dois dias; em casos agudos, e, em casos muito urgentes, de hora em hora, ou com maior frequência. Assim, nas doenças crônicas, cada medicamento homeopático corretamente escolhido, mesmo que sua ação seja de efeito prolongado, pode ser repetido diariamente durante meses com êxito cada vez maior. Se a solução terminar (em 7 e 8 dias ou 14 e 15 dias), deve-se acrescentar à próxima solução do mesmo medicamento – se este ainda for indicado – um ou (embora raramente) diversos glóbulos de potência mais elevada, com a qual prosseguimos por tanto tempo quanto for necessário ao paciente, para experimentar uma melhora contínua sem encontrar nenhuma perturbação que não tenha jamais sentido em sua vida. Pois, se tal acontecer, se o restante da doença surgir em um grupo de sintomas *modificados, então, outro medicamento mais homeopaticamente semelhante deve ser escolhido em lugar do último e administrado nas mesmas doses repetidas*, lembrando-se, contudo, de modificar a solução de cada dose com vigorosas sacudidas, mudando, assim, seu grau de potência e aumentando-a um pouco. Por outro lado, caso sobrevenham, durante a repetição quase diária do medicamento homeopático totalmente adequado, perto do fim do tratamento de um mal crônico, *as chamadas agravações homeopáticas* (§ 161) de maneira que o restante dos sintomas mórbidos parece aumentar um pouco outra vez (a doença medicinal, tão semelhante à original, agora se manifesta isoladamente), então, neste caso, as doses devem ser ainda mais reduzidas e repetidas em intervalos mais longos, ou mesmo suspensas durante vários dias, a fim de se verificar se a con-valescença ainda necessitará de mais ajuda medicinal. Os sintomas





SAMUEL HAHNEMANN

aparentes causados pelo excesso de medicamento homeopático logo desaparecerão por si mesmos, retornando a saúde. Se se usar apenas um recipiente (por exemplo, uma dracma de álcool diluído, no tratamento, em que se coloca e dissolve mediante sacudidas um glóbulo do remédio), que se deve usar por aspiração nasal diariamente ou a cada dois, três ou quatro dias, também este deve ser bem agitado de oito a dez vezes antes de aspirar.

(*) Em 40, 30, 20, 15 ou 8 colheres de sopa de água com adição de um pouco de álcool ou um pedacinho de carvão de lenha, para manter a solução não deterio-rada. Caso se pegue o carvão de lenha, deixar-se-á-lo pendurado no frasco por um fio, que só é retirado quando o frasco for sacudido. A solução do glóbulo medicinal (pois raramente precisa-se mais que um glóbulo de um medicamento adequadamente dinamizado) numa quantidade muito grande de água pode se substituir pegando-se de uma solução de, por exemplo, apenas 7, 8 colheres de sopa de água, *após ter sacudido fortemente o frasco*, uma colher de sopa e colocando num copo d'água de conteúdo de ± 8 a 10 colheres de sopa d'água, *mexendo fortemente* diversas vezes o último, dando-se deste a dose indicada ao doente. Se o paciente for excepcionalmente irritável e sensível, retira-se do copo tão fortemente mexido uma colher de chá ou de café, que se mistura fortemente num segundo copo d'água, para dar ao doente uma colherinha de café (ou um pouco mais) da solução. Existem doentes de irritabilidade tão grande, que se torna necessário preparar para esses um terceiro ou quarto copo da solução medicamentosa em diluição adequada, preparada de maneira semelhante. Todos os dias após a tomada deve-se jogar fora a solução do copo assim preparada (ou as diversas), para prepará-la cada dia de novo. O glóbulo em alta potência é melhor esmagado num pó que contenha alguns grãos de açúcar de leite que o doente só precisa despejar no frasco destinado à solução, para dissolvê-lo na devida quantidade de água.

§ 249

Cada medicamento receitado para um caso de doença que, no decurso de sua ação, produz sintomas novos e perturbadores não pertencentes à moléstia a ser curada, não é capaz de realizar verdadeira





ORGANON DA ARTE DE CURAR

melhora(*), e não pode ser considerado homeopaticamente selecionado; deve, portanto, ser, se a agravação for considerável, parcialmente neutralizado, com a maior brevidade, com um antídoto antes de se dar o segundo medicamento escolhido com mais exatidão quanto à semelhança de ação; ou, se os sintomas perturbadores não forem muito violentos, o próximo medicamento deve ser dado imediatamente, a fim de substituir o inadequadamente escolhido(**).

(*) Como demonstra toda a experiência que a dose do medicamento homeopático especialmente adequado quase não pode ser preparada pequena demais para produzir uma melhora sensível na doença para a qual é apropriado (§§ 161-279), agiríamos imprudente e nocivamente se, quando não houvesse melhora, ou houvesse muito pequena, sobreviesse uma piora, repetíssemos *ou mesmo aumentássemos a dose* do mesmo medicamento, como se faz no velho sistema, na esperança de que não foi eficaz devido à sua pequenez (dose fraca demais). *Cada agravação pelo aparecimento de novos sintomas* – quando nada ocorreu desfavorável no regime físico ou mental – *invariavelmente prova que o medicamento antes dado foi inadequado* no caso de doença sob tratamento, *mas jamais indica que a dose foi fraca demais*.

(**) O médico bem informado e prudente jamais se verá em situação de precisar dar um antídoto se começar, como aliás deve, a dar o medicamento escolhido na menor dose possível. Uma dose semelhante de um medicamento melhor escolhido servirá plenamente para normalizar o estado do paciente.

§ 250

Quando, ao médico observador, que investiga com precisão o estado da doença, evidencia-se, nos casos urgentes, após passarem-se apenas seis, oito ou doze horas, que fez uma escolha má no medicamento dado pela última vez, e que o estado do paciente está perceptivelmente piorando, embora pouco, de hora em hora, pela ocorrência de novos sintomas e sofrimentos, ele pode, ou melhor, deve, remediar o erro escolhendo e dando um medicamento homeopático que não seja apenas toleravelmente adequado, mas o mais apropriado possível para o estado da doença que está tratando (§ 167).





§ 251

Há alguns medicamentos (como, por exemplo, *Ignatia*, também *Bryonia* e *Rhus*, e, às vezes, a *Belladonna*) cujo poder de alterar a saúde do homem consiste principalmente em ações alternantes – uma espécie de sintomas de ação primária que são em parte opostos entre si. Caso o médico julgue, ao receitar um destes, escolhidos de acordo com princípios homeopáticos estritos, que não sobrevivem melhora, na maioria dos casos atingirá logo seu objetivo, administrando (em males agudos, mesmo dentro de poucas horas) nova dose, igualmente pequena, do mesmo remédio (*).

Como descrevi com maiores detalhes na introdução à "*Ignatia*" (no segundo
(*))
volume da *Matéria Médica Pura*).

§ 252

Mas, se se considerar, durante o emprego dos outros medicamentos em doenças crônicas, que o medicamento homeopático melhor escolhido na dose adequada (mínima) não acarreta uma melhora, é isto sinal *certo* de que a causa que mantém o mal ainda persiste, e de que há alguma circunstância no modo de vida do paciente, ou na situação em que se encontra, que deve ser removida a fim de que possa realizar-se uma cura permanente.

§ 253

Entre os sinais que, em todas as moléstias, especialmente nas de natureza aguda, nos informam de um ligeiro início de melhora ou agravação, o qual não é perceptível a todos, o estado de espírito e todo o comportamento do paciente são os mais certos e instrutivos. No caso de melhora, por menor que seja, observa-se maior conforto, calma e despreocupação, melhor humor – uma naturalidade retomada. No caso de agravação, por menor que seja, observamos o contrário: constrangimento, desamparo e um comportamento digno de



ORGANON DA ARTE DE CURAR

compaixão por todos os seus gestos e ações, que podem facilmente ser percebidos mediante observação cuidadosa, mas não podem ser descritos com palavras (*).

(*) Os sinais de melhora do humor ou da mente, contudo, só podem ser esperados algum tempo depois de haver o medicamento sido tomado, quando a dose houver sido *suficientemente pequena* (isto é, tão pequena quanto possível); uma dose desnecessariamente grande, mesmo do medicamento homeopático mais conveniente, age de modo excessivamente violento, e produz, primeiro, uma perturbação da mente e da alma muito grande e duradoura para permitir-nos verificar logo as melhoras; sem falar das outras desvantagens sobrevindas pelo emprego de doses muito fortes (§ 276). Devo observar aqui que esta regra tão essencial é principalmente transgredida por presunçosos novatos em homeopatia. Por antigos preconceitos, essas pessoas abominam as doses mínimas das diluições mais altas de medicamentos em tais casos, e daí deixam de experimentar as grandes vantagens e benefícios do modo de proceder que milhares de experiências têm demonstrado ser o mais salutar; não podem obter tudo o que a homeopatia é capaz de realizar, daí não poderem ser considerados seus adeptos.

§ 254

Os outros sintomas novos ou mais desenvolvidos, ou, ao contrário, a diminuição dos primitivos sem qualquer acréscimo de outros, logo dissipará todas as dúvidas da mente do clínico observador e atento, que possam existir com relação à agravação ou melhora, embora haja entre os pacientes pessoas que são incapazes de informar sobre esta melhora ou agravação, ou não querem confessar.

§ 255

Mas, mesmo com tais indivíduos, podemos nos convencer disso, seguindo todos os sintomas enumerados em nossas notas sobre a doença, e descobrindo que não se queixam de quaisquer sintomas estranhos além desses, e que nenhum dos velhos sintomas se agravou.





SAMUEL HAHNEMANN

Se tal for o caso e se já se observou melhora do ânimo e do espírito, o medicamento deve ter produzido uma diminuição positiva na doença, **ou, se não houver se passado tempo suficiente para tal, isso breve ocorrerá.** Se ainda, a melhora visível tardar excessivamente, em caso de adequação do remédio, deve-se a algum erro de conduta por parte do paciente, ou a outras circunstâncias que impedem sua melhora.

§ 256

Por outro lado, se o paciente mencionar a ocorrência de alguns acidentes e sintomas novos de importância – sinais estes de que o medicamento escolhido não foi estritamente homeopático – embora de boa fé nos assegure que se sente melhor (*), não devemos acreditar nessas afirmativas, mas considerar seu estado como se achando mais grave, o que logo se tornará perfeitamente evidente.

(*) Como não é raro nos casos de tuberculose com lesões exsudativas.

§ 257

O verdadeiro médico terá todo o cuidado de evitar tornar favoritos certos medicamentos cujo emprego, por acaso, talvez, tenha muitas vezes achado útil, e que tantas vezes teve oportunidade de usar com bons resultados. Se o fizer, certos medicamentos de emprego mais raro, que teriam sido homeopaticamente mais adequados, consequentemente mais úteis, frequentemente serão postergados.

§ 258

O médico verdadeiro, além disso, não desprezará em sua clínica, por fraqueza devida à pouca confiança, o uso dos medicamentos que foram em certas ocasiões empregados com maus resultados, por escolha errada (por sua própria culpa, portanto), nem evitará seu emprego por outros motivos (inverdadeiros), como o de que não foram homeopáticos para o caso que teve que tratar; deve ter em mente a verdade





ORGANON DA ARTE DE CURAR

de que dos agentes medicinais só invariavelmente merece preferência aquele que, em cada caso de doença, corresponde com maior exatidão, por semelhança à totalidade dos sintomas característicos, e que não devem interferir na escolha preconceitos mesquinhos.

§ 259

Considerando a pequenez da dose necessária e própria no tratamento homeopático, podemos facilmente compreender que durante o tratamento tudo o que possa ter qualquer ação medicinal deve ser removido da *dieta e do regime*, a fim de que a pequena dose não seja obscurecida e perturbada por qualquer estimulante (*) medicinal estranho.

(*) Os tons mais suaves de uma flauta distante que na calada da noite inspiraria a um coração terno sentimentos elevados, dissolvendo-o em êxtase religioso, são inaudíveis e impotentes em meio a gritos discordantes e ruídos diurnos.

§ 260

Daí a cuidadosa investigação de tais obstáculos à cura ser ainda mais necessária no caso de pacientes de males crônicos, pois seus males são geralmente agravados por tais influências nocivas e outros erros causadores de moléstias, na dieta e regime, que frequentemente passam despercebidos (*).

(*) Café, chá da China e de outras ervas, cerveja preparada com substâncias vegetais medicinais inadequadas ao estado do paciente; os chamados licores finos feitos com aromáticos medicinais; ponches de quaisquer espécies; chocolate aromático; águas aromáticas e perfumes de diversas espécies; flores muito perfumadas no quarto; pós e essências dentais adicionados de medicamentos e *saches* perfumados; pratos e molhos altamente condimentados, bolos e gelados condimentados com substâncias medicinais, café, baunilha; vegetais medicinais em sopas; pratos de ervas, raízes e brotos de plantas que possuem propriedades medicinais, aspargos com longas pontas verdes, brotos de lúpulo, e vegetais com ação medicamentosa;





SAMUEL HAHNEMANN

aipo, cebola; queijos velhos e carnes em estado de decomposição (como carne e gordura de porco, pato e ganso, ou vitela muito nova ou alimentos azedos e saladas de todos os tipos), devem certamente ser negados aos pacientes, pois estes devem evitar quaisquer excessos na alimentação, no uso de açúcar e sal, bem como bebi-das espirituosas não diluídas em água, quartos quentes, roupas de lã diretamente sobre a pele, vida sedentária em recintos fechados, ou abusos de exercícios apenas negativos (como equitação, dirigir, exercitar-se em balanços), amamentação prolongada, sextas prolongadas deitado (na cama), ficar acordado até tarde da noite, falta de limpeza, práticas anormais, excitação causada pela leitura de livros obscenos, ler deitado, onanismo ou relações sexuais imperfeitas ou suprimidas de modo a evitar a concepção, motivos para a ira, pesar ou mortificações, paixão pelos jogos, esforço demasiado da mente ou do corpo, especialmente após as refeições, morar em lugares pantanosos, quartos abafados, levar vida de penúria etc... Todas estas coisas devem, tanto quanto possível, ser evitadas ou removidas, a fim de que não se impeça ou impossibilite a cura. Alguns de meus discípulos parecem aumentar, sem necessidade, as dificuldades da dieta dos pacientes proibindo-lhes o uso de muitas outras coisas toleravelmente indiferentes, o que não é permissível.

§ 261

O regime mais apropriado durante o emprego de medicamentos nos males crônicos consiste na remoção de tais obstáculos à cura e, quando necessário, em dar o inverso: recreação inocente moral e in-telectual, exercício ativo ao ar livre em quase todos os tipos de tempo (diariamente: passeios, trabalho manual ligeiro), alimentos e bebidas não medicinais adequados e nutritivos.

§ 262

Por outro lado, nas doenças agudas, exceto em casos de alienação mental, o sentido aguçado, infalível da faculdade preservadora da vida, determina de modo tão claro e preciso, que o médico só tem que pedir que os parentes e enfermeiros não ponham obstáculos à





ORGANON DA ARTE DE CURAR

frente desta voz da natureza, recusando qualquer coisa que o paciente deseja muito, no que diz respeito ao alimento, ou tentando persuadi-lo a ingerir algo prejudicial.

§ 263

O desejo do paciente afetado de mal agudo, por alimento ou bebida, é de modo especial de ingerir coisas que lhe deem alívio paliativo; a rigor, não são de caráter medicinal, servindo apenas para satisfazer um desejo. Os pequenos obstáculos que a satisfação deste desejo, *em bases moderadas*, poderiam oferecer, à cura radical da doença (*), serão amplamente compensados e vencidos pelo poder do medica-mento homeopaticamente adequado e pela força vital que libertará, bem como pela satisfação resultante de tomar o que tanto se queria. Do mesmo modo, nos males agudos, a temperatura do quarto, e o calor ou frescor das cobertas devem estar exatamente de acordo com o desejo do paciente. Ele deve estar a salvo de quaisquer preocupações e emoções excitantes.

(*)Isto no entanto é raro. Assim, por exemplo, nas doenças inflamatórias puras em que

o *Aconitum* é tão indispensável, e cuja ação seria destruída pela ingestão de vegetais ácidos, o desejo do paciente é quase sempre de água pura e fria, apenas.

§ 264

O verdadeiro médico deve ter em mãos *medicamentos os mais legítimos e mais ativos*, de modo a contar com sua força curativa, deve saber ele *mesmo* julgar sua legitimidade.

§ 265

Deve ser para ele uma questão de consciência estar sempre plena-mente convencido de que o paciente toma o medicamento adequado e, portanto, deve dar ao paciente o medicamento corretamente preparado, aliás, por ele mesmo (*).



SAMUEL HAHNEMANN

(*) Para chegar a manter este importante princípio fundamental de minha dou-trina, supor-tei muitas perseguições desde o início de sua descoberta.

§ 266

As substâncias pertencentes aos reinos animal e vegetal possuem suas qualidades medicinais em seu estado mais perfeito quando em estado cru (*).

(*) Todas as substâncias animais e vegetais cruas têm um poder medicinal maior ou menor, sendo capazes de alterar a saúde do homem, cada uma de sua maneira peculiar. As plantas e animais empregados como alimentos pelas nações mais esclarecidas têm esta vantagem sobre todas as outras, a de que contêm um maior número de constituintes nutritivos; diferem das outras no fato de que seus poderes medicinais, quando ingeridas cruas, não são em si muito grandes, ou são, então, diminuídos pelos processos culinários a que estão submetidas ao serem cozidas para uso doméstico, espremendo-se seus sucos perniciosos (como ocorre com a raiz de mandioca da América do Sul), pela fermentação da farinha de cereais e da massa de farinha para fazer-se pão, chucrute preparado com vinagre e pepinos conservados em salmoura, defumado, e pela ação do calor (fervendo, assando ou cozinhando), pelo que as partes medicinais de muitas destas substâncias são parcialmente des-truídas e esgotadas. Acrescentando-se sal (salmoura) e vinagre (molhos, saladas) as substâncias animais e vegetais certamente perdem muito de suas qualidades medicinais indesejáveis, embora resultem outras desvantagens.

Mas mesmo as plantas que possuem poderes medicinais em maior dose, perdem-nos em todo ou em parte pelos seguintes processos: mediante secagem perfeita, todas as raízes das diversas espécies de íris, de rabano, das diferentes espécies de árum, e de peônias, perdem quase toda a sua virtude medicinal. O suco das plantas de maior virulência muitas vezes torna-se uma massa inerte, semelhante ao piche, em virtude do calor empregado no preparo dos extratos ordinários. Apenas deixando-se ficar algum tempo exposto ao ar, o suco das plantas mais mortais torna-se muito fraco; mesmo a uma temperatura ambiente moderada, sofre, em pouco tempo, a fermentação alcoólica perdendo, assim, grande parte de seu poder





ORGANON DA ARTE DE CURAR

medicinal, e imediatamente depois da fermentação pútrida e ácida, pela qual perde todas as suas propriedades medicinais peculiares; a fécula que é, então, depositada, se bem lavada, é inócua, como a goma comum. Pela transudação que ocorre quando um grande número de plantas verdes se acham superpostas, perde-se a maior parte de suas propriedades medicinais.

§ 267

Tomamos conhecimento dos poderes das plantas naturais de regiões e das que podem ser obtidas frescas, de forma mais completa e certa, misturando seu suco recém extraído, *imediatamente*, com partes iguais de álcool *de força suficiente para queimar em uma lâmpada*^(^o). De-pois que isso permaneceu por um dia e uma noite em um frasco bem arrolhado, havendo-se depositado as matérias fibrosas e albuminosas, o líquido claro que fica por cima é guardado para uso medicinal (*)

(toda a fermentação do suco vegetal será então impedida pelo álcool com ele misturado, e todo o poder medicinal do suco vegetal é assim retido (perfeito e inalterável) *para sempre* mantendo-se a preparação em frascos bem arrolhados e lacrados com cera para impedir a eva-poração, e mantê-lo protegido da luz solar (**).

^(^o) N.T. Capaz de acender uma isca para fazer fogo.

(*) Buchholz (Taschenb. f. Scheidek. u. Apoth. a. d. J.1815. Weimar, Abth. I. VI) garante a seus leitores (e seu revisor no *Leipziger Literaturzeitung*, 1816, n^o 82, não o contradiz) que para este excelente modo de preparar medicamentos damos graças à campanha da Rússia, da qual foi (em 1812) importado para a Alemanha (1813). De acordo com a nobre prática de muitos alemães de serem injustos para com seus próprios compatriotas, ele oculta o fato de que esta descoberta e todas aquelas instruções, que cita *em minhas próprias palavras*, da primeira edição do *Organon da Medicina Racional* (§ 230) e nota, procedem de mim, e que fui eu quem *primeiro* publicou-as ao mundo dois anos antes da campanha da Rússia (O *Organon* saiu em 1810). Certas pessoas atribuíram a origem de uma descoberta antes aos





SAMUEL HAHNEMANN

desertos da Ásia do que a algum alemão a quem caiba a honra. *O tempora! O mores!*

Certamente já se empregou o álcool alguma vez antes desta para se misturar com sucos vegetais, por exemplo, para preservá-los por algum tempo antes de fazer seus extratos, mas jamais para administrá-los nessa forma.

(**) Embora partes iguais de álcool e suco recentemente espremidos sejam geralmente a proporção mais adequada para permitir a deposição das matérias fibrosas e albuminosas, requer-se, contudo, para plantas que contenham muito muco grosso (por exemplo, *Symphytum officinale*, *Viola tricolor* etc.), ou excesso de albumina (por exemplo, *Aethusa cynapium*, *Solanum nigrum* etc.), uma proporção dupla de

álcool para esse fim. Plantas muito deficientes em suco, como *Oleander*, *Buxus*, *Taxus*, *Ledum*, *Sabina* etc., devem primeiramente, ser socadas até se tornarem uma pasta fina, sendo, então, mexidas com uma dose dupla de álcool, de modo que o suco possa se combinar com ele, e sendo extraído com álcool, possa ser espremi-do; estas últimas podem, também, quando secas, ser trazidas a uma milionésima trituração com açúcar de leite, dissolvendo-se, então, um grão desta mistura a fim de preparar as dinamizações líquidas.

§ 268

As outras plantas, cascas, sementes e raízes exóticas, que não podem ser obtidas frescas, jamais serão empregadas pelo médico, pulverizadas, confiando que estejam aptas para uso; este deverá primeiro certificar-se de sua genuinidade em seu estado cru, antes de fazer delas qualquer uso medicinal (*).

A fim de preservá-las no estado pulverizado, a precaução até agora geral-

(*)

mente omitida pelos farmacêuticos, é necessária, já que, negligenciadas, não podem ser preservadas sem se alterarem, mesmo em frascos bem fechados. As substâncias ainda inteiras, cruas, embora perfeitamente secas, ainda contém, como condição indispensável de sua contextura, certa quantidade de umidade, que realmente não impede que a droga não pulverizada permaneça tão seca quanto é necessário para preservá-la de sofrer alteração, mas que é demasiada para o estado de finamente pulverizada. A substância animal ou vegetal que em seu estado integral achava-se



ORGANON DA ARTE DE CURAR

perfeitamente seca dá, portanto, quando finamente pulverizada, um pó um tanto seco que, sem se estragar e mofar rapidamente, não pode ainda ser preservado em frascos fechados, sem que antes se elimine esta umidade supérflua. Isto se consegue melhor espalhando-se o pó em um pires de lata de bordas levantadas, que flutua em um vaso cheio de água fervente (isto é, em banho maria), e mexendo-se, e secando-se a tal ponto, que todas as suas pequenas partes não mais se agrupam em blocos, mas qual areia seca e fina, facilmente separam-se, transformando-se logo em pó. Neste estado de secura os pós finos podem ser guardados *para sempre* inalterados em frascos bem fechados e selados, com todos os seus poderes medicinais originais completos, inalteráveis, sem *mofar* ou *bichar*; e são melhor preservados quando os frascos são protegidos contra a luz do dia (em caixas, estantes, caixotes cobertos). Se não forem encerradas em vasos impermeáveis, nem preservadas do acesso da luz do sol e do dia, todas as substâncias animais e vegetais, com o tempo, perdem gradativamente, cada vez mais, seu poder medicinal, o que ocorre mesmo em seu estado integral, mas ainda mais se pulverizadas.

§ 269

O método homeopático de cura desenvolve, para seu uso especial, a um grau até agora nunca visto, os poderes medicinais como que espirituais das substâncias cruas mediante um processo que lhe é peculiar, e que até agora jamais foi tentado, somente pelo qual eles todos **se tornam imensurável e penetrantemente eficazes (*)**, *mesmo os que no estado cru não dão provas da menor ação medicamentosa sobre o corpo humano*. Esta mudança notável nas qualidades dos corpos naturais desenvolve os poderes dinâmicos (§ 11) latentes, até agora despercebidos, como se estivessem adormecidos (**), ocultos, que afetam o princípio vital, e alteram o bem-estar da vida animal (***)

Isto se obtém por ação mecânica sobre suas menores partículas, esfregando e sacudindo (*pelo acréscimo de uma substância indiferente seca ou líquida, separam-se uma da outra*). Este processo chama-se dinamização (desenvolvimento do poder medicinal) e os produtos são





dinamizações (***) ou potências, em graus diversos.

(*) Muito antes desta minha descoberta, a experiência havia ensinado que várias mudanças poderiam ser realizadas em diversas substâncias naturais, *por meio da fricção*, por exemplo, temperatura média ou elevada, fogo, desenvolvimento de odor em corpos inodoros, magnetização do aço, e assim por diante. Mas todas estas propriedades produzidas por fricção relacionavam-se apenas a coisas físicas e inanimadas, enquanto que há uma lei da natureza, pela qual as mudanças fisiológicas e patogenéticas ocorrem no organismo vivo, por meio de forças capazes de alterar a matéria crua das drogas, mesmo nas que jamais mostraram propriedades medicinais. Isto é produzido triturando-se e agitando-se, mas desde que se em-pregue, em certas proporções, um veículo não medicamentoso. Esta maravilhosa lei física, especialmente, fisiopatogenética da natureza, não havia sido descoberta antes do meu tempo.

Não é de se admirar, portanto, que os estudiosos atuais da natureza e médicos (que até agora a desconheciam), não podiam ter fé nos poderes mágicos curativos das doses mínimas de medicamentos preparados de acordo com as regras homeo-páticas (dinamizadas).

(**) O mesmo se verifica numa barra de ferro ou aço em que um vestígio ador-mecido da força magnética oculta não pode ser reconhecido em seu interior. Ambas, após serem terminadas na forja, erguem-se, repelem o pólo norte de uma agulha magnética com a extremidade inferior atraindo o pólo sul, ao passo que a extremidade superior apresenta-se como o pólo sul da agulha magnética. Mas isto é apenas uma força *latente*; nem mesmo as partículas mais finas de ferro podem ser atraídas magneticamente, ou seguras a cada uma das extremidades de tal barra. Só depois que esta barra de aço for *dinamizada*, esfregando-se com uma lima cega *em apenas uma direção*, tornar-se-á um verdadeiro e poderoso imã ativo, capaz de atrair ferro e aço e, por simples contato, comunica a outra barra de aço, mesmo a certa distância, força magnética, o que se dá em grau tanto maior quanto mais se esfregar. Do mesmo modo, triturar uma substância medicinal e sacudir sua solução (dinamização, potencialização) desenvolvem seus poderes medicinais ocultos em seu interior, manifestando-os cada vez mais e, por assim dizer, espiritualizando a própria substância material.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

(***) Por causa disto, referem-se apenas ao aumento e desenvolvimento maior de seus poderes para causar alterações na *saiúde* de animais e homens, se essas substâncias naturais, melhoradas, forem aproximadas à fibra sensitiva viva ou tra-zidas em contato com ela (mediante ingestão ou olfação). Assim como uma barra magnética, principalmente se sua força for aumentada (dinamizada), pode mostrar poder magnético somente em uma agulha de aço que esteja próxima ou em contato com ela. O aço propriamente dito, permanece inalterado em suas propriedades químicas e físicas remanescentes, e não pode produzir alterações em outros metais (como, por exemplo, latão), e tampouco os medicamentos dinamizados podem produzir efeitos em coisas inanimadas.

(****) Ouvimos todos os dias que as potências medicinais homeopáticas são chamadas de *meras diluições*, quando são o contrário, isto é, um verdadeiro aumento das substâncias naturais.

O auxílio de um meio de atenuação não medicinal escolhido, é apenas uma *condição secundária*. A mera diluição, por exemplo, a solução de um grão de sal de cozinha tornar-se-á água; o grão de sal desaparecerá com a diluição de muita água, e jamais desenvolverá poder medicinal que, mediante nossa dinamização bem preparada, é elevado a um poder maravilhoso.

§ 270

A fim de obter da melhor maneira esse desenvolvimento da potên-cia, uma pequena parte da substância a ser dinamizada, por exemplo, um grão é triturado durante três horas com três vezes cem grãos de açúcar de leite, de acordo com o método descrito abaixo(*) até à milionésima parte em forma pulverizada.

Por motivos que damos abaixo, um grão desse pó é dissolvido em 500 gotas de uma mistura de uma parte de álcool para quatro de água destilada, da qual se põe *uma única* gota em um frasco. A isto acrescentam-se 100 gotas de álcool bom(**), sacudindo-se 100 vezes o frasco, arrolhado, com a mão contra um corpo duro, porém elástico(***). Este é o medicamento no *primeiro* grau de dinamiza-





SAMUEL HAHNEMANN

ção com que se podem, então, umedecer(****) pequenos glóbulos de açúcar(*****) e espalhá-los sobre papel de filtro a fim de secar, guardando-se em um frasco arrolhado com o sinal (I) do grau de potência. Toma-se apenas um só desses glóbulos(*****) para dinamização ulterior, colocando-se em um segundo frasco (com uma gota de água a fim de dissolvê-lo) e então com 100 gotas de álcool de boa qualidade e dinamizado da mesma forma com 100 succussões violentas. Com esse líquido medicinal alcoólico os glóbulos são novamente umedecidos, espalhados sobre papel de filtro e secos rapidamente, postos em frasco bem fechado e protegido do calor e da luz solar, recebendo o sinal (II) da segunda potência. Prossegue-se, desse modo, o mesmo processo até alcançar a vigésima nona e, então, com um glóbulo dissolvido da 29^a com 100 gotas de álcool mediante 100 succussões, forma-se um líquido alcoólico medicinal com o qual se dá o trigésimo grau de dinamização aos glóbulos de açúcar nele umedecidos e devidamente secos.

Mediante essa manipulação, se ela tiver sido executada devidamente segundo os ensinamentos acima, consegue-se que a matéria medicinal crua, que se nos apresenta só como matéria, às vezes até como matéria não medicinal, se transforme e finalmente se utilize a uma força medicinal de natureza espiritual, através destas dinamizações cada vez mais altas(*****) que por si não cai mais em nossos sentidos, mas para o qual o glóbulo medicinalmente preparado, já seco, ainda mais quando dissolvido em água, torna-se o *veículo*, e assim manifesta o poder curativo dessa força invisível, no organismo doente.

(*) Uma terça parte de cem grãos de açúcar de leite é colocada em um graal de porcelana vidrada, cujo fundo tornou-se áspero esfregando-se com areia fina e úmida.

Sobre este pó, coloca-se um grão da droga pulverizada a ser triturada (uma gota de mercúrio, petróleo etc.). O açúcar de leite empregado para a dinamização deve ser de qualidade tão pura que se cristaliza em fios, de modo que nos venha em forma de barras arredondadas. Por um momento, o medicamento e o pó são misturados





ORGANON DA ARTE DE CURAR

com uma espátula de porcelana e vigorosamente triturados, de seis a sete minutos, com o pistilo de porcelana que foi tornado áspero na parte de baixo, sendo então a massa raspada do fundo do recipiente e da parte inferior do pistilo que foi tornado áspero, durante três ou quatro minutos, de modo a torná-la homogênea. Após isto, tritura-se do mesmo modo de seis a sete minutos, sem se acrescentar nada mais e novamente raspando-se de três a quatro minutos, o que aderiu ao recipiente e a parte inferior da espátula. A segunda terça parte do açúcar de leite é agora acrescentada e misturada com a espátula, e outra vez triturada de seis a sete minutos, com a mesma força, ao que se segue a raspagem durante três ou quatro minutos e a trituração, sem mais nada a se acrescentar, durante seis ou sete minutos e raspagem durante três ou quatro minutos. A última terça parte de açúcar de leite é então acrescentada, misturada com a espátula e triturada, como antes, seis a sete minutos, fortemente, raspando-se de três a quatro minutos e termina finalmente com a última trituração de seis a sete minutos e raspagem, a mais cuidadosa.

O pó assim preparado é posto em um frasco, arrolhando-se bem, protegido da luz do sol e do dia, ao qual se dá o nome da substância e do primeiro produto, marcado 100. A fim de elevar esse produto a 10.000, um grão do produto em pó /100 é misturado com a terça parte de 100 grãos de açúcar de leite pulverizado, procedendo--se então como antes, mas cada terça parte deve ser cuidadosamente triturada duas vezes, cada vez de modo completo, durante seis a sete minutos, raspando-se três a quatro minutos antes da segunda e da última terça parte de açúcar de leite serem acrescentadas. Depois de cada terça parte, procede-se da mesma maneira. Quando se houver terminado, o pó é colocado em um frasco bem arrolhado e rotulado /10.000. Se, agora, acrescentar-se, da mesma maneira, um grão deste último pó e se se preparar do mesmo modo, obter-se-á o milionésimo, isto é, cada grão desse pó conterá um milionésimo da substância original. Portanto, tal trituração dos três graus requer seis vezes de seis a sete minutos para triturar, e seis vezes de três a quatro minutos para raspar, portanto, *uma hora* para cada grau. Depois de uma hora *dessa trituração do primeiro grau*, cada grão conterá 1/100; do segundo 1/10.000; e do terceiro 1/1.000.000 da substância medicinal empregada (⁹). O graal, o pilão e a espátula devem ser bem limpos antes de serem usados para outros medicamentos.





SAMUEL HAHNEMANN

Tendo sido bem lavados, primeiro com água morna e secos, esses objetos, bem como a espátula, são postos em uma caçarola de água fervente durante meia hora. Devemos tomar cuidado *a ponto de* colocar estes utensílios sobre carvões ardentes.

(^o) Estes são os três graus da trituração do pó seco, que se efetuada corretamente, será um bom começo do desenvolvimento da força (dinamização) da substância medicinal.

(**) Com o qual o recipiente empregado para potencializar acha-se cheio até à altura de dois terços de sua capacidade.

(***) Talvez em um livro com capa de couro.

(****) Pequeno vaso cilíndrico, com o formato de um dedal, feito de vidro, porcelana ou prata, com uma pequena abertura no fundo em que se colocam os glóbulos que se quer tornar medicamentosos. São umedecidos com um pouco de álcool medicinal assim dinamizado, sacudidos e espalhados sobre papel de filtro, a fim de secarem rapidamente.

(*****) São preparadas por um confeitoiro, sob vigilância própria, com amido e açúcar de cana, e os pequenos glóbulos são libertados das partes finamente cobertas de pó, fazendo-os passar por uma peneira. Passam então por um coador que permita *somente* a passagem de *100 glóbulos, pesando apenas um grão* – o tamanho mais útil para as necessidades de um médico homeopata.

(*****) De acordo com as primeiras instruções, devia-se levar sempre uma gota do líquido de uma potência menor para 100 gotas de álcool para uma potencialização mais elevada. Esta proporção do medicamento, de atenuação ao medicamento a ser dinamizado (100:1) foi julgada demasiado reduzida para poder desenvolver completamente e a um grau elevado o poder do medicamento, sacudindo-se uma porção de vezes sem se empregar muita força, fato este que experiências cansativas me levaram a crer.

Mas, se se tomar apenas um desses glóbulos, dos quais 100 pesem um grão, dinamizando-o com 100 gotas de álcool, obter-se-á uma proporção de 1 para 50.000 e maior, pois 500 desses glóbulos mal podem absorver uma gota para a sua saturação. Como esta razão desproporcionada é mais elevada, entre o medicamento e o meio de diluição, *muitas* sacudidas sucessivas do frasco cheio a dois terços de sua capa-





ORGANON DA ARTE DE CURAR

cidade, com álcool, podem produzir um desenvolvimento de potência muito maior.

Mas, com um meio de diluição tão diminuto, com 100 para 1 do medicamento, se muitíssimas succussões forem como que forçadas por meio de uma máquina poderosa, obtêm-se medicamentos que, especialmente nos graus mais elevados de dinamização, agem quase imediatamente, mas com violência demasiada, mesmo perigosa, especialmente em pacientes fracos, sem que haja uma reação suave, duradoura, do princípio vital. Mas o método descrito por mim, ao contrário, produz medicamentos com o maior desenvolvimento de potência, e de ação a mais suave, que, contudo, se

bem escolhidos, atingem todas as partes curativamente^(A). Nas febres agudas, as pequenas doses dos graus menos dinamizados destes preparados muito mais aperfeiçoados, mesmo os de medicamentos de longo efeito medicamentoso (por exemplo, a

Belladonna), podem ser repetidas em breves intervalos. No tratamento de males crônicos, é melhor começar com os graus de dinamização menos elevados e, quando necessário, passar para um maior, mesmo mais poderoso, mas de ação suave.

^(A) Em casos muito raros, não obstante a recuperação quase completa da saúde, e com a boa força vital, se uma afecção local antiga permanecer, é inteiramente permissível, como também necessariamente *indispensável*, administrar doses **progressivas** do medicamento homeopático que se tenha demonstrado eficaz, mas potencializado a um grau muito elevado por meio de muitas succussões dadas com a mão. Então a enfermidade localizada geralmente desaparece de modo maravilhoso.

(*****) Essa afirmação não parecerá improvável se considerarmos que por meio desse método de dinamização (as preparações assim produzidas, conforme descobri após muitas experiências e contra experiências, são as mais poderosas e, ao mesmo tempo, as de ação mais suave, isto é, as mais perfeitas), a parte material do medicamento é diminuída com cada grau de dinamização 50.000 vezes e ainda incrivelmente aumentadas em poder, de modo que a dinamização subsequente de 125 e 18 zeros alcança apenas o terceiro grau de dinamização. A trigésima assim progressivamente preparada daria uma fração quase impossível de exprimir em números. Torna-se extraordinariamente evidente que a parte material mediante essa dinamização (desenvolvimento de sua essência interna verdadeira, medicinal) se **desdobrará finalmente em sua essência individual de natureza espiritual**. Portanto,





SAMUEL HAHNEMANN

em seu estado bruto, pode ser considerada como consistindo realmente apenas desta essência imaterial não desenvolvida.

§ 271

Se o próprio médico prepara seus medicamentos homeopáticos, como deve fazer sensatamente para salvar os doentes de suas doenças (*), pode usar a própria planta fresca, visto que só um pouco da substância crua será necessária, se não necessitar do suco espremido talvez para fins curativos. Ele coloca alguns grãos em um recipiente e com 100 grãos de açúcar de leite, leva-os a uma trituração até a 1^a milionésima (^o) (§ 270) antes de potencializar ainda mais uma pequena porção da última mediante succussões, prática a ser observada também com o resto das outras substâncias cruas, quer secas ou oleosas.

(*) Até que o Estado, no futuro, após haver atingido uma compreensão da indispensabilidade de medicamentos homeopáticos perfeitamente preparados, os fará preparar por uma pessoa competente e imparcial, a fim de dá-los gratuitamente a médicos homeopatas treinados em hospitais homeopáticos, que tenham sido examinados teórica e praticamente, e assim, legalmente qualificados. O médico pode, então, convencer-se da boa qualidade desses instrumentos divinos de curar, e também dá-los gratuitamente a seus pacientes, sejam eles ricos ou pobres.

(^o) N.T.: 3º grau de trituração.

§ 272

Esse glóbulo (*), colocado seco sobre a língua, é uma das menores doses para um caso moderado recente de doenças. Aí apenas alguns nervos são atingidos pelo medicamento. Um glóbulo semelhante, esmagado com um pouco de açúcar de leite e dissolvido em muita água (§ 247) e bem mexido antes de cada vez que se dá, produzirá um medicamento muito mais forte para ser usado durante vários dias. Cada dose, não importa quão pequena seja, atinge muitos nervos ao mesmo tempo.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

(*) Estes glóbulos (§ 270) retém sua virtude medicinal durante *muitos* anos, se forem protegidos da luz solar e do calor.

§ 273

Em nenhum caso sob tratamento é necessário e, *portanto*, permissível administrar a um paciente mais de *uma única e simples substância medicinal* de uma vez. É inconcebível possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais de acordo com a natureza e mais racional, prescrever um *único, simples* medicamento bem conhecido (*) de cada vez em uma doença, ou a mistura de diversas drogas. Não é absolutamente permissível em Homeopatia, a única verdadeira, simples e natural arte de curar, dar ao paciente duas substâncias medicinais diferentes *de uma vez*.

(*) Duas substâncias opostas, unidas em sais neutros e médios por afinidade química em proporções invariáveis, bem como metais sulfurados encontrados na terra, e os produzidos por meios técnicos em proporções sempre constantes de combinações de enxofre com sais e terras alcalinas, (por exemplo, *Natrum sulf.* e *Calcarea sulf.*), bem como os éteres produzidos pela destilação de álcool e ácidos, podem juntamente com o fósforo ser considerados como substâncias medicinais *simples* pelo médico homeopata e usados em pacientes. Por outro lado, os extra-tos obtidos por meio de ácidos dos chamados alcaloides de plantas, são sujeitos a grande variedade em sua preparação (por exemplo, o quinino, a estricnina, a morfina), e não podem, portanto, ser aceitos pelo médico homeopata como medicamentos simples inalteráveis, sempre os mesmos, principalmente porque ele tem, nas próprias plantas em sua composição natural (quina, noz vômica, Opium), todas as qualidades necessárias para curar. Além disso, os alcaloides não são os únicos constituintes das plantas.

§ 274

Como o verdadeiro médico encontra nos medicamentos simples, administrados exclusivamente e sem estarem combinados, tudo o que





SAMUEL HAHNEMANN

possa desejar (forças de moléstias artificiais que são capazes, por seu poder homeopático, de vencer, extinguir e curar de modo completo e permanente as doenças naturais), ele jamais, conhecedor do sábio provérbio que reza ser “errado tentar empregar meios múltiplos quando bastam os simples”, pensa em dar como medicamento qualquer substância que não seja simples e única; também por estas razões, porque muito embora os medicamentos simples fossem *inteiramente experimentados*, quanto a seus efeitos puros peculiares no indivíduo são, é ainda impossível prever *como* duas ou mais substâncias medicinais poderiam, conjugadas, mutuamente alterar e obstar as ações de cada uma no organismo humano; e porque, por outro lado, uma substância medicinal simples, quando usada em doenças, sabendo-se a totalidade dos sintomas, presta ajuda eficiente por si só, se for homeopaticamente escolhida; e supondo que o pior aconteça, que não foi escolhida rigorosamente de acordo com a semelhança de sintomas, não servindo, portanto, é ainda tão útil, por promover nosso conhecimento de agentes terapêuticos, porque, pelos novos sintomas excitados por ela em tais casos, os sintomas que esta substância medicinal já havia demonstrado em experiências, na saúde do corpo humano, se confirmam, vantagem esta que é perdida pelo emprego de todos os remédios compostos (*).

(*) Quando o médico sensato escolheu o remédio homeopaticamente perfeito para o caso da doença, que estudou minuciosamente, e administrou-o internamente, deixará à rotina alopática a prática de dar chás, um saquinho de ervas ou banho de ervas diferentes, de injetar clisteres medicinais e de passar essa ou aquela pomada.

§ 275

A conveniência de um medicamento para um caso determinado de doença não depende apenas de sua correta seleção homeopática; depende, também, da grandeza, ou melhor, da pequenez da dose. Se dermos *uma dose demasiadamente forte* de um medicamento que





ORGANON DA ARTE DE CURAR

possa ter sido homeopaticamente escolhido para o estado mórbido sob tratamento, ela deve, não obstante o seu caráter benéfico inerente, revelar-se prejudicial apenas por sua quantidade, e pela impressão desnecessária, demasiadamente forte que, em virtude de sua seme-lhança homeopática de ação, produz na força vital que ataca e, por meio da força vital, nas partes do organismo que são mais sensíveis que já estavam afetadas pela doença natural.

§ 276

Por essa razão, um medicamento, muito embora seja homeopaticamente adequado ao caso de doença, é prejudicial em cada dose que for excessiva, e, em doses fortes, é ainda mais prejudicial quanto maior a homeopaticidade e quanto maior potência escolhida (*), sendo muito mais prejudicial que qualquer dose grande de um medicamento que não é homeopático e de nenhum modo adequado ao estado mórbido (alopático). Doses demasiadamente grandes de um medicamento homeopático corretamente escolhido, e principalmente quando frequentemente repetido, causam, via de regra, muitas des-graças. Não raro, põem o paciente em perigo de vida ou tornam sua doença quase incurável. De fato, extinguem a doença natural, no que concerne à sensação do princípio vital, e o paciente não sofre mais da doença original desde o momento em que a dose demasiadamente intensa do medicamento homeopático agiu sobre ele, mas acha-se conseqüentemente mais doente da doença bem semelhante, mas muito mais violenta, de natureza medicinal que é difficilima de curar (**).

(*) Os elogios feitos nos últimos anos, por alguns homeopatas, às doses maiores devem-se ao fato de que escolheram potências pouco elevadas do medicamento a ser administrado (como eu mesmo fazia, há uns vinte anos, por não conhecer nenhuma melhor), ou ao fato de que os medicamentos escolhidos não eram homeopáticos e imperfeitamente preparados por seus fabricantes.

(**) Assim, o uso contínuo de grandes doses de agentes alopáticos violentos à base de mercúrio contra a Syphillis desenvolve doenças causadas pelo mercúrio que





SAMUEL HAHNEMANN

são quase incuráveis, quando ainda uma ou diversas doses de preparado à base de mercúrio, suave, porém ativo, certamente teria curado radicalmente em poucos dias a doença venérea, juntamente com o cancro, desde que não tivesse sido destruído por meios externos (como sempre ocorre com a alopatia). Do mesmo modo, o alopatia dá quina e quinina diariamente em grandes doses, para febre intermitente, quando são corretamente indicadas e quando uma pequena dose de quina altamente potencializada seria de ajuda infalível (nas febres de pântano intermitente e mesmo nas pessoas que não foram afetadas por qualquer mal psórico evidente). Produz-se uma doença crônica da quina (combinada, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da Psora), que, se não matar o paciente aos poucos, danificando os órgãos internos mais importantes, principalmente o baço e o fígado, deixa-lo-á, contudo, durante anos a sofrer com a saúde muito abalada. Mal se pode conceber um antídoto homeopático para tal estado produzido pelo abuso de grandes doses de medicamentos homeopáticos.

§ 277

Pela mesma razão, e porque um medicamento desde que a dose tenha sido suficientemente pequena, é tanto mais salutar e quase maravilhosamente eficaz, quanto mais homeopaticamente correta tiver sido sua seleção, um medicamento cuja escolha tenha sido corretamente homeopática deve ser tanto mais salutar quanto sua dose for reduzida ao grau de apropriada pequenez para um efeito terapêutico suave.

§ 278

Aqui surge a questão: qual o grau de pequenez mais adequado para um efeito medicinal certo e seguro? Em suma, qual o tamanho da dose de cada medicamento, homeopaticamente escolhido para um caso de doença, que melhor realiza essa cura? Para resolver este problema, e determinar para cada medicamento qual a sua dose que deverá ser suficiente para fins terapêuticos homeopáticos e ainda ser tão diminuta que a mais suave e rápida das curas pode ser, então, realizada; como facilmente pode ser percebido, a solução do problema não é trabalho





ORGANON DA ARTE DE CURAR

de especulação teórica; por meio de raciocínio sutil, ou sofisticação minuciosa, não podemos esperar obtê-la. É tão impossível quanto calcular de antemão todos os casos imagináveis. Só mediante experiência pura, observação cuidadosa da sensibilidade de cada paciente, e por prática é que se pode determinar isto *em cada caso particular*, e seria absurdo aduzir as grandes doses de medicamentos inadequados (*alopáticos*) da antiga escola, que não tocam ao lado doente do organismo homeopaticamente, mas apenas atacam as partes atingidas pela doença, contra o que a experiência pura declara no que respeita a pequenez das doses necessárias para as curas homeopáticas.

§ 279

Esta experiência pura demonstra *do começo ao fim* que se a doença não depende manifestamente de uma deterioração considerada de algum órgão importante (muito embora pertença às doenças crônicas e complicadas), e se durante o tratamento todas as influências medicinais estranhas forem afastadas do paciente, - *a dose do remédio homeopaticamente escolhido e altamente potencializado para o começo do tratamento de uma doença séria (especialmente, crônica) não pode jamais ser preparada em regra, tão pequena, que não seja mais forte que a doença natural e que não possa dominá-la, pelo menos em parte, extinguindo-a da sensação do princípio vital, efetuando, assim, o começo de uma cura.*

§ 280

A dose do medicamento que continua a servir sem produzir novos sintomas indesejáveis deve ser continuada, embora *de modo crescente*, e aos poucos, enquanto o paciente, *com melhora geral*, começa a sentir de novo e em grau moderado o retorno de um ou mais dos seus velhos sintomas originais. Isto indica uma cura próxima através de aumento *gradativo* das doses moderadas modificadas, cada vez, por sucussões





SAMUEL HAHNEMANN

(§ 247). Indica que o princípio vital não mais precisa ser afetado por uma doença medicinal semelhante a fim de perder a sensação da doença natural (§ 148). Indica que o princípio vital, mais livre agora da doença natural, começa a sofrer apenas de algo da doença medicinal conhecida como *agravação homeopática*.

§ 281

A fim de se convencer disso, o paciente é deixado sem qualquer medicamento por oito, dez ou quinze dias, e, neste ínterim, recebe so-mente um pouco de pó de açúcar de leite. Se as poucas últimas queixas devem-se ao fato de o medicamento simular os sintomas da antiga doença original, então estas queixas desaparecerão em alguns dias ou horas. Se durante esses dias sem medicamentos, embora continuando as boas regras de higiene, não se vê nada mais da doença original, ele se acha, provavelmente, curado. Mas, se nos próximos dias se apresentarem vestígios dos antigos sintomas mórbidos, são eles remanescentes da doença original que não se extinguiu totalmente, que devem ser tratados com doses mais potentes do remédio, na forma indicada acima. Para obter uma cura, as primeiras doses devem, igualmente, ser outra vez elevadas gradativamente, mas muito menores, e mais devagar, com pacientes em que se nota uma irritabilidade considerável, do que com os menos suscetíveis, em que o avanço para a dosagem mais elevada pode ser mais rápida. Há pacientes cuja impressionabilidade comparada com os de pouca suscetibilidade é de 1.000 para 1.

§ 282

Seria sinal certo de que as doses são excessivas se, durante o tratamento, principalmente nas doenças crônicas, a primeira dose acarretasse a chamada *agravação homeopática*, isto é, um aumento notável dos sintomas mórbidos primitivos originalmente observados e, mesmo que cada dose tenha sido (§ 247) um tanto modificada por sucussões antes de ser administrada (mais altamente dinamizada) (*).

(*) A regra para começar o tratamento homeopático de doenças crônicas, com





ORGANON DA ARTE DE CURAR

as mínimas doses possíveis e apenas gradativamente aumentadas, está sujeita a uma notável exceção no tratamento dos três grandes miasmas, enquanto ainda se achem na pele, isto é, *sarna* recente, *cancro* ainda não tratado (nos órgãos sexuais, boca ou lábios etc.), e os *condilomas*. Estes não só toleram, mas também necessitam, desde o começo, grandes doses de seus específicos de graus de dinamização cada vez maiores (talvez, até diversas vezes por dia). Se se fizer isto, não há perigo a temer como ocorre no tratamento de doenças ocultas no organismo, a dose excessiva, embora extinga a doença, inicie e, por uso constante, possivelmente produza um mal medicinal crônico. Durante as manifestações externas destes três miasmas, tal não ocorre; pois, pelo progresso diário de seu tratamento, pode-se observar e julgar até que ponto a dose forte elimina, dia a dia, do princípio vital a sensação da doença; pois nenhuma destas três pode ser curada sem, por meio de seu desaparecimento, dar ao médico a convicção de que não há mais necessidade destes medicamentos.

Visto que as doenças são, de modo geral, apenas ataques dinâmicos sobre o princípio vital, não sendo de natureza material, *materia peccans*, em sua base (como a velha escola, em seu erro tem afirmado durante milhares de anos e, nestas condições, tratado os doentes, para sua ruína), não há, também, nestes casos, nada material a remover, nada a retirar com pomadas, atar, ou cortar, ou cauterizar, sem tornar o doente cada vez mais doente e mais difícil de curar (Doenças Crônicas – Parte I), do que era antes de se iniciar o tratamento local destes três miasmas. O princípio dinâmico prejudicial, exercendo sua ação na energia vital, é a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos que podem ser extintos apenas pela ação de um remédio homeopático sobre o princípio vital que o afeta de modo semelhante, porém mais forte, e assim remove de tal modo a sensação de doença externa e interna, espiritual, que não mais existe para o princípio vital (para o organismo) e assim liberta o paciente de sua doença, curando-o.

A experiência, contudo, ensina que a *sarna*, com suas manifestações externas, bem como o *cancro*, junto com o miasma venéreo interno, podem e devem ser curados apenas mediante remédios específicos internos. Mas os *condilomas*, se têm perdurado por algum tempo, sem tratamento, para sua cura perfeita requerem a aplicação externa de medicamentos específicos, bem como, ao mesmo tempo, internos.





§ 283

A fim de agir inteiramente de acordo com a natureza, o artista verdadeiro da arte de curar receitará, com exatidão, o medicamento homeopático mais indicado, em todos os aspectos, e por isso mesmo, em dose mui pequena. Pois, caso se engane, por fraqueza humana, em empregar um medicamento inadequado, a desvantagem desta relação errônea para com a doença seria tão pequena que o paciente poderia, por sua própria força vital, e opondo, em tempo (§ 249), um remédio corretamente escolhido de acordo com a semelhança de sintomas (e igualmente na menor dose possível), extingui-la e repará-la rapidamente.

§ 284

Além da língua, boca e estômago, que são mais comumente afetados pela administração do medicamento, o nariz e os órgãos respiratórios recebem a ação de medicamentos em forma fluida, por meio da olfação e inalação através da boca. Todo o revestimento cutâneo é adaptado à ação de substâncias medicinais em soluções, principalmente se se combinar a fricção com a administração interna (*).

(*) O poder dos medicamentos que agem no lactente por meio do leite materno ou de ama é maravilhosamente valioso. Cada doença de uma criança cede aos medicamentos corretos homeopaticamente escolhidos, dados em doses moderadas à lactante, e, assim administrados, são mais fácil e certamente utilizados pelas crianças do que seria possível mais tarde. Visto que a maioria dos lactentes geralmente recebe a Psora através do leite da ama, se já não a herdaram da mãe, podem ao mesmo tempo proteger-se antipsoricamente pelo leite da ama assim medicada. Mas no caso de mães em sua (primeira) gravidez, as dinamizações de enxofre preparadas de acordo com as instruções baixadas nesta edição

(§ 270), são indispensáveis a fim de destruir a Psora – a produtora da maioria dos males crônicos – que lhe é herdada por transmissão; destruí-la em si próprias e no feto, assim protegendo antecipadamente a posteridade. Isto se aplica às mulheres grávidas assim tratadas; têm dado à luz crianças geralmente mais sadias e fortes, para o espanto geral, o que é mais uma confirmação da grande verdade da teoria da Psora por mim descoberta.





§ 285

Desse modo, a cura de males muito antigos pode ser ativada pelo médico, aplicando externamente (esfregando as costas, braços, extremidades inferiores) o mesmo medicamento que aplica internamente e que demonstrou ter poder curativo. Assim procedendo, deve evitar as partes sujeitas à dor ou espasmos, ou erupções de pele (*).

(*) Assim se explicam as curas maravilhosas, embora raras, em que pacientes crônicos deformados, cuja pele era, não obstante, *sadia e limpa*, foram rápida e permanentemente curados após alguns banhos cujos constituintes medicinais (embora por acaso) eram homeopaticamente correlatos. Por outro lado, os banhos minerais *com grande frequência* acarretaram danos maiores nos pacientes cujas erupções de pele foram erradicadas. Após um breve período de bem-estar, o princípio vital permitia que o mal interno, não curado, retornasse em outra parte mais importante para a vida e a saúde.

Em vez disso, às vezes, o nervo ocular paralisava-se e produzia amaurose, às vezes se enuviava o cristalino, perdia-se a audição, seguiam-se a loucura ou asma sufocante, ou uma apoplexia terminava com os sofrimentos do iludido enfermo. Um princípio fundamental do médico homeopata (que o distingue dos médicos de todas as escolas mais antigas) é que jamais emprega para qualquer paciente um medicamento cujos efeitos não tenham sido prévia e cuidadosamente experimentados em pessoas sadias e estudados por ele (§§ 20, 21). Prescrever para o doente na base de mera conjectura de alguma utilidade possível para o doente, ou por ouvir dizer, “que um remédio foi útil em tal e tal doença”, tal falta de consciência o homeopata filantrópico deixará para o alopata. Um legítimo médico e praticante de nossa arte, portanto, *jamais* enviará o doente a qualquer dos muitos banhos minerais, pois quase todos são até agora desconhecidos quanto a seus efeitos exatos e positivos na saúde humana, e quando mal empregados, contam-se entre as drogas mais violentas e perigosas. Deste modo, em mil enviados aos mais célebres destes banhos por médicos ignorantes, alopaticamente incurados e cegamente enviados, talvez um ou dois se curem por acaso e, mais frequentemente, voltam apenas





SAMUEL HAHNEMANN

aparentemente curados, proclamando-se o milagre. Centenas, contudo, retiram-se sem alarde mais ou menos pior e os outros preparam-se para seu descanso eterno, fato que se comprova pela presença de numerosos cemitérios que circundam estas afamadas estações de águas (**).

(**) O verdadeiro médico homeopata, que jamais age sem fundamento correto, jamais joga com a vida dos doentes que lhe são confiados como se fosse uma loteria em que a proporção do ganho é de 1 para 500 ou mil (e onde os bilhetes brancos representam a agravação ou a morte), e jamais exporá qualquer um de seus pacien-tes a tais perigos ou manda-lo-á a tais banhos, jogando com acaso, como ocorre tão frequentemente com os alopatas, a fim de se livrarem airosamente dos doentes estragados por eles ou por outros.

§ 286

As forças dinâmicas, magnética, elétrica e galvânica não agem menos poderosamente no princípio vital e não são menos homeopáticas que os denominados medicamentos que neutralizam o mal ingerindo-se pela boca, ou esfregando-se pela pele ou inalando-se. Pode haver doenças, especialmente doenças da sensibilidade e irritabilidade, sensações anormais e movimentos musculares involuntários que podem ser assim curados. Mas o modo mais certo de aplicar os dois últimos, bem como os da chamada máquina eletromagnética, ainda se acha muito obscuro para se fazer dele uso homeopático. Até agora tanto a eletricidade como o galvanismo têm sido empregados somente como paliativos, para grande prejuízo dos doentes. A ação pura, positiva de ambos no corpo humano sadio foi até agora muito pouco experimentada.

§ 287

Os poderes de um imã para fins curativos podem ser usados com mais certeza, de acordo com os efeitos positivos detalhados na *Matéria Médica Pura*, sob os pólos norte e sul de poderosa barra magnética.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Embora ambos os pólos sejam igualmente poderosos, opõem-se, contudo, de acordo com sua respectiva ação. As doses podem ser modificadas pela duração do tempo de contato com um ou outro pólo, conforme os sintomas de pólo norte ou sul indicarem. Como antídoto de uma aplicação violenta demais, bastará a aplicação de uma chapa de zinco polido.

§ 288

Creio ainda ser necessário referir-me aqui, ao *magnetismo animal* como se chama, ou melhor, ao *Mesmerismo* (como deveria se chamar, em deferência a *Mesmer*, seu fundador) que difere tanto em sua natureza de todos os outros agentes terapêuticos. Esta força curativa, com frequência tão tola e negada e desdenhada durante um século, age de diversas maneiras. É um presente maravilhoso, incomensurável de Deus, para a humanidade, pelo qual a vontade forte de uma pessoa bem intencionada sobre uma doente, por contato, e mesmo sem este, e até a uma certa distância, pode trazer energia vital do mesmerizador sadio dotado deste poder para outra pessoa, dinamicamente (assim como um dos pólos de poderoso magneto age sobre uma barra de aço). Age em parte substituindo no doente, cuja força vital dentro do organismo **acha-se** deficiente em diversos pontos, e em parte, em outros pontos onde a força vital tenha se acumulado demais gerando desordens nervosas irritantes; ela a desvia, diminui e distribui por igual e, de modo geral, extingue a condição mórbida do princípio vital do paciente, que é substituída pelo normal do mesmerista que age poderosamente sobre ele, como por exemplo, velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais etc.. Muitas curas rápidas aparentes realizadas em todas as épocas por mesmeristas dotados de grande poder natural, pertencem a essa categoria. O efeito do poder humano comunicado sobre todo o organismo, foi demonstrado magistralmente na reanimação de pessoas que ficavam muito tempo em estado cataléptico, pelo poderoso





SAMUEL HAHNEMANN

desejo simpático de um homem em pleno gozo da energia vital (*), e dessa espécie de reanimação a história encerra diversos exemplos inegáveis. Se o mesmerista de qualquer sexo, capaz ao mesmo tempo de franco entusiasmo (mesmo degenerado em carolismo, fanatismo, misticismo ou sonho filantrópico), tornar-se ainda mais poderoso com esse desempenho filantrópico e abnegado, poderá então dirigir sua vontade ao paciente que solicitou sua colaboração, concentrar nele seu poder psíquico e operar, às vezes, milagres.

(*) Especialmente numa pessoa como há poucos entre os homens que, dotados de um bom coração e plena força física, possuam um *desejo sexual muito reduzido ou completamente ausente*, nos quais portanto os delicados espíritos vitais que seriam necessários em todos os homens para o preparo do esperma estejam presentes em quantidade e prontos a se comunicarem através de toque pleno de vontade a outras pessoas. Alguns desses mesmeristas curadores que conheci possuíam *todas* essas qualidades especiais.

§ 289

Todos os métodos mencionados de prática do mesmerismo dependem de um influxo de maior ou menor força vital no paciente, e daí serem conhecidos como mesmerismo positivo (*). Contudo, um modo oposto de empregar o mesmerismo, pois produz o efeito contrário, deve ser denominado *mesmerismo negativo*. A este pertencem os passes empregados para despertar de sono sonambúlico, bem como todos os processos manuais conhecidos pelos nomes de *calmar e ventilar*. Esta *descarga* mediante mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas é mais certa e simplesmente efetuada fazendo-se um movimento rápido com a palma da mão estendida, mantida paralela e a cerca de uns dois centímetros de distância do corpo, desde o alto da cabeça, até a extremidade dos pés (**). Quanto mais rápido for o passe, tanto mais eficiente será a descarga. Assim,





ORGANON DA ARTE DE CURAR

por exemplo, no caso de catalepsia em que uma senhora que havia sido sadia (***) , pela mera supressão de suas regras em virtude de choque mental, a força vital que é provavelmente acumulada na região precordial foi restaurada em todo o organismo, mediante passes rápidos negativos e de novo a paciente voltou à vida (****). Do mesmo modo, um passe negativo suave e mais lento diminui a inquietação demasiadamente grande e insônia acompanhadas de ansiedade muitas vezes produzida em pessoas muito irritáveis por um passe positivo por demais poderoso etc.

(*) Quando me refiro aqui ao poder curativo e certo do mesmerismo positivo, certamente não me refiro a seu abuso altamente condenável em que mediante passes repetidos desta espécie, continuados durante meia ou uma hora inteira, e mesmo dia após dia, executados em pacientes fracos, nervosos, que resultou na monstruosa revolução do organismo humano que se chama sonambulismo e clarividência, (clairvoyance) em que o ser humano é destituído do mundo dos sentidos e parece pertencer mais ao mundo dos espíritos – estado este que é altamente anormal e perigoso, método pelo qual muitas vezes se tentou curar em vão doenças crônicas.

(**) É conhecida a regra de que uma pessoa a ser positiva ou negativamente mesmerizada não deva usar tecidos de seda em qualquer parte do corpo; porém o que menos se sabe é o resultado bem superior obtido se o mesmerizador está isolado do solo, colocando debaixo de seus pés uma toalha de seda, graças à qual pode assim em sua plena medida transmitir ao doente o seu fluido, de maneira melhor do que se estiver de pé no chão puro.

(***) Pelo que, um passe negativo, especialmente se for muito rápido, é extremamente prejudicial a uma pessoa delicada afetada de mal crônico e deficiente em força vital.

(****) Um jovem camponês, robusto, de dez anos de idade, recebeu, de manhã, por causa de uma ligeira indisposição, de uma mesmerista, diversos passes fortes com as pontas dos polegares, partindo da boca do estômago, para baixo das costelas, ficando instantaneamente pálido como se estivesse morto, e caiu em um estado de inconsciência e imobilidade que nada podia despertar e foi quase dado como morto.





SAMUEL HAHNEMANN

Fiz com que seu irmão mais velho lhe aplicasse um passe rápido negativo desde o topo da cabeça, sobre o corpo e até os pés, e num instante, recobrou a consciência e sentiu-se bem.

§ 290

Aqui se acha também a chamada massagem de uma pessoa de bom coração em uma pessoa que tenha estado cronicamente doente que, embora curada, ainda esteja magra, com digestão fraca e insônia devido a convalescimento lento. Os músculos dos membros, peito e costas, seguros em separado e moderadamente comprimidos e batidos, despertam o princípio vital para alcançar e restaurar o tono dos músculos e vasos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica desse procedimento é a característica principal e não deve ser empregada em excesso em pacientes ainda hipersensíveis.

§ 291

Os banhos de água pura revelam-se em parte como paliativos, em parte como ajuda homeopática na restauração da saúde em males agudos, bem como na convalescença de pacientes crônicos curados, levando-se em conta as condições do convalescente e a temperatura do banho, sua duração e repetição. Mas mesmo se bem aplicados, trazem mudanças apenas fisicamente benéficas no corpo doente, não sendo em si medicamentos verdadeiros. Os banhos mornos a 25° ou 27° R. servem para despertar a sensibilidade da fibra no cataléptico (congelado, afogado ou sufocado) que entorpecia a sensação dos nervos. Embora apenas paliativos, ainda frequentemente se revelam suficientemente ativos, principalmente quando dados junto com café e esfregando-se com as mãos. Po-dem prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade acha-se desigualmente distribuída e acumulada em alguns órgãos, como ocorre com certos espasmos histéricos e convulsões infantis.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Do mesmo modo, banhos frios a 10° ou 6° R. em pessoas medicamente curadas de males crônicos e com deficiência de calor vital age como auxiliar homeopático. Por imersões *instantâneas* e mais tarde, frequentemente *repetidas*, agem como paliativo restaurador do tono da fibra exaurida. Com esse propósito, tais banhos deverão ser mais prolongados, durar alguns instantes, até mesmo vários minutos, e com temperaturas progressivamente mais baixas; são um paliativo que, visto agirem só fisicamente, não apresentam a desvantagem da ação contrária, a ser temida mais tarde, como se dá com os paliativos medicinais dinâmicos.



SAMUEL HAHNEMANN

Tradução dos principais parágrafos da 5^a edição modificados na 6^a edição do Organon

§ 161

Quando aqui eu me refiro a primeira ou as primeiras horas, a agravação homeopática, ou antes, a ação primária do medicamento homeopático, parecendo aumentar um tanto os sintomas da moléstia natural, isto se refere as moléstias de caráter mais agudo e de origem recente; mas nos casos em que os medicamentos de ação demoarada tenham que combater uma moléstia de duração considerável ou muito longa, por consequencia, a dose deve continuar a agir por muitos dias seguidos, então, se veem aparecer de tempo em tempo, nos primeiros seis, oito ou dez dias, alguns dos efeitos primários dos medicamentos; algumas dessas exacerbações aparentes dos sintomas do mal primário, que dura uma ou muitas horas, enquanto a melhora geral se pronuncia sensivelmente nos intervalos. Decorrido este pequeno número de dias a melhora produzida pelos efeitos primários do medicamento continua ainda por muitos dias sem perturbação geral.

§ 246

Por outro lado, a melhora – gradualmente progressiva, consequente a uma dose bem diminuta, de acurada seleção homeopática, quando não encontrou empecilho na duração da sua atuação, faz por vezes todo o bem de que o remédio é capaz em dado caso, em períodos de quarenta, cinquenta ou cem dias. Entretanto, esse é raramente o caso. E além disso, de grande importância para o médico como para o paciente é que esse período seja, se possível, encurtado para a metade, para um quarto ou para ainda menos, de maneira que se obtenha cura muito mais rápida. E isso pode ser mui felizmente efetuado, como mostraram





ORGANON DA ARTE DE CURAR

observações recentes e repetidas, sob três condições: primeira – que o medicamento selecionado com o maior cuidado, seja perfeitamente homeopático; segunda – que seja dado na mais diminuta dose, de maneira que produza a menor excitação possível na força vital, mas seja suficiente para nela efetuar a necessária modificação; terceira – que essa dose de medicamento perfeitamente selecionado, bem diminuta e entretanto poderosa, *seja repetida em intervalos adequados* (*), os que a experiência indicar mais bem adaptados para acelerar ao máximo a cura, sem que a força vital, que busca influenciar na produção da doença medicamentosa semelhante, seja capaz de sentir-se excitada e levada a reações antagônicas.

(*) Nas edições anteriores do *Organon* tenho aconselhado se deva sempre permitir que a dose única de um medicamento homeopático bem selecionado esgote completamente sua ação antes que se dê novo medicamento ou se repita o mesmo. Resultava essa doutrina da experiência positiva de que, nem por dose maior do remédio, que pode ter sido bem escolhido (como foi proposto recentemente, mas que seria bem como um passo para trás), nem, o que dá na mesma, por várias pequenas doses dadas em rápida sucessão – pode efetuar-se o maior benefício possível no tratamento das doenças, mais especificamente das crônicas. Por tal processo a força vital usualmente não se adapta serenamente à transição da doença natural para a doença medicamentosa semelhante e assim, violentamente excitada e perturbada por dose maior ou por doses menores (mesmo de remédio homeopaticamente escolhido) dadas rapidamente uma após outra – reagirá, na maioria dos casos, de maneira nada salutar e fará mais mal do que bem. Enquanto não se descobriu modo de proceder mais eficaz do que o então por mim ensinado, a segura máxima filantrópica do *si non juvat, modo ne noceat* tornava imperioso para o homeopata (para quem o objetivo máximo é o bem-estar de seus semelhantes) dar, como regra geral nas doenças, apenas uma dose única de cada vez, a menor possível, de medicamento cuidadosamente selecionado, deixá-la agir no paciente e, além disso, esgotar a sua ação. A menor dose possível, repito, pois permanece e permanecerá como máxima terapêutica homeopática, irrefutável por qualquer experiência do mundo, que a melhor dose do medicamento corretamente selecionado é sempre a menor possível,





SAMUEL HAHNEMANN

numa das altas dinamizações (X), tanto para doenças crônicas como para agudas – uma verdade que é patrimônio inestimável da homeopatia pura. Enquanto a alopatia (e a nova facção híbrida, mistura de processos alopáticos e homeopáticos, não é muito melhor) continua a roer como câncer a vida dos seres humanos doentes e arruiná-los com doses cada vez maiores de drogas, essa verdade manterá a homeopatia pura separada dessas artes espúrias, como por abismo intransponível.

Por outro lado, a prática mostra-nos que: se bem que uma única dessas pequenas doses possa ser suficiente para realizar quase tudo o que era possível ao medicamento fazer, conforme as circunstâncias, em alguns casos de doença, especialmente casos leves, particularmente em crianças pequenas e adultos muito delicados e excitáveis, entretanto, em muitos casos, na verdade na maioria deles, não somente de doenças muito crônicas, que já progrediram muito e se agravaram pelo emprego prévio de medicamentos impró-prios, mas também de doenças sérias – uma dose assim pequena de remédio na nossa dinamização altamente potencializada é evidentemente insuficiente para efetuar toda a ação curativa que se poderia esperar desse medicamento. Pode inquestionavelmente ser indispensável administrar várias doses, a fim de que a força vital possa alterar-se e estimular-se sua reação salutar, a ponto de habilitá-la a extinguir completamente toda a porção da doença original que está em poder do remédio homeopático bem selecionado erradicar. O remédio mais bem indicado em dose assim pequena, dada só uma vez, faria certamente algum bem, mas estaria longe de ser suficiente.

Mas o homeopata cuidadoso não se aventuraria logo a repetir a mesma dose do mesmo medicamento muitas vezes, pois em tal prática frequentemente não logrou vantagens e mui frequentemente, observando de perto, experimentou decidida desvantagem. Geralmente testemunhou agravações, mesmo com as menores doses dos medicamentos mais bem indicados, dados um dia e repetidos em dias sucessivos.

Ora, em casos nos quais estava convencido da correção de sua escolha quanto ao medicamento homeopático, com o fim de obter para o paciente maior benefício do que até aí pudera proporcionar prescrevendo uma pequena dose única, é natural que, muitas vezes, lhe ocorresse a ideia de aumentar a dose e, por exemplo, em vez de dar um único glóbulo bem diminuto umedecido com o medicamento na mais alta dinamização, administrar seis, sete ou oito deles de uma vez e mesmo meia





ORGANON DA ARTE DE CURAR

gota ou a gota inteira. Mas o resultado era quase sempre menos favorável do que deveria ser – era, de fato, muitas vezes desfavorável, muitas vezes mesmo muito mau – dano esse, em paciente assim tratado, difícil de reparar.

A dificuldade nesse caso não se resolve dando, em vez disso, baixas dinamizações do remédio em grandes doses.

Assim, o aumento na força das doses únicas do medicamento homeopático – tendo em vista atingir o grau de excitação patogenética da força vital necessária à produção de reação satisfatória e salutar – falha por completo, como o ensina a experiência, na realização do objetivo desejado. A força vital, assim agredida e excitada de maneira por demais violenta e súbita, não tem tempo de preparar-se para uma reação gradual, uniforme e salutar, de adaptar-se às modificações nela efetuadas; e daí forceja por repelir, como se inimigo fosse, o medicamento que a agride com força excessiva, por meio de vômitos, diarreia, febre, transpiração etc., e assim desvia e torna negativa a finalidade do médico incauto. Pouco ou nada se realizará por esse meio para a cura da doença; pelo contrário, o paciente enfraquecerá e por muito tempo não deveremos pensar em administrar sequer uma dose mínima do mesmo remédio, se não quisermos prejudicar o paciente.

Mas, além disso acontece que muitas doses mínimas dadas com o mesmo fim em rápida sucessão acumulam-se no organismo como se fosse dose excessivamente grande, com (exceto uns poucos casos raros) resultados também maus. Nesse caso a força vital, não podendo recuperar-se entre cada dose, embora pequena, torna-se oprimida e sobrecarregada, incapaz de reagir de maneira salutar e obrigada passivamente a permitir involuntariamente a continuação da fortíssima doença medicamentosa que lhe foi imposta, exatamente da mesma maneira que observar-mos diariamente com o abuso alopático de doses grandes e acumuladas do mesmo medicamento, até dano permanente do paciente.

Portanto, agora, embora evitando o método errôneo que aqui aponte, com o fim de atingir o objetivo desejado de modo mais certo do que até aqui e de administrar o medicamento selecionado de maneira que exerça toda a sua eficácia sem dano para o paciente, de maneira que efetue todo o bem de que é capaz em dado caso de doença – adotei, ultimamente, um método peculiar.





SAMUEL HAHNEMANN

Percebi que, para descobrir esse verdadeiro meio termo, devemos guiar-nos tanto pela natureza das diferentes substâncias medicinais como pela constituição corpórea do paciente e pela magnitude de sua doença. Assim é que – para dar um exemplo do uso de *Sulfur* em doenças crônicas (psóricas) – a mínima dose dele (*tinct. Sulf. X.^o*) raramente poderá ser com vantagem repetida (mesmo em pacientes robustos com Psora plenamente desenvolvida) mais frequentemente do que cada sete dias, período de tempo que deverá ser alongado proporcionalmente em pacientes no mesmo caso mas mais fracos e mais excitáveis. Nesses casos faríamos bem em dar tais doses somente cada nove, doze ou catorze dias, repetindo o medicamento até deixar de ser útil. Acharemos assim (atendo-nos ao exemplo do *Sulfur*) que, em doenças psóricas, requerem-se raramente menos do que quatro, muitas vezes, entretanto, seis, oito ou mesmo dez dessas doses (*tinct. Sulf. X.^o*), administradas sucessivamente nesses intervalos, para o completo aniquilamento de toda a porção da doença crônica erradicável por *Sulfur* – contanto que não tenha havido no caso prévio abuso alopático de enxofre. Assim, mesmo uma erupção escabiosa (*pri-mária*) recente, embora espalhada por todo o corpo, pode curar-se perfeitamente, em pessoas não muito enfraquecidas, com uma dose de *tinct. Sulf. X.^o* repetida cada sete dias, no decurso de dez a doze semanas (com dez ou doze de tais glóbulos, para ficar de acordo). Raramente será necessário ajudar a cura com umas poucas doses de *Carbo veg. X.^o* (também administradas com a frequência de uma dose por semana), sem o menor tratamento externo, além de frequentes mudanças de roupa branca e regime adequado.

Quando também, para outras doenças crônicas sérias, considerarmos indispensável dar, tanto quanto possamos calcular, oito, nove ou dez doses de *tinct. Sulf.* (na dinamização *X.^o*), é mais conveniente em tais casos, em vez de dá-las em sucessão ininterrupta – intercalar depois de cada dose, ou cada *segunda* dose ou cada *terceira*, uma dose de outro medicamento, que seja o próximo em adequação homeopática em relação ao *Sulfur* (usualmente *Hep. sulf.*) e deixá-la igualmente agir por oito, nove, dez ou catorze dias, antes de começar novamente uma série de três doses de *Sulfur*.

Mas não raramente acontece que a força vital recusa-se a permitir que as várias doses de *Sulfur*, se bem que essenciais à cura da doença crônica e dadas nos intervalos acima mencionados, ajam sobre ela tranquilamente. Essa recusa revela-se por alguns sintomas de *Sulfur*, embora moderados, que ela deixa aparecer no paciente





ORGANON DA ARTE DE CURAR

durante o tratamento. Em tais casos é às vezes aconselhável administrar pequena dose de *Nux vom. X.º*, deixando-a agir por oito ou dez dias, a fim de predispor de novo o sistema para que permita que as sucessivas doses de *Sulfur* ajam sobre ele tranquila e eficientemente. Nos casos em que se adapta, *Puls. X.º* é preferível.

Mas a força vital mostra a maior resistência à ação salutar do *Sulfur*, fortemente indicado, e exhibe mesmo agravação manifesta da doença crônica, embora o *Sulfur* seja dado na menor dose possível, e se cheire só um glóbulo do tamanho de uma semente de mostarda umedecido com *tinct. Sulf. X.º* - se o *Sulfur* foi prévia e im-propriadamente (nem que seja anos antes) dado alopaticamente em grandes doses. Essa é circunstância lamentável que torna o melhor tratamento médico das doenças crônicas quase impossível – é uma dentre as muitas circunstâncias em que o ordinário tratamento atamancado das doenças crônicas pela velha escola nada nos deixaria que fazer a não ser lamentar-nos, se não houvesse algum modo de vencer a dificuldade.

Em casos tais temos somente de deixar o paciente cheirar fortemente um glóbulo do tamanho de uma semente de mostarda umedecido com *Merc. metall. X.º* e permitir que essa olfação aja perto de nove dias, com o fim de fazer a força vital novamente disposta a permitir que *Sulfur* (pelo menos a olfação de *tinct. sulf. X.º*) exerça influência benéfica sobre si mesma – descoberta pela qual estamos em dívida com o Dr. Griesselich, de Karlsruhe.

Dos outros antipsóricos (exceto talvez *Phosph. X.º*) é necessário administrar menos doses em intervalos semelhantes (*Sepia* e *Silicea* em intervalos maiores, sem nenhum medicamento intermediário, quando homeopaticamente indicados), para curar tudo o que for curável, em um dado caso, pelo remédio indicado. *Hepar sulf. calc. X.º* pode raramente ser tomado ou cheirado em intervalos menores do que catorze ou quinze dias.

Antes de repetir a dose, o médico deve, é claro, estar convencido de que a seleção é verdadeiramente homeopática.

Em doenças agudas, a repetição do medicamento adequadamente escolhido regula-se pela maior ou menor rapidez do curso da doença que temos de combater. Quando necessário ele pode ser repetido após vinte e quatro horas, dezesseis, doze, oito, quatro e ainda menos horas, se o remédio continuar a mostrar-se ininterrupta-





SAMUEL HAHNEMANN

mente benéfico – sem produzir novos sintomas – mas não suficientemente rápido na sua ação para o curso da doença, excessivamente rápido e perigoso. Por exemplo, na cólera, a doença mais rapidamente fatal que conhecemos, deve-se dar, no começo da doença, uma ou duas gotas de solução leve de cânfora cada cinco minutos, para obter alívio rápido e certo; na cólera mais evoluída, as doses de *Cuprum*, *Veratrum*, *Phosphorus* etc. (X.^o) requerem frequentemente repetição de duas ou três horas e também *Arsenic*, *Carbo vegetabilis* etc. – intervalos igualmente curtos.

No tratamento das chamadas febres tifosas e outras febres contínuas, a repetição em pequeníssimas doses, do medicamento que se mostra útil, regula-se pelas direções acima.

Nas doenças puramente sifilíticas, tenho geralmente achado suficiente uma dose única de mercúrio metálico (X.^o). Entretanto, não raramente, são necessárias duas ou três de tais doses, em intervalos de seis ou oito dias, quando é perceptível a menor complicação de Psora.

Nos casos em que está urgentemente indicado um determinado medicamento, com o paciente muito fraco e excitável, processo mais certo e eficiente do que dar doses mais substanciais, se bem que muitíssimo pequenas, do remédio altamente dinamizado – é uma olfação única de um glóbulo seco do tamanho de uma semente de mostarda impregnado com esse medicamento. Efetua-se isso mantendo a boca do frasco que o contém, primeiro junto a uma narina e depois (se quisermos dar dose mais forte) junto à outra e fazendo rápida inspiração. A ação do medicamento assim administrado dura tanto quanto a do remédio tomado em substância; assim, mesmo essa olfação não deve repetir-se em menores intervalos.

§ 247

Nessa condições, podem-se repetir as doses mínimas dos medicamentos homeopáticos bem selecionados com os melhores resultados, frequentemente com resultados incríveis, com intervalos de catorze dias, doze, dez, oito, sete dias; quando for necessário rapidez, em doenças crônicas que pareçam casos de doença aguda, com intervalos mais curtos; mas em doenças agudas, podem-se repetir com períodos





ORGANON DA ARTE DE CURAR

muito mais curtos – cada vinte e quatro, doze, oito, quatro horas e nas doenças mais agudas de todas, de hora em hora, até com a frequência de cada cinco minutos – sempre em proporção com o curso, mais ou menos rápido, da doença e com a ação do medicamento empregado, como explanado mais distintamente na última nota.

§ 248

Pode-se repetir a dose do mesmo medicamento várias vezes, de acordo com as circunstâncias, mas somente até sobrevir o restabelecimento ou até o *remédio deixar de fazer bem e o resto da doença, apresentando diferente grupo de sintomas, pedir remédio homeopático diferente.*

§ 269

Para uso próprio, o sistema homeopático aumenta, em grau inaudito, o poder curativo e como que espiritual das substâncias em estado natural, por meio de processo peculiar, até aqui nunca experimentado, pelo qual, e somente por ele, todas elas tornam-se profundamente efícazes e medicinais, mesmo as que em estado natural não evidenciam o menor poder curativo no corpo humano.





§ 270

Assim, duas gotas do suco vegetal fresco, misturadas com partes iguais de álcool, diluem-se com noventa e oito gotas de álcool e potencializam-se por duas succussões, pelas quais se efetua o primeiro aumento de poder. Repete-se esse processo em vinte e nove frascos, cada qual cheio até os três quartos com noventa e nove gotas de álcool. Cada frasco sucessivo é provido com uma gota do frasco anterior (que já foi sacudido duas vezes) e é por sua vez duas vezes sacudido (*) da mesma maneira, até finalmente o trigésimo aumento de poder (decilionésima diluição potencializada X.^o), o mais geralmente usado.

(*) Com o fim de manter um padrão fixo e uniforme do aumento de poder dos medicamentos líquidos, múltiplas experiências e cuidadosa observação levaram-me a adotar duas succussões para cada frasco, de preferência ao número maior primeiramente empregado (pelo qual os medicamentos eram demasiadamente potencializados). Há, entretanto, homeopatas que, nas suas visitas aos pacientes, carregam consigo os remédios homeopáticos em estado fluido e não obstante asseveram que eles não se tornam potencializados com o tempo, mostrando assim serem incapazes de observar corretamente. Dissolvi num frasco um grão de soda em meia onça de água misturada com álcool – o frasco ficou cheio até os dois terços e sacudi essa solução continuamente por meia hora: o fluido, em energia e potência, equiparou-se ao trigésimo aumento de poder.





§ 271

Todas as outras substâncias adaptadas a uso medicinal (exceto *Sulphur*, em pregado nesses últimos anos somente sob forma de tinctura altamente diluída^(*)), como metais puros, oxidados ou sulfurados e outros minerais, petróleo, fósforo, como também partes e sucos de plantas obtidos somente em estado seco, substâncias animais, sais neutros etc. - Todas elas devem ser primeiramente potencializadas por trituração durante três horas até a atenuação pulverulenta de um milhão. Dessa atenuação, deve-se dissolver um grão e levá-lo ao trigésimo aumento de poder, com vinte e sete frascos de atenuação, da mesma maneira que para os sucos vegetais (*).

(*) Como está descrito mais circunstancialmente nos prefácios de *Arsenico* e *Pulsatilla*, na *Matéria Médica Pura*.

§ 272

Em caso algum é necessário administrar de cada vez mais de uma substância medicinal, única e simples (*).

(*) Alguns homeopatas têm experimentado, quando julgam um remédio indicado para uma parte do sintoma de determinado caso e outro remédio para a outra parte, administrar ambos os medicamentos ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo. Mas eu condeno resolutamente tão arriscada experiência, nunca necessária, se bem que por vezes possa parecer útil.

§ 273

Não é concebível que possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais conforme a natureza e mais racional : prescrever numa doença de cada vez um medicamento único, bem conhecido, ou uma mistura de várias drogas, cada qual agindo diferentemente.





§ 280

Esta proposição, solidamente estabelecida pela experiência, serve de regra para atenuar a dose de todos os medicamentos homeopáticos, sem exceção, até um grau tal que depois de terem sido introduzidos no corpo, não produzam se não uma agravação quase insensível. Pouco importa que a atenuação chegue ao ponto de parecer impossível aos médicos vulgares cujo cérebro se nutre somente de ideias materialistas¹ e grosseiras. As declamações devem cessar quando a infalível experiência tiver pronunciado sua sentença*.

* *O alopata que examinando o método homeopático, não se atreve a administrar doses tão débeis e atenuadas, só tem que perguntar a si mesmo: O que arrisca prescrevendo-as? Se nelas não houvesse mais nada de material, se tudo o que nela houvesse fosse igual a zero, uma dose que lhe parece não ser nada não poderia ter outro reé muito menos perigoso do que os resultados à que conduzem as fortes doses dos medicamentos alopáticos. De outro lado, o medicamento homeopático em cada divisão ou diluição adquire um novo grau de potência pela agitação que se lhe imprime, meio desconhecido antes de mim, de despertar as virtudes ineren-tes das substâncias medicinais, que é tão energético, que nestes últimos tempos a experiência me obrigou a reduzir para dois o número de succussões no lugar de dez que applicava depois de cada diluição.*

§ 284

O efeito das doses, não diminui, na mesma proporção que a quantidade material do medicamento diminui nas proporções homeopáticas. Oito gotas de tintura tomadas todas de uma vez, não produzem no corpo humano um efeito quatro vezes maior do que uma dose de duas gotas; mas apenas cerca de duas vezes o efeito que é produzido por duas gotas da dose. Da mesma maneira a mistura de uma gota da tintura com dez gotas de um líquido não medicinal, quando tomado, não produz dez vezes mais efeito do que





ORGANON DA ARTE DE CURAR

uma gota da mistura dez vezes mais atenuada, mas cerca de (quase) duas vezes o efeito, e seguindo a mesma proporção, de maneira que uma gota da diluição mais atenuada deva ainda produzir e produz realmente um efeito muito considerável¹.

^[1] Supondo que uma gota de uma mistura que contenha 1/10 de um grão do medicamento produz um efeito = a, uma gota de uma mistura mais diluída contendo 1/100 de um grão do medicamento somente produzirá um efeito = a/2; se isto contém 1/10 000 de um grão do medicamento o efeito será = a/4; se isto contém 1/10 000 000 de um grão do medicamento produzirá um efeito = a/8; e assim sucessivamente, com volume das doses da mesma maneira; com cada quadrado diminuído, porém a quantidade da ação do medicamento no corpo humano será diminuído cada vez apenas cerca da metade. Eu tenho visto muitas vezes uma gota da decilionésima diluição potencializada da tintura de *Nux vomica* produzir exatamente a metade do efeito de uma dose da quintilionésima diluição potencializada, sob as mesmas circunstâncias no mesmo indivíduo.

§ 285

Atenua-se assim a força do medicamento diminuindo o volume da dose, isto é, em vez de tomar uma gota inteira de uma diluição qualquer, toma-se apenas uma pequena fração dessa gota¹, conseguindo-se perfeitamente o objetivo de tornar o efeito menos pronunciado. A razão disto é fácil de compreender: havendo diminuído o volume da dose esta deve entrar em contato com menos nervos do organismo, através dos quais o poder do medicamento é certamente também comunicado ao organismo todo, porém em um grau muito mais fraco.

¹ Para este propósito o modo mais conveniente é empregar pequenos glóbulos de açúcar do tamanho de um grão de semente de papoula que são embebidos com o medicamento, uns dos quais, é utilizado para uma dose, contendo este cerca de três centésimas partes de uma gota, uma vez que trezentos destes glóbulos são totalmente umedecidos por ela. A dose é bastante diminuída colocando um





destes glóbulos sobre a língua, sem beber nada depois. Sendo necessário, no caso de um paciente muito sensível, deve-se empregar a menor dose possível, obtendo-se assim um rápido resultado, através de uma simples e única olfação.

§ 286

Pela mesma razão o efeito de uma dose homeopática aumenta em proporção a massa do líquido a qual se dissolve para se administrar ao paciente, uma vez que a quantidade do medicamento permanece sempre a mesma. Sendo que o medicamento entra em contato com uma superfície muito mais extensa sendo o número de nervos que sentem o seu efeito é muito mais considerável. Apesar dos teóricos imaginarem que a ação do medicamento enfraquece ao ser mais diluído, mas a experiência diz precisamente o contrário, ao menos no que diz respeito aos meios homeopáticos¹.

¹ O vinho e o álcool são os mais simples de todos os estimulantes, são os únicos cujo efeito embriagante e intoxicante diminuem pela diluição com muita água.

§ 287

Deve-se, contudo, observar que há muita diferença entre misturar imperfeitamente o medicamento, com uma certa quantidade de líquido e, misturar de uma maneira tão uniforme e íntima¹, que a menor partícula do líquido, contenha uma quantidade de medicamento, proporcionalmente igual a que existe em todas as outras partículas. Com efeito, a mistura tem muito maior potência medicinal no segundo caso do que no primeiro. Daqui, podem-se deduzir as regras que se devem seguir na administração das doses quando, for necessário enfraquecer tanto quanto possível o efeito dos remédios, para torná-los suportável aos doentes mais sensíveis.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

¹ Quando eu digo íntima, quero dizer que sacudindo uma gota do líquido medicinal com cem gotas de álcool, isto é, que tomando na mão o frasco que contém a mistura e sacudindo fortemente com um único movimento do braço de cima para baixo, certamente haverá uma mistura completa; mas com dois, três ou dez movimentos semelhantes, haverá uma mistura muito mais íntima, isto é, o poder medicamentoso será muito mais desenvolvido, desdobrando de certo modo a potência do medicamento, tornando sua ação muito mais penetrante sobre os nervos. Assim, pois, no preparo das potências medicamentosas, não se deve dar mais do que duas succussões a cada um dos vinte ou trinta frascos de diluição, para desenvolver apenas *moderadamente* o seu poder medicamentoso. Da mesma forma, nas triturações do pó medicinal, no gral de porcelana, para que o desenvolvimento da força medicamentosa se mantenha dentro de certos limites, quando se misturar um grão do medicamento com os primeiros cem grãos de açúcar de leite, só se triturrará com força por *somente* uma hora, espaço de tempo que não deve ser ultrapassado nos dois graus de triturações seguintes. Uma descrição mais exata destes processos pode ser encontrada nos prefácios de *Arsenicum* e *Pulsatilla* na Matéria Medica Pura.

§288

Os medicamentos líquidos¹ possuem uma ação muito penetrante sobre nosso organismo, de um modo geral, vai rapidamente do ponto irritável e sensível, que recebeu a primeira impressão do medicamento, para todas as demais partes do corpo; de modo que, esta ação do medicamento deveria se chamar de efeito espiritual, dinâmico ou virtual.

¹ Quanto mais alta as atenuações, tomando cuidado de succussionar a cada uma das batidas, parece ser mais rápida e penetrante a ação do medicamento na força vital alterando o estado de saúde, sendo que, a força medicamentosa diminui apenas ligeiramente, mesmo que, se vá além da X, como de ordinário, e, se vá até a XX, L, C ou mais, somente que, a ação parece durar menos tempo.





TRADUÇÃO DOS TRECHOS EM LATIM

[1] J.H. Schulze: “...certas alterações instantâneas [*para pior*] são despendidas por partes do corpo humano.”

[2] Willis: Medicamentos de ópio geralmente acalmam dores atrocíssimas e procuram a falta de dor, saindo desse espaço de tempo, as dores logo recrudescem e em breve crescem no sentido da habitual violência. Cessados os efeitos do ópio, imediatamente voltam as cólicas, que não diminuem sua atrocidade, a não ser quando submetidas de novo ao encantamento da mesma droga.

[3] Huxham: “Nada, em verdade, trouxe mais ruína para a arte médica em tempo algum; entrando como uma ação perniciosa do que a generalização de uns certos nomes de doenças que se impuseram para acomodar críticas à generalização quanto à terapêutica.”

[4] Sydenham: O ânimo fica abalado pela surpresa de quão são diferentes pela cor e pelo aspecto as doenças epidêmicas; começa a ficar suficientemente claro então quanto é evidente a diversidade dessas doenças – ora pelos sintomas próprios e em si peculiares, ora também pelo método de tratar – quanto chama a atenção a diferença de outras epidemias. Para aqueles dos mais incautos, é coisa assente que as doenças epidêmicas – de qualquer maneira que se apresentam, pelo aspecto externo e pelo número de sintomas em uns e outros – são idênticas; por esse fato precisamente parecem, todavia, se se presta bem a atenção, são inteiramente de outra índole, e diferem como as moedas diferem dos tremoços.

[5] Haller: Certamente o medicamento deve ser experimentado primeiro no corpo *são*, sem qualquer estranha mistura; verificados o cheiro e o sabor do medicamento, pequena dose dele deve ser ingerida; a todos que as afecções atingem, deve-se aten-tar, em seguida, quanto ao pulso, calor, à respiração, às excreções. Daí, conforme a condução dos fenômenos expostos no *são*, passa-se às experiências no corpo doente.

[6] Fragmentos sobre as propriedades positivas dos medicamentos, ou sobre o que se observou no homem *são*.

[7] Haller: Imensa diversidade de propriedades naturais encontra-se latente naquelas plantas em especial, das quais os aspectos externos temos conhecido há algum tempo, mais ainda não temos compreendido (elas têm como que almas e qualquer coisa de celeste).





GLOSSÁRIO

ACIDENTE – (*Zufall*). É mais acidente do que sintoma; é fortuito e não consequente. Hahnemann emprega essa palavra a maior parte das vezes como acidente: só algumas vezes como sintoma. A enciclopédia de Meyer assim define esse substantivo: na vida habitual, é tudo aquilo que não nos parece necessário ou projetado; ou aquilo para cuja apresentação não conseguimos revelar uma causa.

ALOPATIA – Método de tratamento que emprega agentes medicamentosos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas *diferentes* ou *dessemelhantes* das que se observam no doente. *Aliena alienis curantur*. Atualmente a Alopatria designa o conjunto de métodos da medicina oficial, sem nenhuma preocupação doutrinária ou científico-filosófica.

ATENUAÇÃO – É a passagem de um medicamento em determinada concentração a outra, subdividindo ainda mais a substância ativa, ou suposta inerte, utilizada.

DILUIÇÃO – Diminuir a concentração (de uma solução) por adição de um líquido conveniente; exprime o resultado da mistura de uma substância com outra, quando uma delas, pelo menos, é líquida. Ate-nuação das formas líquidas.

DINAMIZAÇÃO – É a liberação de *energia dinâmica* de substâncias medicamentosas por meio de sucessão ou de trituração, isto é, por meio *de vibração molecular*.





DOENÇA – Nesta tradução é o termo genérico para todo o estado patológico que pode ser traduzido por enfermidade, moléstia ou doença. No sentido estrito do termo é a alteração vital, a desarmonia vital (Aristóteles) que precede à alteração orgânica, material (moléstias).

DOENÇAs crônicas – Para Hahnemann, as doenças crônicas eram a *Psora*, *Sycosis* e *Syphillis*, sendo a primeira muito mais importante que as demais, pela gravidade e pela frequência.

Segundo ele, para o tratamento das moléstias crônicas não basta a se-melhança, sendo necessário um dos medicamentos próprios da diátese indicado no caso. Daí o tratado das *Doenças Crônicas* em que são estudados os medicamentos psóricos, de todos os mais importantes. As divergências entre os médicos homeopatas a respeito da *Psora* não atingem as conclusões terapêuticas de Hahnemann, pois estas não foram deduzidas de teorias patológicas apriorísticas, mas resultaram de observações clínicas.

dracma – Oitava parte de uma onça.

enantiopatia – Método de tratamento com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas *contrarias* ou *antagônicas* às que se observam no doente. *Contraria contrariis curantur*. Também chamada Antipatia, Terapêutica paliativa ou sintomática. A necessidade de um medicamento para cada sintoma levou a medicina à polifarmácia.

efeito – (*Wirkung*). Hahnemann emprega ora como ação ora como efeito. Entretanto, quando algumas vezes pretende acentuar a





ORGANON DA ARTE DE CURAR

separação entre ação e efeito, emprega *Ursache* ou *Effekt* ou ainda *Wirkung – Ursache ou Wirkung – Effekt*.

Experimentação – Experimento, experimentação pura, experiência no homem são, é a administração de uma substância medicamentosa em organismo são com a finalidade de provocar o desequilíbrio fisiológico e de conhecer os fenômenos característicos que ela pode produzir.

grão –Peso equivalente a 62 miligramas.

homeopatia – Método de tratamento com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas, semelhantes às que se observam no doente. *Similia similibus curentur. “É a Ciência e a Arte Médica que tem por fim dar ao Ho-mem condições físicas e mentais para livremente vir a alcançar os seus mais altos desígnios, através de Leis e Princípios determinados e segundo uma técnica e uma Arte próprias”*.

Isopatia –Método de tratamento, que se pretende, com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas iguais ou idênticas às que se observam no doente. *Aequalia aequalibus curantur*.

Medicamento – Todas as substâncias com propriedades terapêuticas, ou seja, às quais os seres vivos são sensíveis de alguma forma, em algum grau.

Miasma – Termo usado antes da era microbiana para designar a causa desconhecida das moléstias infecciosas e contagiosas. Designava





SAMUEL HAHNEMANN

as emanações oriundas das substâncias orgânicas em decomposição ou das pessoas doentes. Hahnemann ampliou o sentido do termo *miasma* aplicando-o às diáteses crônicas como Psora, Syphillis e Sycosis; Excetuando a Psora, Hahnemann classifica as demais doenças miasmáticas como doenças venéreas.

não-arte – (*Unkunst*) – É empregado por Hahnemann no sentido de não-arte e *Unheilkunst* no sentido de arte de não curar, arte não curativa.

Nosódio – Medicamento preparado com produtos patológicos, vegetais ou animais.

Onça – Peso antigo equivalente a 8 dracmas ou 480 grãos.

Organon – (Órganon). Nome inspirado diretamente no Organon de Aristóteles e diretamente no “Novum Organum” de Francis Bacon, Em grego significa instrumento, meio.

patogenesia – quadro sintomático obtido pela experimentação medicamentosa no homem são (moléstias artificiais).

Potência – É a *energia dinâmica* adquirida pelo medicamento, com o trabalho da dinamização.

princípio vital – (*Força Vital*) – De grande importância para Hahnemann, mas hoje não é considerado por todos os homeopatas essencial à compreensão e prática da Homeopatia.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

“Hahnemann deu por assentada a existência de um princípio vital, que no estado de saúde mantém todas as partes do organismo em admirável harmonia (§ 9) , nega a vida sem ele (§ 10) e atribui a doença à alteração desse princípio vital. Essa força vital, que podemos também denominar energia vital, preside todas as funções e sensações do ser vivo. Nos seres diferenciados a vida é um atributo de cada célula, não é privativa, porém, de cada célula”.

psora –Doença miasmática crônica, não venérea, fundamental; responsável pela maioria das moléstias crônicas.

remédio – Aquilo que pode debelar uma doença: Medicamento que cura ou alivia. São remédios as substâncias curativas (medicamentos) e as demais manifestações capazes de levar alguém à cura, mesmo aqueles não explicáveis, como um susto, alterações cósmicas etc.

R° - Escala termométrica de Réaumur (0° — 80°).

Sarcódio – Medicamento preparado com produtos fisiológicos, vegetais ou animais.

Sycosis – Modernamente a sycosis é considerada, pela maioria dos médicos homeopatas, como uma intoxicação lenta, mais comumente *exógena* (blenorragias, vacinações), que produz infiltração retículo-endotelial, quer no tecido conjuntivo subdérmico, quer nas mucosas (pólipos), quer em órgãos (miomas, fibromas, adenomas etc.).

Para Hahnemann, doença venéreo miasmática crônica, que inicialmente se manifesta por condilomas ou vegetações nas partes genitais e por secreção gonorréica semelhante a um pus espesso. Parece ser somente a moléstia que conhecemos por gonorréia e não compreender





SAMUEL HAHNEMANN

nenhuma outra uretrite. Por outro lado, a doença resultante das vacinações e de outros procedimentos médicos alopáticos é sempre Psora.

Totalidade dos sintomas – É um conjunto que não exprime a totalidade numérica dos sintomas – universalidade dos sintomas – mas sim um mínimo de sintomas de valor máximo que caracteriza a maneira pessoas pela qual o doente faz “sua doença” e que corresponde aos sintomas ditos terapêuticos, os que o médico homeopata utiliza para determinar o medicamento curador. (Sir. J. Weir, médico homeopata de Grã-Bretanha).

Notar que Hahnemann refere-se sempre à *totalidade dos sintomas* apresentados pelo doente. Vide § 7 e 22.





ORGANON DA ARTE DE CURAR

**Índice analítico do conteúdo dos aforismos
preparado para a 5ª edição pelo Grupo de Estudos
Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”**

Obs.: Os números indicam os parágrafos (aforismos); o n indica a 1ª nota desse parágrafo; as notas seguintes de cada parágrafo são indicadas por -2n, 3n etc. 1/2, 2/3 etc., indicam a altura em que se encontrará a citação.

Princípios da Homeopatia

Lei dos semelhantes – *Similia similibus curentur*, 22a, 28, 34, 43, 48, 61, 111, 274

Experimentação no Homem são 20, 21

Individualização 82, 84, 86 a 104

Vitalismo 7, 8n, 15, 22n, 69n

Doses mínimas dinamizadas 253n, 279

Medicamento único – Homem total 7, 7-2n, 15, 58, 169, 169n, 273, 274 Miasmas 78

A

Ação alternante medicamentosa 115, 251 Ação

mecânica na trituração e na sucussão 269

Ação medicamentosa 11n, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 63, 64, 69-2n, 111, 112, 117, 148, 155, 158, 251, 282n

Ação primária 57, 59, 63, 64, 65, 66, 112 a 115,

161 Ação primária, conceito de 63

Ação primária, Exemplos de

65 Ação-Reação 63, 112, 115

Ação secundária 57, 59, 63, 65, 69-2n, 112 a

115 Ação secundária, Exemplos de 65

201





SAMUEL HAHNEMANN

Ação secundária como reação do organismo 63, 64, 69-2n, 111, 112, 117, 148, 155
Adaptabilidade do indivíduo ao meio 244
Afecção local 193, 194, 197, 198, 270-6n.n Afecção vital 7, 8n
Agente morbífico 11, 31, 148
Agente morbífico e momento patogênico 31
Agravação homeopática 155 a 163, 248, 249, 249n, 253, 254, 256, 280 a 282
Agravação pelo tratamento comum 40, 41, 57, 59, 60
Agudas, Causas das doenças 73, 194
Agudas, Classificação das doenças 73
Agudas, Conceito da doença 72
Agudas, Doenças 72, 73, 99, 100, 148, 152, 157, 158, 270-6n
Agudas, Duas Doenças, dessemelhantes juntas 40
Agudas, Tratamento das doenças 73n, 148, 152, 157, 158, 159, 161, 167, 194, 213, 243, 248, 250, 251, 270-6n final.
Agudos, Escolha do medicamento 152, 153
Agudos, Individualização 82, 99
Agudos, Miasmas 73
Agudos, Mudança do medicamento
250 Albrecht von Haller 108n, 118n
Álcool no preparo dos medicamentos 267, 267n
Alimentos crus e seu poder medicamentoso 266
Alopatia 22, 23, 35, 37, 39, 52, 54, 55, 56, 57, 67n, 70, 91, 145, 207, 274n
Alopatia e mal natural 70, 274n
Alopatia e enantiopatia nas urgências não naturais
67n Alopático, Pacientes em tratamento 91, 207
Alteração mental pelos medicamentos 212
Alternância de medicamentos 169, 170





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Alternantes, medicamentos 115,

251 Alternantes, Doenças 232

Animal, Experimentação em 56n

Antídoto 249, 249n

Antipsóricos 80, 80n, 103, 171, 195, 199n Arte

de curar 3, 7, 13, 25, 53, 61, 76, 273, 283

“As Doenças Crônicas” – título traduzido 80n, 195

Átomos corpóreos das substâncias medicamentosas 11n (2/3 finais)

Autópsias 74n

Arte médica 60n-final

B

Banhos minerais 149, 207

Banhos mornos 60n

Baugartner 74n

Belladonna como preventivo 33n

Biotipo 5

Bönnighausen 153n, 235-2n

Bosquillon 46

Bouba 204, 205-2n

Broussais 60n, 74-2n

Buchholz 267n

C

Câncer da face e cirurgia 205n

Cancro 197n, 201, 203, 204, 205-2n, 276-2n, 282n

Causas das doenças 6n, 7n, 11, 13, 16, 17n, 70n, 72, 74, 77, 78,
148, 204, 206, 215, 216, 221, 225, 226, 244

Causas das doenças agudas, 73, 194

Causas das doenças crônicas 70, 72, 74, 75, 77, 78, 148, 204, 206,
231 a 235





SAMUEL HAHNEMANN

Causas das doenças mentais 215, 216, 221, 225, 226, 227
Causas das moléstias 12, 12n, 16, 17, 17n, 78, 80 Causas
da Psora desenvolvida 81n
Causas devidas aos hábitos 77,
94 Causa desencadeante 206n
Causas externas, Afastar as 7n,
186 Causa fundamental 5, 206
Causas internas das moléstias 204
Causas materiais das doenças 31n, 70
Causas medicinais das moléstias 37n, 41, 74, 149, 204
Causas mentais, psicologias das doenças 17n, 208, 221, 225, 226
Causa ocasional 5, 7
Causas orgânicas das doenças mentais, 215, 216,
224 China como medicamento intermediário na cura
234 China como medicamento preventivo 244
Choque, Mudança do órgão de 34, 36, 38, 39, 201, 222n
Científicas, experiências 25n, 50 final
Cinquenta milesimal 270
Cirurgia 186, 205n
Cirurgia supressora 205n
Classificação das doenças agudas 73
Clínico-patológico, Diagnóstico 73n
Clisteres 274n
Closs, J.F. 46
Comparação da ação do medicamento e do agente morbífico 30 a 33
Complexos, Males 40, 41
Comportamento médico 228, 229
Comum, Agravação pelo tratamento 40, 41, 57, 59,
60 Comuns, Sintomas 116
Conceito de cura 1, 2, 3, 6n, 8, 12, 14, 16, 17, 29, 148, 208
Conceito de doença 11 inicial, 15, 16, 19, 31n, 63, 148





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Conceito de doença aguda 72 inicial
Conceito de doença crônica 72 final
Conceito de medicamento 3
Conceito de moléstia 11 final, 12 inicial, 12n, 15, 22n final, 29 inicial, 70
Conceito de saúde 9, 10, 16, 22n
Conceito de Psora 80
Conceito Sycosis 79
Conceito de Syphillis 79
Condiloma 197n, 199n, 201, 203, 204, 282n
Conduta médica nas doenças mentais 228, 229
Conhecimento de farmacotécnica pelo médico 264, 265, 265n Conversação do plus 248n
Conservação, estocagem e duração dos medicamentos 267, 268n, 272n Conservação do pó de plantas exóticas 268n
Conservação das TM 267
Constituição 5
Contágio, Princípio 72, 100
Contradição nos conceitos de força e quantidade 276, 276-2n, 283
Contraria contrariis 56, 57
Controle de qualidade, 267, 268, 268n, 270n, 270-4n
Corpo material 9, 15
Costumes, Hábitos e 5
Cristalização como método de purificação química 270n
Crônica, doenças 5, 72, 74 a 80, 148, 161, 173, 204, 206
Crônicos, Individualização nos 82 – 86
Crônicos, Miasmas 5, 72, 76 a 80, 204, 205, 206, 222, 282n
Cuidados gerais necessários à Cura 7, 7n, 150, 208, 252, 255, 259, 260 Cuidados gerais, Cura só pelos 150
Cura, conceito de 1, 2, 3, 6n, 8, 12, 14, 16, 17, 29, 148, 208 Cura das doenças agudas e crônicas 148, 157





SAMUEL HAHNEMANN

Curas naturais por moléstias semelhantes 45, 46, 50
Cura, Só a Homeopatia 24, 53, 71, 109, 145 final
Cura, Só por cuidados gerais 150
Curar, Arte de 3, 7, 13, 53, 61, 76, 208, 273, 283

D

Dezpteux 46
Diagnóstico clínico-patológico 73n
Dieta curativa 77, 150, 222, 226
Dieta no tratamento medicamentoso 222, 226, 259 a 263, 263n
Dieta nas doenças agudas 262, 263, 263n
Dieta nas doenças mentais 222, 226
Dieta na experimentação 125
Digitalis levando à loucura 59 final
Diluições 1:100 na centesimal 270-6n
Diluições na água aumentando a força medicamentosa 272
Diluição das potências 128, 246 (1/2), 270 final. 272
Diluição sem dinamização 269-4n
Dinâmicas, Potências 74-2n, 269
Dinâmico 9, 11, 11n, 15, 16, 54n, 69, 72, 190n, 186, 269
Dinamização 161, 161n, 238, 246 (1/2), 247, 248, 269, 270-6nn, 280
Dinamização manual 270-6n, 270-6nn
Doença aguda 5, 38, final, 40, 72, 73, 99, 100, 148, 152, 157, 158, 270-6n final
Doença aguda, Classificação 72, 73
Doença aguda, Escolha do medicamento 152, 167, 168, 221
Doença, Causa da 6n, 7n, 11, 13, 17n, 31n, 70, 72, 74, 77, 78, 148, 204, 206
Doença Conceito 11 inicial, 15, 16, 29, 31n, 63, 148
Doença crônica 5, 72, 74, a 80, 148, 161, 173, 204, 206
Doença material 8n, 16





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Doença medicinal 37n, 41, 59 final, 74, 75, 149, 157,
204 Doença e moléstia 15, 22 final, 29 inicial, 31
Doença, Totalidade da 58, 70, 104
Doenças concomitantes 36 a 42
Doenças 3, 6, 6n, 8n, 13, 16, 17
Doenças agudas, Causas das 73, 194
Doenças agudas, Conceito das 72 inicial
Doenças agudas, Curas das (ver Agudas,
Tratamento) Doenças agudas, Dieta nas 262, 263
Doenças agudas dessemelhantes concomitantes
40 Doenças alternantes 231, 232
Doenças, Causas materiais das 70, 148, 282 (1/2)
Doenças crônicas, causas da 72, 74, 75, 80, 206
Doenças crônicas, Tratamento das 148, 161, 195, 206, 207, 213, 248,
270-6n final, 281, 282, 282n
Doenças crônicas alternantes 231, 232
Doenças crônicas causadas por agudas
72 Doenças crônicas falsas 77, 224, 226
Doenças crônicas incuráveis 75
Doenças crônicas intermitentes 231 a 244
Doenças crônicas e agudas locais 174, 185 a 203
Doenças crônicas medicamentosas 37n, 41, 59 final, 74, 75, 149,
157, 204
Doenças crônicas naturais verdadeiras 78, 204,
206 Doenças crônicas oligossintomáticas (ver
parciais) Doenças crônicas parciais 173 a 184
Doenças crônicas periódicas 233, 234
Doenças dinâmicas 74-2n, 109n, 282n (1/2)
Doenças endêmicas 73
Doenças epidêmicas 73, 100, 101, 102
Doenças externas (ver doenças locais)
207





Doenças intermitentes (ver doenças crônicas intermitentes) Doenças locais (ver doenças crônicas e agudas locais) Doenças mentais 210, 214, a 230 Doenças mentais, Causas das 215, 216, 221, 225 Doenças mentais como locais do sistema nervoso 215, 216 Doenças naturais 76, 148, 276, 279, 280 Doenças, Natureza das 31n, 148 Doenças periódicas 233, 234 Doenças venéreas 206, 276-2n Dose e Arte Médica 278 Doses, Escolha das 278 Doses Fortes 275, 276 Doses fortes homeopáticas são mais prejudiciais quanto mais homeopáticas e maiores as potências 276 Doses fortes e quantidades 275, 276 Doses grandes homeopáticas 276, 276n-2n Doses fracas 129, 155, 157 Doses mínimas, homeopáticas, altamente potencializadas 148, 221, 253n Doses modificadas 247n Doses por olfação 248 final, 269-3n, 284 Doses pequenas 68, 128, 129, 155, 157, 160, 161, 163, 249n, 253n, 277, 279, 283 Doses como quantidades 128, 129, 148, 248, 248n, 249n, 253n, 276, 279, 283 Doses repetidas dinamizadas 161, 161n, 247, 248, 248n, 270-6n final Doses repetidas em medicamentos alternantes 251 Doses e sensibilidade individual 129 final, 248n, 253n, 270-6n final, 278, 281, 283

E

Enantiopatia 7-2n, 23, 56, 57, 59, 61, 67, 67n





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Energia vital 282n (1/2) (V.T. força vital)

Endemias 73, 244

Envenenamentos e intoxicação nas patogenesias

110 Epidemias 73, 100, 101, 102

Epidemias, Caráter infeccioso das 81-2n

Esclarecimento de casos de doenças de poucos sintomas (parciais ou oligossintomáticos) 180 a 182

Esclarecimento de casos agudos e crônicos graves e poucos sintomas pelo *Opium* 183n

Escolha das doses e das potências 278

Escolha do medicamento agudo 152, 153, 167, 168

Escolha dos sintomas 153

Espécies de moléstias 81-2n final

Estimulantes como coadjuvantes no tratamento homeopático 274n

Ettmüller 40

Evolução da doença 183, 183n, 184, 253 a 256

Evolução da doença aguda 167 a 169, 216, 253 a 255

Evolução do físico para o mental no agudo 216

Evolução da Psora 81

Exemplo de dinamizações 269n, 269-2n

Exemplos de tratamento enantiopático 57, 59

Exemplos de tratamentos com sintomas mentais 213n

Experiências científicas 25n, 50 final

Experimentação 20 a 24, 52, 120, 121 a 145, 274

Experimentação antes de Hahnemann 108n

Experimentação na C30 128

Experimentação, Dieta na 125

Experimentação em doses repetidas da C30 128

Experimentação no homem são 20, 21

Experimentação por médicos 141, 141n

Experimentação ou observação no animal 56n





Experimentação profissional 143n

Externa, Causa 7n

Externo, Tratamento, e interno, dos condilomas antigos 282 final

Exutórios 39, 60n, 201n

F

Família e doença mental 228,

229n Farmácia estatal 271n

Farmacotécnica 266 –271

Farmacotécnica para médicos 264, 265, 265n,

271 Falsas doenças crônicas 77, 115, 117, 204

Falsos homeopatas 148n

Febre do firo 235n

Febre intermitente endêmica (dos pântanos) 244, 276-

2n Febre intermitente epidêmica 235 a 235n

Febre palustre 244n

Febres terças e quartãs 235n

Ficha médica 104, 104n

Força vital 6n, 7, 8n, 9 a 16, 22n, 45, 60n, 63, 64, 69, 72, 78, 79,

168, 189, 201, 247, 270-6n, 283

Força vital ininteligente 22n

Força da dose (e da potência) depende da sensibilidade de cada pa-
ciente 129-(1/2) e final

Frequência das doses 248

Fritze 81-2n

G

Galeno 56

Gênio epidêmico 101, 102, 102n, 241

Grandes doses homeopáticas 276-2n

Grandes doses no tratamento, indicação de 276-2n





Gravidez 284n

H

Hábitos e costumes 5, 77, 222, 226, 259,

261 Haller, A. von 108n, 118n

Hardege Jr. 46

Hepar sulfuris nas febres intermitentes epidêmicas 242

Higiene geral 77, 244, 252

Hildebrand 36

Hipocondríacos 96

Homem total 5, 6, 7, 7-2n, 70, 104

Homeopatas puros 109n

Homeopatas falsos 148n

Homeopatia 8n, 26n, 52, 53, 61, 69n, 70, 76

Homeopatia com alopatia 148n

Homeopatia em doses fortes é mais prejudicial do que a alopatia

276 Homeopatia, Limitações da 75, 76, 162, 163, 186, 205n

Homeopatia preventiva 33n, 244

Homeopatia como único processo de cura 24, 53, 71, 109, 143 final

Homeostasia 9, 10

Hospícios 222n, 229n

Hufeland 8n, 59n

Hunter, J. 46

Huxham 81-2n

I

Idiossincrasia 116, 117

Imateriais, Causas 15, 16, 31n, 148

Imaterial, Princípio curativo 11n (1/2), 20

Incuráveis, doenças crônicas 75, 149, 276-

2n Individualização 82, 84, 86 a 104





SAMUEL HAHNEMANN

Infecção 11n, 72, 148, 149, 206

Infecioso, Epidemias de caráter 81-2n

Informação, impressão medicamentosa 64

Intercorrências 17-81n

Intoxicações e envenenamentos nas experimentações 110

Intoxicações pela quina (quinino) 244n

Isopatia 56n

J

Jahr, G.H.G. 153n

Jejum 74-2n

Jenner 36, 40, 46

K

Klein 46

Kortum 38, 46

L

Larrey 36

Lei fisiológica (fisiopatogênicas) 269n

Lei dos semelhantes 22 a 27, 34, 43, 44, 61, 274

Lei dos semelhantes como lei natural 28, 111

Lei dos semelhantes na natureza 26n, 45

Leroy 46

Localização da doença em órgãos não vitais 201

Loucura pelo *Digitalis* 59 final

M

Maceração 267

Mal natural e alopatia 70

Males complexos 40, 41, 206





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Manicômio 222n, 229n
Matéria Médica 143,
145n Matéria nociva 148
Materia peccans 8n, 13, 13n, 25n, 54, 54-2n,
282n (1/2) Materiais, Causas 70, 282n (1/2)
Material, Doença 8n, 16,
70 Mauget 38
Maurice, J. 40
Madicamentos, Ação dos 11n, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 63, 64,
69-2n, 111, 112, 117, 148, 155, 158, 251, 282n
Medicamentos alternados 169, 170
Medicamentos antipsóricos 80, 80n, 103, 171, 195, 199n
Medicamentos, Conceito de 3
Medicamentos, Conhecimento pelo médico dos 264, 265, 265n
Medicamentos diluídos 246 (1/2),
247n Medicamentos, específicos 154
Medicamentos favoritos 257, 258
Medicamentos mal sucedidos 258
Medicamentos misturados às bebidas 228
Medicamentos e remédios 21, 22
Medicamentos de semelhança parcial 162, 163, 165, 169,
170 Medicamento único 169, 169n, 273, 274
Medicamentos de uso externo 191, 194 a197, 205
Médico dinâmico 186
Meio familiar nas doenças mentais 228,
229n Medicina comum 39 a 41, 57, 59, 60
Medicina preventiva 4, 33n, 77, 78, 78n, 244
Mentais, Doenças 210 a 230
Mentais, Sintomas 210 ,211, 213,
222 Mercúrio, Syphillis e vaccínia 40
Metástases 201n, 202





Metástase mórbida 202, 205n
Miasmas 7, 38, 46, 50, 56n, 77 final, 78, 79, 80, 204, 282n
Miasmas agudos 73
Miasma crônico 5, 29n, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 204, 205, 222,
282n Miasma crônico, Conceito de 78
Miasma crônico psórico, conceito de 80
Miasma psórico 81, 179, 222, 240
Miasma psórico latente 240
Miasma da Sycosis 197
Miasma da Syphillis
197 Moléstia 12, 29, 70
Moléstias, Causa das 12, 12n, 16, 17, 17n
Moléstias de causa psórica 80, 206
Moléstias complexas 40 (v. t. Males)
Moléstias, Conceito de 11 final, 12, 12n, 15, 19, 29
Moléstia condilomatosa 199n
Moléstias de curso rápido 92
Moléstias e doença 15, 22n final, 29 inicial
Moléstias, Espécies de 81-2n
Moléstias medicamentosas (ver Doença
medicinal) Moléstias naturais 34, 41, 42
Moléstias naturais crônicas dessemelhantes juntas 36 a
42 Moléstias periódicas 233
Moléstias semelhantes concomitantes 43 a 46
Moléstias, Tratamento das doenças e não das 81-
2n Momento patogênico 31
Morte na alopatia e na Homeopatia 148n final
Mudança do medicamento no agudo 250
Mudança do órgão de choque 34 a 39, 158, 201,
222n Mühry 46





ORGANON DA ARTE DE CURAR

N

Natura Madicatrix 22n final, 50, 75
Naturais, Alopátia e Homeopátia em urgências não 67n
Naturais, Doenças 41, 42, 76, 148
Natural, Lei dos semelhantes como lei, 28, 111
Natural, Mal, e alopátia 70
Natural, Moléstia 152
Natureza e lei dos semelhantes 26n, 45
Neo-hipocratismos 67-2n, 274n
Nosológica, Classificação comum 81-2n

O

Observação 6, 11, 16, 142, 278
Observação da natureza 52, 54n
Obstáculos à cura 156, 183n, 186, 208, 240, 252, 255, 260, 261
Obstáculos externos à cura 3 final, 186
Ocasional, Causa 5, 7
Ocupacional, Terapia 261
Olfação 248 final, 269-3n, 284
Oligossintomáticas, Doenças 173 a 180, 185, 210
Opium no esclarecimento de doenças parciais 183n
Organismo 9, 15
Órgão de choque 201, 222n

P

Pacientes curáveis 60n final
Pacientes delicados, sensíveis 156
Pacientes já tratados 91
Pacientes, Retornos de 104
Pacientes em tratamento alopático 91
Parciais, Doenças 173 a 180, 185, 210





Parcialidade homeopática 162 a 167
Partículas dos corpos naturais 269
Partículas e átomos dos medicamentos 11n (2/3 finais)
Patogenesia 105 a
141 Pechlin 39
Placebo 281
Plantas exóticas, preparo farmacêutico 268, 268n
Plantas frescas, indígenas, preparo farmacêutico 267, 267-
2n Pletora 74-2n, -3n
Plenciz 38n
Plus 246 a 248, 272
Plus do plus 248n (1/2 final)
Poder dinâmico dos medicamentos 22
Poder medicamentoso dos alimentos crus 266, 266n
Poder medicinal imaterial 270-7n final
Potências dinâmicas 74-2n
Potências, Escolha das 278
Potências medicamentosas e sensibilidade individual 156, 278
Poucos sintomas 172
Preparo do medicamento 266 a 271
Prescrição nova 104, 180 a 184
Prevenção e Homeopatia 4, 33n, 244
Princípio contagioso 100
Princípio curativo não perceptível 21
Princípio vital 68, 69, 78n, 117, 246 final, 247, 269, 282n (1/2)
Propedêutica 6, 7
Providência (divina) 76
Psicoterapia das doenças mentais 224, 226, 228,
229 Prurido voluptuoso 80
Purgação 22n, 39
Purgativos 149





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Psora 80, 81, 82, 103, 171, 194, 201, 204

Psora como causa das moléstias 80, 206, 210

Psora adormecida 81

Psora, Conceito de 80

Psora desenvolvida 81, 241

Psora desenvolvida, Causas da 81n

Psora, Evolução da 81

Psora latente 81, 194, 221, 222, 240

Psora e Syphillis 41n

Psora, Tratamento da 171

Psórico, Miasma 81

Psorinum 56n

Q

Química, Conhecimento de 273n, 270n

Químico e vida 69n

Quinino nas febres intermitentes 235n, 244n, 276-2n

R

Reiny 40

Reações químicas e vitalismo

69n Reação vital 117

Recreação terapêutica 261

Reformulação no tratamento psiquiátrico 228n

Regime na doença aguda 262, 263

Regime na doença mental 222, 226, 228, 229

Regime no tratamento medicamentoso 259 a 261

Relação entre moléstia e doença 15, 22n final, 29 inicial

Relação entre sensibilidade e robustez

129 Repertório 153n

Repetição da dose 246, 247, 247n, 248, 270-6n, final, 276

Retornos do paciente 104





Russel, P. 40

S

Sangria 22n, 60n, 74, 74-2n,

149 Sarna 204

Saúde 7, 8, 9

Saúde, Conceito de 9

Saúde e equilíbrio harmônico 9, 10,

148 Schoepf 38

Schulze, J.H. 58n

Segunda consulta (prescrição) 104, 182 a 184, 250, 256

Semelhantes, Doenças...juntas 158

Sensibilidade vital 117, 156, 278,

281 Syphillis, mercúrio e vaccínia 40

Simillimum 56n

Simillimo 56n

Sintomas comuns, raros, peculiares 116, 153, 154, 165,

178 Sintomas fortes 153, 178

Sintomas gerais 153, 165

Sintomas escassos 172

Sintomas mentais 70, 90n, 208, 210, 210n, 211,

213 Sintomas mentais e físicos 70

Sintomas perceptíveis 6, 7

Sintomas primários 204

Sintomas novos 180, 181, 184

Sintomas secundários 204

Sintomas, totalidade dos 70, 104, 258

Sintomático, Tratamento 7-2n, 57, 58, 147,

152 Sofrimento e Homeopatia e Evolução 26n,

69n Substâncias medicinais simples 273n, 274

Sucussões manuais 270-6n, 270-6n-n





ORGANON DA ARTE DE CURAR

Sulfur e Hepar sulfuris nas febres intermitentes 242,243
Supressão 7-2n, 23, 60, 198, 199, 202, 204, 205n, 222
Suspensão do medicamento nas agravações 281
Sycosis 72, 201, 204
Sydenham 33n, 38, 81-2n
Syphillis 79, 201, 204, 276-2n

T

Tamanho das doses 278 Tempo
de tratamento 148, 149
Terapias ocupacional e recreativa
261 Temperamento 5
Técnica de dinamização 269
Técnica de preparo dos medicamentos 267 a
270 Tintura mãe, Preparo da 267, 267-2n, 268
Tinturas mães, Duração das 267
Tomada do caso 83 a 104,153, 206 a 209
Totalidade 5, 6, 7, 7-2n, 15, 16, 58, 70, 104, 190, 192, 210,
258 Tratamento anti-psórico 195
Tratamento dinâmico externo 205
Tratamento das doenças agudas 73n, 148, 152, 157 a 161, 167, 194,
213, 243, 248, 250, 251, 270-6n final
Tratamento das doenças crônicas 148, 161, 195, 206, 207, 213, 248,
270-6n final
Tratamento das doenças parciais 177, 178, 186, 190, 191,
192 Tratamento das doenças e não das moléstias 81-2n
Tratamento das doenças intermitentes 235, 235n, 236 a 243
Tratamento das doenças periódicas 234
Tratamento da doença mental 222 a 230
Tratamento da doença mental repentina 221,
222 Tratamento externo 191 a 198, 203, 205





SAMUEL HAHNEMANN

Tratamento externo e interno de condilomas antigos 282 final

Tratamento fisiológico 60n

Tratamento sintomático 7-2n, 57, 58, 147, 152

Trituração 270

Troca do medicamento no agudo 250

Tulpius 38

U

Um só medicamento por vez 169, 169n, 273, 274

Unidade integral do Homem 15

Urgências não naturais 67n

V

Vacinação 33n, 56n, 244

Vacinação e raquitismo 36

Vacina e varíola 46

Validade dos glóbulos 272n

Vários medicamentos antipsóricos em frequência 171

Verdadeiras doenças crônicas naturais 78

Vias de administração do medicamento 284

Vital, reação 117

Vitalismo 7, 8n, 15, 16, 22n, 69n (v. t. força vital)

W

Withering 38n

Z

Zencker 40

